

KATE EBERLEN



**EU ETU
PARA
SEMPRE**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

KATE EBERLEN



EU E TU
PARA
SEMPRE

 Planeta

KATE EBERLEN

EU E TU PARA SEMPRE

TRADIÇÃO
BRASILEIRA

2^a edição

Em memória de Kath, a minha maravilhosa mãe

Prólogo

Gus

Primavera de 2020

Fazes-me falta, Tess.

Depois dos turnos da noite, quando saio do bafo do hospital para este tempo fantástico e aprecio o ar fresco da manhã como golfadas de água gelada, olho para o céu azul para lá das torres prateadas da City e a tua ausência parece-me tão avassaladora que me abranda o passo e o pensamento. Dou por mim a parar no meio do passeio, sob uma luz tão intensa que deveria iluminar tudo, incapaz de me lembrar para onde vou, ou quem sou.

Não sobra muito nas prateleiras do Tesco Express. Uma caixa solitária de ovos, porque dois deles estão partidos, com as cascas fraturadas coladas ao cartão poroso; uma cebola empoeirada pelo bolor, abandonada no canto de uma paleta verde; um pimento vermelho todo engelhado.

– Vegetais? – quase te ouço perguntar. – Para o pequeno-almoço?

Não há tabasco nem pasta de dentes suficientes para me livrar do sabor ácido do meu próprio hálito a café.

A meio da manhã, enquanto tento dormir, a temperatura lá fora é mais italiana do que inglesa.

Provavelmente, chegariam os dedos das mãos e dos pés para contarmos os dias que passámos juntos em Itália, Tess, mas é para lá que a imaginação me leva sempre que penso em ti. O teu rosto rodeado por um céu lápis-lazúli, num momento tão serenamente terno como uma Madona de Rafael, no seguinte tão malandro como um querubim, uma expressão que alternava entre a preocupação e a excitação, a fé e a dúvida, a tua aura radiante como uma bênção, mesmo para um agnóstico como eu.

Tenho de tentar dormir, mas quase te ouço dizer que é uma pena desperdiçar um dia tão lindo.

Nunca tinha tido noção de quão precioso o tempo era, até te ter conhecido.

Da primeira vez que te vi, que te vi realmente, tinhas o rosto emoldurado pelo dourado de um mosaico bizantino na igreja de San Miniato al Monte, numa colina com vista sobre Florença. Eu estava de férias, sozinho, e tu também. Ambos tínhamos trinta e quatro anos. Afinal, as nossas vidas tinham passado de raspão várias vezes uma pela outra antes de tornarem a cruzar-se ali, no mesmo sítio onde nos entrevimos quando tínhamos dezoito anos. Quando descobrimos isso, foi como se já tivéssemos desperdiçado dezasseis anos.

Da primeira vez que me sorriste, no eirado de gravilha em frente à basílica, tive a sensação de que a vida se abria a possibilidades infinitas. Da primeira vez que te toquei, agarrei-te por instinto para que não caíesses pelos degraus íngremes de pedra. Estavas a usar uns chinelos de dedo e deste-me uma explicação rebuscada acerca de te teres esquecido de pôr sapatos na mala de viagem e de teres os pés demasiados grandes para o calçado feminino italiano. Eu só pensava em como a tua mão parecia frágil na minha e em como coravas, como se um homem nunca te tivesse tocado. Quando chegámos ao fundo das escadas, soltaste-me a mão, envergonhada. E ao descermos por entre as oliveiras em direção ao *centro storico*, com cigarras invisíveis a ziziar à nossa volta, o meu cérebro esforçava-se por responder adequadamente às tuas perguntas ao mesmo tempo que tentava arranjar uma desculpa para tornar a dar-te a mão.

Quando nos recordo nessa tarde, a vaguear pelas ruas estreitas de Florença, não vejo multidões de adolescentes de férias de verão a usar mochilas idênticas, nem grupos de turistas a seguirem guias de sombrinhas no ar, nem filas à porta do Uffizi, nem gente a jantar nas mesas das esplanadas da Piazza Signoria, se bem que tudo isso devesse estar presente, já que foi no final de agosto. Na minha memória, somos só nós os dois, a caminhar lado a lado mas com uma distância cuidadosamente mantida, ambos cientes e um pouco assustados com a atração magnética que poderia tornar-nos inseparáveis, se nos aproximássemos mais um milímetro sequer.

Tu dizias coisas à medida que te iam ocorrendo, oferecendo a tua vida ao meu escrutínio, dando opiniões e, por vezes, mudando de ideias a meio de uma frase. Eu estava impressionado contigo. A tua transparência suscitava confissões que eu nunca tinha feito, nem sequer a mim mesmo, desatando nós de ansiedade e deixando-me estranha e agradavelmente desfeito.

Com o meu historial atribulado de relações, acho que, até esse dia, não sabia o que era sentir-me à vontade. No entanto, também sentia uma tontura ligeiramente desequilibrada, como se tivesse tomado um trago de champanhe sem ter nada no estômago, enquanto a minha mente tentava formular perguntas para as quais me faltava a coragem necessária para pronunciar.

Está aqui a acontecer alguma coisa? Tu também sentes?

Só muito mais tarde, à noite, é que obtive a minha resposta.

Os restaurantes estavam fechados, as lojas tinham as grades cerradas, e nós estávamos sozinhos, com os passos a ecoar e as palavras suavemente murmuradas como que em sinal de respeito pela dormência da cidade. Parámos na Ponte Vecchio e fitámos o rio lá em baixo, denso e negro sob o luar, nenhum de nós com a audácia suficiente para sugerir o que poderia acontecer a seguir.

Na minha forma habitual de me esquivar à intimidade, mencionei algo que tinha lido e que achava que parecia profundo, acerca da interligação aleatória do mundo. Ao que parecia, o bater de asas de uma borboleta era capaz de causar uma tempestade a milhares de quilómetros de distância.

Tu viraste-te, fitaste-me os olhos, com um sorriso cheio de inocência e certeza.

– Ou um arco-íris – disseste. – Não tem de ser uma coisa má.

De repente, já não havia espaço entre nós. As minhas mãos estavam na tua cintura, a tocar o calor da tua pele debaixo do tecido fino do teu vestido de verão, o teu corpo tão delicado, mas tão determinado que eu queria tratar-te com um cuidado infinito, como a porcelana mais preciosa, e depois quebrar-te com a minha paixão. O nosso primeiro beijo foi uma alquimia maravilhosa de desejo e contenção. Recuámos por um momento, olhámos um para o outro e depois tudo se tornou urgência.

A primeira vez que fizemos amor, debaixo de um teto pintado com fitas e querubins na *villa* em que ambos estávamos hospedados, foi como uma união obliteradora de corpos e almas. A intensidade da sensação fez-me gritar e depois deixou-me a sentir simultaneamente vulnerável e protegido, como se me perdesse e me encontrasse ao mesmo tempo.

Acordo, viro-me, ainda em parte no meu sonho, à espera de te ver a olhar para mim, o teu rosto angelical numa nuvem nevada de almofada como naquela primeira manhã. Mas agora, neste apartamento de solteiro na City, tudo o que há é o azul-escuro masculino de roupa de cama emprestada.

Ocorre-me que talvez nunca mais torne a acordar a teu lado.

No vazio deste espaço desconhecido, ouço-me a engasgar com o desespero abafado.

Porque é que isto nos aconteceu? Porquê agora?

O Sol vai baixo no céu, imbuindo as paredes do quarto de um brilho cor de coral.

Tenho de me levantar e tomar duche, e depois comer qualquer coisa antes de voltar para as alas do hospital.

Fazes-me falta, Tess. A minha vontade é estar contigo. Mas foi assim que

decidiste que tinha de ser.

Tess

Capítulo 1

Verão de 2013

Naquela primeira noite, a contemplar o nosso teto celestial e ouvindo o ritmo suave do sono dele, lembrei-me da sensação de encantamento que costumava envolver-me quando era criança e a minha mãe me lia à hora de deitar.

Não havia de ter mais de quatro anos, pois aos cinco já sabia ler e devorava tantos livros por semana que a bibliotecária simpática sabia como eu me chamava e me oferecia todas as novidades.

– Era uma vez... – Fechando os olhos, ia-me apercebendo sonolentemente de que a voz da minha mãe se desvanecia à medida que a minha mente se enchia de imagens de palácios com torreões e princesas tão delicadas que usavam sapatos feitos de cristal ou sentiam uma ervilha através de uma dúzia de colchões.

A minha história com Gus parecia um conto de fadas. Durante a conversa dessa primeira noite em Florença, percebemos que os nossos caminhos já se tinham cruzado em muitas ocasiões. Tínhamos apanhado o mesmo avião, tínhamos ido ao mesmo concerto e, nessa altura, vivíamos em extremos opostos da mesma rua de Londres. Tinha havido tantas outras oportunidades perdidas que o nosso encontro, na mesmíssima igreja onde nos havíamos visto pela primeira vez, mais parecia obra do destino do que um mero acaso. Era como se tivéssemos tido de superar muitos obstáculos antes de finalmente nos conhecermos realmente. Como o Príncipe a desbravar uma floresta para chegar à Bela Adormecida, ou a Cinderela a ter de tratar de toda a maldita lida da casa antes de ir ao baile.

– Mas se calhar as pessoas passam a vida a desencontrar-se – comentou Gus, quando nos sentámos a uma mesa de esplanada no Oltrarno. – Quero dizer, se pensarmos em todas as vidas que se interseitam com a nossa só por um segundo...

Ele acenou na direção dos residentes que davam a sua *passeggiata* de fim de dia pela praça.

– Ou em todas as pessoas com quem esperámos numa fila para o café, ou por quem passámos ao descer as escadas rolantes para o metro? Se calhar hoje simplesmente tivemos sorte.

Olhando para o céu a escurecer, concluí que o acaso fortuito era tão romântico quanto o destino, pois significava que havia esperança para todos.

De manhã, acordei antes dele. Mantive-me o mais imóvel possível, sentindo-me um pouco ilícita ao observar-lhe o rosto. Em repouso, parecia ter menos do que os seus trinta e quatro anos, tinha um ar mais arrapazado do que principesco, com o cabelo castanho arruivado e aquele tipo de pele sardenta e clara que não precisa de ser barbeada todos os dias. Estava eu a pensar se me atrevia a acordá-lo com um beijo, quando ele se mexeu, com o hálito a cheirar um pouco a alho por causa da piza que tínhamos partilhado na véspera. Eu estava a tentar perceber se conseguiria ir em pezinhos de lã até à casa de banho para lavar os dentes sem o despertar quando ele acordou e olhou para mim com desconfiança por um segundo, antes de se lembrar, de sorrir e de me puxar para cima de si. Quando nos beijámos, o meu corpo ficou infundido por uma corrente de afeto e sensualidade tão intensa que me pareceu eterna.

Na noite anterior, tínhamos feito amor com frenesim, como se estivéssemos a tentar chegar mesmo ao centro um do outro. Desta vez, foi maravilhosamente lento e delicioso. Antes, eu nunca me tinha considerado boa no sexo. Deitada com amantes anteriores, tinha sempre a impressão de ter um braço ou uma perna a mais, sem saber muito bem onde haveria de os pôr. Estar nua parecia apenas enfatizar o quão comprido e imperfeito o meu corpo era, e nunca sabia se estava a fazer barulho suficiente, ou demasiado. Mas, com Gus, tudo parecia absolutamente natural e de uma perfeição que era de perder a cabeça.

Ele acabou por se oferecer para ir arranjar-nos pequeno-almoço e voltou com morangos e uns bolinhos em miniatura. Tornámos a fazer amor, os lábios dele cobertos de açúcar em pó, e depois dormitámos até os feixes de luz solar que passavam pelas persianas nos encandearem. Com um gesto decidido, atirei o lençol branco para trás.

– Não podemos desperdiçar um dia tão lindo...

– Desperdiçar? – Ele sorriu-me.

– Sabes o que quero dizer...

Alguns lugares no mundo são tão idênticos às imagens que vemos em postais que, quando lá estamos, até parecem irreais. Em Pisa, onde fomos no

nosso primeiro dia, o céu estava tão azul, os relvados cuidados tão verdes e o mármore rendilhado na catedral e na torre do sino tão branco que era quase como passear por uma paisagem gerada por computador. No segundo dia, o empedrado medieval das ruas e das praças de San Gimignano fazia lembrar o cenário de um filme de Romeu e Julieta. E eu tinha cambaleado por ali adentro com um desconhecido que estava tão apaixonado quanto eu.

Havia um diálogo constante na minha cabeça. *Isto está mesmo a acontecer? É amor ou só desejo? Porque é que o amor existe, sequer?* Bastaria o desejo para tratar da questão da evolução, por isso para que é que Deus ou a natureza tiveram de acrescentar toda aquela emoção cuja alegria intensa parece ser um precursor da angústia?

Não digas isso em voz alta, por amor da santa!

Aos adjetivos arrapazado, encantador e sensual, que eu começara por atribuir a Gus, depressa adicionei conturbado. À medida que falávamos dos nossos passados, tornou-se aparente que, ainda que em termos materiais ele se encontrasse muito melhor do que eu, estava bem menos satisfeito.

Ambos tínhamos sofrido profundamente. A minha mãe morreu quando eu tinha dezoito anos. Por volta da mesma idade, o irmão mais velho de Gus, Ross, morreu num acidente de esquí. O meu percurso de vida tinha sido fundamentalmente alterado e não havia um dia em que eu não sentisse a falta da minha mãe, mas sempre tentara aproveitar o melhor da vida, como ela fizera. Já Gus e a família pareciam ter ficado paralisados. Incapazes de seguir em frente, os pais tinham-se divorciado e a vida de Gus fora marcada pela tragédia. Até acabara por casar com a namorada do irmão, um casamento condenado ao fracasso desde o início. Por vezes, ele ficava calado, como se tivesse a mente em qualquer outro lugar. Isso fazia com que fosse ainda mais satisfatório conseguir fazê-lo sorrir. Como Jane Eyre descobriu, nada é mais empolgante do que alegrar um homem triste.

Isso não quer dizer que ele não fosse boa companhia. Tinha um sentido de humor tão cáustico que eu por vezes nem me apercebia de que ele estava a brincar, mas nunca era mesquinho. Gus era um homem delicado.

Quando eu e a minha melhor amiga, Doll, estávamos naquela fase da adolescência de nos apaixonarmos por um membro diferente dos Take That a cada semana, a minha mãe avisava-nos repetidamente que a aparência não era tudo. O que se quer é um homem bondoso, dizia-nos.

Não que Gus não fosse também bem-parecido. E interessante. Sabia tudo sobre arte e arquitetura e mostrou-me pormenores em que eu nunca teria reparado, como os diferentes padrões dos candeeiros em cada vila da Toscana, e os horizontes pálidos dos céus de Piero della Francesca. Era generoso, estando sempre a oferecer-se para me comprar lembranças *kitsch* quando

passávamos por banquinhas de mercados, pelo que acabei por deixar de apontar para o que chamava a atenção. Tinha um apetite tão interminável por *gelato* quanto eu.

Há casais em que uma das pessoas, por norma a mulher, opera na sombra da outra. Os meus pais eram assim. E talvez eu tivesse aprendido isso com ela, pois nenhum homem da minha vida alguma vez se mostrara interessado pelas minhas opiniões. Leo, o meu companheiro mais recente, só fingia interessar-se quando queria sexo. Quando finalmente me dei conta disso, senti-me como uma prostituta paga com acenos de cabeça e balbucios de «mas que ideia fascinante».

Porém, com Gus não era assim. Ele ouvia tudo o que eu dizia, nunca me interrompia nem olhava para o relógio. Fazia-me sentir sua igual.

A nossa terceira manhã juntos foi a primeira em que não me belisquei com força ao acordar. Já me tinha habituado à forma de Gus, ao seu peso e ao seu calor no colchão luxuoso. Adorava ficar ali deitada, a sentir a frescura da manhã com o lençol puxado até ao queixo, a fitar o dossel celestial e a rever momentos do dia anterior.

Na *trattoria* cheia de italianos a almoçar, ele ensinara-me a enrolar o esparguete como uma nativa, usando apenas um garfo. A sua mão a guiar-me com delicadeza e a determinação do seu olhar pareceram-me quase tão íntimas quanto preliminares.

Enquanto bebíamos café, ele comentou que eu parecia imaginar as vidas de todos os outros comensais, pelo que lhe confidencieei que o meu sonho era ser escritora, ao que ele se limitou a acenar com a cabeça e a dizer:

– Isso faz muito sentido.

Agora, observava-lhe o rosto enquanto ele dormia, perguntando-me com o que sonharia. Ele agitou-se, abriu os olhos e sorriu.

– Há algum sítio em particular que gostasses de visitar antes de ires embora?

Era a primeira vez que se mencionava a minha partida. Gus tinha mais uma semana de férias. De súbito, sentia a cabeça inundada por dúvidas.

Seria a nossa relação uma ilusão insustentável fora da paisagem mágica de Itália? Seria só um romance de férias? Nunca tinha tido um desses. Não sabia como eram.

– O que foi? – perguntou ele.

– É o nosso último dia!

As palavras saíram-me como se eu estivesse a ser estrangulada.

– Vivemos na mesma rua, Tess. Passo pelo gabinete de estética onde trabalhas quase todos os dias. Já não vou conseguir voltar a afastar-me de ti! – Sorriu e estendeu a mão para a minha. – É o nosso último dia em Itália.

Quando voltar, será o nosso primeiro dia em Londres.

O que era encantador. Só que, caso a situação se invertesse e fosse eu com mais uma semana de férias, ficaria eu ali sozinha?

Disse a mim mesma que, se íamos ficar juntos, inevitavelmente teríamos de passar tempo longe um do outro, não? E, se não íamos, então o melhor era garantir que vivíamos aquele dia como se realmente fosse o último.

– Assis fica muito longe daqui?

Afinal, a distância era muito maior do que eu esperava, mas Gus ofereceu-se alegremente para conduzir.

– Porquê Assis? – perguntou-me, depois de nos assegurarmos de que estávamos na estrada certa.

– Foi o primeiro lugar italiano de que ouvi falar. A minha mãe tinha uma fotografia da cidade no meio de campos de girassóis. São Francisco é o santo preferido de toda a gente, não é?

O postal tinha sido enviado por uma das amigas da igreja da minha mãe, que tinha participado numa viagem organizada pela Pilgrim Air. Estava de pé na prateleira dos bricabraques da cozinha, atrás de outros *souvenirs* preciosos dela, como o globo de neve que o meu irmão Kevin lhe mandou de Nova Iorque e o prato pintado de Tenerife, com o lema: *Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida*.

Lembrava-me de a minha mãe me contar que São Francisco falava com os animais e de, certo domingo à tarde, ao ver *Dr. Doolittle*, eu ter começado a gritar que São Francisco estava na televisão, o que se tornara uma das histórias engraçadas que contava à tia Catriona quando íamos passar férias à Irlanda.

– És católica praticante? – perguntou-me Gus.

Era esquisito porque, de certa forma, conhecíamos-nos de trás para a frente, mas, em algumas coisas, continuávamos a ser perfeitos desconhecidos.

– Perdi a fé quando tinha doze anos e me recusei a fazer o crisma – contei-lhe. – A minha mãe ficou destrozada... não sei porque é que não fui capaz de alinhar, só para lhe fazer a vontade. Suponho que não tivesse perdido a fé suficiente para achar que isso não seria um pecado...

Gus desviou o olhar da estrada para me mirar por um segundo com um ar intrigado a que eu começava a acostumar-me.

– A tua família é religiosa? – perguntei-lhe.

– A minha mãe diria que é anglicana, mas nunca vai à igreja. O meu pai considera-se cientista, pelo que, se não há provas de que Deus exista, isso significa que não existe mesmo.

Saímos de uma autoestrada e entrámos noutra.

– Devemos chegar a horas de almoço – disse-me. – Estou esfomeado, tu

não?

Eu tinha reparado que ele mudava rapidamente de assunto sempre que a sua família vinha à baila. Talvez fosse emoção reprimida? Gus tinha frequentado uma escola privada, na qual, dizia ele, revelar sentimentos era ficar vulnerável. Eu não o conhecia suficientemente bem para lhe pedir que se alongasse mais sobre isso.

– E tu? – insisti. – És religioso?

– Adoro igrejas. Conhecem-se pessoas incríveis lá. – Sorriu-me. Depois, talvez depreendendo pelo meu cenho carregado que não o ia deixar esquivar-se de novo, acrescentou: – Admiro muitíssimo a devoção que levou a que tantas pessoas se esforçassem de tal maneira para criar uma beleza assim. Mas não o compreendo, na verdade.

– A minha mãe costumava dizer que a fé é um passo que se tem de dar e que depois se torna claro. Mas comigo isso nunca aconteceu.

Os girassóis na planície de Úmbria estavam a passar de dourado a castanho, dando à vista um tom mais outonal do que o amarelo-vivo do postal da minha mãe. Fiquei bastante satisfeita por a colheita ainda não ter começado, pois sabia que me teria desiludido se os campos estivessem reduzidos a terra castanha.

Como se desse continuidade ao meu próprio pensamento, Gus disse:

– Sempre achei os *Girassóis* de Van Gogh, na National Gallery, um quadro bastante melancólico sobre a transitoriedade da vida, não a jarra de flores cheia de vida que as outras pessoas parecem ver.

Aquilo era mesmo típico dele. Ao início, julguei que ele seria mais profundo do que eu, mas, na verdade, *Os Girassóis de Van Gogh: vivos ou mortos?* era apenas uma forma de a classe média perguntar se o copo estava meio cheio ou meio vazio.

Num restaurante perto da praça principal, Gus pediu massa recheada com abóbora, com um molho de manteiga derretida e uma folha frita por cima, que me disse ser salva.

– Que achas? – perguntou-me, quando a provei com hesitação.

Gus era uma espécie de *foodie*. Eu nunca prestava grande atenção ao que comia. A minha família não tinha muito dinheiro e o prato mais exótico que conhecíamos era o *tikka masala* de frango que o meu pai trazia para casa ao sábado, se tivesse tido uma boa tarde nas apostas. A única pessoa para quem eu alguma vez tivera de cozinhar era a minha irmã mais nova, Hope, que rejeitava qualquer coisa que não fizesse parte da rotina habitual. Se fosse segunda-feira, comíamos salsichas com puré de batata; à terça, macarrão com queijo, que era o único tipo de massa que eu tinha provado antes de visitar

Itália, além das latas de anéis de esparguete com molho de tomate no pão, que por vezes comíamos como alternativa ao feijão, às quintas.

Tentei concentrar-me nos sabores delicados que tinha na boca, fazendo uma expressão pensativa como a dos críticos de restaurantes no programa *Masterchef*.

– Tem um sabor terroso, com ligeiras notas florais e doces. É quase como comer um jardim.

Gus riu-se, mas acho que não se apercebeu de que eu estava a gozar.

Lembrei-me dos jogos com que eu e a minha melhor amiga, Doll, costumávamos entreter-nos em longas viagens de comboio. Se soubesses que uma refeição ia ser a última, o que escolherias? Doll ia mudando de ideias consoante a comida para festas mencionada na revista *Hello*, que frequentemente incluía coisas como *blinis* e *pavlovas* em miniatura, que ela nunca tinha comido e nem sequer sabia ao certo como pronunciar. Para mim, invariavelmente, seria ovo malcozido e batatas fritas. Conseguia imaginar Gus a dedicar uma séria deliberação e a incluir ingredientes orgânicos nas suas escolhas.

A Basílica de São Francisco era de uma escala diferente do resto de Assis, como se a catedral de uma capital tivesse aterrado nos arredores de uma pequena vila no cimo de uma colina. Lá dentro, a luz entrava a jorros pelas janelas altas. As cores dos frescos de Giotto a representar a vida do Santo eram tão vívidas que parecia que a tinta tinha acabado de secar.

Um padre mantinha uma atmosfera sombria de reverência, usando as roupagens grosseiras e castanhas da ordem franciscana e entoando «Silenzio!» numa voz grave sempre que os comentários de Gus se tornavam demasiado audíveis.

Fitámos o painel em que São Francisco exorcizava demónios de uma pequena cidade muralhada, claramente reconhecível como aquela que acabáramos de atravessar a pé. Os demónios eram criaturas de aspeto maléfico, em parte humanas, em parte morcegos.

– Não sei se São Francisco não seria esquizofrénico – sussurrou Gus. – Quero dizer, é evidente que tinha alucinações e ouvia vozes...

Eu nunca tinha ouvido alguém falar assim das histórias que me tinham ensinado como se fossem factos. Com um calafrio de medo pelas consequências de tal heresia, olhei para trás para verificar se o padre não poderia ouvir-nos.

– Nessa altura, não se sabia nada sobre doenças mentais – continuou Gus. – Por isso, que melhor maneira de explicar coisas estranhas do que acreditar que vinham de uma fonte externa e não de um neurónio avariado?

Eu nunca tinha pensado numa explicação médica para milagres.

- Se assim for – sussurrei –, fico contente por não se saber.
- Porquê?
- Porque se as pessoas achassem só que ele era louco, não se sentiriam inspiradas a fazer estas obras de arte transcendentais, pois não?

Lá fora, sentámo-nos num muro quente ao sol, sem falarmos, como se ambos precisássemos de tempo para refletir sobre as emoções que aquele lugar tinha provocado. Mais abaixo, numa saliência rochosa coberta pela vegetação, uma única borboleta branca esvoaçava entre flores silvestres amarelas. Um ou outro avião ia sobrevoando o vale de girassóis lá em baixo, para aterrar no aeroporto de Perugia. Perguntei-me se os pilotos fariam o sinal da cruz ao divisarem a basílica enorme, como um farol que os guiasse para porto seguro.

Quem me dera que a minha mãe me visse naquele lugar sagrado. Quando ela morreu, constatei que não eram as dificuldades da vida o que mais queria partilhar com ela, mas antes todas as coisas encantadoras. Nunca me tinha dado conta do quanto a sua satisfação, quando lhe descrevia os meus pequenos feitos ou as coisas lindas que tinha visto, aumentava a minha. Parte da emoção de uma experiência nova fora a expectativa de lhe contar.

Senti a mão de Gus à procura da minha, o toque dos seus dedos ainda tão novo que me acelerava a pulsação.

– Tess...

Ele dizia o meu nome com frequência, como se estivesse prestes a perguntar-me algo, e eu esperava e não havia pergunta alguma.

Nesse momento, o padre severo saiu da igreja e passou por nós com um toque de telemóvel a sair-lhe das dobras volumosas do hábito, cada vez mais alto até ele conseguir localizar o aparelho.

– Pronto?

– *Silenzio!* – exclamou Gus.

O padre lançou-nos um olhar acutilante, mas depois encolheu os ombros, como quem diz: «é justo».

– Tess? – recomeçou Gus.

– Sim?

– Fazes-me sentir que participo no mundo, em vez de me limitar a observá-lo de longe.

– Espero que isso seja bom? – respondi, ridiculamente, enquanto a brisa me soprava o cabelo para os olhos.

– É um milagre, caramba!

E segurou-me a cara entre as mãos e beijou-me com tanto arrebatamento que eu tive a sensação de que todo o meu ser explodia de alegria, antes de se afastar, com os olhos magnificamente expressivos a passar de ansiedade para felicidade ao mesmo tempo que me puxava para os seus braços e me abraçava.

– Olha para mim, mãe, neste sítio lindo com este homem encantador e bondoso! – gritei-lhe em silêncio lá para o céu.

Quando voltámos para o carro, a rua principal estava tranquila, metade à sombra, a outra branqueada pela luz do sol. A pensar em todos os peregrinos cujos passos tinham percorrido aquele empedrado quente, desfrutei daquela sensação estonteante e privilegiada que só conheci em Itália, a de fazer parte do passado e do presente ao mesmo tempo.

– Achas que, se nos tivéssemos conhecido como deve ser quando tínhamos dezoito anos, as nossas vidas teriam sido diferentes? – perguntou Gus.

– Sim.

– Quem me dera que isso tivesse acontecido.

– Não serve de nada lamentar o que poderia ter sido. Só podemos aproveitar ao máximo o que se segue – disse eu. Parecia um dos lemas da minha mãe.

– Olha! – Gus apontou para uma tabuleta de uma casa, a dizer *Vendesi*. Estacou e segurou-me nas duas mãos. – Porque é que não vimos viver para aqui? Tu podias escrever...

Por um momento, permiti-me imaginar um quarto nas águas-furtadas, debaixo das telhas de terracota, uma janela de madeira de onde pudesse observar um mar de girassóis dourados e inspirar-me.

– E tu o que farias aqui? – perguntei-lhe.

Ele fez um ar um pouco envergonhado.

– Sempre quis pintar. Ia para a faculdade de belas-artes...

– Então como é acabaste a estudar medicina?

– É praticamente um problema genético da minha família. O Ross andava na faculdade de medicina quando... por isso eu...

Custava-me vê-lo como médico. Era tão menos seguro de si mesmo do que os médicos que eu tinha conhecido, embora talvez eles não fossem todos assim quando não estavam a trabalhar. Trechos de informação começavam a formar gradualmente a imagem que eu tinha da sua vida, como peças de um *puzzle*. Agora que sabia que estudara medicina para compensar a perda dos pais, isso fazia mais sentido.

No meu quarto imaginário, pus um cavalete ao lado da secretária e Gus à sua frente, misturando diferentes tons de ocre na paleta.

Ao final do dia, à medida que o Sol começava a afundar-se no céu, ele pousaria o pincel e eu fecharia o portátil. Iríamos dar a nossa *passeggiata*, deambulando até à praça central para comprar um cone de gelado, cumprimentando os nossos vizinhos num italiano fluente.

– O que é que nos impede? – perguntou ele.

Como se para lhe responder, o seu telemóvel tocou, com um toque tão

dissonante e incongruente naquela rua antiga como o do padre nos tinha parecido. Gus atravessou para o lado escuro da rua para conseguir ver o ecrã. Eu recomencei a andar, para lhe dar privacidade, mas, no silêncio da tarde, ouvi tudo o que disse.

– Bella? Que se passa, boneca? Não, claro que não tens de fazer nada que não queiras fazer... em Itália... Também queria que estivesse aqui...

– Está tudo bem? – perguntei-lhe, quando ele me alcançou.

– Era a minha mais nova. – Parecia agitado. – Não gosta do campo de férias. Espero que não esteja a ser vítima de *bullying*...

Eu sabia que o melhor era não dar opiniões. Tratava-se de território novo, em que tínhamos entrado muito antes do que aquilo para o qual eu estava preparada.

– Queres ligar...

Não tinha a certeza de como terminar a frase. «À tua mulher?», «À tua ex-mulher?» Ele tinha-me dito que ela se chamava Charlotte, mas talvez isso revelasse excesso de familiaridade.

Ele hesitou.

– Não, está tudo bem. Deve estar tudo bem.

As duas filhas viviam com a mãe em Genebra. Sabia que ele lhes sentia a falta, mas não tinha realmente percebido quão difícil deveria ser ter todas aquelas preocupações quotidianas e não poder fazer nada a tamanha distância.

Apesar de me sorrir, eu via que os seus pensamentos tinham voltado a concentrar-se no mundo real.

Em Itália, anoitece cedo no verão, e ainda estávamos na estrada a caminho de Florença quando o pôr do sol vermelho-sangue cedeu lugar ao negro. Acelerar pela autoestrada pouco iluminada era como seguir num túnel. O interior do carro estava tão carregado com a ansiedade de Gus que eu não quis perturbar-lhe a concentração com palavras. O ambiente era muito diferente do da manhã e não me ocorria nenhuma forma de nos devolver àquela ligeireza despreocupada. Era como recomençar do zero com uma pessoa diferente. E não havia tempo para isso, porque faltavam menos de doze horas para o meu avião partir.

Tentando acalmar-me, dei por mim a lembrar-me de outra piada que a minha mãe contara à irmã quando fomos passar as férias de verão com eles. Nós, as crianças, devíamos estar lá fora a brincar enquanto os crescidos bebericavam chá na melhor porcelana da tia Catriona, mas eu costumava ficar à escuta atrás da porta enquanto elas competiam com as coisas engraçadas que os filhos tinham dito ou feito. A minha mãe contou a história de que, certa vez, julgando que eu tinha adormecido depois da história à hora de deitar, ela fechara o livro muito delicadamente e, com o maior dos cuidados, levantara-se

e atravessara o quarto em bicos de pés. E, de repente, eu tinha-me sentado direitíssima na cama, exigindo saber:

– Como é que sabes?

Ela suspirou.

– Como é que sei o quê, Tess?

– Que o Príncipe e a Princesa viveram felizes para sempre?

– Porque é assim que os contos de fadas acabam sempre, Tess.

– Mas eles acabaram de se conhecer!

O rosto habitualmente severo da tia Catriona tinha-se suavizado ao ouvir aquilo, e os olhos dela fitaram os da minha mãe, quase como se partilhassem um segredo. Com uma risadinha estranha que não parecia contente, mas sim triste, perguntara:

– Ora, bem, não é essa a verdade, Mary? Apaixonarmo-nos é apenas o início da história.

Capítulo 2

Chovia quando regressei a Londres, o que não parecia um bom augúrio para o que eu tinha voltado para enfrentar nessa tarde. Foi preciso empurrar a porta da rua com força por causa de todos os panfletos que se tinham acumulado por trás dela. Depois de os apanhar, subi pelas escadas e entrei em casa.

Na maioria, os panfletos eram de anúncios de *takeaway*, círculos lívidos de piza com uns quantos *pepperoni* carmins, que em nada se assemelhavam à que tínhamos comido ao lado da fachada iluminada por projetores junto à Basílica de Santo Spirito, na nossa primeira noite.

Havia também um extrato bancário, uma conta de eletricidade e um postal com um laçarote à frente, a dizer «Bem-vinda a Casa!» e uma mensagem na letra amalucada de Doll: «Liga-me assim que voltares. Estou desejosa por saber tudo.»

Reparei que tinha começado a segunda palavra da segunda frase com um «eme», mas que depois o riscara. Calculei que fosse escrever «mortinha por», mas que se arrependera, tendo em conta a consulta que me esperava.

Olhei pela janela de guilhotina para a rua. Chapéus de chuva coloridos eram o único contraponto ao cinzento do alcatrão e do céu. No mercado, os vendedores juntavam-se com canecas de chá ao fundo das suas bancas a pingar.

Imaginei Gus a tomar um café à sombra de um toldo amarelo, com o céu azul e luminoso lá em cima.

Ele tinha-me pedido para lhe dizer quando tivesse chegado, mas eu não sabia que mensagem seria apropriada.

Em casa, sã e salva. Espero que estejas a divertir-te!, talvez parecesse um pouco ressentida.

Tínhamo-lo dito um ao outro várias vezes, mas *Amo-te!*, parecia um pouco

presunçoso escrito pela primeira vez.

Ele tinha-me conduzido até ao aeroporto e ficara nas pontas dos pés a acenar-me até ao último momento em que eu desaparecera atrás do controlo de segurança, mas eu achava que o mais provável era que, ainda antes de o avião descolar, ele já estivesse ao telemóvel com a ex-mulher, para falar sobre a filha. A verdade era que eu e Gus estávamos em sítios muito diferentes, e não apenas geograficamente. Depois da opulência do nosso quarto na Toscana, o meu estúdio, com as suas prateleiras improvisadas, parecia muito ordinário.

Tendo experimentado e apagado várias mensagens, acabei por enviar uma que dizia: *Em casa, sã e salva. Fazes-me falta!*, e depois passei a hora seguinte, enquanto desfazia as malas, a perguntar-me se teria sido demasiado intensa, até que o meu telefone apitou com: *Também me fazes falta!*, o que me provocou uma onda de felicidade a rebentar contra o peito.

Tomei duche e vesti um camiseiro azul-escuro às bolinhas brancas. Enquanto afivelava o cinto e alisava o tecido sobre as ancas, sentia cada centímetro da minha pele marcado pelo seu toque. Um sorriso tonto abriu-se-me no rosto, até ter reparado no estado das minhas unhas dos pés, ao fim de uma semana a usar chinelos de enfiar o dedo, e concluir que não poderia ir trabalhar assim. Encontrei uns sapatos fechados. Custava-me caminhar com eles, mas isso não tinha lá grande importância, já que o gabinete de estética que eu geria ficava no piso térreo do prédio onde eu morava.

Quando ia a sair, o meu telefone tocou. Estava tão ávida por atendê-lo que o deixei saltar-me das mãos e cair ao chão. Quando o agarrei e espetei o dedo no ecrã, fiquei desapontada ao ver que era apenas Doll quem me ligava.

– Então, quem é ele? – exigiu ela saber, antes de eu ter sequer dito «olá».

– Quem?

– Envias-me uma *selfie* em que apareces com um homem misterioso, e depois nada durante quatro dias?!

Eu tinha-me esquecido completamente da foto que tinha tirado na Ponte Vecchio, na primeira noite que tínhamos passado juntos.

– Pelo menos, é suficientemente alto para ti.

– Chama-se Gus e eu amo-o! – desembuchei, antes que ela oferecesse mais opiniões.

– Porra! E ele também te ama?

– Acho que sim.

– Achas só?

– Ele diz que sim...

– Como é que ele é, então?

– É muito inteligente...

– Não arranjaste outro académico? – interrompeu-me Doll, alarmada.

O meu amante anterior, Leo, fora meu tutor numa aula pós-laboral de

escrita criativa que eu tinha frequentado quando ainda vivia em Kent.

– É médico.

– Ó pra ela! E é casado?

– Não! – Até parecia que eu tinha o hábito de ter casos com homens casados. – Divorciado.

– Suponho que isso seja melhor do que ter essa idade e nunca ter casado.

– Eu sou da idade dele e nunca casei.

– Mas percebes o que eu quero dizer, não? Filhos?

– Duas filhas, seis e nove anos.

– Isso é muita bagagem, Tess.

– A mim também não me falta bagagem, pois não?

– Suponho que sim, com a Hope.

Eu não estava a referir-me à minha irmã, mas a verdade era que Doll e Hope nunca se tinham entendido.

– Onde é que ele vive?

– Não vais acreditar: numa daquelas casas pintadas no cimo da minha rua!

– Aquelas com que sempre sonhaste?

Quando éramos adolescentes, eu e Doll escapávamo-nos para Londres ao fim de semana e deambulávamos pelas áreas mais elegantes com nomes bonitos, como Belsize Park e Notting Hill, sonhando passar as nossas vidas como os ricalhaços que tinham aquelas casas. Provavelmente fora por isso que ela escolhera Portobello Road como local para a sua primeira filial londrina.

– Bem, se precisavas de uma prova, aí está – comentou ela.

– De quê?

– De que, se queremos uma coisa, temos de a visualizar e ela há de se materializar e vir ao nosso encontro.

Um dos poucos livros que Doll alguma vez lera chamava-se *O Segredo* e ela seguia a sua filosofia.

– Comigo funcionou – disse ela.

– Não conseguiste o teu negócio apenas por o teres visualizado, e eu tenho visualizado montes de coisas, não apenas viver numa dessas casas. Se é que isso é verdade...

Quanto mais eu falava daquilo em voz alta, mais me perguntava se não teria sonhado tudo aquilo com Gus, parecia tão improvável.

– Oh, mulher de pouca fé! – exclamou Doll, o que era um pouco irónico vindo de alguém que só recommençara a ir à missa para que o filho pudesse frequentar a escola primária católica da zona. – Mal posso esperar por conhecê-lo...

Será que se dariam bem? Um calafrio de pânico perpassou-me quando imaginei apresentá-los e que ela poderia interpretar mal o charme ligeiramente antiquado dele.

– Estava mesmo a preparar-me para descer e ir trabalhar – disse-lhe.
– Não é preciso – disse Doll. – Disse à Aggie que fizesse o teu turno de hoje.

Era sempre um pouco esquisito quando Doll falava comigo como minha chefe, coisa que era havia cerca de um ano, e não como minha melhor amiga que eu conhecia desde os quatro anos.

- Vai ajudar a distrair-me.
- Queres que vá contigo, logo à tarde?

Eu sabia que, se dissesse que sim, ela iria, mas estando grávida do segundo filho, eu não queria que ela se pusesse a calcorrear Londres.

É sempre enervante receber os resultados das análises, pois esperamos o melhor ao mesmo tempo que nos preparamos para o pior. Só temos uns minutos com o médico, por isso é preciso estar preparado para fazer perguntas relevantes sem nos engasgarmos. Com outra pessoa presente, pode ser ainda mais difícil, devido à dinâmica acrescida de tentar que a coisa também seja mais confortável para o outro.

- Fico bem – disse-lhe.
- Prometes que me ligas logo a seguir?
- Prometo.

Um gabinete de estética era praticamente o último lugar onde eu esperava vir a trabalhar. Nunca tinha arranjado as mãos antes de ficar com aquele emprego, exceto daquela vez para o baile da secundária, quando Doll insistira em fazer-me uma *makeover* completa. Ela já sabia desde os tempos da primária em St. Cuthbert que queria ser esteticista, e muitas vezes usava-me como cobaia.

Éramos um par pouco provável. Eu tinha sempre a cabeça enfiada num livro. Doll era a vida e a alma das festas. Ela era baixa, bonita e sempre bem-arranjada. Eu era alta desde muito cedo e tinha um cabelo encaracolado e rebelde e não sabia sequer como usar um alisador. Nos bailes da escola, Doll tinha rapazes a enxamear à sua volta, enquanto eu costumava encolher-me contra uma parede a observar a ação na pista de dança como uma tia solteirona a acompanhar os jovens, saída de um romance de Georgette Heyer. Continuei a estudar e, quando consegui entrar para o curso de Literatura Inglesa na Universidade de Londres, Doll já trabalhava. Nesse verão, mochilámos juntas pela Europa. Doll detestou todas as coisas que eu adorei: viagens longas de comboio, dormir a céu aberto numa tenda, visitar museus e, o pior de tudo, igrejas. Ainda assim, conseguimos divertir-nos, mas com a sensação de que eram as últimas férias que fazíamos uma com a outra, pois as nossas vidas já tinham seguido caminhos distintos.

No entanto, tudo mudou quando voltámos e a minha mãe morreu, o que

me fez ter de cuidar da minha irmã. Nessa altura, Hope só tinha cinco anos. Eu tinha prometido à minha mãe que o faria. Ambas sabíamos que o meu pai era demasiado inconstante. Por isso, tive de abrir mão da universidade.

Enquanto Hope crescia e eu ia arranjando empregos em *part-time*, Doll passara de estabelecer um minúsculo gabinete de estética na nossa terra natal, Margate, a ser proprietária de vários lugares espalhados por todo o país. O sucesso devia-se totalmente ao seu instinto e ao seu talento, mas a ideia do nome Casinha de Bonecas fora minha.

Quando Hope tinha dezoito anos, saiu de casa e foi viver com Martin. Eu tive o caso desastroso com Leo. Quando terminámos, eu tinha perdido a confiança em mim mesma e não sabia para onde haveria de me virar, até que Doll me ofereceu um emprego como gerente da sua primeira filial em Londres, o que incluía alojamento no apartamento por cima. Insistia que eu tinha «competências transferíveis», o que, por incrível que me parecesse, era verdade. O meu trabalho como assistente de professor dera-me boas capacidades de organização. Como supervisora de um supermercado, tivera de lidar com todo o género de clientes complicados. Não era o que eu tinha imaginado para mim mesma, mas a minha mãe costumava dizer que, se fizermos algo com boa vontade, isso vai dar-nos alegria.

– Estou a ver que um romance de férias te deixou bem animada! – exclamou Aggie, que estava ao balcão da receção.

Seria assim tão óbvio, ou Doll mostrara-lhe a foto?

O ambiente na Casinha de Bonecas era meio despedida de solteira, meio confessionário, sobretudo quando havia *prosecco* grátis a ser oferecido em datas importantes como o Dia dos Namorados e o Dia da Mãe. Nunca deixava de me impressionar com o quanto as clientes estavam dispostas a revelar a quase perfeitas desconhecidas. Quanto a mim, evitava falar acerca da minha vida privada, sobretudo porque também não tinha grande coisa para contar. Desde que me mudara para Londres que ainda nem sequer saíra com alguém.

– Algum problema? – perguntei a Aggie.

– A máquina do multibanco já não funciona outra vez. Ficámos sem gél fúcsia, mas já encomendei mais.

A milionária que geria fundos de investimento e nunca deixava gorjeta tinha perguntado se podíamos abrir às seis e meia da manhã, pois cada vez tinha mais dificuldade em encaixar-nos no seu horário.

– E o que é que lhe disseste?

– Disse-lhe: «Deve estar a brincar, minha senhora!» – sorriu Aggie.

– E ela o que disse? – perguntei, um pouco nervosa, pois tratava-se de uma cliente habitual, com muitos amigos influentes.

– Afinal, lá conseguiu encontrar uma hora para eu a atender.

Aggie era uma lenda no mundo das unhas, a sua agenda ficava preenchida com semanas de antecedência. Agradou-me que tivesse dado à financeira uma lição sobre a lei da oferta e da procura.

Disse-lhe que tirasse o resto da manhã e depois arrependi-me um pouco, já que, sem o seu riso irresistível e roufenho, o gabinete se tornava apenas uma colmeia silenciosa de trabalho.

Abri a caixa de *cantuccini* que comprara no *duty free* e pedi a Luis, do café ao lado, que nos trouxesse *cappuccinos* para todas. Arrumei as revistas lustrosas, afofei as almofadas e enchi a tigela para os cães com água. Ultimamente eram tantas as clientes que levavam os cães quando iam tratar das unhas que me ocorreu que Doll devia instalar uma espécie de estação de cuidados de beleza para os cachorritos. Podíamos chamar-lhe Casinha dos Cães.

Eu nunca sabia se a reação de Doll às minhas ideias seria «Isso é genial, Tess!» ou «Mas que estranha és!».

Desde que começara a trabalhar para ela, tinha-lhe oferecido algumas sugestões a que ela se referia como «pensamentos de céu azul», porque dominava a gíria por completo. Até tinha dito que eu devia juntar-me a ela como diretora de inovação, na sede, que ficava numa propriedade industrial nos arredores da nossa terra natal. Mas ambas sabíamos que o meu coração não estava realmente dedicado a Margate ou à indústria da beleza. Aos trinta e quatro anos, eu continuava à espera que um futuro fascinante me surgisse pela frente.

Em Itália, tinha-me permitido pensar que isso talvez estivesse finalmente a acontecer. Afinal, se eu tivesse ido para a faculdade, eu e Gus teríamos ficado na mesma residência, talvez até ao lado um do outro no corredor, porque a sua amiga Nash, que ele conhecera no primeiro dia, ocupara o quarto adjacente devido a um cancelamento de última hora. Era estranho, conhecê-lo naquele momento da minha vida dava-me a impressão de que talvez fosse a oportunidade de recomeçar a idade adulta.

Olhei para o telemóvel, esperando que ele estivesse a pensar em mim enquanto eu pensava nele, mas não tinha mensagens.

Decidi ir a pé até ao hospital. A chuva dera lugar a um sol prateado e os vendedores nas bancas apregoavam promoções de fruta e vegetais. Mais adiante naquela rua, eu nunca conseguia resistir a fazer uma pausa para olhar para as montras das lojas de antiguidades.

Ao cimo da Portobello Road, parei por um momento em frente à casa que ficara a saber que era a de Gus. Parecia demasiado adulta para ele. Como desconhecidos no estrangeiro, fôramos iguais. Quando voltasse a Londres, estaria ele fora do meu alcance?

Imaginei a ex-mulher dele a mirar-me de cima a baixo atrás de uma cortina.

Recomecei a andar, verificando o telemóvel pela centésima vez. Nada. Se ele realmente me amasse, no mínimo teria enviado uma mensagem a desejar-me *Boa Sorte!*, não? A menos que ele fosse uma dessas pessoas que acham que dá azar desejar boa sorte... Nesse caso, por que razão o teria dito no aeroporto oito – só se tinham passado oito? – horas antes? Talvez, como a maioria dos homens, ele achasse que quando se diz uma coisa uma vez isso basta, pois por norma eles não parecem precisar de ser tão tranquilizados quanto as mulheres.

Se calhar eu estava a ser carente... Mas quem não ficaria um pouco carente ao ir receber os resultados de exames daqueles, quem conseguiria?

À espera de que o semáforo ficasse verde, tentei distrair-me. Será que o homem de óculos escuros no *Audi* descapotável branco, a acelerar impacientemente enquanto eu atravessava a estrada, ia a caminho de uma reunião importante, ou estaria apenas a exhibir-se? E quem iria no assento traseiro daquela limusina preta de vidros fumados? Uma estrela de cinema ou, dado que estávamos tão perto do Palácio de Kensington, seria algum membro da realeza? Perguntava-me se olhariam para mim perguntando-se quem era eu e para onde ia no meu vestido às bolinhas e ténis. Se sim, o que pensariam? Gerente? Escritora? Paciente oncológica?

A mutação BRCA está presente na minha família. O cancro da mama da minha mãe foi curado, mas ela depois teve cancro do ovário, que é um desses que se escondem, por isso, quando temos sintomas, quase sempre é tarde de mais. Portanto, quando eu tive cancro da mama logo a seguir a chegar a Londres, decidi optar pelo tratamento radical de mastectomia dupla e remoção dos ovários. Estava a recuperar bem, mas, recentemente, desmaiara duas vezes, motivo pelo qual me tinham submetido àqueles exames tomográficos. E tinha sido por isso que Doll me marcara uma semana na Toscana, para me distrair, ou talvez tivesse achado que seria a minha versão de nadar com golfinhos, que muita gente parece querer fazer quando não lhe resta muito tempo de vida.

Enquanto me aproximava da área de Consultas Externas de Oncologia, dei por mim a regatear com Deus. *Nem sequer me importo que o cancro tenha voltado, se me deixares passar só um ano ou dois com o Gus.* Porque é isso que se faz, não é, esperando que, se estivermos preparados para aceitar o pior, de alguma forma conseguiremos evitar que isso aconteça? Então, no momento em que atravessava o limiar, ocorreu-me que era completamente possível que tanto o cancro estivesse de volta como que aquilo com Gus não tivesse passado de um caso passageiro sem futuro algum.

Na Oncologia, todos nos tratam com delicadeza. O que pode deixar-nos ainda mais preocupados, para ser sincera.

– Provavelmente, foi de comer tanta massa e gelado! – disse eu à enfermeira ao sair da balança.

– Que maravilha!

Com o cancro, todos julgam que é bom sinal quando aumentamos de peso.

De volta à sala de espera, tornei a verificar o telemóvel. Nada. Já começava a ficar um bocado irritada com Gus, por me preocupar com ele quando o que deveria fazer era pensar no que tinha de perguntar. Ele poderia ao menos ter esperado que eu recebesse os resultados antes de desaparecer da minha vida.

Por fim, chamaram-me. Levantei-me e alisei o vestido. Ao avançar para o consultório, senti o coração a acelerar, sabendo que, quando saísse dali a uns minutos, a minha vida seria diferente.

O mais estranho do cancro era que nunca me tinha sentido doente antes de fazer o tratamento, pelo que, por vezes, me perguntava o que teria acontecido se não tivesse detetado aquele nódulo. Durante quanto tempo poderia ter continuado a levar uma vida normal? Havia uma metade de mim que queria dar meia-volta e ir embora, numa ignorância abençoada. Contudo, o meu lado racional sabia que não saber não seria nada louvável, pois passaria o tempo todo na dúvida. O melhor era enfrentar aquilo. Inspirei profundamente.

Eu nunca tinha visto aquele médico. Nas Consultas Externas, nunca temos pistas acerca do historial dos médicos. Não há fotos da família na secretária, uma caneca preferida para o café. Sempre me pareceu um pouco desequilibrado estar numa relação em que eles podiam literalmente ver-me por dentro e eu não sabia nada acerca deles. O médico digitava qualquer coisa no teclado. Reparei que tinha aliança. Devia andar na casa dos trinta anos. Talvez tivesse frequentado a faculdade de medicina ao mesmo tempo que Gus? Ele levantou a cabeça e sorriu-me, mas os seus olhos não revelavam o que quer que fosse. Eu não conseguia perceber se aquele era um sorriso de boas notícias, ou um sorriso de lamento-ter-de-lhe-dizer.

– Sente-se.

Obedeci.

– Como está? – perguntou-me.

– Não é o doutor que deve dizer-me isso?

Ele tornou a olhar para o ecrã. Perguntei-me se haveria algum código para paciente irritante.

– Não encontrámos qualquer evidência de recorrência de malignidade.

– O que é que isso quer dizer?

– Que não há sinais macroscópicos de doença na sua tomografia...

– E microscópicos? – perguntei.

– A tomografia não deteta sinais microscópicos. Vamos continuar a monitorizá-la durante cinco anos.

– Então, está a dizer que não estou curada?

– Não podemos dizer que esteja curada até a termos monitorizado durante cinco anos.

– Oh.

– Alguma dúvida?

Todas as perguntas em que eu tinha pensado acabavam de se tornar irrelevantes. Tinha-me preparado para o pior e para o melhor, mas não para aquele tipo de limbo.

– O que é que posso dizer às pessoas? Porque os meus amigos e a minha família não vão saber se hão de se preocupar ou de celebrar, pois não?

Ele pareceu ficar surpreso. Por muito que os médicos saibam acerca da doença, parecem ignorar a narrativa com que nós e todos à nossa volta temos de lidar depois de um diagnóstico de cancro.

– Pode dizer que está em remissão.

– Mas estou? Em remissão?

Ele parecia perplexo.

– Quero dizer, *podia* dizer que estou curada, não podia? Mas isso não seria verdade.

Eu sabia que se Doll estivesse ali, diria ao médico que não me fizesse caso porque eu sempre fora um pouco pedante.

– Mas está em remissão.

A minha mãe passou cinco anos «em remissão». Portanto, era melhor do que aquilo que eu tinha perdido.

– Certo. Isso é bom, suponho eu? – Queria que ele dissesse que sim, que era muito bom. Mas ele não o disse.

– E optei pela cirurgia radical, por isso há menos por onde possa aparecer, presumivelmente? – insisti eu de novo, à cata de um pouco mais de otimismo.

– É essa a ideia geral.

A minha vontade era dizer: «A ideia geral? Caramba, achava que era mais científico do que isso».

Mas o que eu disse foi:

– Muito obrigada.

Tinha-me imaginado a sair do hospital em lágrimas. Tinha-me imaginado com os dedos cruzados com força e a saltaricar, feliz. Agora, ao sair para o pátio soalheiro, continuava a sentir uma ténue batida de medo dentro de mim, como se um atacante aterrador tivesse fugido mas pudesse continuar à espreita. Sobretudo, sentia-me esgotada. Emocional e fisicamente exaurida.

Dei-me conta de que não tinha comido nada durante todo o dia e decidi que estava a precisar de um mimo. Um *latte* de caramelo, pensei, seria tanto nutritivo como delicioso. Não era champanhe, mas tão-pouco era quimioterapia. Era uma boa bebida de quase celebração. Avancei para a rua, a

tentar pensar onde encontraria o café mais próximo. Ouvi passos atrás de mim.

– Tess?

Virei-me de supetão.

– O que é que estás aqui a fazer? – O choque fez com que as palavras me saíssem um pouco agressivas.

Ele estava igualzinho à última vez que eu o tinha visto: de *T-shirt*, calções, ténis, cabelo por pentear depois de um duche apressado antes de sairmos para o aeroporto.

– Queria estar contigo.

– E a tua mala?

– Não havia tempo para voltar... tinha o passaporte e a carteira, por isso limitei-me a ficar no aeroporto.

– Porque é que não me mandaste uma mensagem?

– Não sabia se chegaria a tempo de te surpreender...

– Porque é que não apanhaste o mesmo avião que eu, então?

– Porque sou um idiota – disse ele, encolhendo os ombros.

– Não és nada!

– Não discutamos – pediu ele, a sorrir.

Todas as horas que eu tinha passado a duvidar e a preocupar-me desvaneceram-se ao perceber que aquilo era mais romântico do que qualquer reencontro que a minha imaginação pudesse ter conjurado.

– O que é que te disseram? – perguntou-me Gus num tom ansioso.

– Estou em remissão!

De repente, deixou de haver distância entre nós. Eu sentia todos os botões do vestido pressionados contra o peito enquanto ele me abraçava com toda a força, antes de recuar para me segurar o rosto entre as mãos e de me beijar com tanto fervor que era como se tivesse fogo de artifício a disparar-me na cabeça.

– Não achas que sou uma fraude, pois não? – sussurrei, quando finalmente parámos para recuperar o fôlego.

– Como?

– Do género de ter sido uma daquelas coisas como nadar com golfinhos.

O ar intrigado.

– Como se pensasses que tínhamos pouco tempo juntos...

– Isso não podia estar mais longe daquilo em que estou a pensar.

1 O diminutivo da amiga de Tess, Doll, quer dizer «boneca». (*N. da T.*)

Capítulo 3

Fomos regressando a Notting Hill pelo St. James's Park, onde borboletas e abelhas faziam brilhar sebes herbáceas profundas, e depois pela avenida de enormes plátanos londrinos na Constitution Hill, oferecendo-nos a sua sombra verde e fresca, como a nave de uma catedral natural. No Hyde Park, sentámo-nos durante algum tempo a inspirar o perfume estonteante de rosas cor-de-rosa que pendiam em festões à volta do Rose Garden. Quando chegámos ao Serpentine, ele perguntou-me se eu alguma vez andara num daqueles barcos a remos e, quando lhe disse que não, sugeriu-me que alugássemos um no fim de semana. Começámos a fazer uma lista das coisas que nunca tínhamos feito em Londres. Era como estar de férias outra vez. Ocasionalmente, parávamos só para nos beijarmos.

Gus comprou comida numa loja italiana e depois uma caixa inteira de tomate por cinco libras, numa banca do mercado que estava a fechar.

– Como é que vais dar conta disso tudo?

– Vão dar um belo molho para massa, assados com um bocadinho de pimenta e azeite.

Quem diria?

Enquanto ele metia a chave na porta, eu fiquei na rua a lembrar-me de todas as vezes que eu e Doll tínhamos parado diante daquela enfiada bonita de casas, especulando acerca de quem teria a sorte suficiente para viver ali.

– Não entras?

– Está bem – respondi, a tentar parecer desinteressada, mas com o coração a bater com tanta força que receei que ele visse as bolinhas do vestido a palpitar.

O piso térreo era uma única divisão com umas janelas de sacada que davam para um pequeno pátio nas traseiras. A primeira coisa que me ocorreu foi que o espaço estava incrivelmente apurado e limpo, quase como se

estivesse preparado para ser fotografado pela revista *World of Interiors*. A área da cozinha ao fundo tinha armários a condizer num cinzento cor de cimento, e uma grande mesa de madeira. Um soalho simples abarcava todo o piso, mas o recheio delicado da sala era opulento. Um sofá enorme de veludo azul-turquesa, uma lareira rodeada por ladrilhos de Iznik, um tapete antigo com pássaros e flores como os que se penduram como obras de arte nas montras sofisticadas de Piccadilly. Ao dar pelo meu reflexo no grande espelho com uma moldura dourada por cima da lareira, pensei: *Este não é o teu lugar*.

– Põe-te à vontade! – Gus foi até à zona da cozinha.

– Estas são as tuas filhas? – perguntei, a apontar para os esboços emoldurados de um lado e do outro da chaminé.

– Estão bem mais crescidas do que quando fiz esses retratos.

– Foste tu que os desenhaste? Estão fantásticos!

Ele pareceu ficar envergonhado e eu senti-me uma tola. Como poderia eu saber se estavam fantásticos ou não, se nunca vira as filhas dele?

– Aposto que elas adoravam voar ali? – perguntei, a apontar para o tapete. Um olhar intrigado. – Sempre imaginei que um tapete mágico seria assim.

– E que tal um copo de vinho?

– Ótimo!

– Tinto ou branco?

– O que tu fores tomar.

– Há uma garrafa de *Sancerre*... – disse ele, abrindo um daqueles frigoríficos americanos que fazem cubos de gelo sempre que precisamos.

– Perfeito! – respondi, como se fizesse ideia do que era.

– *Salute!*

– *Salute!*

Os nossos copos tocaram um no outro, mas havia um abismo entre nós, como se estivéssemos a conhecer-nos pela primeira vez numa festa. Será que ele se sentia tão nervoso quanto eu? Seria por isso que falava com uma afetação ainda maior de classe média?

– Tens fome?

– Estou absolutamente faminta – respondi, e depois ri-me ao vê-lo pôr um avental.

– O que foi?

– Nada.

Aquele trago de vinho parecia nem ter passado pelo meu estômago, indo-me diretamente para a cabeça.

Tudo estava no seu lugar. Um bloco de facas japonesas, um armário com portas de vidro cheio de *Le Creuset* num tom verde de ovo de pata. Imaginei a loiça suja no meu lava-loiça, a saqueta de chá no escorredor, e dei graças aos céus por termos ido para casa dele e não para a minha.

Ele lavou o tomate debaixo de uma daquelas torneiras que dá água a ferver ou com gás ou como quer que a desejemos. Depois, seleccionando cuidadosamente os mais maduros, cortou-os finamente e dispô-los numa travessa de cerâmica larga, à volta de uma bola de *mozzarella*.

Sentámo-nos um em frente ao outro, à grande mesa de madeira. Ele ofereceu-me um pedaço de pão de um saco de papel que tinha ficado translúcido por causa do óleo.

– Uau! – exclamei, com a boca cheia. – É o pão mais delicioso que alguma vez provei.

– Fu-cá-tá.

– Quem é que ‘tá cá?

Então, ele ensinou-me como se escrevia.

– Tens aqui uma bela casa!

– É sobretudo ao gosto da Charlotte.

– Oh.

Nunca sabia o que dizer quando ele mencionava a ex-mulher.

– Ainda é metade dela. Ela gostava de a vender, mas eu acho que algo na vida das meninas devia continuar igual, não achas? E também é a casa delas.

A tremura da voz revelava que ainda sofria.

– E o campo de férias da tua filha, correu bem?

– Ela está ótima. Ao que parece, só não gostava da comida.

Eu sabia que não devia detestar o facto de ele ter falado com a ex-mulher acerca da filha. Mas os ciúmes não são uma emoção muito racional.

Levantei-me e levei o meu prato para o lava-loiça.

– O que estás a fazer?

– A lavar a loiça.

– Há uma máquina...

– Isto não é muito...

Não sei como, consegui gesticular com o prato que tinha na mão e bater na torneira de luxo. Parti-o mesmo ao meio, e metade caiu no lava-loiça e desfez-se em cacos.

– Oh, meu Deus! Lamento imenso. Compro-te outro...

Nem era capaz de olhar para ele quando se levantou e me tirou a outra metade da mão.

– É só um prato.

De repente, entrevi como ele devia ser como médico. Delicado e calmo, mas bastante firme. Depois começámos a beijar-nos, ele a desabotoar-me o vestido e eu a tirar-lhe o avental ridículo, e fizemos amor nas tiras quentes de sol da tarde que incidia sobre o soalho.

Depois, ficámos só ali a olhar um para o outro, a ouvir o som suave de risos e conversas indistintas nalgum jardim ali perto, juntamente com o cheiro a

churrasco e uma ou outra sirene a fazer-se ouvir de vez em quando.

– É melhor ir andando – disse-lhe quando escureceu.

– Por favor, fica.

– Tenho de trabalhar amanhã...

– Mas estás a cinco minutos de casa...

– Não tenho escova de dentes.

– Eu tenho sempre umas quantas extras, não vá ser preciso.

Tinha sempre escovas de dentes extras? Para quê, perguntei-me enquanto ele corria ao andar de cima.

A forma como o via estava sempre a mudar. Será que ele tinha o hábito de levar mulheres para casa? Seria eu apenas mais uma numa longa fila de casos pós-divórcio? Vesti o vestido, ainda mais determinada a ir-me embora, enquanto ele tornava a descer ruidosamente as escadas, com uma embalagem de plástico em cada mão.

– Bela e o Monstro ou o Buzz Lightyear? – perguntou-me. – A Bella é um bocado maria-rapaz...

Tem graça que uma escova de dentes da Disney possa fazer com que tudo torne a ficar bem.

Capítulo 4

Como todas as Casinhas de Bonecas, o interior do nosso gabinete era cor-de-rosa com remates negros, um esquema de cores baseado no fato *Chanel* que Doll usara quando fora pedir um empréstimo bancário para fundar o seu negócio. As funcionárias usavam uniformes cor-de-rosa com o logótipo de uma Casinha de Bonecas minúscula bordado no bolso de cima. A imagem era feminina, profissional, indulgente. O nosso *slogan* era: «Cuida-te!»

Quando eu tinha comentado que as pessoas não estavam propriamente a cuidar-se a si mesmas, mas a ir ali para que cuidassem delas, Doll disse que só uma pedante como eu pensaria nisso. E, fosse como fosse, o que oferecíamos eram manicuras e pedicuras, não podologia.

A montra estava pintada de cor-de-rosa, imitando a fachada simétrica de uma verdadeira Casinha de Bonecas, com quatro janelas retangulares ao estilo georgiano, para deixar que a luz natural entrasse ao mesmo tempo que, no interior, a sensação de exclusividade era preservada. Para a maioria dos transeuntes, os painéis do «andar de cima» eram demasiado altos e os do « piso térreo » demasiado baixos para que espreitassem sem darem nas vistas, pelo que o meu coração até vacilou quando vi Gus a acenar-me por uma das janelas de cima. Não se dava o caso de que não fosse permitida a entrada a homens. Em Londres, não faltam homens que gostam de ter as unhas arranjadas, além de que vários dos nossos clientes habituais eram *drag queens*. Eu só não estava preparada para lidar com a especulação que a sua presença desengonçada iria gerar, embora a minha gesticulação frenética para o café ali ao lado tenha feito várias técnicas virar-se e reparar nele, mesmo assim.

O café estava cheio de mãos jovens com os seus bebês.

– Não te despediste – disse Gus, quando fui ter com ele a uma mesa apertada ao fundo do café.

Eu tinha-me esgueirado lá de casa de madrugada, depois de ter passado

horas acordada no lado da enorme cama de casal que devia ter pertencido à mulher dele.

– Não posso demorar-me – disse-lhe, quando os nossos *cappuccinos* e o pequeno-almoço dele chegaram. – Comes sempre um pequeno-almoço inglês completo?

– Sempre que posso.

Isso não me parecia lá muito saudável para um médico, mas calculei que tivesse um bom metabolismo, já que era magro que nem um espeto.

– Posso provar? – perguntei, pois ele parecia demasiado educado para começar a comer sem mim.

A torrada tinha muita manteiga e o ovo estava malcozido, mesmo como eu gosto.

Sentia-me muito mais confortável com ele estando de novo em território neutro, até levantar a cabeça e ver Doll a zigzegaguear entre os carrinhos de bebé para chegar à nossa mesa. Não era dia de ela ir ao gabinete, eu tinha a certeza disso. Senti-me como se tivesse sido apanhada a fazer gazeta.

– Deixaste cair um bocadinho – disse ela, a apontar para uma gota minúscula de gema no meu vestido, antes de se inclinar e de a limpar com uma unha muito comprida e lindamente pintada. – A Aggie disse que estavas com um tipo.

Eu tinha esperança de que Gus não se levantasse, mas claro que ele o fez. Teria parecido gigante ao lado dela mesmo que ela estivesse de saltos altos, mas, como Doll estava a usar uns ténis rosa-pálidos e o seu fato de treino rosa-choque da *Juicy Couture*, era como se ela estivesse a olhar para um edifício mesmo muito alto.

– Doll, este é o Gus! Gus, apresento-te a Doll.

– É um prazer conhecê-la – disse ele, estendendo a mão, que ela apertou, ainda com um ar desconfiado. – Peço-lhe alguma coisa para tomar?

– Não dizia que não a uma chávena de chá.

– Por favor, sente-se no meu lugar – disse Gus.

– Eu aperto-me aqui ao lado da Tess.

A barriga dela mal cabia entre a nossa mesa e a do lado. Ficámos a vê-lo avançar até ao balcão.

– Tem muito bons modos – comentou Doll, como se isso fosse uma crítica e não um elogio.

– Parti do princípio de que queria com leite? – disse Gus ao voltar com uma caneca fumegante, limpando cuidadosamente a base com um guardanapo de papel antes de a pousar à frente dela.

– Acertou.

– Para quando espera o bebé?

– Na Véspera de Natal. Tem filhos, segundo me consta?

Ela parecia estar a dirigir uma entrevista de emprego.

– Duas meninas, a Flora e a Bella.

– Flora e Bella – repetiu ela, como se fosse exatamente assim que esperava que se chamassem. – Nós cá temos uma Elsie e esta se for menina vai chamar-se Holly. Não nos decidimos por um nome, caso seja rapaz.

– Não quis saber o sexo? – perguntou ele.

– Você quis? – disparou ela.

– A minha mulher quis. Ex-mulher.

– É uma pena para as crianças, o divórcio. Não é? – comentou Doll.

– Noel – interrompi. – É um nome natalício para um menino.

– Mas ninguém se quer chamar Noel, pois não? – ripostou Doll, como se estivesse zangada comigo.

– Nicholas? – sugeriu Gus.

– O que é que isso tem de natalício?

– São Nicolau – expliquei. – Sabes, o Pai Natal?

– Não vou dar ao meu filho o nome de um velho barbudo.

Porque estaria ela a ser tão implicativa?

– Bem, é melhor voltar para o trabalho – disse eu.

Gus voltou a levantar-se. Ficámos indecisos entre um abraço e um beijo e acabámos por optar por nem uma coisa, nem outra.

– Jantar? – sussurrou ele enquanto eu passava.

– Não tens a tua aula de escrita criativa logo à noite, Tess? – perguntou-me Doll.

– Bem, sim, mas...

– *Ci vediamo* – disse Gus.

– *Sì!* – ri-me eu.

– O que é que estavam a dizer? – perguntou Doll, quando chegámos à rua.

– Só que nos vemos mais logo, em italiano.

Ela revirou os olhos.

– Conheces um gajo e mais ninguém importa.

– Mas que porra?

– Nem sequer me telefonaste para me dizer como correu ontem.

Então, compreendi.

– Meu Deus, Doll, desculpa. Estou em remissão!

Então abraçámo-nos e ela começou a chorar. Tinha-me apoiado durante toda a doença, e até pagara as minhas férias na Toscana. Devia ter sido a primeira pessoa a quem eu dava aquela notícia.

– Eu estava com medo do pior e não sabia se devia telefonar-te, por isso... – fungou ela.

– É só que o Gus voltou. Estava à minha espera à porta do hospital. Então, o que achas?

- O que queres que te diga? É um menino rico divorciado com duas filhas.
- Mas é simpático, não é?
- As pessoas não se divorciam sem uma razão.
- A mulher dele teve um caso.

- Mas já te perguntaste porquê? É disso que estou a falar. As mulheres acham sempre que vai ser diferente com elas. Retrai-te um bocadinho. É o meu conselho. Dás-te sempre com demasiada facilidade.

O ataque inesperado ao meu carácter apanhou-me de surpresa. Não lhe tinha pedido conselhos e o «sempre» era um pouco injusto, tendo em conta que eu só tivera dois namorados sérios na vida inteira. Leo e, antes dele, Dave, que viera a tornar-se o marido dela, mas não ia trazer isso à tona, pois já o tínhamos superado havia muito.

Não percebia o que se passava com ela. Talvez estivesse só a ser protetora, ou talvez estivesse até com alguma inveja? Numa amizade longa, cada um tem o seu papel. Doll era a sedutora baixinha que sabia como os homens funcionavam. Eu era a alta e desajeitada que não sabia. Agora que eu embarcava num romance ardente, ela estava, havia quase dez anos, casada com o mesmo tipo. Mas eu não ia dar cabo da minha disposição alegre com retaliações.

A minha aula de escrita criativa era na City Lit, em Bloomsbury, onde as praças georgianas cheias de folhas tinham placas azuis a comemorar escritores famosos que aí viveram, pelo que era como caminhar seguindo as suas pegadas.

Eu tinha-me inscrito no curso de Escrita biográfica porque já não havia vagas para o curso Começar um romance e, seja como for, dizem-nos sempre que devemos escrever sobre aquilo que conhecemos, mesmo que seja ficção.

Na aula pós-laboral que eu tinha frequentado em Kent, em tempos, o meu tutor e subsequente amante, Leo, era o autor de um romance que entretanto saiu de circulação, acerca de um professor universitário que tem casos com as alunas. Eu tinha encontrado um exemplar em segunda mão no Amazon Marketplace por um *pence* e portes, e lera-o ainda antes de ele ter tentado o que quer que fosse, pelo que, realmente, já devia estar à espera. Talvez estivesse e Doll tivesse razão. Pensara que comigo seria diferente. Porque será que o amor nos faz sentir que somos a exceção?

Eu andava a trabalhar num livro de memórias acerca da minha relação com a minha irmã, Hope. *Living with Hope* era um bom título e eu achava que poderia ser útil para ela ter um registo da sua vida, caso algo me acontecesse. Os outros estudantes eram sempre positivos quando eu lia os meus capítulos em voz alta, o que de facto não queria dizer grande coisa, pois tínhamo-nos inscrito para criticar o trabalho uns dos outros com sensibilidade. Por vezes

ocorria-me que a coisa mais criativa daquela aula era encontrar palavras diferentes de encorajamento para todos os alunos, escrevessem eles o que escrevessem. Antes de eu ir de férias, a professora pedira-me para ficar no final da aula e instara-me a continuar, porque uma amiga sua, que era editora, lhe tinha dito que atualmente os livros sobre pessoas neurodivergentes estavam em voga.

Eu estava a sentir-me um pouco culpada porque, desde então, não tinha escrito nem uma palavra. Os acontecimentos da semana anterior pareciam ter-me redirecionado a atenção, fazendo-me olhar para a frente e não para trás, para o passado.

Não foi essa a desculpa que dei, claro. Invenitei qualquer coisa quanto a ter ficado avassalada por toda a beleza de Florença, o que, por acaso, é algo que realmente existe e se chama Síndrome de Stendhal, segundo a professora. Quem diria?

As luzes do piso térreo estavam acesas, quando passei pela casa de Gus ao voltar a casa. Recordando o conselho de Doll quanto a retraindo-me, disse a mim mesma para seguir em frente, mas depois não resisti a bater. Quem abriu a porta foi uma mulher atraente, a usar batom vermelho-vivo. Parecia-me algo familiar, mas não conseguia perceber de onde a conheceria. Seria cliente da Casinha de Bonecas? O que estaria a fazer ali?

– Esta é a casa do Gus?

– Claro que sim. – Ela fixou-me o olhar.

– Oh!

– Não se preocupe, estou habituada – disse ela.

– Desculpe?

– A que as pessoas achem que me conhecem. Deve ser a Tess. Eu sou a Nash.

E afastou-se para me deixar entrar.

– O Gus não disse que era a Nash Villiers!

Eu tinha achado que Nash era um nome invulgar, mas não associara o nome à atriz que fazia de doutora Sue, a médica atrevida num mundo dominado por machos alfa, no drama médico *Cuidados Intensivos*. Era mais pequena do que eu imaginava e o seu característico cabelo curto e carmesim estava agora castanho e a dar-lhe pelos ombros.

– O Gus acaba mesmo de sair para ir buscar *fish and chips* – disse ela. – A minha última refeição a sério antes de o regime de rebentos de alfalfa orgânica começar. Acabei de conseguir um papel novo em Los Angeles.

– Parabéns – disse-lhe, sem saber se poderia perguntar-lhe o que era. Nunca tinha falado com alguém que eu tivesse visto na televisão. A menos que contasse com Doll, que uma vez fora ao noticiário local quando tinha sido

eleita Empresária do Ano de Thanet³.

– Achei que esteve brilhante como doutora Sue. A série já não é tão boa desde que se foi embora.

Nada fixe. *Para com isso!*, dizia eu a mim mesma.

– É o que acontece sempre a protagonistas femininas com garra. Ou são domesticadas, ou morrem – replicou Nash. – *Barolo?*

Pegou numa garrafa que ia a meio, antes de ir buscar um copo ao armário da cozinha.

O espaço cheirava a fumo de cigarro. Reparei que havia várias beatas no cinzeiro, algumas com marcas de batom vermelho, uma ou duas sem.

– O Gus fuma? – perguntei.

– Só os cigarros dos outros. Senta-te!

Sentei-me com o maior dos cuidados, cheia de medo de entornar vinho no veludo.

– O Gus disse-me que fiquei com o teu quarto na universidade, por isso acho que te devia agradecer. Ele contou-me que perceberam que houve montes de situações em que as vossas vidas não se cruzaram por pouco. Estiveram no mesmo casamento.

– No mesmo voo para Nova Iorque – acrescentei. – No mesmo concerto dos Rolling Stones...

– Sabes o que é que isso parece?

Destino ou acaso fortuito? Não sabia o que havia de escolher.

– Uma comédia romântica! – exclamou ela, antes de fazer uma voz séria, à trailer de filme. – *Duas vidas, dez hipóteses para ficarem juntos. Será possível apaixonarmo-nos por alguém que nunca conhecemos?*

Ri-me.

– A sério, a Netflix ia adorar. Claro que teria de haver um papel para mim como fada-madrinha que vos uniu ao mandar o Gus para a Toscana. Sempre quis ser a fada-madrinha nas peças da escola, mas só me escolhiam como protagonista.

– Eu queria ser a Maria. Mas diziam que eu era demasiado alta.

– De que é que fazias, então?

– Por norma, de pastor, o que era melhor do que ser parte do gado ali deitado, supponho.

– Os únicos papéis femininos do presépio, virgem ou vaca – disse Nash.

Ri-me.

Dei por ela a fitar-me com curiosidade, como se tentasse decifrar-me.

– A descrição do Gus foi mesmo acertada – acabou por dizer.

– Sim?

– Pouco sofisticada, no bom sentido.

Ela parecia achar que isso era um elogio e eu não podia realmente protestar

ao ver que o meu copo de vinho me deixara um círculo roxo na coxa das calças de ganga.

– Se tivesses sido tu em vez de mim no quarto ao lado dele – continuou –, será que te terias tornado sua melhor amiga, ou teriam ficado juntos desde então?

Ela parecia um pouco melancólica. Perguntei-me se teria querido que fossem mais do que amigos.

Tentei imaginar-me a conhecer Gus num corredor de uma residência universitária, com dezoito anos. Ele seria ainda mais um menino de um colégio privado nessa altura, e eu ainda menos interessante, pelo que provavelmente não me teria tornado sequer sua amiga, quanto mais amante.

– As pessoas não ficam com a primeira pessoa que conhecem na faculdade, pois não? Seja como for, se tivéssemos sido um casal, por esta altura já nos teríamos separado.

– O Gus costuma preferir estereótipos femininos mais óbvios – disse ela. – A Menina Perfeita ou a Vampira Sedutora...

Não sabia quem seria a Menina Perfeita. Presumi que a Vampira Sedutora fosse a ex-mulher. Estava a tentar arranjar maneira de perguntar sem dar a entender que queria saber, quando ambas nos sobressaltámos ao ouvir Gus voltar com dois grandes sacos de papel e uma nuvem de cheiro a batatas fritas. A sua expressão passou de surpreendida a ansiosa.

– A Nash veio só despedir-se. Não sabia que vinhas. Só trouxe dois de bacalhau. Mas podes ficar com o meu.

Era evidente que estava tão nervoso quanto a eu conhecer Nash como eu ficara quando o apresentara a Doll.

– Olha para ele todo preocupado por eu poder revelar-te todos os seus segredos – disse Nash.

Gus tinha segredos?

– Ia a caminho de casa. Nem tenho fome.

Nash já tinha desembrulhado a sua refeição.

– Olá, hidratos de carbono e gordura! – exclamou para o pedaço de peixe frito que tinha na mão. – Vou sentir a vossa falta!

– Como foi a aula? – perguntou-me Gus, abrindo outra garrafa de vinho.

– Bem, obrigada – menti.

– É uma aula de quê? – perguntou Nash, ainda de boca cheia.

– Escrita biográfica – respondi.

– É como desenho vivo? Sentam-se todos à volta a *descrever* uma pessoa tua à vossa frente?

Ri-me.

– Não, é só escrever acerca da nossa própria vida.

Quem me dera que Gus não o tivesse referido. Como poderia a minha vida

ser suficientemente interessante para se escrever sobre isso, comparada com a dela?

– Então é como fazer terapia? – perguntou.

– Suponho que sim. – Nunca tinha visto a coisa dessa maneira.

– Mas mais barato – concluiu ela. – E a tua como vai? – perguntou, virando-se para Gus.

Gus fazia terapia? O *puzzle* da imagem que eu ia fazendo dele estava a tornar-se mais como uma parede de vídeo com pequenas histórias em cada ecrã, como o final de *O Amor Acontece*, mas só com um ator.

– Resolveu umas quantas coisas – disse ele, encabulado. – Já não vou.

– Em Los Angeles, é proibido deixar de ir – disse Nash. – Também não é permitido afogar as mágoas em álcool...

Acabou o seu copo e serviu-se de mais um, bem cheio.

Que mágoas poderia ter Nash Villiers? Era a bebida que a tornava melancólica ou seria naturalmente uma pessoa dramática?

A dinâmica alterara-se desde que Gus tinha regressado. O ambiente parecia menos com uma conversa e mais com assistir a uma representação. À semelhança da maioria dos amigos de longa data, Gus e Nash provavelmente tinham uma linguagem própria que eu ainda não conhecia.

– Tenho de ir andando – disse, levantando-me.

– Fica – pediu Gus, e agarrou-me a mão.

Um clarão mínimo de angústia nos olhos de Nash confirmou-me que, em tempos, ela estivera apaixonada por ele.

– Não, a sério – insisti. – Foi fantástico conhecer-te, mas tenho de trabalhar de manhã e fico com a boca preta quando bebo muito vinho tinto.

Assim que o disse, apercebi-me de que não tinha havido necessidade de acrescentar uma segunda razão.

Nash sorriu-me e pareceu agradecida por eu ter percebido que ela queria uma última noite sozinha em Londres com Gus.

– Foi bom conhecer-te, Tess – disse-me, com um beijo enfático em cada face. – Toma conta dele por mim.

– Levo-te a casa – ofereceu-se Gus.

– Não é preciso.

– Eu faço questão – respondeu com firmeza.

Lá fora, com o ar fresco da noite, nenhum de nós falou por uns minutos. O eco dos nossos passos ressoava pela rua deserta.

– Bem, ambos sobrevivemos – acabou ele por dizer.

– Sobrevivemos?

– Ao interrogatório das nossas melhores amigas. Se trancássemos a Doll e a Nash num quarto, qual delas achas que sairia com vida?

– A Doll estava só a ser protetora.

Para mim, Doll era como uma irmã. Eu podia ter pensamentos mesquinhos acerca dela, mas saltava em sua defesa à menor alusão a uma crítica que alguém lhe fizesse. Ao menos Doll era leal. Eu sabia que ela nunca se poria a falar nas minhas costas acerca do meu ex, a quem chamava O Otário de Rabo de Cavalo.

– Tu e a Nash alguma vez estiveram juntos? – perguntei.

– Não – disse ele. Depois, como se isso não fosse uma resposta completa: – A dada altura, ela quis.

– Foi o que me pareceu.

Ele sorriu-me.

– A Nash gostou de ti.

– Como é que sabes?

– Acredita, com a Nash, sabe-se logo.

Claramente, ela e Charlotte não se tinham entendido.

O que sentiria Gus em relação à Vampira Sedutora? Porque manteria a casa tal como ela a deixara? Eu estava desesperada por fazer essas perguntas, mas a nossa relação ainda era tão nova e frágil que era como estar no meio de uma bolha gigante de sabão com todas as cores do arco-íris, que o mínimo toque poderia fazer desaparecer.

² À letra, *Viver com Esperança*. (N. da T.)

³ Distrito governamental de Kent, a cerca de duas horas de Londres, que inclui as cidades de Margate, Ramsgate e Broadstairs. (N. da T.)

Gus

Capítulo 5

Desde o meu divórcio, cada dia era basicamente idêntico ao seguinte. Arrastava-me para um emprego no qual não era lá muito bom. Ia às compras. Cozinhava. De vez em quando, encontrava-me com um amigo. Havia dias em que me obrigava a ir correr, porque sabia que isso me faria sentir melhor, mas com frequência a minha sensação de inutilidade era tão assoberbante que não conseguia sequer dar-me ao trabalho de o fazer. A minha existência era tão vazia como a casa que habitava.

Depois surgiu Tess e cada momento que eu passava com ela era precioso.

Isso fez com que regressar ao trabalho fosse ainda mais difícil do que antes. Tinha mais do que a minha conta de turnos noturnos, o que significava que só conseguíamos encontrar-nos por uns minutos roubados no café do Luis, ou numa ou outra tarde ilícita no seu estúdio por cima do gabinete, onde o póster desbotado da *Primavera* de Botticelli colado à parede me fazia sentir como um estudante outra vez. Tess tinha acumulado poucas posses, à exceção de um *chariot* de vestidos – *eu digo loja em segunda mão, a Doll chama-lhes «vintage»* – e de uma miríade de livros em prateleiras feitas de tijolos e tábuas que ela tinha encontrado num contentor do lixo.

A minha formação fora interrompida pela pausa na carreira que eu tinha feito para cuidar das meninas quando não conseguimos encontrar uma solução decente. Isso permitira que Charlotte subisse na carreira e se tornasse uma das médicas especialistas mais jovens da sua área, mas, ironicamente, tivera então necessidade de um marido que correspondesse ao seu estatuto. A sua traição não fora grande surpresa. Além do sexo, sempre me pergantara o que fazia ela comigo. Mas perder as minhas filhas foi devastador. Eu tinha adorado estar presente em cada marco do desenvolvimento delas, criar arte com elas, levá-las ao parque. Ser pai a tempo inteiro foi muito mais interessante do que qualquer emprego que eu tivesse tido. E eu tinha jeito.

Eram a minha vida e teria lutado por ficar com a guarda delas, caso tivesse alguma esperança de a conseguir, mas sabia que a falta de rendimentos e o meu género eram pontos contra mim. Por isso, deixei que Charlotte fizesse o que queria. Como de costume, dizia Nash. Mas aquilo não era uma competição. Não queria que as minhas filhas ficassem mais traumatizadas por uma batalha feia.

Ironicamente, regressar à medicina era a única maneira que eu conhecia de conseguir dinheiro suficiente para manter a casa para elas em Londres, mas trabalhava como tarefeiro, nunca realmente preparado para me dedicar à profissão e sempre a desejar poder acordar nalgum dia com uma ideia melhor do que realmente queria fazer.

Embora estivesse no mesmo departamento de Urgências havia vários meses, não me sentia parte da equipa. Os meus superiores não compreendiam a minha falta de ambição, os meus pares achavam-na suspeita e as enfermeiras consideravam que as minhas deliberações eram irritantes. Havia objetivos rigorosos a cumprir. Os atrasos implicavam multas para o hospital. Os médicos eram pagos para tomarem decisões, e para as tomarem rapidamente.

As últimas horas de qualquer turno noturno eram completamente alimentadas por adrenalina e café forte. Quando eu saía para o ar fresco, já tinha ultrapassado a exaustão, a ponto de não conseguir dormir. Uma boa forma de atacar a vigília nervosa era um jogo de ténis nos campos de Lincoln's Inn Fields, com o meu amigo Jonathan, que depois ia trabalhar no mesmo hospital, no qual passara à especialidade havia pouco tempo. Tínhamo-nos conhecido no primeiro dia de aulas da faculdade de medicina, mas, ao contrário de mim, ele era genial e dedicado.

Reconheci-lhe a figura ao longe, a praticar o seu serviço. Com os dias a ficarem notoriamente mais curtos, ocorreu-me que provavelmente seria um dos últimos jogos matinais que faríamos naquele ano.

Ele estava com um ar cansado. Também tinha passado a noite em claro, mas fazendo turnos com a mulher para consolar os filhos mais novos, que tinham apanhado varicela.

- As noites sem dormir alguma vez acabam? – perguntou ele.
- Quando os filhos saem de casa?
- Desculpa. Falta de tato.

Na verdade, não estava a referir-me à minha própria situação. Ainda perdia noites de sono quando uma das minhas filhas ficava doente em Genebra. De certa forma, era mais difícil não estar lá e ficar sempre sem saber se Charlotte prestaria atenção suficiente a sintomas a piorar. Era uma dessas médicas indiferentes que parecem imunes à preocupação, motivo pelo qual tinha muito mais vocação para a profissão do que eu.

- Aquecemos e depois jogamos um par de *sets*?

Éramos adversários bastante equilibrados, ainda que Jonathan estivesse mais disposto a perseguir cada bolada. Mas acabámos empatados, um a um.

Depois, íamos sempre ao mesmo café cheio de grupos estranhamente diversos de homens do lixo ensonados a usar roupas com material refletor e de advogados cujas capas negras fediam a álcool rançoso. Bebíamos chá. Eu pedia um pequeno-almoço inglês completo e Jonathan também, mas vegetariano.

– Como correram as coisas na Toscana?

– Bem. – Hesitei, dividido entre querer partilhar a excitação que sentia sempre que pensava em Tess e o *frisson* adicional de continuar a guardá-la como um segredo.

– Onde é que ficaste?

– Num *agriturismo* perto de Vinci.

– Recomendas?

– Vistas maravilhosas, uma piscina infinita, quartos com os frescos originais no teto...

– Tens de me mandar o *link*. Estiveste sozinho?

– Hã... na verdade, conheci uma pessoa.

– Italiana?

– Não... inglesa. Mora perto de mim, por coincidência. Começámos a ver-nos...

– Tens de a trazer a jantar connosco. Que tal na sexta?

Ele e a mulher convidavam-me com frequência a ir a sua casa. Normalmente, juntamente com alguma amiga solteira de Miriam. Eu apreciava a generosidade deles, mas as tentativas de casamenteira de Miriam não tinham tido sucesso. E não sabia se queria submeter Tess a um interrogatório por parte de Miriam. Para mais, a especialidade de Jonathan era oncologia, o que também era capaz de ser desconfortável para ela.

Imaginei o corpo magérrimo de Tess contornado pelo Sol a pôr-se, quando parámos para ver a vista a partir do Eye e das Casas do Parlamento na Ponte de Waterloo, no domingo anterior. Era a pessoa mais vivaz que eu alguma vez conhecera, desprovida de qualquer cinismo ou autocompaixão, mas sempre que eu lhe tocava nas cicatrizes da cirurgia recente, recordava-me da sua fragilidade. Ela nunca queria falar sobre cancro.

– Já foi suficientemente mau tê-lo – disse ela. – Pior é ser definida por isso e que toda a gente seja amável connosco, como se fosse o nosso aniversário ou algo assim. Seja como for, nalguns sentidos ter cancro é uma dádiva. Porque nos obriga a experienciar as coisas com mais entrega. É claro que não é possível vivermos cada dia como se fosse o último, porque se assim fosse nunca se lavaria a roupa, mas o cancro torna as cores mais vivas, de certa forma.

Com o dealbar do outono, as folhas pareciam mais douradas e o estalar

seco quando as pisava era mais satisfatório do que nunca. Até coisas que tinha feito muitas vezes antes, como visitar a Galeria Nacional, me pareciam novidades emocionantes com ela.

– Acho que é o mais parecido em Londres com estar numa igreja florentina – disse ela, quando nos encontrávamos já há algum tempo em frente ao altar de Jacopo di Cione, com a sua imagem dourada do Cristo adulto a tocar na testa da mãe num gesto delicado de amor.

Quando depois a levei a comer *dim sum* na Chinatown, ao início ela desconfiou do menu escrito em chinês, mas o seu rosto deu lugar à surpresa quando se atreveu a provar *char siu bao*.

– É só um dónute de compota com porco.

Ela via beleza nas coisas em que eu tinha deixado de reparar. A lufada de aroma que saía da porta aberta de uma florista; o fascínio de uma criança pequena pelos patos nos Kensington Gardens; as manchas de luz à superfície do Tamisa.

– Não está tão cinzento como quando o Monet o pintou – comentara na Ponte de Waterloo. – Sabes que ele se hospedou ali no Savoy? Imagino-o sempre a comer o pequeno-almoço e a pensar, oh, valha-me Deus, mais um dia de nevoeiro?!

De repente, dei-me conta de que Jonathan se encontrava à minha frente, a olhar para o meu sorriso inane e ainda à espera de uma resposta ao seu convite.

– É cedo – disse-lhe.

Capítulo 6

No final de outubro, Tess anunciou que se aproximava o aniversário da irmã e que ela ia a Margate para a reunião familiar.

– E eu estou convidado?

Ela pareceu ficar aflita. Eu sabia que a ideia de eu conhecer o seu pai a deixava nervosa. Não que estivesse desejoso de o fazer. Ela não falava tanto dele como da mãe, mas eu sabia que os dois irmãos mais velhos tinham saído de casa assim que tinham tido idade suficiente, por causa do temperamento violento dele.

– Não sei bem como é que a Hope reagiria a um desconhecido...

– Nalguma altura vou ter de a conhecer...

Por vezes, inadvertidamente, eu dizia qualquer coisa que lhe suscitava um sorriso tão puro e radiante, como um feixe de luz quando o Sol passa por uma nuvem. Nunca tinha conhecido alguém que revelasse os sentimentos de uma forma tão aberta. Essa era uma das coisas que eu achava incrivelmente atraentes nela.

– Não sei se vai ser a tua onda... Vamos sempre ao mesmo *pub* que tem um rodízio, uma máquina de gelado sem fundo e *karaoke*...

– E toda a gente tem de cantar? – perguntei, um pouco alarmado.

– Só a Hope. E o meu pai, dependendo de quanto tenha bebido. Depois de uma ou duas cervejas, é encantador, se toma mais uma põe-se piegas como tudo e, depois disso, é preciso ter cuidado. Eu e a minha mãe andávamos sempre a pisar ovos...

– E a Hope?

– A Hope não pisa ovos. Esse foi um dos motivos para eu ter de ficar com ela.

– E se passássemos lá o fim de semana? – sugeri. – Reservo um hotel.

Observei-a a sopesar mentalmente todos os contras antes de acabar por me

dar aquele sorriso.

Tess tirou a tarde de sábado para podermos fazer o caminho de carro até lá sem pressas.

– O que é isto? – perguntou ela, abrindo a porta do passageiro do meu velho *Volvo* e pegando no saco que estava em cima do assento.

– Não sabia o que dar à Hope, por isso fiz-lhe um bolo. Ainda está quente.

– Que ideia tão querida – disse ela. – O problema é que a companheira do meu pai, a Anne, é que trata do bolo, das velas e tudo.

– Nunca se tem bolo a mais no aniversário, pois não?

– A Hope é de ideias muito fixas.

A irmã tinha recebido o diagnóstico de síndrome de Asperger aos doze anos. De certa forma, dissera-me Tess, fora um alívio saber que as dificuldades de Hope não se deviam a qualquer deficiência do cuidado que ela lhe prestara, na ausência da mãe.

O seu relato tinha-me deixado agudamente ciente da perspetiva estreita que os médicos têm da complexidade das vidas que alteram com apenas umas quantas palavras.

O diagnóstico permitira que Hope obtivesse algum apoio oficial na escola. Mas também a tinha rotulado como sendo diferente.

– Quero dizer, ela é diferente – dizia Tess. – Mas porque é que não podemos ter um espectro maior de normalidade? E, afinal, o que é que ser normal tem de tão espetacular? Quando estamos com a Hope, apercebemo-nos de que a maioria das pessoas passa a vida a dizer coisas que não são verdade.

O hotel boutique onde reservei um quarto ficava em frente ao mar. Ao que parecia, até recentemente tinha sido uma pensão sem nada que a distinguisse, oferecendo alojamento temporário a cuidadores da comunidade.

– Estava eu a ir embora para a capital e esta malta metropolitana das artes começou a vir para cá – disse Tess, enquanto entrávamos num quarto com uma cama grande e uma banheira com pés. – Sempre que vejo daquelas coisas em revistas pergunto-me: como é que as tábuas do soalho não ficam podres?

– Anda cá – disse-lhe eu, puxando-a para a cama.

Estávamos juntos havia quase três meses, mas era sempre eu a iniciar o sexo, com Tess a responder ao primeiro toque como uma virgem tímida de um convento. Eu passara a adorar o momento em que a sua respiração acelerava ligeiramente e ela baixava os olhos com recato.

– Não é melhor fecharmos as cortinas? – perguntou ela.

– Quem é que nos vai ver, além das gaivotas?

– Nunca fiz amor com vista para o mar.

Quando nos beijávamos, ela entregava-se tão completamente que tudo o que eu queria fazer era agarrar nela e possuí-la até ficar sem sentidos.

Quando chegámos ao *pub*, a família já tinha feito a primeira incursão ao bufete.

– Já quase tínhamos desistido de ti – disse o pai dela.

– São sete e um quarto – respondeu Tess.

Pelo rubor das suas faces, calculei que já teriam chegado havia um bom bocado. Quando ele se levantou, revelou ser maior do que eu esperava, vestido para a ocasião com um *smoking* e uma faixa para a cintura. Dominava o espaço como um promotor de boxe. Ao lado dele encontrava-se uma mulher anafada a usar um vestido negro elástico com painéis roxos de um lado e do outro, que talvez dessem a ilusão de emagrecimento, não fosse o vestido uns quantos números abaixo do que devia. Ao lado dela, a mergulhar numa tigela de sorvete, estava uma jovem de cabelo curto e despenteado, a usar um vestido de lantejoulas enfiado por cima de umas calças de fato de treino.

– Hope, este é o meu amigo Gus – disse Tess.

– Feliz Aniversário! – desejei-lhe.

– Como é que sabes que é o meu aniversário?

– Foi um passarinho que me contou.

– Que passarinho? – perguntou Hope.

– A Tess.

– Eu cá não chamava passarinha à Tess, se estivesse no seu lugar! – riu-se o pai dela.

– Não ligue, Gus. – A senhora anafada vinha em meu auxílio. – Chamo-me Anne. Conhece a Tess há muito?

Os seus olhos fortemente maquilhados pareciam ser capazes de me sorrir e de ralhar com Tess ao mesmo tempo, por não lhes ter dito que levava um convidado.

– Trate-me por Jim – instruiu-me o pai de Tess, oferecendo-me um aperto de mão esmagador. – É a sua primeira vez em Margate?

– Sim.

– Isto agora já não é uma modorra. Temos uma mercearia de produtos orgânicos e uma galeria de arte – disse ele, a tomar-me as medidas com uma precisão impressionante.

– Mal posso esperar por visitar o Turner – respondi.

– Estou a ver que deitaste a mão a um intelectual, Tess!

– Venha sentar-se aqui ao meu lado, Gus – atalhou Anne.

– Aí é onde se senta a Tree – reclamou Hope.

– O que é que bebe, Garth? – perguntou o pai de Tess.

– Eu sirvo-o – disse eu.

– Um intelectual e um cavaleiro, Tess!

– É Gus – disse ela.

– Ai, é Gus? – perguntou Jim, como se a palavra dela não bastasse.

– Diminutivo de Angus – expliquei.

– É escocês?

– O meu pai é.

– Bem, não vou levar-lhe isso a mal! – E deu-me uma palmada com força nas costas antes de voltar a sentar-se.

– Eu ajudo-te a trazer as bebidas – disse Tess, apressando-se a afastar-me dali.

– Parecem muito simpáticos – disse eu, ao reparar que ela se tinha encolhido ligeiramente e olhara para trás quando lhe passei o braço à volta das costas ao chegarmos ao bar.

– A Hope não entende metáforas.

– Não, desculpa. Não sei de onde é que isso veio. Estava tão nervoso por sair-me bem com ela que acabei por fazer tudo mal.

O sorriso.

– Onde é que está o Martin? – perguntou Tess aos outros, quando voltámos à mesa.

– Não está satisfeito com a qualidade das colunas – disse Hope.

– Por isso, trouxe as dele – concluiu Anne, piscando-me o olho. – Assim é o Martin!

Nesse preciso momento, um jovem com cara de poucos amigos chegou à mesa com uma caixa de ferramentas.

– Já está tudo a postos para ti, Hope – disse ele.

Ela levantou-se e foi até ao pequeno palco. Fez-se silêncio no *pub* à medida que os outros clientes iam reparando em quem estava ao microfone. Dei por mim a ficar um pouco nervoso por ela. Depois, a introdução de «Crazy» começou e quando Hope começou a cantar fê-lo numa voz tão poderosa de cantora de *blues* que poderia ser a própria Patsy Cline quem estava ali.

Incrédulo, observei aquela pequena pessoa excentricamente vestida a imbuir a letra de toda a capacidade vocal e requebros de emoção da cantora de *country*.

– Ela é incrível! – Virei-me para Tess, mas esta estava completamente concentrada na atuação da irmã, sustendo a respiração a cada mudança de nota mais difícil e depois sorrindo com todo o alívio, orgulho e amor ininterrupto que se vê nos olhos dos pais quando assistem aos filhos na peça de Natal da escola.

Quando a canção terminou, todo o *pub* desatou a aplaudir e a dar vivas. Hope manteve-se inexpressiva e impávida até dar pelas gesticulações de Martin e fazer uma pequena vénia.

A música que se seguia era a escolha bizarra de «Pie Jesu», que ela cantou com a mesma expressão desapaixonada, ao mesmo tempo que conseguia transmitir toda a reverência na pureza da sua voz.

– Gostas de me ouvir cantar, Tree? – perguntou Hope, ao regressar à mesa com mais gelado.

– És mesmo espetacular!

– Gostas de me ouvir cantar, Tree? – repetiu Hope.

– Sim, gosto.

– Gostas de me ouvir cantar, pai?

O homenzarrão limpou uma lágrima de um olho.

– Sim, Hope, foi fantástico.

– Gostas de me ouvir cantar, Anne?

– Claro que sim, Hope. Sim.

Hope olhou para mim.

– Tens quatro sins! – exclamei.

Senti toda a gente a ficar tensa e perguntei-me se teria cometido algum erro terrível. Depois Hope sorriu e, pela primeira vez, vi uma semelhança entre as irmãs no clarão de alegria pura que lhe alterou o rosto e o tornou lindo por um segundo.

Ela correu de volta para o palco.

– Ó pra ele, armado em Simon Cowell⁴, seu sacana charmoso! – sussurrou Tess. – Ele é só a pessoa preferida de Hope.

Ao que parecia, o repertório habitual de Hope incluía temas favoritos de Kylie Minogue e Céline Dion, mas naquele ano também tinha aprendido a cantar «Someone Like You», de Adele, dando-lhe todas as emoções ardentes de uma relação terminada e fazendo-nos viajar aos nossos mundos privados de magia.

– Não sei como fazes isto, Hope – disse Anne, a limpar o rímel esborratado.

– Ensaio com o Martin. Onde é que está o meu bolo?

– Anne? – O pai de Tess lançou um olhar intenso à companhia.

– Volto já.

Seguiu-se um silêncio ligeiramente incómodo.

– Que linda voz tens, Hope – arrisquei, ao não obter resposta: – Deve estar muito orgulhoso das suas filhas, Jim.

– Os meus filhos são todos talentosos, Garth – disse ele. – O Kevin, o meu mais velho, está no palco e o Brendan... para que é que o Brendan tem jeito, Tess?

– Para aplicar estuque.

– O que é uma verdadeira arte – comentei.

Senti Tess a retesar-se a meu lado.

– Uma vez, cometi o erro de tentar fazê-lo, a julgar que não havia de ser assim tão difícil. Cheguei a um ponto em que tinha mais estuque do que parede, até que liguei a um profissional. A sala ficou lisinha como seda num par de horas!

O silêncio que se seguiu pareceu durar horas, até que Jim se riu.

– Mais estuque que parede! – bradou ele. – Não há de ser assim tão difícil!

Todos recomeçaram a respirar.

O gerente do bar diminuiu as luzes e Anne apareceu com um bolo com cobertura e vinte e uma velas acesas. Todo o *pub* cantou os «Parabéns a Você», à exceção de Martin e Hope, cujas caras indicavam que o coro desafinado era uma afronta.

– Pede um desejo! – disse Anne enquanto Hope soprava as velas.

– Que desejo?

– Tu é que sabes, Hope.

– Agora presentes.

– Anne!

– OK, Jim, dá-me um segundo. Acabei de tratar do bolo.

– O trabalho de uma mulher nunca acaba! – Jim piscou-me o olho.

Começava a arrepender-me da minha tentativa de cair nas suas boas graças. Não queria cair na armadilha de fazer panelinha com ele, suportando as suas opiniões machistas.

Anne passou à enteada uma caixa embrulho da *Pandora*, com uma pulseira de prata que tinha um pendente em forma de chave.

– Quem é que tem a chave da porta? – perguntou Jim.

– Que porta? – perguntou Hope, a tocar no pendente com um ar desconfiado.

– Nunca tinhas tido vinte e um anos!

– Obviamente.

– Podes acrescentar-lhe todo o género de pendentes que queiras – disse Anne, num tom ligeiramente desesperado.

– Ficam os aniversários e os natais resolvidos para os próximos tempos – regozijou-se Jim.

– Queres que te ajude a pô-la? – perguntou Tess.

E fechou-a à volta do pulso rechonchudo de Hope.

Todos fitámos a pulseira por uns momentos, e depois Hope perguntou:

– Agora posso tirá-la?

– Mais uma *Guinness*, Jim? – ofereci. – Trago-te alguma coisa, Martin?

– Ainda não acabei esta – disse ele, mostrando-me um copo meio-vazio.

– Onde é que está o teu presente, Tree? – perguntou Hope.

– Deixámo-los no hotel – explicou-lhe Tess. – Achámos que podíamos levar-tos amanhã.

– Hotel? – De repente, o pai de Tess levantou-se, impondo-se sobre ela e espetando o indicador bem perto da cara dela. – Foste desperdiçar dinheiro num hotel quando a Anne limpou o quarto de hóspedes e pôs lençóis lavados na cama e tudo?

Tess recuou, encostando-se a mim. Eu passei um braço firme à volta dos ombros dela, para nos tornar uma unidade.

– Não queríamos dar-vos trabalho – disse eu, numa voz calma e firme. Tinha de lidar com bastantes bêbedos nas Urgências.

– Não dá trabalho nenhum! – gritou Jim.

O que contradizia o que ele acabava de dizer. Como se tivesse ouvido as suas próprias palavras, Jim ficou com um ar ligeiramente perplexo e, como não tinha conseguido provocar uma reação, tornou a sentar-se.

– Fica muito mais perto da Hope. – Tess tentava ser apaziguadora. – Gostava de passar algum tempo contigo amanhã, Hope.

– Ela amanhã trabalha – disse Martin.

– Toda a gente precisa de uma pausa para um café, não é? – intervim.

– Eu não gosto de café – disse Hope.

Parecia que tínhamos chegado a uma espécie de impasse.

– Bem, foi uma noite encantadora.

– Vou precisar de ajuda para levar as colunas – disse Martin.

– Nós ajudamos, não é, Gus? – ofereceu-se Tess, de imediato.

Quando ele acabou de as desligar e me deu uma para levar para o carro, o pai de Tess e Anne já tinham apanhado um táxi para casa.

– Tentaste mesmo estucar uma sala? – perguntou-me Tess, quando estávamos deitados ao luar, sob um edredão branco como neve.

– Achas que me atrevia a mentir ao teu pai?

– Lamento que ele seja assim.

– E eu lamento ter-te causado problemas por ficares aqui.

– Oh, não te preocupes, se não tivéssemos reservado um quarto, ele ia acusar-nos de tratarmos a casa da Anne como se fosse um hotel. Isso se aceitasse sequer que eu partilhasse um quarto com um homem debaixo do seu teto. Portanto, fosse como fosse, ficaríamos em apuros.

Ela dizia aquilo com tanta equanimidade, quando ele se mostrara tão ameaçador, que a puxei para os meus braços e lhe beijei o alto da cabeça, para que ela soubesse que já estava em segurança.

De manhã, subimos por uma calçada até à loja de Martin e ficámos a ouvir Hope a ensaiar escalas no apartamento por cima.

– Como é que eles se conheceram? – perguntei.

– Eu trouxe-a cá quando ela era adolescente porque ela adorava música e a

escola sugeriu que lhe arranjasse um teclado. A loja era do pai do Martin, mas quando ele morreu o Martin continuou o negócio. Foi ele que lhe recomendou o melhor. A Hope é do género de pessoa que é capaz de tocar o que quer que seja, por isso ele deixava-a experimentar alguns dos outros instrumentos. E a modos que se entenderam. Estão os dois um bocado «no espectro», embora eu deteste essa expressão, porque no espectro estamos todos, não é? Caso contrário, não seria realmente um espectro.

Eu nunca tinha pensado naquilo assim.

– Por isso, ganhámos o hábito de vir até cá aos sábados à tarde. Depois, quando a Hope precisou de experiência laboral quando começou o décimo primeiro ano, eu tive a bela ideia de perguntar ao Martin se ela podia fazer as suas duas semanas na loja dele. Ela revelou ter jeito para se lembrar onde se guardavam todas as coisas e peças, como as cordas de guitarra e as palhetas de clarinete e, para ser sincera, não era pior a atender os clientes do que ele. Isso deu tempo ao Martin para reparar instrumentos na oficina das traseiras, que é o que ele realmente gosta de fazer. Assim, depois de ela acabar os exames, ele acabou por lhe oferecer um emprego. E passados uns anos ela anunciou que queria ir viver com ele...

Esperava ver riso nos olhos de Tess, mas, em vez disso, vi tristeza.

– Tudo o que sempre tinha desejado era que a Hope fosse capaz de se tornar uma pessoa independente, mas foi um grande choque. Ela nem nunca tinha tido um amigo, sequer... Por isso, se calhar era a mim que me custava ser independente? – Ela sorriu. – Seja como for, ela tinha dezoito anos e sinceramente não é possível impedir a Hope de fazer uma coisa quando se fixa nisso.

– Parecem felizes juntos... – comentei.

O rosto de Tess franziu-se numa careta. Isso era claramente algo que a preocupava.

– É difícil perceber quando a Hope está contente, mas normalmente ouve-se quando não está. Quando ela saiu de casa, eu costumava vir até aqui ao final do dia e ficava a ouvi-la cantar, acompanhada pelo Martin a tocar. Pareciam dar-se bem.

Abracei-a. No contexto familiar, ela parecia uma pessoa muito mais vulnerável.

– Nunca soube ao certo até que ponto estão juntos – disse Tess. – A Hope não faz nada daquilo a que chama «coisas de abraços e beijinhos».

Tess tinha comprado o presente da irmã quando estávamos em Pisa. Era uma caixinha de música da torre inclinada, que tocava uma melodia vagamente reconhecível à medida que girava. Martin identificou-a como sendo «O Coro dos Escravos Hebreus», da ópera *Nabucco*, e pôs-se à procura

da melhor versão nas prateleiras de CD, para que pudéssemos ouvi-lo como devia ser.

– Eu sei cantar ópera – anunciou Hope, quando Martin finalmente desligou o leitor de CD.

E começou a cantar a ária «Rainha da Noite», de *A Flauta Mágica*, de Mozart.

– Para! – disse Martin, erguendo uma mão.

Hope obedeceu.

– Quantas vezes te disse que primeiro tens de aquecer a voz?

– Trinta e sete.

Suprimi uma risada.

– É uma pena que tenha chegado tão tarde à ópera – disse Martin. – Se tivesse tido aulas antes, quem sabe?

– O Gus fez-te um bolo, Hope – disse Tess, dando-me um toque.

– Isso não parece um bolo – comentou Hope.

– É de *polenta* com laranja.

– Prova. O Gus cozinha muito bem – disse Tess com lealdade.

– É arenoso e está coberto de compota – pronunciou Hope, cuspiendo cuidadosamente para o prato o pedaço que tinha levado à boca.

– Ora ainda bem que não fui ao *Masterchef*!

– Candidataste-te ao *Masterchef*? – quis saber Martin.

– Não.

Martin olhou para o relógio. Estava na hora de a loja abrir e de nós irmos embora.

Quando Tess tentou abraçá-la, Hope manteve-se retesada como uma prancha e completamente alheada. Pressenti que não seria sensato tentar algo mais do que um aceno animado.

Assim que ficámos longe da vista deles, demos a mão um ao outro e desatámos a correr rua abaixo, rindo a bandeiras despregadas mal tivemos a certeza de que não nos ouviriam.

Depois de fazermos o *checkout*, andámos de carro pelas ruas da infância dela. Tess indicou-me a casa de habitação social onde tinha crescido, a igreja onde todos tinham feito a Primeira Comunhão, sem terem bem a certeza no que tocava a Hope, porque ela cuspira a hóstia.

De vez em quando, ela via alguém que conhecia e baixava o vidro para chamar essa pessoa e acenar-lhe.

– Estás de volta, Tess? Só o fim de semana? E como é que estás? Em remissão? Graças a Deus! Quem é o teu amigo?

Ainda no passeio, dobravam o corpo para me espreitar e acenavam-me quando ela lhes dizia o meu nome, fazendo-me desejar ter um carro mais

impressionante ou, pelo menos, ter lavado aquele.

Passámos pela escola primária onde Tess conhecera Doll, que na verdade se chamava Maria Dolores, e onde Tess voltara mais tarde como assistente, porque a irmã precisava de apoio. Eu começava a perceber que ela fora uma progenitora para Hope, tal como eu para as minhas filhas.

– Obrigada por a tratares com naturalidade – agradeceu-me. – A maior parte das pessoas é condescendente com ela ou fala mesmo muito alto porque acha que ela é estúpida. Mas o QI dela não tem problema nenhum.

– Ela tem mesmo uma voz extraordinária.

– Sim, não é só a questão do ouvido absoluto, seja lá o que isso for, mas também nos transporta, não?

Acenei com a cabeça.

– Como quando ela canta «Pie Jesu», estou de volta à cozinha com a minha mãe a fazer chá num domingo à tarde e a Hope está na sala a assistir a *Songs of Praise* e, de repente, damo-nos conta de que o que estamos a ouvir não é a cantora na TV. Não sei como, mas ela leva-nos para outro sítio.

A caminho de um sítio lindo na costa que Tess quis mostrar-me, passamos pela casa moderna de Doll, no alto de um desfiladeiro, mas, para meu alívio, ela não sugere que a visitemos.

Reculver era um castelo à beira-mar. Íamos de braço dado até lá e Tess estava claramente preocupada.

– O Martin acha que eu impedi a Hope de fazer coisas, mas isso não é verdade. Não tínhamos dinheiro para lições de canto. Na nossa casa, ninguém sabia nada sobre ópera.

– Eu estou-me a borrfifar para o que o Martin pensa – disse-lhe.

– Já o nosso pai achava que eu a mimava. Por isso, na verdade não havia como ganhar. Mas a Hope sempre foi a coisa mais importante do mundo para mim.

Os olhos dela brilhavam com um amor tão intenso que senti uma pontada de ciúmes, coisa que eu sabia que era completamente irracional. O amor não é finito. Eu tinha descoberto isso aquando do nascimento da minha segunda filha.

Parei de caminhar e segurei-lhe as duas mãos.

– Não faças caso a esses *bullies* – disse-lhe. – É óbvio que foste uma irmã maravilhosa para a Hope.

– *Bullies*?

– Desculpa, não queria...

– Não. É uma das coisas mais amáveis que alguma vez me disseste. – Dirigiu-me um sorriso luminoso. – Foi tão bom ter-te aqui ao meu lado.

Tornou a dar-me o braço enquanto seguíamos caminho e eu senti uma

mescla desestabilizadora de excitação e responsabilidade a percorrer-me o corpo. Detive-me.

– O que foi? – perguntou ela, com o cabelo a agitar-se à frente do seu rosto, devido à brisa forte que vinha do mar.

– Nada, é só que... – E abracei-a com tanta força que quase caímos.

– Então, quando é que eu vou conhecer as tuas meninas? – perguntou Tess, quando finalmente nos soltámos.

Apesar do seu tom descontraído, eu sabia que ela estava tão apreensiva acerca disso quanto eu estivera em relação a conhecer a família dela.

– Vêm a Londres no Natal. Bella é um amor. Já com a Flora é preciso algum tempo para nos habituarmos. É mais parecida com a mãe.

– Em que sentido?

– Bem, é impressionantemente linda e sofisticada. A Charlotte estava num nível bem acima do meu!

O olhar assarapantado de Tess revelou-me que aquilo que eu pretendia que fosse uma autocrítica fora recebido como uma comparação. Idiota! Não me ocorria qualquer tentativa de melhorar as coisas que não corresse o risco de tornar a asneira ainda pior. Quem me dera que pudéssemos simplesmente rebobinar a conversa para um momento antes de a minha família ter vindo à baila.

– Onde havemos de ir almoçar? – perguntei apressadamente. – E se fôssemos ao The Oysterage, em Whitstable? Podíamos ver se o Marcus e a Keiko querem ir...?

Marcus, meu amigo dos tempos da escola, era advogado na City, investindo a maior parte dos seus vastos rendimentos em propriedades. Além de uma velha casa paroquial numa aldeia perto de Oxford – a casa da família – ele e a mulher, Keiko, eram proprietários de um *pied-à-tierre* em Barbican e tinham recuperado um casebre de pescador mesmo na praia de Whitstable, onde passavam a maior parte dos fins de semana.

– Não gosto mesmo nada de ostras – disse Tess, voltando para o carro à minha frente.

Por isso, encontrámos um *pub* amadeirado na zona rural de Kent, que servia um assado decente. Ainda fazia calor suficiente para nos sentarmos na esplanada, mas, à medida que o Sol começou a pôr-se, a temperatura baixou, e também conversávamos menos do que era habitual. Eu tinha a sensação de que o meu comentário provocara uma fissura irreparável na nossa relação, algo praticamente invisível mas que, de alguma maneira, punha toda a estrutura em risco.

4 Produtor e apresentador de televisão britânico, conhecido como jurado de concursos televisivos de talento musical como *Britain's Got Talent*, ou *The X Factor*. (N. da T.)

Capítulo 7

Na véspera de Natal, estacionei ao lado do *Corsa* da minha mãe no acesso de gravilha e suspirei ao desligar o motor.

Na porta da rua estava a mesma grinalda que aparecia em dezembro desde que eu me lembrava, com a fita de xadrez vermelho já desbotada em tons mortiços de rosa e cinzento. Quem me dera ter seguido o impulso de comprar uma nova na florista da zona, feita de galhos entrelaçados com *kumquats* secos e pauzinhos de canela, em vez de optar pelo que tinha julgado ser a escolha mais segura de um ramo de rosas cor de neve com folhas prateadas.

– Flores brancas – disse a minha mãe assim que abriu a porta, a usar um dos seus aventais festivos.

Inclinei-me para lhe dar um beijo na face, detetando de imediato uma aura azeda de *gin*.

– Que problema tem que sejam brancas? – perguntei.

– Diz-se que dá azar trazê-las para dentro de casa.

– Então deixo-as aqui fora, que achas? – repliquei, com o sarcasmo do adolescente ressentido em que parecia tornar-me sempre que voltava a casa.

Ela hesitou por um momento antes de as aceitar e depois afastou-se para que eu entrasse no átrio.

– Chegaste tarde, por isso não esperámos por ti.

Eu tinha ficado em Londres até a Casinha de Bonecas fechar para poder trocar presentes com Tess, mas o dia fora excepcionalmente azafamado, pelo que só tínhamos tido tempo de trocar os embrulhos ainda fechados antes de ela ter de correr para apanhar o comboio para Margate.

– Papá! – Bella atirou-se para os meus braços.

Estava mais pesada do que da última vez que eu lhe tinha pegado, no verão, mas ainda tinha aquele cheiro maravilhoso de criança acabada de tomar banho e com um pijama lavado.

A minha filha de nove anos, Flora, nunca fora tão demonstrativa dos afetos como a irmã mais nova. O seu cocuruto já me chegava ao queixo e ela pôs-se em bicos de pés para me cumprimentar à europeia, com um beijo em cada face.

Embora falássemos pelo *Skype* todos os fins de semana, elas mudavam muito depressa. Eu sentia sempre uma pontada de tristeza pelo que tinha perdido e nunca recuperaria.

– A Charlotte e o Robert seguiram para uma semana muito merecida em Antígua – informou-me a minha mãe.

Que tipicamente eficiente da minha ex-mulher transformar uma visita de Natal numa paragem a caminho de um destino mais exótico.

– Papá, podemos abrir já os presentes? – perguntou Bella.

– Claro que não – atalhou a minha mãe, antes que eu pudesse fazer-lhe a vontade. – Nesta casa, os presentes abrem-se na manhã de Natal.

– Lê-me uma história, papá?

– Claro que leio – respondi rapidamente. – Trouxeste algum livro?

– Trouxe uma dúzia – queixou-se a minha mãe. Bella não era económica a fazer as malas. Por vezes eu perguntava-me se a sua mala enorme significaria que tinha esperança de poder ficar para sempre.

O paradoxo estranho dos pais divorciados consiste em querermos desesperadamente que os nossos filhos nos sintam a falta, ao mesmo tempo que não queremos que nos sintam a falta de todo, pois isso indicaria que a separação era tão difícil para eles como para nós.

Lemos uma das nossas histórias favoritas do ursinho Paddington, como costumávamos fazer sempre quando morávamos na rua onde elas se passavam.

– Sinto saudades da nossa casa na Portobello Road – disse Bella, um pouco melancólica, quando fechei o livro.

– Bem, vamos estar lá daqui a um par de dias – respondi-lhe. – E quero que conheçam uma pessoa que também mora na Portobello Road.

Cada vez era mais difícil não lhes falar de Tess, que se tornara uma parte tão importante da minha vida, mas não me parecia certo apresentá-las através de um ecrã de computador.

– Quem? – perguntou Flora de imediato.

– Chama-se Tess. Trabalha na Casinha de Bonecas – acrescentei, esperando impressioná-la.

Flora espreitava sempre com um ar interessado pelas janelas quando íamos tomar o pequeno-almoço ao café do Luis.

– A Tess é tua namorada? – perguntou Bella.

Lembrei-me de que me fizera a mesma pergunta acerca de Nash no verão anterior. Eu não sabia se elas quereriam ou não que eu tivesse uma namorada.

– Sim, é.

Fiquei com uma sensação calma no estômago só de o dizer, como um antiácido a curar azia.

– Podemos ouvir outra história? – perguntou Bella.

– Não – disse Flora, virando-se para a parede, de costas para mim. – Temos de dormir, senão o Pai Natal não vem.

Dei-me um pontapé mental por não ter escolhido melhor altura para lhes contar.

Quando desci, a minha mãe estava a dormir em frente a uma série cómica com risos gravados ruidosos, de copo vazio na mão. Retirei-lho com delicadeza. A cozinha estava arrumada, a máquina de lavar loiça a trabalhar. A única forma que tinha de contribuir seria levando o lixo para a rua. O saco pesado tilintava com garrafas vazias.

Só passava um pouco das dez, mas decidi ir deitar-me, caindo num sono sem sonhos até que, a meio da noite, fui acordado pelo som da minha mãe a abrir a porta do quarto ao lado do meu e exclamar:

– Boa noite, meu querido menino!

Por um momento, perguntei-me se se teria enganado na porta e estaria a falar comigo. Mas eu nunca fora o seu querido menino.

Será que todas as noites ela desejava boa noite a Ross?

De manhã, quando desci para o piso térreo, o peru já estava no forno e as minhas filhas encontravam-se devidamente sentadas à mesa, a usar camisolas com motivos natalícios.

– Houve uma mudança de planos – avisou a minha mãe.

Ela era do género de pessoa que começava os preparativos para o Natal assim que o primeiro anúncio do supermercado marcava o início da época, comprando quantidades absurdas de frutos secos e caixas de tâmaras, regando o bolo inglês todas as semanas com *brandy* e criando um horário para a preparação das refeições do dia.

– Estavas ciente de que a Bella agora é vegetariana?

Era mais uma acusação do que uma pergunta.

– Tu sabias, papá – atalhou Bella – ... que pato é mesmo feito de patos e que porco são mesmo porquinhos...?

– Dá para ver onde é que isto vai parar – comentou Flora.

– Que salmão é mesmo um peixinho...

– Podes comer cereais, não podes Bella? – interrompi.

– No dia de Natal? – insurgiu-se a minha mãe.

– Abro o champanhe? – sugeri, esperando apaziguá-la.

– O Robert deixa-nos beber champanhe – informou Flora.

Tirei outra *flute* do armário e servi-lhe apenas um pouco.

– Também queres um bocadinho, Bella?

– Não, obrigada. Champanhe é malino! – disse ela.

Fiquei satisfeito ao ouvi-la a usar a palavra de família para algo cujo gosto não nos agradava.

Flora tomou um gole e também fez uma careta.

– Prefiro *Premier Cru*.

Olhei de relance para a minha mãe, na esperança de partilhar um sorriso cúmplice entre adultos, mas ela estava a fitar a minha filha mais velha com admiração.

– Que vantagem, falar francês desde tenra idade – disse ela. – Já são praticamente bilingues, sabes.

Desde quando é que as línguas estrangeiras interessavam à minha mãe? Lembro-me de me encolher de vergonha quando o meu pai pedia a comida em restaurantes em Itália: «O melhor *bife* da casa, *per favor*, e queremos *bien pasado! Capeesh?*»

– Trilingues – corrigiu Flora. – Obviamente, falamos alemão. E para o ano começo a aprender espanhol. Quero ser diplomata.

– O que é uma diplomata? – perguntou Bella.

– Alguém que organiza festas – disse Flora.

– Eu quero ser *cowboy* – disse Bella.

– O Robert ofereceu-lhe aulas de equitação, para o Natal – explicou Flora.

– E a ti, que te ofereceu? – perguntei.

Flora passou o cabelo sedoso e preto para trás das orelhas para revelar uns furos ligeiramente infetados com umas pequenas argolas de ouro.

– A mãe aprovou isso?

No verão anterior, Flora suplicara-me que a deixasse furar as orelhas na Casinha de Bonecas. Quando falei com Charlotte, ela proibiu-o terminantemente. Eu tinha conseguido aplacar Flora, arranjando-lhes decalques temporários que pareciam tatuagens.

Já me tinha perguntado como não teria reparado em Tess, na receção.

– As tuas filhas eram o teu manto de invisibilidade – disse ela, quando falámos de mais uma oportunidade perdida de nos conhecermos. – Ou talvez eu tivesse ido só fazer chichi?

– Foi o Robert que te levou? – perguntei a Flora.

Por norma, eu tentava não pensar muito no padrasto delas. Era tão mais velho do que eu que era impossível sentir que competia com ele. Parecia ter-se afeiçoado às minhas filhas, sem ter a pretensão de usurpar o meu lugar de pai. Contudo, encorajar a minha filha a desobedecer à mãe era potencialmente mais sinistro.

– Claro que não! – insurgiu-se Flora. – Fui em segredo, com uma amiga.

Foi um *fait accompli*!

– *Fait accompli*! – repetiu a minha mãe, encantada.

Reparei que a garrafa de champanhe estava praticamente vazia.

– A mamã disse que se eu ficasse septicémica a culpa era minha, mas o Robert fez questão de que eu usasse argolas de ouro, em vez dos brincos de aço que nos dão.

– Está na hora de abrir os presentes? – perguntou Bella.

Fomos para a sala, onde distribuí embrulhos de livros, um peluche para cada – nunca pareciam tornar-se demasiado crescidas para deixarem de querer abraçá-los – e, por fim, dois pequenos sacos de papel azul-turquesa.

– *Tiffany*! – exclamou Flora.

Quando tínhamos ido fazer compras em Covent Garden, Tess achou que era uma loucura comprar um fio com um diamante a uma criança de nove anos, mesmo que fosse um diamante minúsculo.

– *Tiffany*! – ecoou Bella, acrescentando –, o que é *Tiffany*? – Enquanto desembulhava o fio de prata com um coração pelo qual eu pagara quase duzentas libras, apesar de Tess me assegurar de que poderia comprar uma coisa mais ou menos igual na *Claire's* por uma nota de dez.

– Para quem são estes presentes, na verdade? – perguntara-me.

Agora, eu reconhecia que os tinha escolhido para impressionar Robert.

À minha mãe, comprara-lhe um lenço da *Liberty*. Ao que parecia, Robert dera-lhe um da *Hermès*.

– Vou ser a inveja do IM – disse ela.

– O que é o IM? – quis saber Bella.

– O Instituto de Mulheres. Encontramo-nos uma vez por semana.

– É como o clube de leitura da mamã? – perguntou Flora. – Não passa de uma desculpa para beberem vinho e fazerem queixas dos maridos?

Era ligeiramente emocionante receber aqueles vislumbres da relação não-tão-perfeita de Charlotte com o seu eurocrata arrogante.

O almoço de Natal era sempre peru com todos os acompanhamentos, incluindo almôndegas, molho de pão e molho de carne, servido em terrinas de loiça. Para Bella, servimos queijo de couve-flor.

– Tive de arranjar espaço na tábua de queijos. Por sorte, tenho sempre alguns floretes congelados.

Eu não percebia como é que o tom da minha mãe parecia sempre sugerir que quaisquer percalços eram culpa minha.

Estávamos sentados na fria sala de jantar que, tanto quanto eu sabia, já só era usada no dia de Natal. Lemos as terríveis piadas dos *crackers* levou um nadinha de calor temporário à esterilidade gélida da sala, com as coroas de papel cor-de-rosa, amarelo e roxo a chocar com o esquema de cores de

vermelho, verde e branco.

A minha mãe tinha um serviço especial de Natal, com um rebordo de heras e poinsettias.

Eram flores brancas, pensei eu, e ela nunca se tinha queixado delas. Se bem que, para ser justo, para contrastarem com a superfície branca dos pratos, tivessem uma ligeira tonalidade cinza.

– Estes pratos são tão bonitos! – exclamou Bella.

A minha mãe animou-se.

– Oh, fico contente por gostares. Há quem não goste, não há, Gus?

Perguntei-me quanto tempo faltaria para que a história do costume fosse contada.

Eu devia ter apenas a idade de Bella. Sempre desejoso de conseguir a aprovação da minha mãe, decidi pôr a mesa sozinho na manhã de Natal. Tinha disposto os grandes pratos rasos, mas precisei de puxar uma cadeira até ao aparador para chegar aos pratos de sobremesa, e tentei levar demasiados de uma vez. Desequilibrei-me e deixei-os cair. Por sorte, o tapete era espesso, mas três deles escaqueiraram-se contra o aparador na lenta descida até ao chão.

Eu tinha ficado à espera, receoso, a pensar que alguém havia de entrar a correr depois de ter ouvido o estrondo, mas Ross e o meu pai estavam a praticar ataques de rãguebi no relvado das traseiras e a minha mãe tinha um extrator ruidoso de fumo a funcionar na cozinha.

Lembrei-me de que o serviço completo tinha doze pratos, pelo que ainda restavam bastantes. Era suficientemente jovem para pensar que, se me livrasse das provas, o meu crime não seria descoberto. E talvez não tivesse sido, não fosse eu, em pânico, ter escondido os cacos no jarrao que nunca era usado para flores, sem pensar que a minha mãe lhe mexia sempre que limpava o pó.

Que não tivesse assumido o erro foi considerado pior do que o próprio acidente.

– Estou muito desiludida contigo, Angus. – Lembro-me de me ter dito.

Desde então que a desiludia, pensei eu, a ver a alegria com que presenteava as minhas filhas com histórias da minha incompetência e desonestidade.

– O que é que comem no Natal em Genebra? – perguntei a Flora, desesperado por mudar de assunto.

– Normalmente comemos carpa no chalé. É tradicional.

Eu tinha proibido expressamente Charlotte de levar as minhas filhas ao chalé de Robert, apesar dos seus protestos de que o isolamento social de não esquiar seria muito pior do que os riscos inerentes a essa prática desportiva. Era evidente que ela não me prestara qualquer atenção. Perguntei-me o que acharia a minha mãe do facto de elas esquiares, ou se teria sequer feito essa ligação. Era impossível perceber, pela expressão vidrada dos seus olhos.

Depois do almoço, levantei a mesa e arrumei a cozinha enquanto Flora ligava o *iPad*, que fora a prenda de Robert para a minha mãe, e elas ligavam através do *FaceTime* para as Caraíbas.

Eu estava a esforçar-me por não ouvir, mas Bella falava muito alto.

– O papá tem uma namorada.

– Trabalha no sítio onde fizemos as tatuagens – acrescentou Flora.

Ao frio, no acesso da casa, desejei ter tido a presciência de deixar um furtivo maço de cigarros no porta-luvas do meu carro. Provavelmente tinha bebido demasiado vinho ao almoço para conduzir até uma bomba de gasolina.

Quando Tess atendeu, ouvi cantoria em casa de Anne. «Fairytale of New York», com o pai de Tess a fazer uma imitação rouquejada de Shane McGowan e Hope com a voz cristalina de Kirsty MacColl.

– Obrigada pelo meu presente – disse Tess.

Eu tinha-lhe comprado uma caneta de tinta permanente marmoreada com um aparo dourado. «Para escreveres o teu romance», escrevera no cartão.

– É mesmo linda – disse ela. – Se bem que eu costumo usar um portátil.

– Podes autografar exemplares quando fores uma autora publicada.

Ela riu-se, insegura.

– Gostaste do meu?

Ela tinha-me comprado um elegante relógio *vintage* com uma correia de cabedal. Eu abrira a prenda sozinho nessa manhã, na minha cama de criança.

– Estou a contar os segundos para voltar a ver-te.

– Piroso – disse ela.

– Mas é verdade.

– E como estão as meninas?

– Mesmo desejosas de te conhecer – disse eu, conseguindo imbuir a voz de mais confiança do que sentia.

A minha mãe preparou carnes frias com os restos de batatas e couve para o almoço do dia seguinte, servindo a Bella o que sobrara do queijo de couve-flor. Tornava-se evidente que o seu repertório só continha um prato vegetariano, o que me fez desejar ter-lhe oferecido um livro de receitas de Ottolenghi, ou algo igualmente útil. Tomei nota mental para o seu próximo aniversário.

– Vou ajudar a avó a lavar a loiça enquanto vocês fazem as malas – disse eu às minhas filhas.

– Vai tudo para a máquina – protestou a minha mãe.

– Sim, mas eu sei que primeiro a passas por água.

Ela recompensou-me com um raro sorriso.

De certa forma, era mais fácil falar com ela estando lado a lado, sobretudo agora, que o final da visita estava à vista.

– Então, tens-te mantido ocupada? – falei para o armário por cima do lava-loiça. – Com o IM e tudo isso?

– É claro que sinto a falta das meninas – disse ela. – Crescem tão depressa.

– Porque é que não vais passar um dia a Londres? Podíamos ir a um museu...

– Agora? – perguntou ela.

Arrependi-me quase imediatamente do impulso.

– Daqui a um par de dias, talvez. O avião delas parte no dia 31 e eu depois volto logo ao trabalho.

– Continuas nas Urgências?

– Sim.

Um suspiro carregado.

– O Ross ia ser cirurgião.

– Eu sei.

Porque seria que as pessoas reverenciavam os cirurgiões, mais do que qualquer outro médico? Talvez porque a confiança necessária para abrir outro ser humano revelava uma espécie impressionante de nervos de aço? Todos os cirurgiões que eu conhecia eram sacanas arrogantes. Ross teria sido um candidato perfeito.

– Eu não tenho temperamento para a cirurgia.

– Não – concordou a minha mãe.

Deixar a casa era como voltar a respirar ar fresco.

Pelo espelho retrovisor, vi-a, ainda de avental com um pudim de Natal estampado, a despedir-se de nós com um aceno de mão. Tinha um aspeto tão inócuo que me censurei por ficar tão irascível quando estava com ela.

– Estou a ver, estou a ver, uma coisa que começa por P – começou logo Bella um dos jogos com que costumávamos entreter-nos nas viagens de carro.

– Um pastor alemão? – tentou Flora adivinhar, ao passarmos por um homem que passeava um cão.

– Uma placa de trânsito? – A voz de Flora já soava farta.

– Não! O papá! – bradou Bella a plenos pulmões.

Capítulo 8

No dia seguinte, Tess chegou a minha casa com saquinhos de oferta da Casinha de Bonecas, com vários frascos de verniz em miniatura.

- Pintas-me as unhas, Tess? – perguntou Bella.
- Posso tentar. Não é nada a minha especialidade.
- Pensava que esse era o teu trabalho – comentou Flora.
- Eu sou a gerente – explicou Tess.

Pegou na mão de Bella e começou a aplicar cor nas unhas minúsculas enquanto Flora ia mexendo no *iPhone*, com uns quantos olhares de relance para mim, como que a desafiar-me a dizer-lhe que o guardasse.

- Há quanto tempo estão de férias? – perguntou Tess.
- Há duas semanas. Fomos à Áustria.
- Isso deve ter sido mesmo muito natalício – comentou Tess.
- Obviamente. Tu esquias?
- Eu? Não!
- Porquê?
- Bem, nunca tive a oportunidade de o fazer. Mas, se tivesse, provavelmente não teria grande jeito.
- Porquê?
- Nunca tive muito jeito a ir assim por aí abaixo, nem sequer de bicicleta!
- Há alguma coisa para que tenhas jeito? – inquiriu Flora.
- Hum, deixa-me pensar – pediu Tess. – E se me disseses tu para que tens jeito?

Flora começou a desfiar uma longa lista de notas, troféus e prémios. Eu estava mortificado.

- Então e tu, Bella? – quis saber Tess, quando Flora finalmente esgotou a enumeração de proezas.
- A Flora é melhor na maioria das coisas.

Eu fiz um esgar ao reconhecer a aceitação de inferioridade de um segundo filho.

– A Bella adora livros, não adoras? – intervim.

– O papá comprou-me um monte deles para o Natal – disse ela a Tess.

– Foi a Tess que me ajudou a escolhê-los.

– Eu já li a maioria dos que me deste – disse Flora. – Na verdade, acho-os um bocado imaturos de mais para mim.

– De certeza que podemos trocá-los na Waterstones – respondeu Tess.

– A Tess planeou uma ida às compras convosco que vai ser espetacular – disse eu, a sentir-me ligeiramente desesperado com o gelo que parecia estar a criar-se. – Eu contei-lhe que vocês adoram a Primark e ela disse que vos levava lá, não foi?

– Dou vinte libras a cada uma e podem gastá-las naquilo que quiserem – anunciou Tess.

– Primark! – gritou Bella.

– Desculpa, mas a mamã disse que não podíamos voltar com sacos cheios de tralha como da última vez – replicou Flora.

Eu estava tão chocado com a sua indelicadeza como Tess sem dúvida tinha ficado. Olhou para mim como que a pedir ajuda, mas não me ocorria uma forma de ralar com Flora que não fosse piorar a situação.

Tess levantou-se.

– Deixo-vos jantar – disse ela.

– Por favor, fica – sussurrei-lhe junto à porta. – Ela só tem nove anos.

– Estou um bocado cansada – respondeu-me.

Fiquei a vê-la descer a rua. Antes da curva, ela virou-se e, ao ver-me ainda ali, sorriu e acenou-me, e eu voltei a respirar.

– Eu adoro a Tess – disse Bella assim que fechei a porta.

– Não podes adorar alguém com quem só tenhas trocado três palavras – disse Flora.

Lembrei-me do momento em que tinha visto Tess na Basílica de San Miniato al Monte, com o mosaico dourado de um Cristo solene atrás dela.

– Não foste tu... – dissemos os dois, referindo-nos à pessoa que tínhamos visto ali, dezasseis anos antes.

Três palavras.

Capítulo 9

Eu não sabia como era sequer possível que a minha mãe fosse mais irritante na rua do que em casa. A primeira coisa que disse quando a fomos buscar à estação foi:

– Onde é que vamos almoçar?

A minha ideia era comprar uma sanduíche num dos cafés da margem sul, mas quando ela começou a queixar-se do vento frio que soprava junto ao Tamisa, das multidões do Natal e da distância da caminhada, decidi desviar-me da rota planeada para um restaurante de uma cadeia, onde comeríamos uma refeição medíocre.

– Quinze libras por uma piza! Quando não passa de pão e queijo – disse ela, ainda que fosse eu a pagar.

Na exposição de Paul Klee, na Tate Modern, ela ficou surpreendida ao aprender que o artista era suíço.

– Eu nem sabia que *havia* artistas na Suíça.

– Essa é uma das razões para termos vindo aqui – expliquei-lhe. – A Flora está a fazer um trabalho sobre ele na escola.

A única crítica que a minha mãe teve a fazer foi que os quadros eram muito pequenos.

– Julgava que iam ser muito maiores – disse ela, como se, de alguma maneira, lhe tivessem vendido gato por lebre.

Eu orgulhava-me da vontade que as minhas filhas tinham de admirar arte, mas sabia que isso acontecia porque nunca ficávamos demasiado tempo numa galeria. Como vivíamos numa cidade onde a arte é gratuita, era frequente levá-las a ver apenas um ou dois quadros, antes de encontrar algum sítio agradável para lancharmos. A minha mãe, que nunca teria visitado voluntariamente uma exposição, fazia questão de ler as legendas de cada quadro, obrigando-nos a passar tanto tempo lá dentro que, quando saímos, já escurecera.

O ar gelado parecia deixar a cidade a cintilar, e as luzes coloridas da feira de Natal na margem sul chamavam as meninas como que por artes mágicas.

– Temos de ir ao bailado? – perguntou Flora.

Nos anos anteriores, uma ida ao bailado era o ponto alto da viagem delas, mas eu estava desatualizado. Agora ela queria experiências fixas como as que via no *Instagram*. Apesar de a sua idade ainda não ter chegado aos dois dígitos, já era uma adolescente. Eu sempre me tinha julgado um pai jovem. Talvez todos os pais se considerassem jovens até os filhos começarem a sentir vergonha deles.

A minha mãe queixava-se de que os comboios estariam a abarrotar àquela hora.

– O que vamos fazer agora? – perguntou.

– Tinha pensado acompanhar-te à estação e depois jantar cedo...

– Estou convidada?

– Bem, a Flora queria ir ao Balthazar. Fica do outro lado do rio... Disseste que não querias voltar muito tarde...

Eu devia ter-lhe dito logo que Tess ia ter connosco. Provavelmente, também deveria ter enviado uma mensagem a avisar Tess, em vez de permitir que a situação fosse confrangedora desde o início.

Quando chegámos ao restaurante, ela já estava sentada a uma mesa. Eu nunca a tinha visto maquilhada. Estava linda, mas algo diferente. Usava um vestido de veludo verde-escuro, com uns brincos compridos de esmeraldas falsas. Embonecada, pensei eu, perguntando-me se a amiga tivera uma mão naquela transformação.

– Estás com um ar muito glamoroso – disse-lhe eu, com um beijo rápido na face.

– Tens noção de que não há código de vestuário na Ópera? – perguntou Flora.

De repente, fiquei agudamente ciente de que o único membro da minha família que não estava de calças de ganga era a minha mãe. Distribuí os menus.

– É a primeira vez que vai assistir ao *ballet*? – perguntou a minha mãe, depois de eu as ter apresentado.

– Sim – disse Tess.

– A Charlotte prefere a ópera, não é verdade, Angus? Vocês vinham muitas vezes, não vinham?

A minha mãe pediu um grande *gin tonic*. Depois de um trago, ficou ruborizada. Tinha bebido a maior parte da garrafa de vinho tinto que pedíramos ao almoço. Seria que estava a beber mais por ter companhia, ou seria aquilo o habitual para ela?

– Esperava que tivesse mais... – Acenou com a mão junto ao braço exposto

de Tess.

– O quê?

– Sabe. Tatuagens.

– Peço desculpa?

– Tendo em conta o seu trabalho – explicou a minha mãe, conseguindo que parecesse que Tess era uma prostituta.

– Acho que estás baralhada – intervim. – A Tess gere um gabinete de estética onde, por acaso, as meninas compraram umas tatuagens provisórias. Já todos sabemos o que queremos?

O empregado estava à espera para tomar nota do nosso pedido.

– Eu quero o *plat du jour*, por favor – disse Tess.

– O «tê» não se pronuncia. – Flora revirou os olhos.

– Elas são praticamente bilingues – disse a minha mãe a Tess, cheia de orgulho. – Alguma vez foi ao estrangeiro?

– Conheci o Gus em Itália.

– A Charlotte adora Itália, não adora, Angus? Portofino, Lucca, Veneza...

Por sorte, não tinha mencionado nenhum dos sítios que eu visitara com Tess.

O empregado continuava à espera.

– Eu acho que quero só mais um destes – disse a minha mãe, erguendo o copo vazio. – Não posso mesmo apressar-me a comer, tendo em conta que depois tenho de fazer a caminhada de volta até Waterloo.

– Não vem ao bailado? – perguntou-lhe Tess.

– Não fui convidada – disse ela.

– Devias levar a tua mãe, Gus – ofereceu Tess. – Eu não me importo de não ir, a sério.

Tentei lançar-lhe um olhar a indicar que a última coisa que eu queria fazer era levar a minha mãe.

– É muito gentil da sua parte, querida – disse ela. – Mas não poderia voltar para casa sozinha tão tarde de comboio.

Eu não entendia como a oportunidade de passar mais tempo com as netas se transformara num desastre tão grande.

A produção do *Quebra-Nozes* do Royal Ballet era um mimo visual. O cenário sumptuoso fazia lembrar um cartão de boas-festas eduardiano, com truques de magia e dançarinas vestidas de bonecas a saltar de caixas. Quando a árvore de Natal começou a crescer até alcançar a altura total do palco, virei-me para ver o rosto de Tess. Ela estava tão assombrada quanto Bella.

– Não paro de pensar no quanto a Hope teria adorado ver isto – disse quando estávamos no Floral Hall, no intervalo, enquanto Bella dava piruetas e Flora não largava o telemóvel.

– Temos de a trazer um dia.

– Não sei bem. Uma vez levámo-la a uma pantomima e ela cantou tão alto que a atriz a chamou para o palco. Acho que isso não ia correr assim tão bem aqui.

– Podíamos reservar um camarote – disse-lhe. – É muito mais privado, é um pouco como ter um pequeno quarto só nosso. Podemos levantar-nos, andar por ali. Até se pode fazer sexo, se se quiser – sussurrei-lhe sobre o ombro deliciosamente à mostra.

Era um comentário impensado que pretendia transmitir-lhe o quanto tinha sentido a falta de dormir a seu lado nos últimos dias.

Ela franziu o sobrolho.

– Não com a Hope lá, claro – apressei-me a acrescentar.

– Tu e a Charlotte reservavam um camarote? – perguntou-me ela.

O dia estava a escapar ao meu controlo.

Quando o pano subiu para o segundo ato, revelando um palácio de conto de fadas tão cintilante e bonito que recebeu uma salva de palmas, olhei para o rosto de Tess, mas ela mantinha-se muito rigidamente sentada a meu lado, como que para impedir qualquer possibilidade de eu lhe tocar.

Capítulo 10

– Que fio é esse que trazes aí, Flora? – perguntou Charlotte, quando nos encontrámos no sítio do costume do aeroporto.

– É da *Tiffany* – disse ela. – Foi o presente de Natal mais importante que o papá me deu.

– O papá estraga-te com mimos – comentou Charlotte, arqueando uma sobrancelha. – Infelizmente, minhas queridas, o nosso voo está atrasado. Querem esperar aqui com o papá ou passamos os controlos de segurança e vamos procurar o Robert?

– Esperar aqui com o papá – disse Bella.

A sua resposta imediata proporcionou-me um piparote momentâneo de gratificação, mas já tínhamos dito não-tarda-nada-estão-de-volta e sinto-sempre-a-vossa-falta e vejam-lá-que-só-descem-pelas-pistas-assinaladas, e já nos tínhamos abraçado com força. Por isso, era esquisito tentar arranjar outras coisas que fazer.

Comprei a Bella uma revista embrulhada em papel celofane, que trazia como brinde uma pulseira. Flora pediu a *Elle*. Depois eu e Bella jogámos a uma espécie de macaca num espacinho que havia atrás de um café, enquanto Charlotte ficava a uma certa distância a ver o correio eletrónico.

Acabou por ir ao meu encontro.

– Suponho que não tenhas pensado mais em vender a casa?

– Não.

– Metade é minha.

– Não precisas do dinheiro, pois não?

O voo foi anunciado antes que ela pudesse responder.

Pus-me em bicos de pés a acenar às minhas filhas na fila das partidas durante todo o tempo em que elas conseguiam ver-me, e um pouco mais ainda, não fossem ver-me sem eu dar por isso. Ao descer as escadas para o

metro, dei-me conta de que era a primeira vez que não chorava quando elas se iam embora.

Telefonei a Tess, desejoso de a ver antes de ir trabalhar, mas fiquei arrasado quando ela me falou cordial mas distantemente, como se eu fosse um cliente a ligar para mudar uma marcação.

– É o nosso dia mais concorrido do ano...

– O que é que fazes logo à noite? – perguntei.

– A Doll entrou em trabalho de parto. Vou até Kent para a ajudar.

E eu a pensar que ela estaria à minha espera quando eu voltasse do trabalho.

– Olha, estamos mesmo muito ocupadas...

– Desculpa! Feliz Ano Novo!

Mas ela já tinha desligado.

Deixavam-nos escolher entre tirar o dia de Natal ou a véspera de Ano Novo. Comecei a desejar ter feito o contrário. Por norma, o Natal era menos buliçoso, já que davam alta ao máximo possível de pacientes antes desse dia.

A véspera de Ano Novo começava sempre numa calma relativa, mas um tsunâmi de bêbedos começava a entrar quando eu estava no pico do cansaço. Eu sabia que devia ter feito uma sesta, mas a ansiedade impedira-me de dormir à tarde, pelo que arrumara e limpara a casa e depois, ao ver que todos os vestígios da visita das minhas filhas tinham desaparecido, arrependi-me de ter sido tão precipitado. A casa parecia vazia sem o barulho dos passos delas. Na ausência da tagarelice constante de Bella, os meus pensamentos ansiosos gritavam no silêncio.

Seria a frieza de Tess ao telefone apenas temporária? Será que a minha família a afugentara de vez? Era evidente que as nossas vidas alargadas não iam encaixar tão bem quanto nós, mas decerto isso não teria de afetar o que tínhamos entre nós?

– Sente-se bem, doutor Macdonald? – Uma das enfermeiras interrompeu-me os pensamentos. Perguntei-me há quanto tempo estaria eu a olhar para a caneca de café frio à minha frente.

La agarrar num bloco livre para tomar umas notas quando as Urgências foram invadidas por um grupo de polícias a atacar a receção, onde um gangue tinha aparecido depois de um esfaqueamento. Tratava-se de uma ocorrência habitual em qualquer hospital londrino, mas eu ficava sempre impressionado com o sangue-frio dos funcionários, que prosseguiam as suas observações como se nada estivesse a acontecer.

Embora todos mantivéssemos a calma e o profissionalismo, tentando tudo o que era possível, nada pudemos fazer pelo rapaz de dezassete anos que tinha perdido tanto sangue que entrara em paragem cardíaca antes de os

paramédicos chegarem.

Quando saí do hospital, o turbilhão na minha cabeça ganhou uma nitidez abrupta ao passar por um grupo de adolescentes desengonçados de camisolas com capuz, apoiando-se uns aos outros, dois deles sentados no chão e a abraçar os joelhos, de olhar perdido no espaço. Eram rapazes, ainda não eram homens, ainda tão desconjuntados como girafas bebés nos seus corpos de membros compridos. Tal como eu era quando o meu irmão morreu. Senti uma pontada de mágoa pelas vidas interrompidas pela masculinidade competitiva, pelas emoções entorpecidas para sempre por testemunhar quão subitamente uma vida pode esvair-se.

Tinha o telefone fixo a tocar quando cheguei a casa. Corri para atender, esperando que fosse Tess, mas ouvi a voz de Nash.

– Feliz Ano Novo!

– Acabei de chegar do trabalho.

Calculei que devia ser ainda meia-noite em Los Angeles.

– Foi uma noite má?

– Não foi das melhores – respondi, a perguntar-me porque seria que os médicos nunca falavam do que acontecia no trabalho. Era como um código de silêncio.

– A minha também não. Estou a beber uma garrafa de champanhe sozinha.

– Nada de festas glamorosas?

– Estou a atestar-me antes. Aqui ninguém bebe. Se calhar nem vou. E o teu Natal?

– Não foi um rotundo sucesso. – Ofereci-lhe um breve resumo dos encontros desastrosos da minha família com Tess.

– É *Rebecca* – comentou ela.

– Desculpa?

– Chamaram-me para fazer uma audição para o filme, uma adaptação nova. Quando cheguei cá, afinal queriam-me para o papel de Mrs. Danvers. Dá para acreditar?

– Passei a noite a pé, Nash, não percebo onde estás a querer chegar.

– *Rebecca*, da Daphne du Maurier. Jovem inocente da classe operária apaixonada-se pelo aristocrata elegante Maxim de Winter, cuja primeira mulher glamorosa, Rebecca, morreu. Obviamente, a Charlotte não morreu, mas começa a ter uma ideia? E há uma governanta maléfica chamada Mrs. Danvers, que está sempre a dizer à nossa heroína que a Rebecca era maravilhosa, e que acha que o Max continua apaixonado por ela...

– A minha mãe é a Mrs. Danvers, nesse cenário?

– Sim, mas a Flora parece estar a competir pelo papel.

– A Tess não há de acreditar que eu continue apaixonado pela Charlotte...
– Manténs a casa exatamente como ela a deixou, fazes tudo o que ela diz, dizes a toda a gente que ela é lindíssima... não, de certeza que isso nem lhe passou pela cabeça...

– Raios! – exclamei. – Achas que é demasiado tarde?

– O derrotismo é uma das tuas qualidades menos atrativas, Gus.

Perguntei-me quais seriam as outras.

– Olha, é Ano Novo. Provavelmente ainda te restam umas doze horas de boa vontade, a menos que ela esteja com uma ressaca portentosa. Vai lá até Kent e tenta não dar cabo dessa coisa.

Tess

Capítulo 11

– Parece que não os tem no sítio – comentou Doll.

O rosto dela contraiu-se em agonia.

– Esta foi forte. Quanto tempo passou desde a última?

O seu quarto privado era como o de um hotel de luxo, mas com uma cama de hospital. Até havia um minibar com uma seleção de refrigerantes e meia garrafa de champanhe. Recebiam a parturiente numa fase mais precoce do que um hospital normal, provavelmente porque cobravam à hora. As contrações tinham começado pouco depois de eu chegar e eu oferecera-me para ir com ela para que Dave pudesse ficar em casa com Elsie, que estava a dormir.

– O Gus é fraco. O problema aqui é esse, Tess. E não há nada pior do que um homem fraco.

Decerto isso não era verdade... Demasiado fraco devia ser melhor do que demasiado forte, não? Gus era bom pai para as filhas. Deixava-as fazer coisas que não deviam, mas isso era porque não as via com muita frequência. Não havia uma aura de perigo à volta dele como à volta do meu pai.

O verdadeiro problema era que não havia espaço para mim na sua família. Charlotte era a mãe das meninas. A mãe de Gus continuava a ser-lhe devotada, e eu desconfiava de que pelo menos parte dele também. Eu tinha ficado traumatizada por um caso com um homem casado. Não podia permitir-me voltar a ser a namorada secreta que desaparecia convenientemente quando a família estava por perto.

Doll gemeu.

Olhei para o relógio: tinham-se passado menos de dois minutos desde a contração anterior. Toquei a campainha para chamar a parteira e enviei uma mensagem a Dave.

Foi tudo tão rápido que fui eu quem esteve presente durante o parto, com Doll a apertar-me tanto a mão que achei que as suas unhas me iam atravessar a

palma. Senti-me chocada com o quão primitivo era ver um novo ser humano a surgir no mundo, e quão depressa todos os gemidos e dores se desvaneceram, deixando a minha amiga a parecer uma madona serena, ainda que ligeiramente suada.

– Pega nele, Tess – disse ela, depois de as enfermeiras o limparem e fazerem os devidos exames.

O bebé tinha uma carinha esborrachada.

– Olá, pequenina – disse eu, com lágrimas a escorrerem-me pelas faces.

Então, Dave chegou com Elsie.

O Ano Novo ainda só tinha uma hora. No corredor, peguei em Elsie para que espreitasse pela janela e dissesse «Uau!» de cada vez que víamos fontes passageiras de fogos de artifício no céu. Ela estava um pouco chorosa por ter sido acordada a meio da noite, mas animou-se de imediato quando Dave nos disse para entrarmos e anunciou que tinha um presente para ela.

Sentou-a na cama para que fosse seguro e depois, com muito cuidado, pousou o bebé minúsculo e embrulhado nos braços da irmã. Decidiram chamar-lhe Tommy.

Os quatro pareciam um retrato de uma família perfeita. Era raro ver Doll sem maquilhagem e, agora que lavara a cara e se penteara, parecia mais jovem e ainda mais bonita do que era habitual. Elsie era uma versão em miniatura da mãe, toda caracóis louros e olhos azuis, que contrastavam com a melena improvável de cabelo escuro do bebé. A velá-los estava Dave, que sempre fora um homem bem-parecido com um rosto confiável, característica útil num canalizador.

Podia ter sido eu...

Esse pensamento veio-me à cabeça, juntamente com a memória de quando ele me pedira em casamento no cimo do London Eye. A roda gigante estava cheia de turistas, que lhe tinham tirado fotos ajoelhado e a mostrar o anel de noivado. O que tornara ainda pior que eu não tivesse sido capaz de aceitar...

Eu tinha ficado muitíssimo surpreendida, não tanto pelo pedido, mas pela imaginação que ele dedicara à forma de o fazer. Afinal, tinha consultado Doll em segredo, para saber o que me agradaria. No dia seguinte, ao visitar-me para ficar a par das novidades, ela tinha ficado estranhamente zangada comigo por não ter aceitado. Só muito mais tarde me ocorreu que, subconscientemente, ela devia ter estado a sonhar com o pedido de casamento que seria ideal para si. Para ser justa, não acho que nessa altura passasse pela cabeça quer de um quer de outro que fossem o par que procuravam. Tinha sido meses depois, quando eu fora a Nova Iorque visitar Kevin e Dave estava a ajudar Doll a instalar os lavatórios no seu primeiro gabinete, que eles se tinham apaixonado.

Nessa altura, eu sentira-me traída. Ainda era namorada de Dave, apesar de não ter querido ficar noiva. Não era nada do género da minha melhor amiga ir

para a cama com ele nas minhas costas. Isso reavivara a insegurança que eu sempre sentira em relação à minha aparência, comparada com a dela. Parti do princípio de que Dave sempre devia ter-se sentido atraído por ela, mas achara que não tinha hipótese.

Provavelmente, não tinha sido nada disso. Acho que nem acreditou na sua sorte quando a coisa aconteceu com Doll, mas tenho a certeza de que, se eu lhe tivesse dito que sim no London Eye, me teria sido leal. Era um tipo que queria assentar e constituir família, pelo que era um marido potencial a desperdiçar-se – um homem atraente e confiável – e era disso que Doll precisava. Na sua relação anterior, com um futebolista, ela era apenas uma beldade de braço dado com ele. Com Dave a seu lado, poderia alcançar as suas próprias ambições.

Tinham sido feitos um para o outro e eu estava contente por terem sido tão bem-sucedidos.

Tommy começou a chorar.

– Para com isso! – Elsie apontou-lhe um dedo à cara.

– E se agora o devolvesse à mamã? – sugeriu Dave.

– É o meu presente! – queixou-se Elsie, quando ele lhe tirou o bebé do colo.

– Tenho outro presente para ti lá em casa – apressei-me a dizer.

– O que é?

– Uma surpresa!

Dave sorriu-me, agradecido.

– Dou-te boleia? – perguntou-me.

– Não, tens de ficar aqui. Apanhamos um táxi. Vai ser emocionante, não vai, Elsie?

Tinha sido uma complicação levar a caixa enorme no comboio, mas estava satisfeita por ter feito esse esforço. Comprara-lhe um castelo de *Playmobil*, com portões dourados e torreões, uma rainha e uma princesa.

Estávamos a fazer as duas bonecas pequenas entrar em cada um dos seus quartos dourados, a subir e descer as muitas escadarias ornamentadas, quando a campainha da porta tocou.

– Quem é?

– Deve ser uma encomenda para a mamã – disse eu.

– É outro bebé? – perguntou Elsie.

Abrimos a porta e deparámo-nos com um enorme urso de peluche a acenar-nos com uma pata.

– Feliz Ano Novo!

Toda a gente tem uma voz de urso de peluche. A minha sempre foi rouca e

baixa. A de Gus soava muito afetada.

– É outro presente? – perguntou Elsie, muito entusiasmada, a tentar apanhá-lo.

Eu assenti enfaticamente a Gus, que se baixou para ficar ao nível dela e entregar-lho.

– Este é o meu amigo Gus.

Elsie embalou o urso nos braços.

– É um urso muito felpudo, não é? – perguntei. – Como achas que se chama?

– Gus – disse Elsie.

– Esse é o nome do meu amigo. Como é que queres chamar ao teu urso?

– Gus.

Não sabia como iria a mãe receber aquela notícia.

– Bem, sinto-me honrado – disse Gus.

Ele ainda estava lá fora.

– A Doll e o Dave não vão tardar a chegar com o bebé...

Estava um pouco em pânico quanto a como Doll reagiria ao facto de Gus estar ali quando chegassem a casa do hospital, sobretudo depois de eu ter concordado com ela, apenas umas horas antes, que o melhor a fazer seria pôr fim à relação.

– A Bella escolheu o urso para o bebé no Hamleys – sussurrou-me Gus. – Para a Elsie a prenda era esta. – E entregou-me uma caixinha embrulhada, que eu também dei à pequena.

Ela rasgou o papel de embrulho e descobriu um barco de pesca da *Playmobil*, com um capitão e uma rede com peixe pequeno.

– Mais uma vez, escolha da Bella, lamento – disse Gus. – Eu disse-lhe que a Elsie vivia à beira-mar.

O seu rosto mostrava grande preocupação por ter feito algo mal, mas ele sabia que era muito importante dar um presente à criança mais velha, para que não se sentisse excluída. Lembrava-se de que eu tinha dito que o que Elsie mais gostava era de *Playmobil*. Era um homem bondoso. Eu não parecia ser capaz de manter uma expressão severa, nem o corpo rígido e distante. Todas as defesas que tinha tentado erigir estavam a ruir quando o todo-o-terreno de Dave surgiu no acesso da casa.

Dave tirou a cadeirinha do carro onde vinha Tommy.

– Porque é que está toda a gente aqui à porta? – perguntou, fazendo-nos sinal com a mão para que entrássemos.

Então Doll saiu, de sobranceiras arqueadas a olhar para mim, e Elsie disparou a correr e a gritar:

– Mamã! O homem do peixe leva o barco até ao castelo e apaixonou-se pela princesa!

– Acho que vamos dar uma volta enquanto vocês se instalam – disse eu, agarrando o casaco à pressa.

Um vento agreste soprava contra nós enquanto caminhávamos pela praia.

– Como foi a tua passagem de ano?

– Atarefada – disse Gus.

– Tem graça que ambos tenhamos passado o ano num hospital.

– Estiveste presente durante o nascimento?

– Sim. É um milagre, não é?

Ele sorriu.

Caminhámos um pouco mais. Parecia que havia uma manada de elefantes invisíveis na praia à nossa volta, mas eu estava determinada a não ser a primeira a mencionar a nossa última noite desastrosa.

– Peço desculpa pela Flora – acabou por dizer. – Provavelmente é sempre um pouco difícil quando um pai divorciado encontra alguém novo.

A memória da filha dele ainda me magoava. E o facto de ele não ter dito nada também.

– Mas não é só ela, pois não?

– Não há desculpas suficientes pela minha mãe...

– Não, não me referia a isso. Eu acho que ela estava só a tentar ser cordial, à sua maneira.

Tentei lembrar-me de todas as razões que eu e Doll tínhamos ensaiado, os motivos pelos quais aquela relação nunca funcionaria.

– Não me parece que estejas preparado para outra relação. E já me magoaram...

– Eu não vou magoar-te! – Deu-me a mão então, ao ver a minha expressão. – Já magoei. Lamento imenso.

– A culpa não é tua – disse-lhe. – É só a altura que não é a certa, suponho.

Ele parou de andar.

– Tess, quem me dera que nos tivéssemos conhecido quando tínhamos dezoito anos, ou vinte e um, ou de todas as outras vezes que acabámos por não nos conhecer. Mas não posso fazer com que a Flora e a Bella desapareçam da minha vida, porque elas são demasiado importantes para mim.

– Não quero que as faças desaparecer! O problema não são elas.

Ele nada disse durante bastante tempo, e continuámos a caminhar.

– É a Charlotte? – perguntou-me por fim. – A Nash tem uma teoria de que isto é como em *Rebecca*...

– Falaste com a Nash acerca de mim?

Não conseguia decidir se isso me fazia sentir melhor ou pior.

– Ela ligou-me hoje de manhã. Olha, Tess, para que não restem dúvidas, se é a Charlotte que te preocupa, eu e ela não tivemos relações durante pelo

menos um ano antes de nos separarmos. Nem sequer dormíamos na mesma cama. Não a amo de todo. Na verdade, odeio-a.

– O ódio é uma emoção muito forte. Seria muito melhor se lhe fosses indiferente.

– Indiferente serei! – disse ele, agarrando-me as mãos.

– Não podes passar do ódio para a indiferença assim, sem mais nem menos!

– Vou trabalhar nisso – replicou, a fitar-me. – Lamento imenso ter-te dado uma impressão errada, mas tens de acreditar que és a única mulher que alguma vez amei realmente. Podemos fazer com que isto funcione, não podemos?

Os seus olhos, uma mescla de azul e dourado, pareciam alternar constantemente entre compaixão e ansiedade.

Ainda estonteado pela falta de sono, o meu cérebro tinha dificuldade em localizar qualquer uma das objeções que antes eram tão óbvias.

De repente, estávamos a abraçar-nos. Ele levantou-me os pés do chão e fez-me girar e girar e, quando parámos para nos beijar, o mundo continuou a andar à roda.

Caminhámos de volta com o vento a empurrar-nos e a mão dele procurou a minha para a proteger e aquecer no bolso.

– O Maxim de Winter assassinou a Rebecca – lembrei-me de repente.

– Bem, acho que não posso prometer fazer isso. – E riu-se.

– Visitamos o Marcus e a Keiko? – perguntou-me Gus, quando estávamos a sair de Margate.

Era a segunda vez que sugeria que conhecêssemos os seus amigos. Da primeira vez, eu dera a desculpa das ostras, mas desta feita não me ocorria nada convincente.

Tinha a certeza de que deviam ser os mesmos Marcus e Keiko que passavam o fim de semana no casebre remodelado de pescador ao lado do pardieiro nada remodelado onde eu e Leo nos encontrávamos. Era mais um daqueles estranhos não-encontros. Se Gus tivesse visitado Marcus quando eu andava com Leo, era provável que nos tivéssemos cumprimentado junto à linha de rebentação. Ficava apavorada só de pensar o que ele teria achado de mim, metida com um egoísta entradote de rabo de cavalo.

A ideia de voltar a ver Leo tão-pouco me agradava. É fácil imaginar coisas perspicazes para dizer em determinado cenário, mas, quando estivemos fascinados com alguém, custa livarmo-nos desse hábito. Eu diria serenamente o mínimo possível, decidi quando avançámos pelo passadiço em direção aos casebres, fingiria que mal me lembrava de quem ele era.

Marcus era alto e muito encantador, com aquele charme de escola privada que nos mantém à distância, em vez de nos convidar a entrar. Eu percebi que ele sabia que já nos tínhamos visto, mas que não conseguia determinar bem onde. Os filhos, entretanto com sete e três anos, eram uma criança pequena e um bebê de colo da última vez que os tinha visto, mas Keiko reconheceu-me de imediato, dirigindo-me um sorriso quase impercetível a assinalar que a história me pertencia, para a contar quando e se quisesse.

Ao lado, o casebre de Leo já não existia. No seu lugar encontrava-se um estaleiro de construção.

– O proprietário vendeu a propriedade e foi viver a reforma para Espanha – disse Marcus. – Um tipo que conheço da JP Morgan comprou o terreno. Está a usar o nosso arquiteto.

Deus existia!

Segui Keiko para dentro da casa, maravilhada com quão diferente era o espaço vasto e limpo do interior do casebre de Leo, com o seu cheiro impregnado a creosoto. Ela tirou uma garrafa de champanhe do frigorífico e dispôs uma bandeja com quatro *flutes* e uma tacinha com aperitivos com flocos de algas.

Lá fora, as crianças, agasalhadas com grossos casacos de inverno, ocupavam-se a criar um jardim feito de conchas. Os homens estavam mais abaixo nos seixos, a olhar para o estuário. Enquanto caminhava na direção deles, a equilibrar cuidadosamente a bandeja, a brisa salgada levou-me pedaços da conversa antes que ouvissem o som dos meus passos a esmagar a areia.

– Nunca consegui perceber como é que alguém tão atraente andava com aquele velhaco horrroso – dizia Marcus.

– Tess!

Gus virou-se e arqueou as sobrancelhas, pelo que não tive dúvida de que tinha sido denunciada. Ambos temos coisas no nosso passado de que nos arrependemos, parecia dizer o seu sorriso divertido.

– Champanhe? – perguntei, a corar.

Um vislumbre de luz invernal ainda recaía sobre a água, transformando-a de peltre em platina enquanto brindávamos ao Ano Novo, com os dedos tão gelados quanto o champanhe.

– Quem é que aceita um jogo de *rounders*? – sugeriu Marcus. – Isso vai aquecer-nos!

– Eu! – gritou Milo.

– Eu! – ecoou Millie.

Gus pegou na menina e todos fomos até um pedaço mais plano de praia, onde ele e Marcus marcaram as bases com pequenos montes de pedras, contando os passos entre elas com um ar muito sério. Eu lembrava-me de os

meus irmãos fazerem o mesmo nas praias de areia branca e lisa da costa oeste da Irlanda, onde costumávamos passar as férias de verão.

Dividimo-nos em equipas. Gus e Keiko com Milo. Marcus, Millie e eu.

Sendo alta, era uma jogadora útil numa equipa de *netball* quando andava na escola, mas desde então que não participava em desportos de equipa, pelo que considerei que o meu papel era cuidar de Millie, garantir que a bola não lhe acertava e fingir que os meus passes eram dela. Quando chegou a sua vez de bater a bola, eu segurei o taco com ela e, juntas, lançámos a bola para lá do irmão dela, o que nos permitiu completar um *home run*, em que eu lhe peguei ao colo para fazer a corrida até à última base.

– Fantástico, Millie! – elogiou Marcus. – Agora é a tua vez, Tess!

Era Gus a lançar a bola. Esperava que fosse tão delicado como fora com Millie, mas os seus instintos competitivos revelaram-se mais fortes e ele lançou a bola na minha direção. Bati com o taco sem saber muito bem como.

– Corre! – gritou-me Marcus, quando fiquei parada sem acreditar que tivesse acertado na bola com tanta força que ela ainda estava no ar.

Completei uma volta ao campo e preparei-me para enfrentar Gus de novo.

Mais uma vez, de alguma forma acertei na bola e fiz outro *home run*. Consegui fazê-lo outras seis vezes até que Gus pôs Milo a lançar e, tendo observado a direção em que eu atirava sempre a bola, se posicionou de maneira a apanhar-me. Ainda assim, a nossa equipa ganhou dez a seis.

– És uma lenda, Tess – disse Marcus. – Jogas ténis?

– Nunca aprendi – disse eu.

Na minha escola, o ténis era exclusivo das meninas de classe média cujos pais eram membros do clube.

– Devias mesmo pedir ao Gus que te ensinasse. Serias um talento nato.

Senti-me ridiculamente orgulhosa.

Eu, Keiko e Millie voltámos para o casebre enquanto Marcus, Gus e Milo apanhavam seixos lisos para fazer saltar sobre a rebentação suave das ondas, como os meus irmãos costumavam fazer.

– Achas que os rapazes vêm geneticamente programados para atirar seixos à água? – perguntei a Keiko. – Parece que não conseguem controlar-se.

– Uma vez fui a um retiro de ioga numa ilha grega. No último dia, o professor pediu-nos que apanhássemos uma pedrinha, a imbuíssemos de todos os nossos problemas e depois a atirássemos ao mar.

– Resultou? – perguntei.

– De certa forma, foi satisfatório. – Keiko sorriu-me.

Vi Gus a correr, mantendo a posição agachada enquanto se concentrava a contar as vezes que o seu seixo ressaltava e depois a dar pulos, com os braços compridos estendidos num sinal de vitória. Parecia mais descontraído do que eu alguma vez o vira. Por um momento, tive a impressão de entrever o rapaz

que ele fora com o seu irmão, antes da tragédia que o deixara sozinho.

Peguei também numa pedra, dei-lhe um pequeno sermão silencioso acerca de não deixar que os meus pensamentos ciumentos sobre Charlotte me impedissem de desfrutar da sorte maravilhosa de ter conhecido aquele homem, e depois vi-a ressaltar na superfície da água antes de desaparecer com um *plop* satisfatório.

⁵ Jogo de origem irlandesa, semelhante ao beisebol e popular nas escolas britânicas. (N. da T.)

Capítulo 12

Primavera de 2014

Nesse ano, o Dia de São Valentim calhou numa sexta-feira. Era um dos dias mais sobrecarregados no gabinete, com toda a gente a preparar-se para encontros românticos e possíveis pedidos de casamento. Tínhamos decorado o espaço com balões de hélio, que eu dei às funcionárias para levarem para casa depois de fecharmos, guardando um para mim.

Tinha no bolso a carta que recebera naquela manhã, a confirmar que a primeira ronda de exames do meu seguimento semestral não encontrara quaisquer indícios de recorrência.

Sentia que me tinham suspenso a pena. Depois de se ter cancro, fica-se desconfiado de cada dor de cabeça ou desconforto e, quando nos aproximamos da ribanceira dos exames, esse medo aumenta exponencialmente.

– É só uma questão de rotina – tentara Gus tranquilizar-me.

– Até deixar de ser. Quero dizer, não fariam estes exames se a probabilidade de encontrarem alguma coisa fosse nula. Por isso, e se encontrarem? É nisso que estou a pensar.

– Serias uma médica terrível. Já é suficientemente stressante tomar decisões acerca do que temos diante de nós. Enlouqueceríamos se pensássemos em todos os «e se».

Não obstante, parecera tremendamente aliviado quando lhe liguei ao início do dia para lhe dar a notícia.

Era o nosso primeiro Dia de São Valentim. Um postal anónimo escrito com a sua letra tinha chegado ao meu apartamento naquela manhã. Um enorme *bouquet* de rosas vermelhas de caule comprido fora entregue no gabinete, impressionando tanto clientes como funcionárias. Eu receava que o presente que tinha para lhe dar – um ano de entradas gratuitas para duas

peessoas nas galerias Tate – não parecesse suficientemente romântico. Não tinha a certeza de que ele fosse um daqueles homens que fazia a cena toda dos corações e das flores, ou se proclamaria antes que o Dia de São Valentim se tornara demasiado comercial. Já devia saber, porque Gus era generoso, enquanto aquele argumento costuma ser só uma desculpa para se ser sovina.

A nossa relação ia bem. Eu tinha deixado de recear que qualquer movimento errado pudesse fazê-lo aperceber-se de repente de que cometera um erro. Era evidente que o trabalho o deixava stressado, mas parecia descontraír quando estávamos juntos. Eu passava a maior parte das noites com ele e, quando ele fazia turnos noturnos, eu aproveitava para pôr o sono e a lavagem da roupa em dia no meu apartamento.

Ao fim de umas semanas sem fazer os trabalhos de casa, deixei de ir às aulas de Escrita Biográfica. A verdade era que já não estava realmente interessada em memórias. O que gostava de ler eram romances, e tinha um vislumbre de uma ideia, mas, sempre que tentava concentrar-me em como poderia concretizar-se, distraía-me com uma memória emocionante de algo que ele dissera ou fizera, e dava por mim sentada em frente ao portátil do ano da Maria Cachucha e de olhar perdido, com um sorriso tolo na cara. Era quase como se ter encontrado alegria na minha própria história de amor significasse que já não precisava de imaginar outra. Fosse como fosse, dizia a mim mesma, ao desligar a luz e a pedir ao sono que viesse depressa para as horas até voltar a vê-lo passarem num instante, até então só tinha escrito contos. Como haveria alguma vez de chegar às cem mil palavras? E, se o fizesse, quem quereria ler isso?

Aos fins de semana, tomávamos *brunch* no café do Luis e depois dávamos longos passeios se o tempo estivesse bom, ou íamos a galerias ou ao cinema quando fazia frio. Eu adorava estar simplesmente na sua companhia, conversando enquanto comíamos, ficar deitada na banheira com ele a olharmos um para o outro, ensaboar-lhe as costas e sentir a tensão soltar-se dos seus ombros. O sexo já não era uma tentativa frenética de nos consumirmos um ao outro. Tínhamos aprendido as coisas que nos excitavam. Havia algo de profundamente íntimo quanto a darmos prazer puro, levando-nos mutuamente a um plano de existência onde parecia que pairávamos sobre o mundo.

Enquanto avançava pela Portobello Road acima, de fita na mão a segurar o grande balão vermelho em forma de coração que ondeava acima de mim, senti aquele ânimo de quando nos damos conta de que ainda há luz e de que os dias estão a ficar maiores. As cerejeiras não tardariam a ficar em flor. Não havia sítio mais bonito do que Londres na primavera.

Gus tinha-me dado uma chave, pelo que entrei. Ele já estava em casa, com os ombros curvados de exaustão, mas, quando me viu, atravessou a sala num

pulo e abraçou-me com tanta força que soltei o balão, o qual se lançou contra o teto.

Gus tinha feito uma reserva no seu restaurante preferido, em Primrose Hill, e, quando chegámos, o proprietário cumprimentou-o como se fosse um velho amigo.

– *Ciao*, Gus! O meu melhor empregado de mesa de todos os tempos – disse ele.

– Tess, este é o Salvatore, o melhor patrão que alguma vez tive! Trabalhei aqui quando era estudante.

Salvatore apertou-me a mão.

– *Belissima!*

Levou-nos até uma mesa numa alcova sossegada, com um mural pintado a giz de uma janela com vista para uma vila italiana ao longe, no cimo de uma colina.

O menu consistia em muitos pratos pequenos, uma espécie de *tapas* italianas. Gostei mais do *risotto* do que do marisco, pois nunca fui grande apreciadora de alho ou de bivalves.

– Sais mesmo barata! – exclamou Gus.

Quando fizemos uma pausa para considerar as opções de sobremesa, uma mulher saiu da cozinha, a usar uma bata branca de cozinheira. Gus levantou-se e deu-lhe um abraço terno.

– Tess, esta é a Stefania.

– Muito gosto em conhecê-la.

– *Piacere!* – respondeu ela, olhando-me de cima a baixo sem disfarçar antes de me pronunciar *Belissima!*

Quando Gus começou a perguntar-lhe de onde vinham os lagostins e como os tinha cozinhado para que ficassem tão deliciosos, percebi que devia ter sido ali que descobrira a sua paixão pela comida e por cozinhar. Ainda havia tanto acerca dele que eu não conhecia, e adorava aqueles vislumbres do que tinha formado a pessoa em quem se tornara.

Falaram de cada uma das receitas e ela depois virou-se para mim.

– Gosta do *risotto*?

– Não fazia ideia de que o arroz podia ser tão delicioso!

Ela sorriu.

– Eu e a Tess conhecemo-nos em Itália – disse-lhe Gus.

– Em *Firenze* – disse eu.

– Gosta de *Firenze*?

– Oh, adoro.

Dei por mim a contar-lhe que fora lá pela primeira vez quando tinha dezoito anos, precisamente na mesma altura em que Gus lá estivera pela

primeira vez também. Eu andava a acampar com a minha amiga Doll, enquanto ele se hospedara num hotel elegante com os pais. Os nossos caminhos tinham-se cruzado na Basílica de San Miniato al Monte, mas só nos tínhamos conhecido realmente no verão anterior, nesse mesmo sítio.

– *Come una fiaba!* – exclamou ela.

Olhei para Gus, a ver se me traduzia, mas ele encolheu os ombros.

– *E vissero felici e contenti* – disse ela, apertando-me a bochecha. – *Simpaticissima!*

– Aquilo queria dizer muito simpática? – perguntei-lhe depois de ela tornar a desaparecer na cozinha.

– Não, é mais «mesmo encantadora» – disse ele, debruçando-se sobre a mesa e dando-me a mão. – A Stefania é muito boa avaliadora de carateres. Ela e o Salvatore eram como família para mim... vamos lá escolher os nossos *dolci*.

Olhei para o menu.

– Tem de ser *gelato*, não? – perguntei.

– Mas só dois sabores – disse ele, lembrando-se da regra que eu lhe contara em Florença. – Porque a boca fica sempre demasiado fria para provar o terceiro!

Ele escolheu gelado de avelã com sorvete de limão, tal como no primeiro dia em que tínhamos conversado.

Lamentando um pouco a minha imposição daquele limite de dois sabores, acabei por me decidir por chocolate e morango.

É engraçado que um sabor seja capaz de nos fazer regressar a um lugar e a uma emoção que não tínhamos noção de haver esquecido. Olhando para o fresco de Itália atrás dele, com o sabor de morangos nos lábios, senti a mesma euforia estonteante de quando abrira as persianas daquele belíssimo quarto pintado na primeira manhã que passáramos juntos e observara a vista distante.

Gus estendeu a mão por cima da mesa e segurou-me nas duas.

– Vamos voltar a Itália – disse ele, como se estivesse a pensar o mesmo.

– Sim, vamos.

– Quero dizer, para viver lá – esclareceu, como fizera em Assis, no último dia das férias.

– Não se vive de luz solar!

Sem dominar minimamente a língua, quaisquer competências que eu tivesse não seriam transferíveis. Quaisquer poupanças não durariam muito.

– Tenho pensado nisso – continuou ele. – Se eu vendesse a casa como a Charlotte quer, poderíamos usar parte do dinheiro para tirar algum tempo e decidir o que queremos realmente fazer das nossas vidas.

– Mas isso implicaria que eu ficasse dependente de ti...

– Eu sei que não queres fazer isso, mas, se tivesses espaço para escrever o

teu romance, não poderias vê-lo como um adiantamento de futuros lucros?

A sua fé no meu potencial era comovente, mas nada realista ou prática.

– Então e as tuas filhas?

– Suponho que não se importassem de passar as férias em Itália. Quando ou se decidirmos voltar, poderia sempre comprar algo mais pequeno. As pessoas estão sempre a dizer que querem mudar de vida, não o fazem e depois... – Deteve-se.

De repente, percebi de onde vinha aquilo.

– Pensava que não ficavas a pensar nos «E se»... – disse eu.

Capítulo 13

– É uma grande ideia.

A reação de Doll surpreendeu-me quando lhe liguei no dia seguinte.

– Parece só uma fantasia.

– Porque é que as mulheres acham sempre que qualquer coisa boa que lhes aconteça não é real? – perguntou Doll. – Tens tido uma vida de merda, Tess, bem que mereces uma pausa.

Calculei que aquilo seria o mais próximo da aprovação que ela alguma vez daria a Gus, o qual subira na sua estima depois de ter enviado um urso de peluche azul para Tommy quando Elsie sequestrara o branco que ele levara originalmente.

– E se não funcionar?

– Vais sempre ter um emprego se quiseses voltar, se é isso que te incomoda.

– E a Hope?

– Com que frequência é que a vês hoje em dia?

– Mas estou aqui se ela precisar de mim.

– É um voo de duas horas. Eu vou sentir a tua falta, a tua família vai sentir saudades tuas. Tu até és capaz de nos sentir um bocadinho a falta. Acho que devias aproveitar a oportunidade...

A coisa de que as pessoas se esquecem sempre quando nos aconselham *carpe diem, aproveita o dia*, é que o segundo verso do poema diz *porque talvez não vejas outro*. O que pode parecer mais uma ameaça do que um conselho sábio quando se teve cancro.

A vida parecia tão boa naquele momento que me sentia hesitante quanto a fazer uma mudança tão grande. Porém, sentada ao balcão a ouvir ricalhaças a falar das suas cutículas, apercebi-me de que a minha zona de conforto era um sítio onde eu não era eu de todo.

– Importas-te de tomar conta do estaminé por uma hora? – perguntei a

Aggie.

Fiz o caminho até casa de Gus a correr, sabendo que ele estaria mesmo a acordar antes de ir fazer o seu turno noturno.

– Vamos a isso! – gritei, ao mesmo tempo que subia os degraus dois a dois para saltar para o seu lado na cama.

Depois, não conseguia deixar de pensar nos «e se». E se eu não tivesse demorado tanto tempo a aceder? Se a batida da asa de uma borboleta podia causar uma tempestade, decerto haveria algo que eu pudesse ter feito para mudar as coisas?

Talvez toda a gente tente culpar-se irracionalmente quando as coisas correm mal. Talvez o que aconteceu a Gus tenha sido uma ampliação exponencial dessa reação humana natural?

Gus estava no duche e eu continuava na cama, sentindo-me feliz e pecaminosa. O sexo fora ainda melhor do que o habitual porque era suposto estar a trabalhar.

Quando o telefone dele tocou, peguei-lhe e vi que era Charlotte quem lhe ligava.

– Gus?

Ele saiu com uma toalha à volta da cintura e com o cabelo a pingar.

Passei-lhe o telemóvel a tocar.

Vi o raciocínio que se formava atrás do cenho franzido dele. Não queria atender, mas poderia ser algo relacionado com as filhas. Por fim, deslizou o dedo pelo ecrã.

– Charlotte? Estava a tomar duche. Não, vou agora para o trabalho. O que foi?

A voz dele mostrava impaciência.

– Não... – Sentou-se na beira da cama. – Já estou.

Enquanto ele ficava uns momentos só à escuta, eu ouvia o meu coração a bater-me no peito. Algo se passava.

– Quando? Como é que sabes? Quem é a Marjorie? Jesus!

Os seus olhos focaram-se subitamente em mim, como se se tivesse esquecido de que eu estava ali.

– Posso ligar-te depois?

A expressão dele apavorou-me.

– O que se passa? – perguntei.

– A minha mãe morreu. Hemorragia cerebral, acham.

Capítulo 14

O preto nunca me ficou bem. A minha mãe costumava dizer que me sugava a vida do rosto. Mas eu sabia que não me sentiria suficientemente elegante de azul-escuro. Já estava suficientemente nervosa acerca do funeral sem a possibilidade de que pessoas que nunca conhecera me julgassem desrespeitadora.

As lojas estavam cheias de coleções novas para o verão, pelo que foi difícil encontrar algo adequadamente formal. Gastei uma fortuna na Selfridges num vestido chique de mangas curtas com um casaco a condizer, do género que Jackie Onassis poderia ter usado. No trocador, fitei a etiqueta com o preço como se o meu escrutínio pudesse alterar magicamente aquele valor. Era imenso a pagar por algo que eu só usaria uma vez. Passou-me pela cabeça, enquanto via a empregada da loja a dobrá-lo cuidadosamente e a envolvê-lo em papel de seda, que talvez fosse enterrada com aquele conjunto. Perguntei-me se mais alguém dividiria o custo de uma roupa pelo número de vezes que a usaria para a fazer parecer menos dispendiosa.

Decidi não usar maquilhagem. Não podia correr o risco de ter rímel a escorrer-me pela cara.

Quando a carrinha funerária surgiu, comigo e Gus a segui-la no carro dele, Charlotte estava à porta do crematório. Reconheci-a de imediato, pois era uma versão adulta de Flora. Tinha a pele a reluzir subtilmente, os lábios com um ligeiro brilho. Era suficientemente bonita para fazer publicidade a uma linha de cuidados de beleza.

– Mas que belo dia – comentou.

Ela e Gus abraçaram-se durante muito tempo até ele se lembrar que eu estava ali ao lado.

– Esta é a Tess.

– Não és nada como esperava – disse ela, mirando-me de cima a baixo.

Valera a pena cada tostão que gastara naquele conjunto.

Tive vontade de responder: «Pois tu és exatamente como eu imaginava. Possivelmente, pior.»

Em vez disso, disse:

– Lamento muito, os meus pêsames.

Um caixão é sempre uma imagem sombria e chocante. Eu não podia dar o braço a Gus, porque ele tinha os cotovelos colados ao corpo, como se estivesse literalmente a impedir-se de se desfazer. Entrámos na capela atrás dos homens que carregavam o caixão. Vários casais de meia-idade estavam sentados nos bancos, bem como um grupo de mulheres a sussurrar.

Numa fila vazia ao fundo da igreja estava o pai de Gus. Era mais baixo do que eu esperava, com o cabelo arruivado e grisalho. Era um desses homens que não parecem realmente completos sem uma mulher obediente a seu lado. Perguntei-me se teria escolhido sentar-se sozinho, ou se fora ativamente insulado por aquelas pessoas, algumas das quais decerto sabiam que ele fugira com outra.

Quando Gus parou para o cumprimentar, o rosto do pai não parecia saber se haveria de mostrar-se satisfeito ou triste.

Eu fui a primeira a sentar-me quando chegámos ao banco da frente, depois Gus e logo Charlotte, que poderia ter escolhido sentar-se do outro lado do corredor. Mas, onde quer que ela se sentasse, aquilo ia ser confrangedor.

– Flores brancas! – De repente, Gus apertou-me o pulso com tanta força que me magoou.

– Não são as que tu escolheste? – sussurrei, perguntando-me se teria havido alguma confusão na florista e sentindo-me algo culpada por não o ter ajudado mais com os preparativos fúnebres, embora ele tivesse deixado bem claro que não queria que eu o fizesse.

– Claro! – respondeu, olhando para mim como se eu fosse estúpida.

Quem seria que decidia o que devia ir num caixão, pus-me a pensar. O meu pai escolhera um arranjo similar para o da minha mãe. Lembro-me de pensar que ela teria detestado que tivessem cortado os caules a todos aqueles botões encantadores para conseguirem criar aquela forma rígida e artificial.

Talvez a mãe de Gus tivesse gostado? Parecia uma pessoa bastante convencional, sem contar com a bebida. Será que toda a gente ali sabia que ela bebia? Só tinha sessenta e seis anos, o que era cedo para se morrer, a menos que se tivesse cancro.

Quando o vigário telefonara a Gus para lhe perguntar se ele diria ou leria alguma coisa no serviço fúnebre, ele respondeu: «Não me parece.»

Foi uma frase tão desprovida de emoção que me fez pensar que não o conhecia de todo.

Agora, a ouvir o vigário fazer um elogio fúnebre de alguém que nunca conhecera, baseando-se na breve biografia que o filho lhe proporcionara, senti pena da mulher no caixão. Talvez ela fosse reprimida, mas parecia-me um pouco estranho ter um funeral sem emoção. A única pessoa que chorava era eu, que só tinha estado uma vez com ela.

O vigário terminou com a parte da Epístola aos Coríntios sobre Fé, Esperança e Amor:

– «O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade.»

A verdade, pensei eu, é que aqui não há amor.

Lá fora, o pai de Gus estava desejoso de ir embora, revelando que a segunda mulher estava prestes a ter gémeos.

– Valha-me Deus, não vai ter mãos a medir – comentei.

Esperei não ter dado a entender que ele era demasiado velho para aquilo, embora isso fosse verdade. Senti Gus a retesar-se a meu lado perante aquele excesso de familiaridade.

Despediram-se com um aperto de mão formal.

– Têm de vir visitar-nos – disse ele, a olhar-me para a boca em vez dos olhos, o que provavelmente será automático para um dentista. Felizmente, na minha família todos temos bons dentes.

O velório foi num bom hotel rural, com sanduíches em miniatura e *macarons* em cores pálidas e sofisticadas, amêndoa, pistacho, rosa.

Gus esforçou-se por cumprimentar cada um dos presentes, agradecendo-lhes por terem ido. Parecia conhecer muito pouca gente, pelo que era tão fácil para mim como para ele fazer conversa de circunstância, mas eu percebia, pelos olhares de relance que dirigiam a Charlotte, que algumas pessoas estavam confusas. Estaria ela a dizer que era a nora? Obviamente, tinha todo o direito de o fazer. Eu nem sequer sabia que estatuto era o meu, já que ele nunca se deu ao trabalho de me apresentar. Todo o afeto que eu passara a esperar dele parecia ter sido substituído por irritação.

Marjorie, vizinha da mãe dele, estava a emborcar vinho branco às onze da manhã.

– Mas a Caroline sempre me disse que o filho tinha morrido! – exclamou, parecendo tão encantada quanto surpreendida, como se Gus tivesse ressuscitado.

Eu tinha-me compadecido da mãe dele por não ter sido capaz de recuperar depois da morte do filho mais velho, e nunca acreditara naquilo que Gus dizia, quanto a ela não o amar, mas ali estava uma prova da sua negligência. As

minhas emoções tornaram a mudar e deram lugar a um sentimento fortíssimo de proteção enquanto ele apertava a mão de Marjorie, cordial como sempre mas com uma expressão vazia.

Uma qualidade que a classe média tem é a de saber sempre quando ir embora. O velório da minha mãe continuou até à noite, com toda a gente a divertir-se tanto que se esqueceu do motivo para se encontrar ali.

Ao fim de cerca de uma hora de conversa convenientemente circumspecta, as pessoas começaram a pousar os pratos e a dirigir-se ao átrio do hotel para sair.

Quando a sala ficou vazia, Charlotte aproximou-se.

– Acho que correu bem, não? – perguntou Gus.

– Foi perfeito! – comentou ela, olhando para o relógio. – Marquei a reunião com o solicitador para as duas.

Fiquei sentada no carro enquanto eles iam lá dentro, satisfeita por ter levado um livro. Quando, por fim, tornaram a aparecer, Gus disse-me que íamos dar boleia a Charlotte até ao aeroporto.

– Queres ir à frente? – perguntei, sem esperar que ela dissesse que sim.

Sentada no banco de trás, senti-me como uma criança a ouvir uma conversa de crescidos entre os meus pais, que não seria suposto eu compreender. Pelo que percebi, eram coexecutores do testamento, tendo tudo sido deixado num fundo para Flora e Bella. Assim, a mãe de Gus tinha conseguido voltar a juntá-los.

Quando a deixámos, fiquei no carro para que se despedissem, e ainda a ouvi dizer:

– Bem, sabes onde me encontrar.

A forma como o disse pareceu ligeiramente sugestiva. Talvez uma mulher bela espere que os homens a desejem e nem repare que está a ser sedutora, mas custava-me dar-lhe o benefício da dúvida.

– Vou fazer um chá – anunciei, depois da longa viagem de volta para casa de Gus.

– Porque é que as pessoas acham que o chá resolve tudo?

– Um copo, então?

– Agora não.

Talvez aquela não tivesse sido uma sugestão apropriada. A autópsia sugerira que a mãe dele se encontrava num estado avançado de alcoolismo.

Eu estava habituada a andar em bicos de pés à volta de homens cujo silêncio continha a ameaça de uma súbita explosão violenta. Mas nunca tinha pensado que tivesse de o fazer com Gus.

Ele estava a olhar para algum ponto além de mim. A sala parecia sufocante,

com tanta emoção acumulada.

– Ajudaria falar? – perguntei com delicadeza.

– Falar do quê?

– Da tua mãe...

– Morreu, portanto isso não serve de muito.

Tudo o que ele dizia parecia conter um subtexto acusatório.

Eu sabia que isso por vezes acontecia quando se tentava não chorar. Talvez ele precisasse de ficar sozinho. Tinha sido um dia comprido.

– Vou deixar-te dormir um pouco – anunciei, hesitando junto à porta pois, algures no fundo da minha mente, havia um pequeno guinchinho de medo, como o som de um rato que tentamos ignorar, esperando estar a imaginá-lo.

Ele nem pareceu dar pelo facto de eu ir embora. À porta, quando me virei para lhe sorrir, vi que o balão em forma de coração se tinha afundado quase até ao chão, com a sua superfície cheia e brilhante já enrugada e baça.

O florir das árvores que não tínhamos conseguido desfrutar estava praticamente terminado, as sarjetas estavam entupidas por uma neve cor-de-rosa. Enquanto descia a rua, ouvi um uivo estranho que parecia o de um animal em sofrimento. Virei-me, petrificada, sem saber se haveria de correr para trás e reconfortá-lo, ou de lhe dar algum espaço.

E então os soluços começaram e eu dei por mim a agradecer a Nossa Senhora por finalmente o deixar expressar a sua mágoa.

É preciso cuidado com o que se deseja.

Gus

Capítulo 15

Eu estava a olhar para o fundo do grande jarrão ornamental.

– *O que é isto, Angus?*

– *Loiça partida...*

– *Eu sei o que é! Como é que foi aí parar?*

– Há pratos suficientes...

– *Seu malvado! Esconder as provas é ainda pior do que dar cabo do meu serviço especial de jantar...*

– *Como um assassino!* – atalhou Ross.

– Parem! Parem! Deixem-me em paz!

Os meus gritos acordaram-me. Tinha estado a dormir? Parecia que estava duas estações à frente daquela em que costumava sair. Será que tinha gritado? Olhei em redor. Toda a gente da carruagem estava a olhar para os telemóveis. Um homem tinha um jornal. Estariam a ignorar-me deliberadamente?

Saí do comboio e caminhei até à outra plataforma. Faltavam dois minutos para o comboio seguinte. Ia chegar atrasado. A plataforma estava a encher. Olhei para o painel de informação. Continuavam a faltar dois minutos. Seria mais rápido se corresse até ao trabalho? As outras pessoas iam-me empurrando cada vez mais para a beira da plataforma. Olhei para baixo. Por baixo dos carris, o chão parecia mover-se, pois a linha começou a chocalhar e a cantar a nota fina e aguda do comboio a aproximar-se. Não consegui perceber se as criaturas que corriam por baixo dos carris eram ratos ou ratazanas. Que inferno, pensei, quando o comboio disparou pela boca do túnel com um baque de ar quente e cediço. Passou-me pela cabeça que seria muito fácil cair, ou dar apenas um passo para lá da beira.

O semáforo estava verde e eu continuava no meio da rua, fora do hospital. Um autocarro começou a avançar na minha direção. Um camionista calçou a

buzina.

Uma moto de entregas junto ao autocarro passou a poucos centímetros dos meus pés.

Eu estava agarrado às pernas da minha mãe ao lado da porta aberta do nosso carro, onde o meu pai estava ao volante, a acelerar o motor.

– Não me obriguem a voltar para a escola, por favor, não me obriguem...

– *Vê se te comportas, Angus! Já és um menino crescido!*

– Só tenho oito anos!

– *Mas o que é que se passa contigo?*

Vê se te comportas.

– Um café, com uma dose extra, por favor.

Estava a tentar comprar um café no Costa que ficava logo a seguir à entrada do hospital.

Porque estaria o empregado a olhar para mim daquela maneira?

Há quanto tempo estaria aquela fila a crescer atrás de mim?

– Vai pagar com cartão?

– Oh, desculpe, sim!

Misturei uma colher de chá de açúcar no líquido quente e escuro. Bebi-o de um trago. Senti a energia.

– Já estou melhor! – disse, sem me dirigir a ninguém em particular.

A pessoa que estava atrás de mim na fila recuou ligeiramente.

Hesitava quanto a abrir o cacifo, com receio do que pudesse encontrar lá dentro. Ross devia ter feito uma cópia da minha chave, porque era comum deparar-me com presentes indesejados. Uma vez, um único camarão mesmo lá ao fundo, para eu não saber o que me deixava as roupas de ginástica a feder.

Estava vazio. Era o cacifo do hospital, não da escola. Já não tenho de ir à escola.

Despi-me e tirei uma bata e umas calças brancas lavadas da máquina.

Ao espelho, a minha cara parecia normal.

– Olá. Sou o Gus, um dos médicos – disse eu ao meu reflexo.

Bem. Eu estava bem.

– Pensei que não vinha hoje – disse-me a enfermeira na receção.

– *Não esperava ver-te tão cedo* – disse a minha mãe.

– Bem, aqui estou.

– *Onde é que está o Ross?*

– Continua a esquiar.

– Desculpe? – perguntou-me a enfermeira. – Perdeu a passagem do turno.

Olhei para o relógio. Eram nove e meia. Eu devia ter chegado ali antes das oito. O que teria acontecido ao tempo?

– Vim de teleférico. Quero dizer, de metro.

– Sente-se bem, doutor Macdonald?

– Bem, obrigado – respondi bruscamente.

– Tem a certeza?

– Não tem pacientes com quem deva preocupar-se? – ripostei.

Ela virou-se e foi-se embora.

Peguei nas notas do paciente seguinte.

– Bom dia – disse eu, abrindo a cortina. – Estou a ver que não se sente lá muito bem hoje. Dores de garganta...

– Não sou eu – disse a mulher. – É a minha filha.

Estava uma menina deitada na cama. Fiz-lhe um exame rápido, espreitei-lhe a garganta, senti-lhe os nódulos linfáticos e auscultei-a.

– Parece uma amigdalite das más. Deve ser viral. Muitos fluidos...

– Como eu tinha dito ao seu colega, é muito difícil fazê-la beber. Está com febre alta há vários dias. Não se sente bem.

– Bem, não podia sentir-se bem, com a garganta assim. Vou pedir à enfermeira que retire uma amostra...

– Mas não está preocupado?

– As amigdalites podem ser muito dolorosas, mas deve passar em poucos dias...

– Que cheiro é este? – perguntou a mulher.

O cubículo seguinte tresandava como a casa de banho dos homens de um *pub* asqueroso, uma combinação pungente de urina velha e cerveja rançosa. Espreitei para lá da cortina. Um dos sem-abrigo que atendíamos com frequência caíra e partira o queixo.

– *Posso tratar-te dos dentes, mas não posso tratar-te dos pulmões* – disse-me o meu pai, quando me apanhou a fumar.

– Podemos tratar-lhe dos ossos, mas não podemos tratar-lhe do fígado – disse eu ao homem.

Que aviso ridiculamente banal para dar a alguém cujo único prazer provinha de uma lata de *Tennent's Extra*. Porque não teria eu dito nada à minha mãe acerca do que ela bebia?

– *Estou muito desiludida contigo, Angus!*

Voltei à receção.

– O que é que disse à paciente do cubículo 13? – perguntou-me a enfermeira? – A mãe levou a menina para casa.

– Eu pedi-lhe que recolhesse uma amostra...

– Não pediu.

– Desculpe, fiquei distraído pelo fedor potente da miséria!

– O Mike pediu que fosse ao gabinete dele.

– *Decidiste brindar-nos com a tua presença hoje, foi, Angus?* – disse o diretor.

– Decidiu brindar-nos com a sua presença hoje, foi? – perguntei.

Naquele dia, a enfermeira não parecia achar graça nenhuma aos comentários chistosos do costume.

– Deu alta à paciente do cubículo 13? – quis saber Mike, o médico especialista.

– Segundo percebo, ela deu-se alta a si mesma...

– Depois de falar consigo. Não era sua paciente. O médico que estava a atendê-la desconfiou de uma pneumonia viral e referenciou-ma. Eu ia examiná-la... agora foi-se embora, por isso esperemos que não fosse pneumonia. As crianças daquela idade podem piorar muito rapidamente. Seja como for, o que é que está aqui a fazer? Não está no turno de hoje...

– Desculpe, confundi-me um pouco.

– Neste sítio não podemos dar-nos ao luxo de andarmos confusos, Gus. O que é que se passa? As enfermeiras dizem que está com um comportamento que não parece seu...

– Quem é que disse isso?

– Não vou dizer-lhe os nomes.

– *Temos recebido informações de que andas a fumar.*

– Informações de quem, senhor diretor?

– *Não vou dizer-te os nomes.*

– Pode revistar-me o cacifo, se quiser, que não vai encontrar nada... – disse eu.

– O quê? – perguntou Mike.

– Desculpe – disse eu.

– Ouça, sente-se bem? Estamos todos um pouco preocupados consigo.

– Porquê?

– Parece diferente.

– Diferente como?

– Alheado. Indelicado.

– Como alguém mais experiente?

– O quê?

– Nada.

– Não está em si...

– Isso é um diagnóstico?

– Provavelmente mais acertado do que aquele que acaba de fazer.

Problemas em casa?

Como é que ele sabia?

– Não.

– Tem a certeza?

- O funeral requereu mais organização do que eu esperava.
- Perdeu alguém?
- A minha mãe morreu há três semanas.

– *A mãe está preparada para o receber.*

O agente funerário tinha-me levado para a capela. Estava sempre a chamar-lhe «mãe», como se fosse ele o filho dela e não eu.

Só se via a cara. O resto estava coberto por uma espécie de sudário roxo. Será que estava nua por baixo daquilo, ou a usar algum tipo de bata hospitalar? Ou roupas? Tinha uma mola de plástico na boca, para que não se abrisse. Isso dava-lhe um meio sorriso artificial que, por um momento, me deixou sem saber se seria mesmo ela.

– *Estou muito desiludida contigo, Angus!*

– Lamento.

Era tudo o que me ocorria dizer-lhe.

Inclinei-me para lhe dar um beijo na face. Estava tão fria como frango cru no frigorífico.

– Então adeus!

Percebi que o agente funerário ficou surpreendido por eu sair tão depressa da capela. Quase senti que devia voltar a entrar, pelo tempo que ele decerto demorara a tirá-la da arca frigorífica e a deixá-la apresentável.

– Lamento – tornei a dizer.

– *Não há uma forma certa ou uma forma errada de estar* – replicou ele num tom oleosamente tranquilizador, o que me fez pensar que de certeza que havia.

– Lamento sabê-lo – dizia Mike.

– Não há uma forma certa ou uma forma errada de estar.

– O quê? – Parecia irritado.

– Lamento – disse eu.

– Acho que devia tirar uns dias de licença de nojo.

– Estou absolutamente bem.

– Não estou a pedir, Gus, estou a dizer-lhe que o faça. É perigoso andar por aqui assim. Vá para casa.

Nellie, o Elefante...

Eu e Ross estávamos a tirar um curso de primeiros socorros no clube de vela da Ilha de Wight, onde passávamos sempre as férias de verão. Havia dois bonecos estranhos de boca aberta e bolsas insufláveis no tronco, para praticarmos a técnica de reanimação cardiopulmonar.

A última pessoa que treinara no meu devia ter comido caril antes.

Diziam-nos para mantermos o ritmo da canção «Nellie, o Elefante». Ross foi o caminho todo de carro até ao chalé que arrendávamos a cantarolar essa

canção.

– O Angus deixou o boneco dele morrer! – disse ele ao meu pai.

– Sabia horripelantemente mal.

– Não podes matar alguém só porque tem mau hálito. Eu teria uma data de pacientes mortos, se assim fosse!

Risadas dos dois. O riso parecia unir as outras famílias. Na minha era usado para me excluir.

– Grande médico hás de ser – comentou Ross.

– Eu nem quero ser médico.

– Ainda bem!

– Para! Deixa-me em paz!

– Sente-se bem, amigo?

Era o homem sentado à minha frente no metro quem o perguntava.

Na janela atrás dele, eu vi o meu reflexo nos óculos espelhados de espiar de Ross.

A neve caía com força.

– *O último a chegar lá abaixo vai buscar as bebidas* – gritou ele, já na *Fugida!* quando eu ainda ia na *Largada!*, como sempre que competíamos.

Quase o segui, mas não o fiz. Em vez disso, tirei os esquis e voltei para o teleférico, mas este não estava a funcionar. Lá em baixo, tudo o que via era neve pura e branca que subia para me sufocar.

Estava ao nível da rua, fora da estação de Lancaster Gate, a duas paragens da de Notting Hill, sem saber bem o que estaria ali a fazer.

Uma caminhada para me espalhar as ideias. Decidi que atravessaria o parque até ao outro lado da estrada. Os travões de um carro guincharam quando me pus à frente dele.

– *Por amor de Deus, vê se te comportas, Angus!* – gritou o meu pai atrás do volante.

Como é que ele sabia que eu estava ali?

No parque, um ciclista passou por mim e olhou para trás para me insultar. O rosto de Ross a virar-se enquanto ele acelerava pela brancura, perdendo a fração de segundo crucial de que precisava para evitar ir contra a árvore ali à espreita.

Neve no chão.

Não. Flores caídas das árvores.

A mais bela das árvores, a cerejeira neste momento, carregada de flores a seu contento.

A minha mãe no público, a sorrir, no Dia Aberto da escola.

– Esqueci-me do que vinha a seguir.

– *E está no bosque invernal, vestida de branco para receber o desfile pascal.*

- Que mal é que têm flores brancas?
- *Diz-se que dá azar levá-las para casa.*

Porque estava ela a seguir-me?

Comecei a correr.

Bati com a porta depois de entrar e encostei-me à madeira.

As tábuas do soalho estavam cobertas de cacos de loiça com poinsetias brancas, mas, assim que me ajoelhei, cada um dos pedaços afiados derreteu-se, apesar de eu me esforçar por apanhá-los.

Deitei-me no sofá.

O corpo de Ross estendido numa maca, a ser descido da montanha.

- *Porque é que o deixaste esquiar sozinho?*

O corpo da minha mãe deitado no seu caixão, a sufocar sob o peso de flores brancas.

- *Tire uns dias de licença de nojo antes que mate alguém! Não é um pedido, Gus, é uma ordem!*

Nellie, o elefante...

- *Não podes matar alguém só porque tem mau hálito!*

O meu irmão morto, a minha mãe morta por causa da minha negligência e agora uma criança que ia morrer de pneumonia por minha causa.

Pum, pum, pum!

O comboio do metro a acelerar na minha direção, a moto de entregas a travar a poucos centímetros.

Alguém a bater à porta.

Uma campainha a tocar.

Uma chave na porta.

- Gus! O que é que estás a fazer?

Na bancada da cozinha entre nós, lamelas de paracetamol, ibuprofeno, naproxeno que sobrara de uma lesão feita a jogar ténis, um frasco antigo de *Calpol*, detergente para limpar sanitas, lixívia e uma garrafa aberta de *Sancerre*.

- Deixa-me em paz!

- Não, não vou deixar-te!

O bloco de facas japonesas. Muito afiadas. Tão óbvio. Porque não teria eu pensado naquilo antes? Faria uma grande porcaria, mas seria eficaz. Tem é de se cortar ao longo da veia. Já tinha visto suficientes tentativas falhadas de cortes horizontais.

- Larga a faca, Gus!

- Por favor, vai-te embora, Tess! Não podes estar aqui!

- Não vou a lado nenhum!

- Eu sou perigoso, Tess! Mantém-te afastada de mim!

Tess

Capítulo 16

Num domingo à tarde, era eu pequena, estava na cozinha com a minha mãe a fazer uma tarte de maçã. Esses eram os melhores momentos, quando estávamos só as duas a conversar acerca disto e daquilo. Ela deixou-me esticar a massa com o rolo e mostrou-me como enrolar o rebordo entre o indicador e o polegar. Talvez tivéssemos o rádio ligado, talvez não. Só me lembro de sentir uma grande paz. Depois, de repente, a porta da rua abriu-se e, ainda antes de ser fechada com estrondo, ambas sentimos a rajada de fúria que entrara com o meu pai. Ambas sabíamos o que ali vinha. A névoa vermelha, era como a minha mãe lhe chamava.

Ele tinha estado a beber no *pub* onde um comentário fortuito da empregada deixara claro que não só Kevin, o meu irmão mais velho, era *gay*, mas também que toda a gente o sabia, exceto o meu pai.

Ele arrancou o rolo da massa da mão da minha mãe, brandindo-o como um bastão, e bateu com ele na bancada, ao que a tigela onde tínhamos misturado a massa saltou.

– Vai-te embora, Tess, vai! – sussurrou a minha mãe.

Mas eu fiquei com tanto medo de que ele a matasse que lhe saltei para as costas, passei-lhe os braços à volta do pescoço e pontapeei-o com toda a força que tinha o mais depressa de que era capaz. Não podia ter mais de nove anos, porque ainda usava sapatos ortopédicos e os meus pés aumentaram vários números num só ano quando eu tinha dez. As biqueiras dos sapatos que lhe acertaram na parte sensível de trás dos joelhos eram surpreendentemente rígidas e isso deve-o ter magoado tanto que ele parou, libertou o pescoço dos meus braços e ainda me ameaçou com o rolo da massa antes de se dar conta do que estava a fazer. A névoa vermelha dissipou-se, mas acho que ele nunca me perdoou por completo a humilhação.

Agora era outro homem a ameaçar-me com uma arma, mas de alguma forma eu via no seu olhar que não queria magoar-me. Ainda assim, senti-me mais assustada do que nunca, pois é aterrorizador ver a pessoa que amamos a querer tanto fazer-se mal que se mostra capaz de nos atacar se tentarmos impedi-la.

Ouvi-me a dizer:

– A menos que pouses isso, vou chamar a polícia!

– Não!

– Vou.

Comecei a marcar o número de emergência...

Ele largou a faca e arrancou-me o telemóvel da mão.

Agarrei na faca e, num frenesim, atirei todas as lamelas de comprimidos para o chão.

– O que estás a fazer?

– Não vou deixar que faças isto.

– Eu sou perigoso! Matei uma criança. A minha mãe. O Ross. A culpa é toda minha...

Ele não estava a fazer sentido nenhum.

Tinha os olhos loucamente animados, a latejar de pavor, como se estivesse a assistir a um filme de terror.

– Gus! – gritei, a tentar fazê-lo regressar de onde quer que tivesse ido.

O seu comportamento andava estranho desde a morte da mãe, mas eu tinha atribuído isso à dor do luto. Contudo, aquela irracionalidade era algo diferente, como se a pessoa que ele era se tivesse fragmentado de uma maneira que eu não compreendia.

No entanto, certas partes da sua personalidade permaneciam. O facto de ele ser demasiado educado para fazer algo horrível enquanto eu ali estivesse.

– Por favor, devolve-me o telemóvel, Gus.

– Só se me prometeres que não chamas um médico.

– Prometo.

Levei o telefone comigo para a casa de banho e tranquei a porta. Telefonei a Marcus. Como Nash estava em Los Angeles, ele era a única pessoa que me ocorria que talvez fosse capaz de o fazer recuperar a lucidez.

Afinal, Gus nem sequer lhe tinha contado que a mãe morreria. Para meu grande alívio, ele ofereceu-se para sair logo do escritório na City e ir ali ter.

Deixei-os sozinhos, mas Marcus também não conseguiu fazê-lo dar-lhe ouvidos e, quando tentou persuadi-lo delicadamente a ir ao médico, Gus mandou-o embora.

– O que haveremos de fazer? – perguntei a Marcus, quando ficámos os dois na rua, parecendo que tínhamos sido retirados depois de um alarme de incêndio.

– Acho que devíamos ligar à Charlotte.

Eu nunca a tinha visto como uma médica, mas ela falou comigo com o pragmatismo desapegado da sua profissão.

– Parece depressão – disse ela. – Muitas vezes, é acompanhada por psicose. Têm de o fazer ir ao médico de família o mais depressa possível, pois só irá piorar.

– Acredita, já tentei. O Marcus tentou...

– Ele ainda deve estar registado com a médica que costumávamos usar. E se eu visse se consigo que faça uma consulta ao domicílio? Deixa-me ver o que acontece.

– O Gus não sabe que estou a falar contigo. Acho que não ia querer...

– Ele é o pai das minhas filhas – interrompeu-me ela. – Não vou deixar que se suicide e lhes dê cabo das vidas.

Fiel à sua palavra, conseguiu persuadir a médica a ir lá a casa nessa noite. A médica receitou antidepressivos e disse que faria uma referência urgente para Gus ser atendido no departamento psiquiátrico do hospital da zona.

Todos estávamos de acordo em como Gus não deveria ficar sozinho até se encontrar a combinação certa de medicamentos, o que seria um processo de tentativa, observação e espera.

Eu sabia que a depressão era um problema grave, mas ainda julgava que era basicamente uma questão de se ficar triste. Muito triste.

Não é nada disso.

A doença mental tem um vocabulário próprio. A palavra catastrofismo descreve uma espécie de escalada de pensamentos ansiosos que primeiro seduzem e depois aprisionam o paciente. No caso de Gus, parecia ser algo do género: ser um mau irmão e um filho negligente tornava-o incapaz de ser médico; cometer um erro significava que nunca mais deveria voltar a trabalhar, o que implicaria perder a casa, as filhas e a namorada.

– Porque é que não compreendes!? – gritava-me, sempre que eu o tentava tranquilizar.

Mais tarde, eu viria a saber que a tranquilização é prejudicial porque se limita a reforçar as ilusões do paciente.

Na mente de Gus, as suas falhas estavam prestes a ser descobertas, o que levaria a que ficasse desgraçado e arruinado. Toda a sua energia mental se devotava a tentar escapar ao inevitável, embora isso não fosse acontecer, porque, para começar, não era verdade. A isso chama-se ruminação.

A primeira ronda de medicamentos deixou-o de rastos. Foi um alívio ter alguma calma depois da loucura, mas deixou-me muito triste porque, de uma maneira diferente, ele voltava a desaparecer. Era como se a eletricidade tivesse

falhado e todos os pequenos ecrãs de vídeo da sua personalidade se tivessem apagado, deixando apenas um vestígio ténue dele, como o que se refletia no ecrã do televisor que ele fitava o dia inteiro, mesmo quando não estava ligado.

Doll foi maravilhosa ao deixar-me tirar o tempo de que precisava, embora eu não conseguisse confidenciar-lhe tudo. Ela não o compreendia realmente. Tudo o que eu tinha dito acerca dele, que era confiável, amoroso e divertido, tornara-se tão patentemente falso que isso seria como admitir que eu tão-pouco o compreendia.

Eu continuava a organizar os turnos, tentava manter-me a par do que era necessário encomendar e corria até ao fundo da rua uma vez por dia para fechar a caixa, guardar o dinheiro e assegurar-me de que o gabinete estava limpo e arrumado. Depois de várias semanas sem qualquer melhoria notória em Gus, tornou-se evidente que eu não ia conseguir fazer o meu trabalho como devia ser nos tempos vindouros. Doll contratou um gerente provisório chamado Ash, que teria sido o meu substituto quando o plano era que eu fosse para Itália, um plano que parecia pertencer a outro universo. Ele estudara gestão, tinha vinte e poucos anos e impressionara-a quando fizera o estágio na sede dela, em Kent.

– Vai ser bom para ele ter experiência prática – disse ela, dando a entender que era eu quem lhe fazia um favor.

– Queres que eu tire as minhas coisas do apartamento?

– Não, precisas de um sítio para onde possas escapar – disse Doll. – Para te distraíres um pouco.

Mas eu não me sentia à vontade para deixar Gus sozinho durante cinco minutos, quanto mais uma noite inteira. Estava demasiado assustada. Charlotte e os outros médicos tinham deixado bem claro que o risco de suicídio era muito real.

A casa de Portobello Road, na qual eu sonhara viver quando era adolescente, era como a casinha de gengibre do conto de Hansel e Gretel. Vista de fora, parecia bonita e chamativa, mas na verdade era uma masmorra, onde Gus estava preso, e eu também.

À noite, ele dava tantas voltas na cama que eu não conseguia dormir a seu lado. Por isso, desertei para o quarto das filhas, onde dormia numa cama de solteiro. Já não era a namorada de Gus, era sua cuidadora. Não me tinha oferecido para o ser, mas, quando a médica de família perguntou quem seria – como se toda a gente tivesse um cuidador atribuído – eu disse que era eu, pois receei que ela o internasse se eu não o fizesse.

Ela deu-me um panfleto a informar-me que podia usufruir de uma avaliação de assistência, o que, basicamente, queria dizer que alguém dos serviços de saúde mental me telefonava para verificar se eu não estava a ficar

maluquinha também. Além disso, deu-me o contacto de um grupo de apoio a cuidadores informais.

Não liguei para esse número durante muito tempo, mas, quando voltei a vê-lo no quadro de anúncios do consultório, decidi que nada tinha a perder se o experimentasse.

Éramos de idades, classes e etnias diferentes. Pet, Toni e Viv cuidavam de pacientes com diversos níveis de demência; Lorna tinha um companheiro com Alzheimer precoce; Leanna tinha um filho autista. Eu nunca me tinha considerado uma cuidadora informal quando criara Hope, mas gostava que alguém me tivesse dito que havia grupos assim, porque isso teria ajudado.

Até me abrir a este grupo aleatório de estranhos, a situação parecera-me um problema que só eu tinha, um problema que decerto mais ninguém entenderia. Afinal, todos nos sentíamos sozinhos e abandonados. Ter um sítio para confessar a frustração ou chorar, ou até partilhar uma gargalhada cáustica, era uma boia de salvação.

A Casinha de Bonecas também o era. Só a ideia de haver um sítio ali ao pé onde a vida continuava, sem nada mais problemático do que cutículas estragadas.

Sentia um alívio secreto por o pessoal não se ter afeiçoado a Ash. Ele era todo a favor de *rebrandings* e outras alterações, bem como de incluir intervenções não-cirúrgicas no nosso menu de serviços. Não era nem de longe tão flexível quanto eu em relação às folgas. A minha estratégia de gestão passara sempre por manter as mulheres que contratávamos contentes. Todas eram trabalhadoras e tinham responsabilidades familiares. Na minha opinião, conseguiam-se muitas horas extras de graça quando se fomentava um ambiente onde não havia problema se alguém substituísse outra pessoa, desde que as horas fossem cumpridas.

Ash tinha grandes planos de expansão. Instava Doll a abrir um gabinete exclusivo para homens.

– Podiam chamar-lhe a Caverna – sugeri, numa das visitas de Doll.

– Genial, Tess – disse ela, e depois, virando-se para Ash. – Estás a ver, eu disse-te que ela valia cada tostão.

Tenho a certeza de que não o dizia para me fazer sentir pior, mas o comentário deixou-me agudamente ciente de todos os meses em que não trabalhara mas continuara a receber o salário por inteiro.

O verão passou sem que eu desse realmente por isso. Tinham-se passado meses desde que eu tinha ido a algum sítio mais distante do que o supermercado, e até aí eu ia a olhar ansiosamente para o relógio.

Quando chegou a altura da minha própria avaliação médica de rotina, ir ao hospital tirar sangue pareceu-me quase como um belo passeio à tarde.

Eu costumava pensar que o cancro era a pior coisa com que uma pessoa podia ter de lidar, mas afinal isso não era de forma alguma tão assustador quanto ver alguém que amamos a desaparecer pura e simplesmente.

Continuava oficialmente em remissão.

– Mas continuas a ter de cuidar de ti – disse Doll, quando lhe telefonei a contar-lhe.

– Nem tenho a certeza do que isso quer dizer.

– Quer dizer que precisas de descansar como deve ser – respondeu-me. – Para a semana vou fazer um dia de formação lá no gabinete. Posso ir a casa do Gus de hora a hora e ver como ele está. Se isso funcionar, podemos experimentar fazê-lo com mais regularidade.

Não me parecia que Gus fosse gostar que Doll o estivesse a controlar, mas parte de mim achava que talvez fosse bom provocar-lhe uma reação, qualquer que fosse.

Capítulo 17

Quando eu era adolescente, mal podia esperar por deixar Margate; porém, quando o comboio passou pela paisagem industrial do Estuário do Tamisa, senti o conforto de regressar a casa, onde as coisas estavam como sempre e sabia com o que podia contar.

Cheguei ao cemitério onde a minha mãe estava sepultada quando o Sol começava a afundar-se atrás dos ramos das grandes árvores. As folhas caídas estalavam sob as solas dos meus botins. O ar estava silencioso, imóvel e frio, com aquele toque de fumo que nos recorda de que a noite das fogueiras⁶ se aproxima. Lembrei-me dos foguetes com que os meus irmãos costumavam assustar-me e do fervilhar de um pauzinho reluzente numa mão enluvada, essa alegria mágica anual que era tão especial como as velas de aniversário.

Surpreendeu-me encontrar crisântemos na sepultura da minha mãe. Tinham sido deixados ali recentemente, pois umas quantas pétalas ainda estavam brancas, no meio das que já haviam murchado e ficado castanhas. Levei as flores para o lixo e substituí-as pelo ramo de pompons amarelos que eu tinha comprado, perguntando-me quem teria estado ali. Eu era a única da família que visitava a sua campa quando vivia em Margate, mas já não o fazia desde que me mudara para Londres, quase há quatro anos.

– Desculpa lá, mãe – disse eu, agachando-me ao lado da lápide.

Lembrei-me de ter pensado nela em Assis quando me tinha sentado com Gus no muro quente no exterior da basílica, os olhos dele a cintilar de amor. A minha mãe sempre dissera que os olhos eram as janelas da alma.

– É só que... agora os estores estão corridos.

A doença de Gus tinha-me feito pensar muito sobre a identidade de uma pessoa. Será que o homem diante de mim era o mesmo que antes se comportava normalmente? Será a depressão um acréscimo, como a varicela,

que desfigura e depois desaparece? Ou seria aquilo parte da sua personalidade que eu até então não vira, mas que estaria sempre presente, tal como por vezes o vírus da varicela torna a emergir como zona?

E eu quem era, na verdade?

Quando dissera que o amava, teria estado realmente a prometer ficar com ele, acontecesse o que acontecesse?

Ou, na verdade, seria eu alguém menos dedicada que por vezes tinha vontade de gritar: «*Porquê eu?*»

– Eu sei que é pior para ele – disse à minha mãe. – Eu sei que, numa relação, é preciso aceitar o bom e o mau, mas, honestamente, estou tão farta de cuidar dos outros!

– *Vai passar.*

– Como é que sabes?

– *Tens de ter fé.*

Tinha a sensação de que ela estava ali comigo. Quase sentia o peso da sua mão no meu braço.

Fitei as palavras na lápide.

MARY LUCY COSTELLO

ESPOSA DEVOTADA DE JAMES E MÃE ADORADA

DE KEVIN, BRENDAN, TERESA E HOPE

Aquilo a que a minha mãe chamava fé, era na verdade otimismo, pensei eu. Tinha tido uma bebé depois do primeiro cancro e chamara-lhe Hope, o que dizia tudo.⁷

Não obstante, morrera.

Mas todos morremos, não é?

A fé era uma questão de acreditar na minha própria capacidade de suportar aquilo, e na capacidade de Gus de melhorar.

Os médicos diziam que as pessoas recuperavam da depressão, pelo que, pelo menos em termos estatísticos, isso devia ser verdade.

Ao levantar-me e sacudir as agulhas de pinheiro dos pés, tornei a sentir o sangue a correr-me nas veias.

– Porque é que estás a chorar, Tree?

Virei-me. Hope trazia na mão um ramo de crisântemos brancos e mirava os meus pompons amarelos com desdém.

– Não sabia que vinhas cá, Hope.

– O Martin vem ver o pai dele, eu venho ver a minha mãe. É óbvio, não é?

– Pousamos as tuas flores ao lado das minhas?

– Porque é que trouxeste flores amarelas? – perguntou-me.

– Achei que tinham um ar animado.

- A mãe tem flores brancas em cima quando morre.
- Se calhar seria bom se desta vez pudesse ter as duas cores?
- A mãe gostava de duas cores, Tree?
- Sim, ela gostava muito de todo o género de cores.

Não era comum Hope sorrir, mas, quando o fazia, os seus olhos quase se fechavam por completo e a sua boca mostrava todos os dentes saudáveis e direitos, comuns na nossa família. Hope era incapaz de ser insincera, o próprio conceito era-lhe totalmente alheio, pelo que receber um sorriso seu era sempre uma sensação especial.

Ela pousou as flores na sepultura ao lado das minhas e depois ficámos ali juntas. Por instinto, estendi a mão e fiquei surpreendida quando a senti agarrá-la, tal como eu lhe ensinara a fazer quando ela era pequena antes de atravessarmos uma estrada.

– A mãe nunca vai deixar de nos amar – disse ela, usando as mesmíssimas palavras com que eu tentara confortá-la na noite em que a nossa mãe tinha morrido.

Eu tinha prometido à minha mãe que cuidaria sempre dela e dera o meu melhor, mas, à sua maneira, Hope também cuidava de mim. Era a minha constante, independentemente do que a vida me atirasse.

– Como estás, Hope? – perguntei-lhe, enquanto caminhávamos lado a lado na direção do portão, com Martin a seguir um pouco mais adiante, dando-me a oportunidade de conversar sozinha com a minha irmã.

– Feliz como o Luís.

Era uma das expressões do meu pai. Em criança, perguntava-me quem seria o Luís e se seria possível entrar em contacto com ele durante os acessos de mau génio do meu pai. Também pensava que devia ser colega do Lorde, cuja vida desafojada o meu pai também parecia admirar. Imaginava os três nas corridas, a celebrar um vencedor em que todos tivessem apostado.

– Ainda ficamos aqui trancados se vocês não se despacham – chamou-nos Martin.

- Onde está o Gus? – perguntou Hope, de repente.
- Hoje não podia vir – respondi.
- Eu gosto do Gus.

Era muito raro que ela oferecesse uma opinião.

- Porque é que gostas dele, Hope?
- É um homem sorridente – disse ela.

Esforcei-me muito por me aguentar, mas não consegui.

- Porque é que estás a chorar, Tree?
- O Gus agora não anda muito sorridente, Hope. Não está bem.
- Tem cancro?

– Não.

– Bem, graças a Deus!

Parecia algo que Anne poderia dizer, talvez depois de saber que eu estava em remissão.

– E se eu cantasse para ele ficar melhor? – perguntou Hope.

O meu pai e Anne tinham-na levado a visitar-me ao hospital antes da minha operação.

Ela cantara-me «I Had a Dream» enquanto eu ia adormecendo com a anestesia. E depois, durante a minha recuperação, tornara-se um sucesso entre o pessoal do hospital, que já ficava à espera de ouvir os maiores êxitos dos Abba.

Foi quase avassalador subir os degraus da estação de metro de Notting Hill, com o barulho do trânsito e a correria das pessoas que, de auriculares, lançavam as suas conversas barulhentas para o ar, depois do silêncio enevoadado do cemitério e do limbo ameno do comboio. Dei por mim a caminhar muito lentamente, sem grande vontade de voltar à casa.

– Como estamos? – perguntei a Doll, acenando com a cabeça para o sofá onde Gus estava sentado.

– É difícil saber. Como é que correu?

– Ajudou muito. Obrigada!

– Não tens de quê. Podemos repetir.

Reparei que ela se tinha maquilhado e estava a usar um vestido justo e saltos altos.

– Vais sair? – perguntei-lhe.

– O quê? Oh, é só uma cena de trabalho.

– Diverte-te.

– Podes crer! – respondeu com um sorriso, mas depois, como se se lembrasse do serão que me esperava: – Que não!

Despi o casaco.

– Como tens estado? – perguntei a Gus num tom despachado, regressando ao modo de cuidadora.

Pela primeira vez em meses ele virou-se para mim ao falar:

– Fizeste-me falta.

⁶ Evento anual dedicado a fogueiras e fogos de artifício, celebrado em diversos países em datas distintas. No Reino Unido, é assinalado a 5 de novembro, coincidindo com a Noite de Guy Fawkes, no aniversário da famosa tentativa lograda do atentado católico contra o parlamento britânico. (*N. da T.*)

⁷ Hope significa esperança. (*N. da T.*)

Gus

Capítulo 18

Inverno de 2014

Tess dizia que Hope era o anjo de Natal que mudara tudo, mas ambos sabíamos que a minha recuperação não foi imediata. Foi um processo lento de tomar a medicação certa, fazer terapia e contar com a paciência extraordinária de Tess.

Contudo, houve um momento durante os cânticos que pareceu fazer o meu cérebro entrar numa velocidade diferente.

Eu estava sentado em frente à televisão, sem estar realmente a assistir ao que quer que fosse, quando Tess chegou com Hope. Tinha ido buscá-la a St. Pancras e mostrara-lhe as luzes de Natal pelo caminho. Marchou decididamente até à minha frente e desligou o televisor.

– A Hope quer cantar para ti.

– *O burrinho a galopar...*

A pureza da voz dela parecia atravessar a neblina da sala como uma corista angelical.

Lembro-me do que pensei ao olhar de uma irmã para a outra, o rosto de Tess tão radiosamente orgulhoso enquanto observava Hope a cantar e logo tão preocupada ao virar-se para ver como seria a minha reação.

Tenho de parar de a deixar tão triste.

Os diferentes regimes de medicação interferiram de tal forma com a minha experiência cognitiva da passagem do tempo e com a minha memória que, da primeira vez que reparei que o Sol brilhava, já era primavera e eu tive a impressão de ter perdido um ano inteiro da minha vida.

Sempre tínhamos tido um espelho de corpo inteiro na parede ao fundo das escadas, mas, durante todo aquele tempo, eu nunca olhara para o meu reflexo. Fiquei chocado ao ver o quanto tinha engordado.

– O que estás a fazer? – perguntou-me Tess, quando me sentei nas escadas,

a atar os atacadores dos ténis.

– Tenho de ir correr.

A sua expressão fez-me voltar a ver-me ao espelho e constatar que tudo o que tinha vestido eram uns *boxers* e uma *T-shirt* desbotada.

– Vou só vestir uns calções – disse, voltando a subir as escadas com a estranha sensação de estar calçado.

Quando voltei, Tess também tinha calçado os seus ténis de corrida.

Fiquei sem fôlego antes de chegarmos sequer ao cimo da rua, grato pela estrada buliçosa que nos obrigava a parar antes de atravessar. Chegámos à estátua de Peter Pan, em Kensington Gardens. De regresso a casa, caminhando, sentia o suor a escorrer-me pelas têmporas. Estava sempre a parar, desabituação de ter de partilhar ruas cheias de gente. O cheiro a *kebabs* tornava a rua tão exótica como a primeira noite de umas férias no estrangeiro.

Pressentia Tess a olhar de relance para mim de poucos em poucos segundos.

– Preciso de voltar a pôr-me em forma – expliquei-lhe, quando chegámos a casa. – Repetimos amanhã de manhã?

O seu rosto iluminou-se com um sorriso súbito e encantado que me deu uma sensação de *déjà-vu*.

Como médico, sempre tinha estado a par da teoria de que a libertação de endorfinas produzida pelo exercício ajuda a depressão, ainda que não fizesse a mais pálida ideia de como era realmente uma depressão clínica. Já ansiava por exercício a toda a hora, aumentando de dia para dia a distância que corria até começar a deixar Tess com dificuldade em acompanhar-me.

Certa manhã, já estava de pé e com a minha roupa de corrida quando ela acordou. Atirou de imediato a coberta para trás.

– Não tens de vir comigo – disse-lhe.

O alarme estampado no seu rosto fez-me ter a noção desolada de que eu me tornara mais um homem na sua vida que a intimidava, não com uma ameaça tácita de violência para com ela, mas pela ameaça implícita de violência para comigo mesmo.

– Prometo que volto.

No início da doença, estava demasiado psicótico para obter algum benefício das sessões de terapia. Agora que já funcionava mais normalmente, estava no final de uma longa lista de espera do serviço nacional de saúde.

Depois do divórcio, eu tinha ido a algumas sessões com uma terapeuta de comportamento cognitivo chamada Dorothy, mas parara de ir quando considerara que já tinha tratado dos meus problemas. Comecei a pensar se ela poderia voltar a ajudar-me.

Foi mesmo complicado admitir a vergonha que tinha passado anos a soterrar, mas a presença calma e não julgadora de Dorothy proporcionava-me o tempo e o espaço necessário para isso. A sua sabedoria ajudou-me a pensar sobre o meu passado de formas menos autopunitivas. Comecei a sentir-me mais forte em termos mentais, além de físicos.

Tess afirmava que só tinha acreditado que eu estava a recuperar num fim de semana em que eu lhe disse que prepararia o almoço de domingo.

– Já não estás suficientemente louco para comer o que eu cozinho – disse ela, com um olhar nervoso para ver se eu seria capaz de encaixar a piada.

– Sentes-te melhor? – perguntou-me Bella na nossa conversa por *Skype* nessa tarde.

As únicas alturas em que recordo que Tess tenha sido outra coisa que não delicada durante a minha recuperação foram quando o que estava em causa eram as minhas obrigações para com as minhas filhas. Estava fora de questão faltar, nem que fosse apenas para lhes acenar por uns segundos.

– Sim, estou a sentir-me muito melhor – disse-lhe. – A minha médica diz que posso voltar ao trabalho.

– A sério?

A voz de Charlotte. Teria estado sempre ali sem se mostrar?

O rosto dela apareceu no ecrã, como que para verificar se eu estava a dizer a verdade, e depois sorriu.

– Mas que boa notícia! Muito bem!

Saber que ela se preocupava deixou-me com lágrimas nos olhos.

– Vamos poder ir aí visitar-te em breve? – perguntou Bella.

– Sem dúvida – disse Tess.

Apesar de não ter filhos, Tess sabia instintivamente quando uma resposta simples era tudo o que era preciso.

O meu grupo de médicos especialistas aprovou um regresso faseado ao trabalho com turnos reduzidos. Havia uma vaga na clínica do hospital que só abria durante o dia, pelo que tinha poucas horas insociáveis. E como recebia sobretudo fraturas, entorses, ferimentos e queimaduras, não haveria pacientes graves com que lidar. Dado que eu próprio sofrera uma boa dose de lesões desportivas, sentia que estaria em território familiar.

O apartamento de Dorothy ficava apenas a cinco minutos a pé do hospital, pelo que reorganizei as minhas sessões semanais com ela depois do trabalho. Era tranquilizador saber que ela estava por perto, quase como se estivesse de serviço, embora nunca tenha precisado realmente da sua ajuda urgente, provavelmente porque tinha criado uma estrutura de apoio, em vez de me valer da minha forma antiga de fingir que não tinha dificuldades.

Certa noite, quando a primavera estava a dar lugar ao verão, ouvi alguém a chamar-me enquanto saía do hospital. A mulher, que não usava roupa hospitalar, parecia determinada a apanhar-me.

– Doutor Angus?

– Sim?

– Tratou o meu filho, Josh.

Teria eu feito alguma coisa mal?

– *Estou muito desiludida contigo...*

– O adolescente com a perna partida...

Um rapaz de treze anos tinha chegado de ambulância na tarde anterior. Fora atingido por uma placagem tardia e o raio-x não augurava nada de bom.

A mãe tinha chegado em pânico e eu vira a forma como o filho tentava acalmá-la, fingindo que estava bem, mas, quando estava a ir para o bloco operatório, perguntara-me de repente, com os olhos virados para baixo:

– Alguma vez vou conseguir jogar outra vez?

Já tínhamos concluído que ambos éramos adeptos do Arsenal.

– Lembras-te de quando o Aaron Ramsey partiu a perna de tal maneira que as câmaras até se viraram?

Ele assentiu com a cabeça.

– E então, o que é que ele fez na última época?

– Marcou o golo da vitória da Taça de Inglaterra! – Um grande sorriso abria-se-lhe no rosto.

Ao rever mentalmente a conversa, não me ocorria um erro que pudesse ter cometido, exceto talvez o de prometer demasiado.

– Como é que ele está? – perguntei no tom mais descontraído de que era capaz, com o coração a palpitar.

– Vai ter alta hoje. A operação correu bem. Queria agradecer-lhe. O doutor foi maravilhoso.

Eu não sabia se era suposto os médicos serem maravilhosos, mas a sua gratidão encheu-me da mesma sensação extática que tinha quando passava num exame.

– Ainda bem que ele não é adepto do Tottenham – disse-lhe.

Capítulo 19

No sábado em que decidi ir até à casa da minha mãe, não disse a Tess porque sabia que ela sentiria que tinha de me acompanhar. Eu tivera de entregar a carta de condução enquanto estava doente e era a primeira vez que empreendia uma viagem tão grande desde que a recuperara. Sentia-me confiante quanto a estar bem ao volante, mas não tinha a certeza de ser capaz de atravessar a porta. Mas o que sabia era que se tratava de algo que tinha de fazer sozinho.

Charlotte pagara à empregada de limpeza para ir lá todas as semanas para garantir que não havia problemas, e contratara um jardineiro para cuidar do exterior. Este claramente levava os seus deveres muito a sério, pois os jarrões de um lado e do outro da porta da rua estavam carregadíssimos de gerânios vermelhos, uma cor e uma abundância que a minha mãe teria considerado demasiado chamativas. Estacionei no acesso e, por um momento, fiquei sentado no silêncio súbito após uma longa viagem de carro. Depois inspirei profundamente e saí do automóvel.

A casa estava impecável e cheirava a lufadas recentes de ambientador. Avancei pelo átrio e segui para a cozinha, onde tinha estado com a minha mãe, junto ao lavatório, a passar a loiça por água.

A memória era mais pungente que dolorosa. Nesse dia, nem o meu comportamento nem o dela tinham sido de todo diferentes do que era a dinâmica habitual entre nós. A nossa relação nunca admitira expressões de amor. Talvez ela controlasse os seus sentimentos para ser menos difícil de cada vez que me mandava para uma escola que eu odiava. Eu sabia que os meus pais achavam que estavam a dar-nos o melhor avanço possível na vida. Ross prosperara lá. Eu não. Não admirava que não soubessem o que fazer comigo.

Fui até à sala e abri os dois pares de cortinas. Ao virar-me para o lintel da lareira, peguei numa foto de cada vez. Ross a exhibir a sua taça de remo,

orgulhoso, mas, segundo eu via agora, também envergonhado pelo ridículo dos seus calções compridos de licra. Ross todo bem vestido, antes de ir a uma festa com Charlotte, com ar de quem nem acreditava na sua sorte. Eu e Ross ao lado de uma tenda que tínhamos montado no jardim. O braço dele à volta das minhas costas, os dois a sorrirmos perante a nossa façanha torta. Eu sempre apagara da memória os bons tempos que tínhamos tido juntos. Ainda de foto na mão, sentei-me no sofá e chorei até imaginar um murro fraternal no braço e a sua voz a dizer:

– *Controla-te, meu!*

Encontrei rolos de sacos do lixo de duas cores no armário da entrada onde a minha mãe guardava o aspirador, bem como produtos de limpeza suficientes para durarem pelo menos uma década. Subi ao primeiro andar.

Não tinha a certeza de alguma vez ter entrado no quarto dos meus pais. Calculei que a sua mobília branca feita à medida, a que não faltava uma cómoda e um espelho com frisos rococó, estivesse muito na moda quando fora comprada, mas agora parecia terrivelmente ultrapassada. Atirei todos os cremes de noite e toda a maquilhagem para um saco preto do lixo e depois abri cada uma das caixas de joias. A maior parte das coisas era de pechisbeque e eu tinha praticamente a certeza de que não estava ali nada que as minhas filhas quisessem.

A minha única hesitação foi em relação à caixa de veludo azul que continha o anel de noivado da minha mãe e as alianças.

Eu sabia que Charlotte não quereria os anéis, pois não era uma pessoa que se apegasse a objetos. Por vezes perguntava-me se se apegaria sequer a pessoas. Havia algo de invejável na forma como prosseguia pela vida, em vez de ir tropeçando como eu fazia.

Não queria correr o risco de que as minhas filhas herdassem o azar de mais uma relação falhada.

Fiz uma nota mental de assinalar artigos de possível valor para a loja solidária.

Ao abrir os armários cheios de roupas, que retinham um laivo cediço da minha mãe, decidi perguntar à empregada se queria alguma daquelas coisas. Caso ela não as quisesse, eu contrataria alguém para esvaziar o recheio.

Eu tinha receado a ideia de passar a casa em revista. Agora, a emoção daquele confronto era quase aditiva, e eu queria continuar até ao fim.

Na casa de banho, enfiei logo tudo num saco preto.

No meu antigo quarto, não havia nada que eu quisesse.

Hesitei antes de entrar no quarto de Ross, como se ele ainda pudesse estar deitado na cama a usar os auscultadores que não bloqueavam por completo a pequena batida de *heavy metal*, a apontar para a porta e a gritar:

– Fora!

O quarto permanecera um altar, com as suas fileiras de certificados desportivos emoldurados, os seus troféus ainda a cintilar numa prateleira especial que o meu pai tinha construído.

Desci as escadas e abri as janelas de sacada, inspirando avidamente o ar fresco primaveril.

A capa da piscina estava afundada pelo peso da água da chuva, um ecossistema lamacento e verde com rebordos plásticos azul-turquesa.

O barracão ao fundo do jardim estava trancado com uma corrente e um cadeado enferrujados. Pela pequena janela, vi o rádio sem fios em que o meu pai costumava ouvir os jogos de críquete, as filas de prateleiras cuidadosamente organizadas com cómodas em miniatura que continham parafusos e anilhas de todos os tamanhos. Quando ele deixou a minha mãe, mudou-se para um apartamento e desfrutou de uma vida de solteiro, saindo com uma série de enfermeiras dentárias até casar com uma que tinha metade da sua idade. Não podia ter espaço para todas aquelas coisas. Portanto, aquilo tornara-se mais um altar, pensei com tristeza.

O Sol começava a perder a intensidade. Olhei para o relógio e vi que Tess era capaz de já estar a caminho de casa.

Liguei-lhe.

– Estás bem? – Pareceu ficar muito ansiosa quando lhe disse que me encontrava no jardim da minha mãe.

– Estou – respondi. – Na verdade, estou a pensar passar cá a noite e tratar disto de uma vez. Se não te importas.

– Mas tens a certeza de que estás bem?

Perguntei-me se alguma vez chegaria uma altura em que ela não se preocupasse com o meu estado mental.

Quando acordei, senti-me desorientado por um momento, encolhido no meu velho colchão de solteiro. A campainha tornou a tocar. Vesti as calças de ganga e corri até ao piso térreo. Já devia saber que o meu pai seria pontual.

– A M25 estava vazia – disse ele.

– É domingo de manhã. Entra.

Era um pouco estranho dar-lhe as boas-vindas no seu velho domínio.

Ele olhou em redor como se tomasse nota de cada pormenor, como alguém que tivesse ido apresentar um orçamento para uma renovação.

– Como te disse, não sabia se querias alguma coisa. Se não quiseres, vou mandar que levem a mobília toda.

Na sala de estar, ele pegou em cada foto do lintel da lareira por uns segundos antes de tornar a pousá-la.

– Podes ficar com todas, se quiseres.

– Obrigado – disse ele, sem olhar para mim, mas estendendo a mão atrás das costas.

Hesitante, aceitei-a, sentindo o aperto de um velho. Calculei que, apesar de ter a constituição rija de alguém mais jovem, já devia estar perto dos setenta anos. Era comum os homens da idade do meu pai darem-me apertos de mão no hospital, com mais força do que o necessário, como que para demonstrar que ainda a tinham.

Nenhum de nós era capaz de olhar nos olhos do outro.

Por fim, o meu pai deixou escapar algo que era meio tosse, meio riso, e virou-se para as janelas de sacada.

– Certo – disse ele. – Que se segue?

A chave do barracão estava num gancho do armário da entrada, onde ele a tinha deixado, mas o cadeado estava por causa da ferrugem.

– Provavelmente há WD40 na garagem, mas eu tenho uma lata no carro, não vá ser preciso.

– Claro que tens. – Sorri-lhe, satisfeito por ver que continuava a ser o homem que sempre fora, eficiente a diagnosticar e tratar problemas domésticos como se fossem dentários.

Voltou com uma braçada de caixas de cartão aplanadas e uma dessas ferramentas jeitosas que dispensam fita adesiva.

Depois de a porta do barracão se abrir, ajudei-o a levar para o carro caixas de ferramentas pesadas, bem como o seu rádio adorado.

– Um homem precisa do seu próprio espaço – disse ele no barracão, olhando em redor com uma nostalgia terna.

Se havia coisa que eu aprendera com os programas sobre propriedades imobiliárias, que fitara durante as tardes passadas em frente à televisão no ano anterior, era que a maioria dos homens desejava ter a sua «caverna». Era um dos muitos aspetos da masculinidade que eu não partilhava, nem compreendia.

– Mais alguma coisa? – perguntou-me.

– Bem, sim, lá em cima – respondi.

– Tens toda a razão!

O meu pai estava claramente a desfrutar do nosso empreendimento conjunto. Porém, a sua bonomia evaporou-se quando abriu a porta do quarto de Ross, ficando chocado ao ver que tudo estava exatamente como quando ele deixara a casa, doze anos antes.

– Ela não era capaz de o deixar ir – disse ele, referindo-se à minha mãe pela primeira vez.

– Não.

– Hoje em dia, diriam que ela tinha problemas mentais – disse ele. – Na altura não se falava tanto disso. Não foi assim que fomos criados.

O seu tom soava apologeticamente, não crítico.

– Eu próprio tenho tido alguns problemas com depressão, recentemente – dei por mim a dizer.

O meu pai franziu o cenho e eu já me preparava para o ouvir dizer para me recompor. Mas, em vez disso, ele disse:

– Lamento sabê-lo.

Hesitou.

– Sempre foste mais como ela. Sensível. Eu e o Ross éramos os resilientes.

Era estranho ouvir aquele homem que eu sempre conhecera, mas que mal conhecia, falar da nossa família.

– Já recuperei – afirmei bruscamente. – Estou outra vez a trabalhar. Nunca hei de ser médico especialista, mas acho que estou a tornar-me um profissional melhor.

Percebia que regressava ao meu velho papel de desculpar a minha incapacidade de corresponder aos seus ideais.

– Isso é mais do que eu alguma vez fiz – disse ele.

– Tu és um cirurgião dentário muito bem-sucedido – comentei, apercebendo-me, pelo seu sobrolho franzido, que tinha dito mais do que devia. Os limites entre nós tinham-se esbatido, mas não muito.

– Já não faço tantas horas. A Julie trabalha, por isso partilhamos o cuidado das miúdas.

– Um homem novo! – exclamei.

Ele riu-se.

– Que idade já têm as gémeas? – Apercebi-me de que nem sequer sabia como se chamavam.

– Quinze meses.

– Andam?

– Andam, tentam andar. É uma idade encantadora. – Fez uma pausa. – Acho que estou a sair-me melhor desta vez. Talvez seja mais fácil com raparigas. Não esperamos que sejam como nós.

Seria aquilo um pedido de desculpas? Eu sempre tinha achado que o meu pai me desprezava por não ser mais como ele, mas passou-me pela cabeça que talvez eu o deixasse nervoso. Por vezes sentia-me um pouco receoso com Flora, por ela ser tão diferente de mim. Isso não queria dizer que não a amasse.

– O que havemos de fazer com os troféus? – perguntei-lhe.

– A Julie não me iria agradecer se os levasse para casa. E suponho que as lojas solidárias não vão querê-los. Não têm valor nenhum, são sobretudo de latão.

– Mas não podemos simplesmente mandá-los fora, pois não?

Sem dizer mais nada, ele meteu-os numa caixa e levou-os para baixo.

Enquanto tirava os cartazes das paredes, olhei pela janela e vi que o meu

pai tinha ido buscar uma pá à garagem e estava a escavar um buraco perto das raízes da faia ao fundo do jardim que eu e Ross costumávamos trepar. Deitou as taças lá para dentro e tornou a tapar o buraco, tendo o cuidado de ajeitar a relva por cima. Depois ficou ali por um momento, a olhar para o sol que passava por entre as folhas. Ao ver que o via pela janela, acenou-me e regressou para dentro.

– Um dia um rapazinho há de andar por lá a cavar e encontrará esse tesouro e vai ficar a pensar como terá ido lá parar – disse Tess, quando lhe contei o que tinha acontecido naquela tarde.

Era mesmo típico dela pensar na criação de uma história para o futuro, quando eu apenas vira o final de um capítulo do passado.

Capítulo 20

Outono de 2015

Eu estava determinado a fazer com que o segundo aniversário do nosso encontro fosse especial, já que tinha estado demasiado perdido para sequer me lembrar do primeiro. Reservei um fim de semana surpresa em Florença, mas tivemos de o cancelar quando Tess apanhou uma constipação que se transformou em bronquite.

Na consulta de seguimento, a enfermeira especialista ficou suficientemente preocupada para pedir uma tomografia.

Eu tentei manter uma calma profissional, mas, num dia em que vi Jonathan na messe dos médicos, sentei-me à frente dele.

O seu tabuleiro estava vazio.

– Posso pedir-te um conselho?

Ele olhou para o relógio.

– Tens dois minutos.

– Tenho uma amiga com a mutação BRCA...

Ele arqueou uma sobrancelha.

Fiz-lhe um resumo breve.

– Até agora, ela tem estado livre – disse-lhe. – Só não sei quão realista será pensar que continuará assim.

– Que idade tem essa amiga? – perguntou Jonathan.

– A nossa.

Teria eu detetado um esgar quase impercetível?

– Isso tem o hábito terrível de aparecer noutros sítios. Suponho que tenha um protocolo de seguimento?

– Sim.

– Isso deve assinalar qualquer recorrência – disse ele, pegando no tabuleiro e deixando-me a desejar nunca ter perguntado.

Obviamente, não disfarcei muito bem o meu receio porque, quando fui com ela à consulta, antes de entrar para o consultório sozinha, Tess segurou-me as duas mãos e garantiu-me:

– Aconteça o que acontecer, vamos superá-lo.

O vento revolteava pelo pátio, criando pequenos remoinhos de folhas caídas. Uns quantos fiozinhos finos como papel ainda se agarravam à árvore. Vi um deles soltar-se e rodopiar hipnoticamente perto do meu rosto, lembrando-me de quando costumava encorajar as minhas filhas enquanto elas perseguiam folhas que o vento levava pelo parque.

– Apanha uma, Flora! Para dar sorte!

Não consegui oferecer-lhe uma resposta quando me perguntou:

– Porque é que dá sorte apanhar uma folha?

Um enfermeiras passaram por mim a rir enquanto eu conseguia apanhar uma no ar, cerrando a palma da mão à volta do seu esqueleto quebradiço.

Sentei-me num banco até o frio me atravessar o fundilho das calças de ganga. De cada vez que a porta automática se abria, eu punha-me de pé com um pulo, tentando apagar a preocupação do rosto e exibir antes resiliência. Sabia que nunca me perdoaria por lhe ter roubado um ano de vida se o cancro tivesse voltado. De cada vez que não era ela, o meu medo aprofundava-se.

– Gus!

Levantei a cabeça.

– O médico diz que não é nada sinistro!

Então o meu corpo começou a tremer com soluços, o meu nariz pingava e eu não tinha lenços nos bolsos. Por fim, Tess encontrou um pacote no fundo da mala.

Inspirei. Tentei pensar em algo sensato para perguntar.

– Ele disse porque é que estás com uma tosse tão persistente?

– Acha que é uma inflamação, como tu disseste. As análises que fiz hoje estavam com valores normais e a tomografia não revelou quaisquer sinais de doença metastática.

– Isso é fantástico!

– Então, perguntei-lhe se estar livre de cancro durante dois anos tornava mais provável chegar aos cinco anos.

– E o que é que ele disse?

Perguntei-me como seria ser médico dela. Normalmente, era mais fácil lidar com pacientes inteligentes capazes de compreender de que falávamos, mas os pacientes muito curiosos que faziam perguntas que não estávamos à espera podiam ser ligeiramente intimidantes.

– Disse que isso era uma pergunta para um estatístico. Então eu disse-lhe: bem, suponho que é preciso passar pelos dois anos para se ter uma oportunidade de chegar aos cinco, não é? O que é que vamos fazer agora?

As minhas emoções ainda estavam tão à flor da pele que, por um momento, julguei que ela estava a falar do que faríamos a longo prazo. Nos últimos dias, eu tinha tido a sensação de que as nossas vidas estavam em suspenso.

Havia poucas coisas que preferisse fazer a passar uma tarde a passear por Londres com Tess. Quando saímos de casa nessa manhã, eu sentia-me aterrado pela possibilidade de que, quando voltássemos, as nossas vidas tivessem mudado de uma forma irrevogável. Agora que estavam exatamente iguais, sentia-me estranhamente insatisfeito. De manhã, teria dado o braço direito para que as coisas fossem normais. Agora, o normal não me parecia suficiente.

A City era um labirinto de túneis de andaimes e pavimentos temporários em volta de estaleiros de construção, mas descobrimos bolsas inesperadas de paz entre o ruído e o trânsito: um velho cemitério onde William Blake fora sepultado; as arcadas vitorianas perfeitamente conservadas do Leadenhall Market, desertas depois da correria da hora do almoço; um panorama do Tamisa na maré alta, aparecendo quase magicamente atrás da sede de um banco internacional, o sacolejar suave do rio a absorver os ruídos, exceto os gritos mais altos das sirenes. Quando atravessámos a Ponte do Milénio, as margens iluminaram-se com fios de luzes amarelas.

Um músico de rua estava a tocar uma canção de Ed Sheeran em frente à Tate Modern, a melodia a flutuar no ar juntamente com o cheiro a carvão de um vendedor a assar castanhas.

– Adoro este cheiro – disse Tess. – É como se sabe que vem aí o Natal.

Capítulo 21

Como prenda de Natal, reservei um camarote na Royal Opera House. Eu e Tess encontrámo-nos com Hope e Martin na estação. Ele foi falar com alguém acerca de uma guitarra na Denmark Street, o que parecia um eufemismo, mas, no caso de Martin, devia ser mesmo só falar com alguém acerca de uma guitarra. Apanhámos um táxi. Tess pediu ao condutor que nos levasse pela Regent Street. Hope sentou-se mesmo no chão para conseguir ver todas as luzes cintilantes que piscavam lá em cima.

A Covent Garden Piazza estava adornada com grinaldas verdes e esferas de Natal, e as lojas estavam a abarrotar de clientes. Havia uma mulher muito maquilhada em frente à loja da *Chanel* ao lado de uma garrafa de *N.º 5* do tamanho de uma pessoa, a oferecer uma borrifada a quem quisesse.

Tess esticou o pulso e Hope fez o mesmo.

– Gostas? – perguntou ela a Hope.

A irmã fungou.

– Não – respondeu.

– O que querem fazer agora? – perguntei. – Marquei mesa para as seis, por isso temos cerca de uma hora.

– Chiu! – Hope levantou a mão, a pedir silêncio.

Todos ficámos à escuta. Se nos concentrássemos, era possível ouvir alguém a cantar para lá do zunzum dos compradores. De repente, Hope abria caminho por entre as multidões, em direção ao mercado coberto. Consegui chegar à fila da frente do público que assistia a partir de uma balaustrada. No pátio afundado lá em baixo estava um tenor em casaca. Havia uma coluna no chão, que emitia a faixa do fundo, mas a sua voz era suficientemente forte para se impor sobre a orquestra. Uma ronda entusiasta de aplausos seguiu-se ao final da celebrenemente triste ária de *Pagliacci*.

Tornou-se evidente que a sua atuação tinha terminado, pois um quarteto

de cordas aguardava, com os instrumentos já a postos, mas os pedidos de *encore* continuavam, pelo que ele cedeu à tentação e optou pela canção da bebida de *La Traviata*. Provavelmente haveria uma soprano a cantar na gravação, mas no público ninguém a ouviu, porque Hope cantou nesse preciso momento, com a sua voz incrível a ressoar no espaço entre eles. Espantadíssimo, o tenor olhou para onde estávamos e pediu-lhe que descesse. Ao início, ela pareceu não reparar, mas depois Martin deu-lhe um toque e o público afastou-se para que ela descesse os degraus e cantasse o último verso ao lado do tenor.

As vozes deles criavam harmonias gloriosas, mas pareciam um estranho par, com o tenor vestido para um recital clássico e Hope, cuja indumentária escolhida para o dia era um vestido de baile lilás com lantejoulas debaixo de um casaco de ganga, com os seus habituais ténis vermelhos e pretos. Ao que parecia, Tess dissera-lhe que não havia código de vestuário, o que queria dizer que se podia usar um vestido comprido ou calças de ganga.

Quando terminaram, ao som de aplausos extasiados, o tenor tentou beijar a mão de Hope, mas ela afastou-a e a tentativa aterrou no meio do ar. A comédia inadvertida suscitou ainda mais aplausos do público.

Um amigo do tenor passava uma boina a solicitar contribuições. Estendeu-a a Martin.

– Devia dar-lhe parte – disse Martin, a apontar para Hope. O seu tom dava a entender que não estaria a brincar.

– Foi generoso da parte dele tê-la deixado participar, Martin – disse Tess.

– Ele está a receber mais dinheiro por causa dela.

Enquanto o tenor pegava na sua coluna, Hope continuava a fazer vénias e o público continuava a aplaudir. Ciente de que a diversão começava a ganhar terreno ao apreço, Tess abriu caminho para ir buscar a irmã, com quem tornou a subir.

– Gostaste de me ouvir cantar, Tree?

– Sim!

– Gostaste de me ouvir cantar, Gus?

– O Natal não seria Natal sem uma canção da Hope – respondi, apressando-me a acrescentar: – Sim!

– Quantas vezes te disse para aqueceres a voz antes de cantares? – resmoneou-lhe Martin.

– Cento e três.

– Tens a certeza de que isso é assim tão importante, Martin? – perguntou Tess. – Ela nunca aqueceu a voz.

– E tu agora és professora de ópera, és? – O tom dele era agressivo.

– Quem está com fome? – atalhei.

– Eu estou – disse Hope.

Martin era um daqueles homens que guardava ressentimentos. Quanto mais o silêncio se prolongava, mais Tess tagarelava, como que a tentar arrancá-lo à má disposição.

- O que é isto? – perguntou Hope, quando a comida chegou à mesa.
- É a piza que pediste – respondeu Tess.
- Está numa táboa curta.
- É como a servem aqui.
- A nossa piza vem numa caixa.

Felizmente, o restaurante também fazia entregas, pelo que não foi difícil tratar da troca.

– Quem é que vai contar-me a história de *La Bohème*? – perguntou Tess, num tom muito animado.

Por fim, Martin cedeu, assumindo o pendor de especialista para nos fazer um resumo de cada cena, com Hope a interrompê-lo de vez em quando com um trecho de uma ária, antes de o olhar zangado dele a silenciar.

– Sabes que não podes mesmo cantar durante o espetáculo, não sabes, Hope? – perguntou Tess.

- É claro que sabe – disse Martin.
- E se pedíssemos uma sobremesa? – perguntei, pegando no menu.
- Vem num prato?
- Acho que sim.
- *Brownie* e gelado – disse ela.
- Hope... – A voz de Martin continha uma ameaça.
- *Brownie* é o mesmo que bolo? Já não posso comer bolo.
- Então só gelado – disse eu.

Deixámo-los ficar com os dois lugares da frente no camarote enquanto eu e Tess nos empoleirávamos atrás.

Tess nunca tinha ido à ópera e eu gostei quase tanto de ver a reação estampada no seu rosto como o próprio espetáculo.

– Isto é incrível – sussurrou ela.

Hope virou-se para trás e mandou-a calar-se.

No intervalo, disse:

– Sempre quis saber como seria estar entre a multidão em Glastonbury. Quero dizer, eu sei que aqui não há cartazes de protesto nem nos deixam sentar às cavalitas de um namorado, mas há aquela espécie de energia que percorre o público, não é, como se todos tivéssemos a sorte de partilhar algo que nunca voltará a acontecer exatamente desta maneira?

Durante a cena final, quando Mimi morre de tuberculose, senti a mão dela a apertar a minha e vi que lhe corriam lágrimas pelas faces.

Nenhum de nós falou no metro até St. Pancras, como se a emoção pudesse

desaparecer se quebrássemos o silêncio e como se quiséssemos agarrar-nos a ela para sempre.

Vi Tess a correr ao lado do comboio de Hope e Martin à medida que este se afastava, acelerando tanto quanto era capaz e acenando à irmã até o comboio a ultrapassar e a plataforma chegar ao fim. Ela fitou os carris vazios antes de se virar de novo para mim.

– O que achas que se passa com o Martin? – perguntou.

– Acho que ele está a tentar transformar a Hope numa cantora de ópera.

– Como Svengali? – perguntou ela, alarmada. – Achas que a Hope está bem?

– Como tu disseste, é difícil perceber se ela está feliz, mas normalmente dá para ver quando não está.

Tinha uma vaga memória de, no Natal anterior, Tess ter comprado refeições festivas prontas no Marks & Spencer. Eu nunca fora grande fã de peru com todos os acompanhamentos, pelo que decidi preparar um festim italiano com um primeiro prato de *burrata*, que Tess dizia que sabia mais a natas do que a queijo. Para o prato principal assei salsichas sicilianas com batatas e rosmarinho.

Sempre alerta ao perigo de me submeter a demasiada pressão, Tess tinha sugerido que, em vez de comprarmos presentes, deveríamos dar um ao outro umas lembranças engraçadas, como um Amigo Secreto que, na verdade, não era secreto.

Ela comprara-me um globo de neve da Galeria Nacional, avisando-me que, se o agitasse demasiado, a água ficaria turva, porque era isso que tinha acontecido ao que o irmão Kevin enviara de Nova Iorque para Hope.

Quando lhe entreguei uma pequena caixa de veludo preto, houve um instante de zanga.

– Já sei que isto deve ter custado mais de dez libras.

Hesitou antes de abrir a tampa.

Eu tinha visto os brincos numa das minhas corridas quando passara por uma loja que tinha pedaços de ametista e quartzo rosa na montra, bem como pedras mais pequenas encastradas em prata, com pequenas etiquetas acerca do poder dos cristais.

Eu não acreditava em nada disso, mas a iridescência de arco-íris da selenite tinha-me chamado a atenção.

A vendedora fazia lembrar um pouco uma cartomante, com o cabelo preto e comprido e uma argola no nariz. Tinha-me dado um documento impresso numa fonte gótica, que passei a Tess. Ela leu:

– «Tão antiga quanto a própria Lua, o significado da selenite encontra-se na sua energia. Uma pedra para novos começos, promove inspiração, sucesso e

boa fortuna. É extremamente benéfica para viajantes.»

– Gostas? – perguntei, observando-a a inclinar as pequenas esferas polidas para ver as cores diferentes.

– São lindos!

– Novos começos – disse-lhe. – Tenho andado a pensar no plano que tínhamos de ir para Itália.

Sentia-me tão culpado por desperdiçar um ano inteiro da vida dela que, se não dava para o tempo voltar atrás, então decerto aquilo seria o melhor que podia fazer.

– Não parece que tenhamos muita sorte com isso.

– Eu agora estou preparado – disse-lhe.

Tess suspirou.

– Mas o problema, Gus, é que eu não sei se estou.

⁸ Personagem do romance *Trillby*, de George du Maurier. Hipnotizador de mau caráter, transforma a personagem que dá nome à obra em cantora lírica quando sob o efeito de hipnose. (N. da T.)

Tess

Capítulo 22

Verão de 2016

Quando Hope era pequena, houve um Natal em que a perdi na Selfridges e, embora ela só tenha estado dez minutos desaparecida, esse vórtice de terror estilhou-me a confiança em mim mesma durante muitos meses, levando-me a agarrar-lhe a mão com tanta força que ela se sentava no chão e se recusava a andar ou, pior, gritava que eu estava a magoá-la.

Um nível similar de pânico aterrado persistia dentro de mim havia quase um ano. Nunca se dissipara realmente depois de Gus recuperar. Eu tentava não o mostrar, porque a última coisa que queria era que ele voltasse a cair naquela espiral depressiva, mas sabia que ele pressentia que algo não estava bem, pois estava sempre a tentar fazer-me sorrir.

Era como se estivéssemos a representar uma dança estranha, cada um de nós a saltar à volta do outro, sem nunca sabermos bem os passos a dar.

Eu desfrutava dos bilhetes para a ópera, dos brincos e da prenda de Dia de São Valentim, que não era só um ramo de rosas vermelhas, mas todo um ano de rosas multicoloridas que chegavam todas as segundas-feiras numa embalagem estreita de cartão que entrava na caixa de correio, para nunca se perder uma entrega.

Apreciava o esforço que ele fazia para sugerir coisas novas para fazermos, como passear ao longo do Tamisa – por partes, claro – nos fins de semana soalheiros, ou apanhar o comboio até Brighton ou Oxford e passar lá o dia. Mas parecia que aquela rigidez estranha não me abandonava. De certa forma, a determinação de me manter forte pelos dois parecia ter-me feito trancar as emoções à chave, uma chave que depois perdera.

Durante a doença de Gus, tínhamos deixado de fazer sexo. À medida que ele ia voltando a ficar fisicamente ativo, o seu desejo regressou, mas a mim custava-me ultrapassar a rejeição que tinha sentido, apesar de saber que não era essa a sua intenção. A última coisa que eu queria fazer era perturbá-lo, pelo

que fingia, mas sabia que ele percebia, pois depressa parou de sugerir que fizéssemos amor. Todas as noites, ao irmos para a cama, fazíamos um carinho afetuoso um ao outro e dávamos um pequeno beijo nos lábios. Depois um de nós exagerava um bocejo como que para assinalar que estávamos demasiado cansados para o assunto vir sequer à baila, e logo cada um se virava para o seu lado e ficava na beira da cama, a fingir que dormia, enquanto o ar se adensava com perguntas que nenhum de nós se atrevia a fazer. Será isto uma fase? Será que ele/ela ainda gosta de mim? Será melhor falarmos disto? O que poderá acontecer para que as coisas sejam diferentes?

No trabalho, Ash, que Doll promovera a Diretor de Estratégia agora que eu regressara à minha função de gerente, decidiu que a Casinha de Bonecas precisava de uma remodelação e, como as férias de verão eram aquelas em que tínhamos menos movimento, fechámos durante duas semanas, quando a maioria das nossas clientes partia para as suas segundas casas.

Iam ser as primeiras férias longas com as filhas desde a doença de Gus. Elas queriam ir para a Cornualha, porque vários dos seus amigos passavam lá o verão e diziam que era giro. Ele tinha reservado uma linda casa contemporânea perto de Padstow, com pavimento de laje e varandas com portas dobráveis. Os três aprenderiam a surfar e comeriam em marisqueiras sofisticadas. A minha intenção era ficar sentada na varanda a ler. Tinha comprado a lista de finalistas ao Prémio Booker e dois fatos de banho da Boden, para me vestir de acordo com a situação. Aggie tinha-me feito uma pedicura de luxo e pintara-me as unhas dos pés de azul-escuro, que ela garantia que era a cor do momento, embora a mim me parecesse mais fúngica do que glamorosa.

Quando tranquei a porta do gabinete, senti uma estranha nostalgia pela montra da Casinha de Bonecas e pelas decorações cor-de-rosa lá dentro. Quando voltasse a vê-las, teriam sido substituídas por negro lustroso e cromado.

A janela do piso térreo da casa de Gus estava aberta e ouvi-o ao telemóvel. Pelo tom sério com que falava, percebi que do outro lado estaria Charlotte. A relação depressa regressara ao estatuto glacial normal, depois de um período de tréguas. E as coisas estavam claramente a aquecer.

La meter a chave na porta quando ouvi o meu nome.

– Mas não posso ir de férias com a Tess em qualquer altura! Marcámos estas duas semanas. Eu sei que tem sido difícil para elas. Bem, lamento, mas a Flora não pode recusar-se a vir! Diz-lhe que me ligue.

É engraçado como os telemóveis mudaram a nossa vida de tantas maneiras. Antigamente, Gus poderia ter-se livrado de alguma frustração batendo com o auscultador no descanso do telefone. Desta feita, ao abrir a

porta, vi-o a espetar o dedo no ecrã de uma forma quase cómica.

– Problemas?

– Parece que a Flora já se tornou uma adolescente impossível.

– Não quer ir de férias comigo?

– Eu vou falar com ela.

– Eu não vou – disse-lhe de imediato.

– Não. Não pode ser bom para ela achar que pode ditar...

– Honestamente, Gus, a última coisa que qualquer um de nós precisa é de uma quinzena de discussões. Ela só tem doze anos. Quer ter-te só para ela durante duas semanas. Eu percebo.

– Mas e tu, o que vais fazer?

– Hei de me lembrar de alguma coisa – respondi, tentando falar com ligeireza. – Não te preocupes comigo.

Fiquei um pouco espantada com a sua aquiescência, mas também pelo alívio de não ter de passar duas semanas com a filha dele.

– Pois espero bem que chova como o caraças na Cornualha – disse Doll, quando lhe telefonei no dia seguinte, depois de Gus ter ido buscar as filhas ao aeroporto.

– Estava a pensar ir aí a Margate e construir castelos de areia com a Elsie...

– O problema é que o Dave levou os miúdos a Marbelha. Eu ando mesmo muito ocupada, mas se calhar conseguíamos arranjar tempo para passarmos um dia num *spa*?

Eu não queria ser metida a custo no seu calendário.

– Isso é demasiado parecido com ir trabalhar! – respondi.

– E se fosses a Itália?

– Sou capaz!

– *Hasta la vista!*

– Isso é espanhol.

Telefonei a Hope.

– Estou no trabalho – disse ela.

– Estava aqui a pensar, será que gostavas de ir de férias comigo?

– Quem ficaria na loja?

– Tenho a certeza de que o Martin não se importava.

Não me parecia plausível que houvesse um aumento súbito de procura por palhetas de clarinete ou cordas para guitarra durante as férias de agosto.

– Importava, sim – disse Hope.

Provavelmente, ela tinha razão.

– Só achei que podia ser bom para nós passarmos algum tempo juntas.

– Eu não gosto de férias, Tree!

Reconheci o ligeiro tom de irritação na sua voz que precedia sempre uma

mudança na sua rotina. Havia muito tempo que não o ouvia, porque não íamos a nenhum sítio juntas havia anos. Já estava a lembrar-me da dificuldade de a fazer sair de casa quando partimos para as únicas férias que tínhamos feito em família fora do país, nas Canárias, com a nossa mãe a tentar acalmá-la e o nosso pai a ameaçar dar-lhe uma sova se perdêssemos o avião. Lembrei-me da confusão na zona das partidas quando fomos visitar o nosso irmão Kevin a Nova Iorque. Perguntei-me se teria sequer um passaporte válido.

– Não te preocupes, Hope – disse-lhe rapidamente. – Talvez vá eu aí visitar-te.

– Estou a trabalhar.

– Sim, eu sei, mas...

– Não posso ficar o dia todo à conversa.

Ainda era possível organizar uma escapadinha de última hora. A que me agradou era para a Sicília, um voo para Catânia, com todo o género de passeios diários a sítios históricos incluídos no preço, bem como um hotel com meia-pensão. A única desvantagem era que não diziam ao certo onde íamos ficar hospedados até chegarmos. Era um bocado arriscado, mas era barato e, como eu nunca tinha ido à Sicília, qualquer sítio seria novo e diferente. Cliquei para confirmar o pagamento, de súbito a sentir-me muito corajosa e, ao mesmo tempo, bastante nervosa.

Tinha a mala e o passaporte no meu apartamento, onde já era raro ir. Quando Gus estava doente, não me atrevia a deixá-lo sozinho com muita frequência e entretanto tornara-se mais fácil ter todas as minhas coisas num só sítio.

Fiquei surpreendida ao não encontrar qualquer correspondência não solicitada no tapete por trás da porta e por a escada ter sido aspirada recentemente. Haveria um inquilino novo no apartamento de cima? Eu não imaginava o homem que morava lá a usar um aspirador, quanto mais a contratar alguém para limpar a escada do prédio.

Ao subir as escadas, ouvi exclamações e guinchos inconfundíveis de sexo. Tinha de ser um inquilino novo, pensei, abrindo a porta.

– Mas que porra?

A cabeça de Doll surgiu de debaixo do emaranhado de lençóis na minha cama. Estava com o cabelo todo despenteado. Eu fiquei tão chocada ao vê-la que nem sequer reparei no par de pés onde as minhas almofadas costumavam estar. Confusa, Doll puxou o lençol para tapar os seios nus, revelando a cabeça de um homem ao fundo da cama.

– ‘Tátudobem? – perguntou Ash, a retirar cuidadosamente da boca o que calculei que fosse um pelo púbico.

– Desculpem! – gritei, antes de bater com a porta e correr escada baixo.

Ao abrir a porta do prédio, não sabia para que lado haveria de me virar.

Ouvi os passos de Doll a descer as escadas. Comecei a caminhar, com a mente em alvoroço.

Teria sido só daquela vez? Ou será que já durava há séculos? Será que toda a gente sabia, exceto eu? Será por isso que o pessoal o via com desconfiança?

Parei na passadeira, à espera de que o semáforo ficasse verde.

– Tess! Tess!

Ouvia-a a ganhar terreno atrás de mim. Pedi mentalmente ao sinal que mudasse.

– Não devias ter descoberto assim – disse Doll, a tentar ajeitar o cabelo ao mesmo tempo que mantinha um braço à frente do peito para disfarçar o facto de não estar a usar soutien debaixo da *T-shirt* de homem que tinha enfiado.

– Como é que querias que eu descobrisse, então?

– Não sejas assim.

O instinto de Doll era sempre o de desviar a crítica para os outros, fazendo-os sentir que, de alguma maneira, a culpa era deles. Fora isso que a tornara uma boa mulher de negócios. Eu já estava ciente disso.

– Estavas na cama com ele há bocado quando eu te liguei, não estavas?

Por um instante, ela nem conseguiu olhar para mim.

Ocorreu-me que a generosidade ostentável com que me deixara ficar com o apartamento não passara de um pretexto.

Senti-me tão tola.

O trânsito tinha parado e o semáforo para peões começou a apitar. Pus um pé na estrada.

– Tess?

No último segundo, Doll decidiu seguir-me.

– Vai mais devagar, pode ser? – perguntou-me, a ofegar atrás de mim. – Não é o que tu pensas.

– Tu não sabes o que eu penso.

– Pensas que é muito mais do que realmente é.

– Então o que é? – Parei e confrontei-a.

– Se eu fosse um homem, não ficarias chocada – disse Doll. – Quando uma mulher anda com um homem mais novo, é sempre uma velha devassa. Um homem que ande com uma mulher mais nova, bem, é só um homem.

– Tu és casada! – guinchei.

– Ir para a cama, então – disse ela, como se fosse a palavra «andar» que me ofendesse. – Seja como for, o teu Leo também era casado, não era?

Como é que ela conseguia sempre fazer pontaria aos meus defeitos quando era ela que estava errada?

– Então e o Dave? A Elsie e o Tommy? – De repente, pensei no cabelo curiosamente escuro de Tommy. – Oh, meu Deus! O Ash não é o pai do

Tommy, pois não?

– Claro que não!

Foi a vez de Doll ficar chocada.

– Como é que esperas que eu olhe de frente para o Dave? – atirei-lhe.

– O Dave não é anjinho nenhum – disse ela. – Se visses as mensagens de texto de uma galinha que ele conheceu numa despedida de solteiro...

Galinha, despedida de solteiro, aquilo era tudo novidade para mim. Porque não me teria contado? Costumávamos contar tudo uma à outra. Estaria eu tão obcecada com os meus próprios problemas que já não era capaz de ver o que se passava à minha volta?

Dei por mim a imaginar Dave e os amigos a usar *T-shirts* a condizer e a tirar as medidas a um grupo de mulheres com pouca roupa e com um pénis insuflável gigante. Estávamos sempre a vê-las na avenida, a ir da estação para o *pub* com as suas fitas com cornos de diabo e depois a cambalear à hora do fecho, com o véu da noiva descaído e a pontapear o pénis pela avenida abaixo como se fosse uma bola de praia.

– Então é vingança? – perguntei.

Doll suspirou.

– Nem por isso. É sobretudo tédio, para ser sincera. Não fazes ideia de como o sexo se torna rotineiro depois de teres dois filhos. Quero dizer, não há exercícios para o soalho pélvico que...

– Para! – gritei. – Não quero saber da tua vida sexual, nem do tamanho da pila do Ash, nem nada disso!

– E foi por isso que não te contei – disse Doll. – Para ti é tudo ou nada.

Capítulo 23

– Alguma vez foi à Sicília?

No avião, tinha ficado no assento do corredor, ao lado de um casal de meia-idade.

– Nunca – respondi, abrindo o meu livro.

– Nós também não! – disse ela, como se isso fosse uma coincidência extraordinária. – Veio no pacote mistério com meia-pensão?

Assenti com a cabeça.

– Conhece alguma coisa da Sicília?

– Só as salsichas – respondi, e depois, apercebendo-me de que isso talvez parecesse um pouco grosseiro, acrescentei: – Têm funcho.

– Oh – exclamou a mulher, sem saber bem o que pensar de mim. – Eu sou a Viv e este é o Steve.

O homem sentado ao lado da janela acenou-me.

– É a primeira vez que viajamos só os dois em vinte e quatro anos – disse Viv. – A nossa mais nova recebeu agora as notas dos exames do secundário. Lá foi ela com o namorado. No ano passado, por esta altura estávamos todos em Corfu. É engraçado como nunca sabemos quais serão as nossas últimas férias em família, não é?

Pensei na nossa família nas Canárias, a primeira e única vez que tínhamos feito férias no estrangeiro. Eu tinha tido bons resultados nos meus exames e Hope ainda era uma criança de colo. A minha mãe tinha acabado a quimioterapia e o meu pai devia ter apostado num cavalo vencedor, porque esbanjou dinheiro num pacote de férias em Tenerife. Ganhou um troféu a cantar «The Wonder of You» na noite de *karaoke* de Elvis, em Los Cristianos, e a minha mãe comprou o prato de cerâmica com aquele dito pintado à mão: *Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida.*

– Não, não sabemos – concordei.

– Com quem veio? – perguntou-me Viv, girando o pescoço como se fosse capaz de identificar os meus companheiros de viagem.

– Vim sozinha.

– Não se preocupe que pode comer connosco. Não há nada pior do que ficar sozinha num restaurante, pois não?

Viv era quem falava, enquanto Steve era um homem de poucas palavras. A sua maior contribuição para a conversa foi indicar a maior central petroquímica da Europa, enquanto o autocarro acelerava pela costa até ao nosso destino. A central industrial ocupava quilómetros e quilómetros. Não me pareceu o começo mais auspicioso.

Estava a escurecer quando parámos diante de um hotel numa rua de aspeto bastante comum na cidade de Siracusa. O meu quarto estava muito quente. Cometi o erro de abrir a janela que dava para um saguão onde estavam os caixotes do lixo, antes de reparar que havia ar condicionado. Depois desci para jantar.

Viv tinha mudado de roupa, escolhera um vestido e aplicara um pouco de batom, embora a sala de jantar sombria não merecesse, de facto, o esforço. Havia um bufete de massa em grandes tabuleiros de metal e salada que parecia ter saído de um saco de vegetais pré-lavados várias horas antes.

Viv ia tagarelando acerca das refeições que tinham comido em férias, com Steve a contribuir ocasionalmente com expressões como «não há nada pior que batatas fritas moles» e «diarria a valer durante uma semana».

Quando dobrámos os guardanapos e nos levantámos, eu disse que ia dar uma volta. Viv perguntou-se se isso seria seguro e lançou um olhar a Steve que me fez pensar que, se me mostrasse determinada a ir, eles teriam de insistir em acompanhar-me. Por isso, fingi antes um bocejo e disse que seria mais sensato ver as coisas quando houvesse luz, ao que todos voltámos para os nossos quartos.

Tinha deixado entrar um mosquito. Puxei o lençol para tapar a cabeça, mas isso só pareceu servir para ampliar o zunido de pensamentos, lembrando-me do amontoado de lençóis na minha cama, da cara surpreendida de Ash, de Doll na rua com a *T-shirt* dele.

Porque seria que me sentia tão traída e magoada pela sua infidelidade quando, na verdade, isso nada tinha que ver comigo? E porque teria estado tão convencida de que Dave lhe seria fiel?

Eu sempre tinha tido a certeza de que eles viveriam felizes para sempre. Seria isso apenas por ele me ter deixado por ela, para poder dizer a mim mesma que era o destino e não uma simples escolha?

Não que eu tivesse querido ficar com ele. Mas porque não quisera? Viv e Steve pareciam bastante satisfeitos na companhia um do outro. Será que afeto tolerante era o melhor que se podia esperar depois de a novidade do romance

se dissipar? Porque se investiria tanto em encontrar «o Tal» se afinal tudo o que se buscava era alguém que nos segurasse o cabelo quando tínhamos uma intoxicação alimentar?

Atirei o lençol para trás e deitei a mão ao telemóvel.

– Tess? – Gus atendeu como se eu o tivesse acordado. – Onde estás?

– Estou num quarto horrível de um hotel pavoroso a uns quilómetros da maior central petroquímica da Europa, e a minha única companhia é um mosquito.

– Sais mesmo barata!

Então desatámos a rir, e eu segurei o telefone junto à orelha enquanto lhe contava tudo sobre a viagem. Sentia pequenas pulsadas de excitação a percorrer-me o corpo, como se ele estivesse ali deitado comigo às escuras.

– Quem me dera estar aí contigo.

Imaginei a sua figura longa e lânguida a abraçar-me naquele colchão desconfortável, pequenos beijos na parte de trás do pescoço, eu a virar-me nos seus braços, a sua pele contra a minha, os nossos lábios a tocarem-se...

– Não sei o que é que o mosquito ia achar disso – disse-lhe.

– Fazes-me falta – suspirou ele, como se estivéssemos longe um do outro há bem mais do que quarenta e oito horas, o que, de certa forma, era verdade.

– Também me fazes falta.

O silêncio estava carregado de anseio, e depois despedimo-nos.

Levantei-me da cama, acendi a luz e persegui o mosquito pelo quarto durante um ou dois minutos antes de o esborrachar com um romance nomeado para o Booker. Em seguida, dormi sem sonhos pela primeira vez em meses.

Capítulo 24

Viv acordou-me a bater à porta e a dizer que estavam a fazer o autocarro da excursão diária esperar por mim.

A luz que passava pelo rebordo da persiana dizia-me que o Sol brilhava lá fora.

- Acho que vou faltar – avisei.
- Sente-se bem?
- Sim.
- Vemo-nos ao jantar.

Pedi um mapa ao rececionista, que assinalou com uma esferográfica os sítios que eu devia visitar. Uma enorme catedral em forma de lágrima dominava a cidade; era dedicada à santa padroeira, Santa Lúcia. Por perto, havia uma igreja do século VII onde ela estava enterrada. Um parque arqueológico continha um dos maiores anfiteatros gregos em todo o Mediterrâneo. O sítio à volta do qual o rececionista fez vários círculos era a ilha de Ortigia, enfatizando que era *bellissima*.

Isso parecia pouco provável quando descí por uma rua comercial que fazia lembrar qualquer via pública de uma cidade europeia. A única coisa que me indicava estar em Itália era o calor e o *cappuccino* delicioso que bebi a um balcão de aço inoxidável enquanto comia um *croissant* polvilhado com açúcar em pó.

Estava a cerca de um quilómetro e meio de Ortigia, que era uma península fortificada separada da cidade principal por um canal estreito de água. Como se tratava de património protegido, o acesso rodoviário era restringido. Quando atravessei a ponte, o nível de barulho diminuiu e uma profunda sensação de paz invadiu-me.

Aquela era a Itália que eu reconhecia e adorava, com edifícios ocres e

telhados de terracota contra o céu azul sem nuvens.

Caminhei por uma rua empedrada e estreita, a inspirar os aromas deliciosos do almoço a ser preparado em pequenos restaurantes ainda fechados. Havia as lojas do costume a vender garrafas bonitas de azeite. Outras tinham placas claras de ímanes para frigorífico no exterior, o que me deixava sempre a pensar quem teria sido o primeiro a olhar para as prateleiras de bugigangas e loiças produzidas em massa e a pensar: o que as pessoas realmente querem é metade de um limão de gesso para pendurarem na porta do frigorífico.

De repente, a rua estreita abriu-se para uma *piazza* tão inesperadamente ampla e luminosa que me fez estacar.

Uma oval pálida alongava-se à minha frente, pavimentada com pedra lisa que brilhava como gelo sob a luz intensa do Sol. À minha esquerda encontravam-se sete palácios elegantes pintados em cores pastel desbotadas; à minha direita, a fachada ornamentada de uma catedral barroca.

O interior fresco do Duomo era mais simples do que o de muitas catedrais italianas, com as colunas originais de pedra do templo romano em que tinha sido construído ainda visíveis nas paredes laterais. No alto da nave, feixes de luz solar lançavam réplicas perfeitas de uma fileira de janelas de vitrais, fazendo parecer que havia o dobro na parede de pedra em frente, pois as cores das imagens duplicadas eram tão intensas como as do próprio vitral.

Perguntei-me se os artesãos que tinham feito as janelas sabiam que aquilo aconteceria ou se, da primeira vez que o sol incidira nos vitrais, tinham achado que era um milagre.

Na capela dedicada a Santa Lúcia, procurei no Google uma tradução da placa diante do altar e fiquei a saber que era uma prece dos cidadãos a pedir-lhe que lhes desse luz – porque essa era a origem do nome Lúcia – para que pudessem seguir um caminho livre de pecado e erro.

Quando saí de novo pela *loggia* escura para a *piazza* resplandecente, imaginei a congregação a ir à missa de madrugada e a sair assim, sabendo que as suas preces tinham sido atendidas.

Santa Lúcia, dei-me conta de repente, era o nome italiano da santa em cuja homenagem a minha mãe fora batizada.

– Olha para mim, mãe – dei por mim a sussurrar em silêncio. – Neste lugar celestial.

A umas ruas dali, um mercado estava a preparar-se para fechar. Comprei uma fatia de piza, vendida ao peso e embrulhada em papel que brilhava por causa do óleo, e depois passei a tarde a percorrer o perímetro da ilha, terminando num miradouro de onde se via a cidade moderna de Siracusa do outro lado das águas e, ao longe, o pico nevado do monte Etna a soltar umas

delicadas nuvens brancas, rosadas pelo Sol a pôr-se.

Quando começou a escurecer, voltei à *piazza*. Os contornos da fachada do Duomo eram de um branco mais definido à luz dos holofotes.

Sentei-me no único café da praça, debaixo de um toldo com luzinhas. Pedi um *Aperol Spritz*.

Havia algumas famílias locais a darem a sua *passeggiata*. Nos degraus da catedral, um saxofonista tocava *Moon River*. Uma criança pequena soltou a mão da irmã mais velha para ir abanar-se ao ritmo da música. Numa mesa ali perto, um velhote arrastou a cadeira para trás, fez uma vénia à esposa e levou-a numa valsa lenta.

O empregado chegou com um prato de *aperitivi* tão substancial que ficaria jantada.

– Gosta de Ortigia? – perguntou-me.

Chamava-se Francesco.

– Não quero ir-me embora nunca – disse-lhe.

– Fica aqui?

O meu italiano era inexistente e o inglês dele não era o melhor.

– Quem me dera.

Meia hora depois, quando começava a pensar se tomaria outra bebida, a irmã dele, Patrizia, uma mulher alta e robusta que devia ter a minha idade, chegou e, depois de sermos apresentadas, insistiu em levar-me por um labirinto de velhas ruelas até uma grande porta de madeira.

Lá dentro, havia um pátio. Subimos uma grande escadaria e depois seguimos por uma galeria com colunas até outro patamar, onde subimos mais uns quantos degraus íngremes de madeira, detendo-nos diante de outra porta. Ela explicou-me, num inglês ligeiramente melhor do que o do irmão, que tinha sido um trabalho de amor renovar aquele apartamento, devido a toda a burocracia que envolvia os edifícios antigos, mas que já estava quase terminado e ela queria pô-lo no *Airbnb*. Deixava-me passar lá uma semana de graça desde que lhe desse uma crítica com cinco estrelas e, em privado, a informasse acerca de quaisquer problemas que pudessem precisar de ser resolvidos.

– Compreende estas condições? – perguntou-me, numa atitude mais semelhante ao de uma agente prisional do que ao de uma senhoria de uma casa de férias.

O apartamento ficava nas águas-furtadas e tinha um teto esconso suportado por vigas de madeira. Era como entrar nas páginas de uma revista sobre escapadinhas de sonho.

Virei-me para explicar que devia ter havido algum mal-entendido. Mas, por alguma razão, as palavras não me saíam. Por isso, aceitei a chave e, no dia seguinte, arrastei a minha mala com rodinhas desde o hotel até ali.

Por vezes, perguntava-me se Viv e Steve teriam ficado preocupados comigo. Eu tinha-lhes deixado uma nota no hotel, mas eles provavelmente esperavam ver-me no avião. Talvez eu me tivesse tornado parte da coleção de historietas de férias passadas que Viv gostava de contar.

Comecei a explorar a cidade, adorando a forma como o antigo e o moderno conviviam, e como toda a gente levava a sua vida quotidiana como se aquilo não fosse nada de especial.

Aprendi que Siracusa tinha sofrido inúmeros ataques e invasões, desde os antigos Gregos aos Mouros e aos Normandos, Napoleão e, mais recentemente, os exércitos libertadores dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Se calhar, quando sobrevivemos e nos adaptamos com tanta frequência, já nada nos surpreende...

Havia imagens de Santa Lúcia por todo o lado. A ideia de aquele lugar belo, onde o sol branqueava o ocre da pedra dando-lhe a palidez da areia, ser protegido por uma santa cujo nome significava luz reforçava-me a sensação que tinha de ser abençoada todas as manhãs ao sair e virar o rosto para o céu.

Foi ideia de Gus que eu ficasse mais tempo quando a semana estava a chegar ao fim.

– Já pareces tu outra vez – disse ele.

– E como é que eu sou? – perguntei-lhe.

Tínhamo-nos tornado bastante sedutores nos nossos telefonemas noturnos. Havia aquele velho cliché de a ausência fazer o coração crescer mais, mas parecia que também estava a tornar a nossa relação mais sensual.

– Excitada e curiosa acerca de tudo – disse ele. – E se ficasses mais algum tempo?

– Podias vir ter comigo e podíamos experimentar viver em Itália, como planeámos?

– Queres que faça isso?

– Sim, por favor! – exclamei, apercebendo-me de súbito de que o ruído branco do pavor de que ele ficasse deprimido novamente já não me ecoava constantemente como pano de fundo da consciência. Não sabia quando teria parado.

Era uma ideia tão maravilhosa que fui ao Duomo e acendi uma vela, inclinando o pavio para o atear noutra das poças trémulas de luz. Depois ajoelhei-me para dar graças, embora não soubesse ao certo a quem.

Quando Patrizia foi ver-me para falarmos do apartamento, negocieei um valor mensal. A época alta tinha acabado, e foi menos do que eu pensava. Calculei que, mesmo recorrendo apenas às minhas próprias poupanças, poderia ficar vários meses.

– Encontrou algum defeito no apartamento? – perguntou-me.

– Se usarmos mais do que um eletrodoméstico de cada vez, sobrecarrega a rede e a eletricidade vai abaixo.

– Estamos em Itália! O que esperava?

Não referi a ausência de uma chaleira ou de uma torradeira.

Gus ligou-me para me dizer que tinha falado com Charlotte e que tinham decidido juntar o dinheiro da venda da casa da mãe dele e da casa de Portobello Road para comprarem um apartamento para uso futuro de Flora e Bella, caso elas quisessem ir estudar para Londres quando fossem para a universidade. Entretanto, poderiam arrendá-lo e ele receberia metade desse rendimento. O mercado londrino estava a recuperar, pelo que isso não deveria demorar e ele iria ter comigo à Sicília assim que isso acontecesse.

– Ai agora estás na Sicília? – comentou o meu pai, como se se tratasse de mais um de uma longa lista de destinos glamorosos a que minha vida do *jet-set* me tivesse levado. Não me perguntou quanto tempo eu ficaria e eu não lho disse, pois tão-pouco sabia.

– Estou numa linda cidade junto ao mar e o Sol está a brilhar – contei a Hope.

– Não há nenhum sítio melhor do que Margate num dia de sol.

Oh, mas olha que há, tive vontade de lhe dizer. Há mesmo.

A conversa que temia ter era com Doll. Acabei por reunir coragem na véspera do meu suposto regresso ao trabalho.

– É por causa... – começou ela.

– Isto é por mim, não por ti – repliquei bruscamente, como se fôssemos um casal a pôr fim a uma relação.

Seguiu-se um silêncio prolongado. Quando ela tornou a falar, percebi que estava à beira das lágrimas.

– Fico contente por ti, Tess, a sério que fico. É só que estás cá desde o início. Foste tu que deste nome à empresa e és a única com quem posso falar honestamente acerca disto. Tenho receio do que está a acontecer com o Brexit e com a libra e tudo...

– Vais ficar bem – disse-lhe. – Ficas sempre.

Durante mais uns momentos de silêncio, ela pensou nisso. Depois respondeu, já com uma voz normal:

– Fico, não fico? Boa sorte, Tess! Mereces, a sério!

O que me fez arrependeu-me ligeiramente de ter sido pouco amistosa, mas já era demasiado tarde para pedir desculpa.

Capítulo 25

Afinal, pode-se viver de luz solar.

Criei uma rotina de dar a volta à ilha todas as manhãs, parando num bar na minha baía favorita para tomar um *cappuccino*. Quase todos os dias, o meu caminho cruzava-se com o de uma mulher de meia-idade que caminhava na direção oposta. Tinha o cabelo assumidamente grisalho e com um corte decidido e curto. Usava calças de ganga de bom corte, botas de pele e um casaco estiloso. Calculei que fosse académica.

Passados uns dias, começámos a cumprimentar-nos com um sorriso. Quando ambas arriscámos um *Buongiorno!*, o sotaque dela fez-me pensar que seria norte-americana.

Quando voltava ao apartamento, tentava estudar gramática italiana na varanda até à hora de almoço, altura em que comprava um *panino* e presunto ou queijo na mercearia ao fundo da rua. À tarde, escolhia um sítio arqueológico ou uma igreja para explorar.

Um dia estava a atravessar a Piazza del Duomo quando vi que o Ipogeo estava aberto. Eu tinha curiosidade quanto a visitar aquele lugar, mas estivera sempre fechado, mesmo durante as horas limitadas de abertura anunciadas nos portões de ferro da entrada. Paguei então o pequeno valor do bilhete e desci pelos degraus estreitos.

Ipogeo vinha da palavra grega para subterrâneo, li. Eu não fazia ideia de que a serenidade civilizada da *piazza* estava construída sobre um labirinto de antigas pedreiras e cisternas. Avançando por um túnel escuro com o som de água a pingar à minha volta, sentia-me como uma personagem de um mito grego a descer ao submundo. Cheguei a uma gruta vasta e cavernosa, com estalactites suspensas do telhado e paredes irregulares feitas de tufo vulcânico.

Naquele ambiente incongruente, havia uma exposição permanente de fotos a preto e branco a documentar a noite da invasão dos Aliados em 1943. O

exército libertador invadira a Sicília e os habitantes tinham-se abrigado no Ipogeo. As imagens eram um pouco semelhantes às que se veem do metro de Londres durante o Blitz, com dezenas de famílias encolhidas, os seus rostos empalidecidos pelo medo. As legendas estavam tanto em inglês como em italiano. Ao que parecia, ao nascer do dia as armas silenciaram-se, e quando a população abrigada espreitou ansiosamente pela entrada da caverna do lado da baía viu que esta se encontrava a abarrotar de soldados e lanchas de desembarque.

Seguindo o túnel que levava a essa saída, dei-me conta de que não estava só ao ver a silhueta esguia de uma mulher a contemplar a baía. Eu não tinha a certeza de que ela me tivesse ouvido e não queria sobressaltá-la, pelo que parei uns metros atrás dela e disse-lhe:

– Olá?

Quando ela se virou, vi que era a minha norte-americana.

– Oh, é você! – exclamou ela.

– Tess – apresentei-me.

– Sandy – respondeu ela.

– Não é um sítio incrível?

– É mesmo.

– Deve ter sido absolutamente aterrador para os habitantes daqui – disse-lhe, a apontar para a exposição lá atrás.

– Mas acho que também um grande alívio – comentou ela. – O meu pai foi tenente do exército libertador.

Ficámos lado a lado, a observar novamente as fotos e fazendo comentários ocasionais como se ambas tivéssemos relutância em partir.

– Por acaso não lhe apetece um chocolate quente, não? – perguntei, com hesitação. Era a primeira pessoa com quem eu tinha uma conversa a sério havia bastante tempo. Era quase como se me tivesse esquecido de como isso se fazia.

– Porque não? – respondeu ela.

Soube-me bem regressar à *piazza*, com o sol na pele a derreter o gelo do mundo subterrâneo. No café, Francesco cumprimentou-me com dois beijinhos.

– É só porque eu arrendo o apartamento da irmã dele.

– Vive aqui?

– Estou cá há quase um mês.

– E eu há dois – disse ela. – Mas ainda não tenho empregados a dar-me beijinhos.

Expliquei-lhe como tinha ido ali parar, o que a pareceu divertir.

– Mas que sorte ter encontrado este sítio por acaso!

– E a Sandy?

– Eu comecei a ouvir falar de Siracusa ainda no colo do meu pai – contou-me.

Depois de uma campanha extenuante no Norte de África, a Sicília surgira-lhe como um oásis acolhedor. Ao que parecia, ele falava da ilha com apego e frequência.

– Quando eu era pequena, a palavra Siracusa parecia-me um lugar mágico, tão distante e inalcançável quanto Nárnia.

– Na verdade, Nárnia ficava nas traseiras de um armário.

Ela fitou-me intensamente.

– Tem toda a razão – anuiu, com o rosto severo a aligeirar-se. – Estou a ver que doravante terei de escolher melhor as minhas comparações.

Ficámos a bebericar o chocolate derretido sob uma camada de natas espessas. Eu tive a sensação de que, em vez de a ofender, inadvertidamente conquistara a sua aprovação.

Quando os nossos caminhos tornaram a cruzar-se uns dias depois, sentámo-nos uma ao lado da outra no paredão. Embora tivéssemos idades e nacionalidades distintas, depressa descobrimos que ambas éramos leitoras vorazes. Fãs de Elena Ferrante, tínhamos recentemente terminado o último volume do Quarteto Napolitano, abrandando deliberadamente a leitura das últimas cem páginas por não suportarmos a ideia de nos despedirmos dos protagonistas.

Ela emprestou-me um romance chamado *Siracusa*, de Delia Ephron, que li de imediato e admirei muito, embora desse uma imagem muito mais sombria da cidade do que aquela que eu via.

Habituíamo-nos a tomar o nosso *cappuccino* matinal juntas e as nossas conversas foram-se alongando à medida que descontraíamos na companhia uma da outra.

Afinal, eu tinha razão quanto a ela ser académica. Estava a escrever um artigo sobre santas do século IV. Os seus nomes eram-me vagamente familiares, das aulas de catequese que frequentara havia muito. Santa Catarina de Alexandria fora posta numa roda de despedaçamento que, milagrosamente, se quebrara. Santa Cecília, santa padroeira dos músicos, cantara durante todo o casamento que não desejava contrair, e depois converteu o marido ao cristianismo. Na sua cela de prisão, tão-pouco parava de cantar. Sempre me tinha feito lembrar Hope.

Santa Lúcia de Siracusa, que Sandy estava a investigar naquele momento, fora influenciada por Santa Ágata, que vivera ali perto, na Catânia. Ambas tinham sido submetidas a terrível tortura por se recusarem a casar com romanos. No caso de Santa Ágata, tinham-lhe cortado os seios. Ao que parecia, era a santa padroeira do cancro da mama.

Perguntei-me se a minha mãe teria sabido que havia uma santa padroeira do cancro da mama. Pensei que teria ficado encantada por eu finalmente estar a interessar-me pela religião.

– No século VI, os relatos do martírio de Santa Lúcia tinham chegado a Roma e a toda a Igreja Católica – dizia Sandy. – Na Suécia, ainda celebram o dia dela, vestindo meninas com vestidos brancos e fitas vermelhas, com pequenas coroas de velas acesas na cabeça. Mas o que teriam estas histórias para que se espalhassem assim, como um fogo descontrolado?

Eu estava a tentar encontrar uma resposta quando me apercebi de que ela se preparava para me dar a sua:

– Todas estas mulheres provinham de famílias abastadas e muitas vezes nobres. Tinham dinheiro suficiente para distribuir e decidiram dá-lo aos pobres. Eu acho que isso enfurecia os romanos, tanto quanto a recusa em casar. Terá sido mesmo a pureza o que tornou as suas histórias universalmente interessantes? Ou o facto de terem enfrentado o patriarcado?

– Então vê-as como feministas prototípicas? – perguntei.

– Exatamente. Tal como as sufragistas, eram mulheres ricas e instruídas que estavam preparadas para lutar pelas suas crenças.

– É irónico que a Igreja Católica que, convenhamos, não é grande apologista dos direitos das mulheres, escolha venerá-las – comentei.

– Mas a Igreja decidiu que deveriam ser recordadas não pela inteligência ou pela consciência social, mas pela virgindade e pela morte.

Ela tinha a postura que eu imaginava ser a dos velhos mestres de Oxford. Não permitia afirmações desgarradas.

Na manhã seguinte, levantou-se um vento forte e invernal. Dirigimo-nos para o abrigo de uma das ruas estreitas, parando diante de uma pastelaria para ela tirar uma fotografia às fileiras de *cannoli* e *cassata* sicilianos, afundados sob a cobertura branca de açúcar em pó e decorados com frutas cristalizadas.

– Sabe como se chamam aqueles? – Apontou para uns bolinhos redondos e brancos.

Eu não sabia.

– Olhos de Santa Lúcia. Algumas lendas dizem que ela arrancou os próprios olhos, outros que foi o governador romano que o decretou. Porque será que a representam com os olhos numa travessa, isso nunca percebi. O meu pai era guloso. Falava tanto dos bolos daqui como da paisagem! Ao que parece, uma pastelaria gastou todas as reservas preciosas de açúcar a fazer bolos para os soldados libertadores. Quem sabe se terá sido esta!

Lá dentro, sentadas a uma mesa com os nossos *cappuccinos*, Sandy sacou da carteira e mostrou-me uma foto do pai fardado. Tinha sido um jovem muito bem-parecido, com a mesma estrutura óssea que ela tinha.

– Eu prometi-me sempre que haveria de o trazer aqui outra vez. Mas foi-lhe diagnosticado cancro pancreático há uns meses. Morreu chocantemente depressa.

De súbito, vi que a sua postura rígida se devia mais a estar a tentar manter a compostura do que a ser reservada. Por um momento, entreolhámo-nos, e ela pestanejou para conter as lágrimas.

– Sou filha única. Éramos muito chegados.

– Lamento muito – disse, estendendo a mão para tocar na dela.

Decidi não lhe revelar a minha história com a doença. As pessoas comportam-se de uma maneira diferente se lhes contarmos que tivemos cancro, tratando-nos como se tivessem de ser sempre amáveis connosco.

Sandy olhou para o relógio.

– Tenho de ir.

Perguntei-me se haveria alguém em Nova Iorque a quem ela ligasse todos os dias àquela hora. Um amante, talvez, que esperaria o seu telefonema antes de ir trabalhar, porque seria logo pela manhãzinha.

Ao vê-la afastar-se, esperei que não se arrependesse de ter revelado a sua vulnerabilidade, porque por vezes isso pode fazer com que pessoas fortes tenham dificuldade em fazer amigos. Mas no dia seguinte tornámos a encontrar-nos e caminhámos pela parte moderna e buliçosa de Siracusa, comigo a retomar o papel de estudante enquanto Sandy me punha a par da história da zona que visitávamos.

Fiquei a saber que, no seu dia, que calhava a 13 de dezembro, a estátua de Santa Lúcia era retirada da igreja e levada até ali, onde se dizia que tinha sido enterrada na colmeia de catacumbas sobre a qual a igreja depois fora construída, antes de pedaços do seu corpo serem roubados e vendidos como relíquias, dispersando-se por todo o Mediterrâneo.

– Quanto disto julga ser verdade? – perguntei, quando olhávamos para o túmulo.

– Há muitas versões diferentes, claro, mas os factos em que todas coincidem são que Lúcia viveu durante o reino de Diocleciano, que foi denunciada como cristã por um pretendente desapontado e que o governador romano ordenou que a pusessem num bordel. Mas, quando os guardas vieram para a levar, não conseguiram fazê-la mexer-se, nem mesmo quando a prenderam a uma junta de bois...

Que uma jovem se tornasse inamovível tornou a trazer-me Hope à memória – ela sempre recusara abraços ou qualquer tentativa de a obrigarem a fazer algo que não quisesse.

– Quem é a Hope? – perguntou Sandy, quando emergimos para a praça.

– A minha irmã.

A vantagem de conhecermos alguém num sítio onde ninguém sabe quem

somos é que não somos definidos pelo nosso passado. Não era que eu tivesse ocultado a minha história familiar a Sandy, mas ela conhecia-me apenas como uma mulher a viver por sua conta na Sicília, que adorava livros, igrejas e arte. Para Sandy, eu era apenas Tess, não a irmã, a filha ou a namorada de alguém. Ela gostava de mim por quem eu era, e isso era uma sensação libertadora, um pouco como um romance de férias, sem a parte do sexo, obviamente.

– Eu sempre quis ter uma irmã – disse Sandy. – É a única relação onde me parece que nunca podemos ficar sozinhos.

Eu nunca tinha pensado nisso assim, mas apercebi-me de que era verdade. Hope estava sempre comigo, mesmo quando não estava. Eu telefonava-lhe todas as semanas, mas ela não gostava de conversar ao telemóvel e não estava interessada em chamadas do *Skype*, nem mesmo quando eu lhe dizia que assim nos poderíamos ver. «Não na vida real», diria ela.

Quando encontrámos um bar para tomarmos um café, falei-lhe um pouco acerca de Hope e de como a síndrome de Asperger a fazia ter uma abordagem diferente às interações sociais e físicas. Contei-lhe que ela adorava cantar e não parava de o fazer, no que me fazia lembrar Santa Cecília.

– Não está a propor que estas santas possam ter tido síndrome de Asperger?

– Não propriamente – disse eu, um pouco intimidada pela sua ferocidade.

Seria assim estar num seminário da universidade? Aos dezoito anos, eu teria ficado uma pilha de nervos.

– Então? – quis ela saber.

– Sem saberem nada acerca de neurodivergência ou de doença mental, as pessoas poderiam atribuir razões religiosas a coisas que não compreendiam. Como São Francisco de Assis. É certo que ouvia vozes, por isso, se fosse vivo hoje em dia, provavelmente seria considerado esquizofrénico.

Seguiu-se uma longa pausa.

– Isso é uma ideia fascinante – acabou Sandy por dizer.

Senti-me um pouco estonteada por ter dito algo que a interessasse.

– Essa parte sobre São Francisco de Assis foi um comentário do Gus – disse eu, pois não queria reclamar crédito que não me fosse devido.

– Quem é o Gus?

Assim, enquanto voltávamos, dei por mim a falar-lhe de Gus. Contei-lhe como as nossas vidas se tinham cruzado em várias ocasiões, de tal maneira que, quando falámos na mesma igreja onde nos tínhamos visto pela primeira vez aos dezoito anos, de certa forma nos parecera obra do destino.

Falei-lhe dos nossos planos de ir para Itália, de como ele adoecera e de como fora difícil ajustar-me à ideia de ele estar melhor.

Sandy escutou-me atentamente e, quando parei de falar, ela suspirou e disse:

– É fácil confundir uma relação com uma vocação.

Pela maneira como o disse, tive a certeza de que não estava a falar teoricamente, mas de alguém da sua própria vida, talvez da pessoa responsável pela sua partida todos os dias à uma da tarde?

Despedimo-nos no exterior do Duomo.

– Vemo-nos amanhã? – perguntei.

– Infelizmente, esta será a nossa despedida. É o meu último dia em Siracusa. Precisam de mim em Nova Iorque. Pelo menos, acho que precisam.

– Oh. – Senti-me desanimada. – Vou mesmo sentir a sua falta.

– Eu também gostei muito do tempo que passámos juntas – disse ela, entregando-me um cartão. – Está aí o meu *e-mail*. Não se esqueça de me enviar o seu romance quando o acabar.

– Romance?

– Não me diga que não é escritora, Tess. Leitores assim são sempre escritores, e tudo o que diz é uma história.

Aquilo tocou-me imenso. Levantei o olhar para a fachada da catedral, a tentar não chorar à frente dela. Sandy pousou-me uma mão delicada no braço.

– Santa Lúcia é a santa padroeira dos cegos – disse-me. – Mas sabia que também é a patrona dos escritores?

E sorriu, antes de se virar e atravessar a *piazza*.

O seu andar determinado fazia-me lembrar alguém, mas não conseguia precisar quem seria. Acenei-lhe sem que ela visse quando dobrou a esquina. Ocorreu-me que talvez também estivesse um pouco chorosa e fosse por isso que não tinha olhado para trás.

No dia seguinte, andei pela ilha a sentir-me sozinha pela primeira vez. Bebi um *cappuccino* e comi um *croissant* no café a que costumávamos ir. Sem companhia, o tempo parecia alongar-se sem fim.

A minha mãe dizia que, por vezes, Deus nos envia a pessoa de que precisamos na altura em que mais necessitamos. Nunca tinha tido qualquer experiência deste género, sobretudo depois de Leo, mas ter conhecido Sandy e conseguido o seu respeito dera de certa forma algo que faltava à minha vida.

E eu sabia que ela não aprovaria de todo que eu transformasse a sua ausência numa desculpa para não fazer nada.

De regresso ao apartamento, passei por uma papelaria, cujas janelas estavam cheias de artigos para o regresso às aulas. Entrei e comprei um caderno e uma esferográfica. Quando cheguei a casa, sentei-me e abri o caderno, alisando as páginas quadriculadas com a base da palma da mão.

Fiz a esferográfica clicar umas quantas vezes e depois, inspirando profundamente, escrevi as palavras:

Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida.

Gus

Capítulo 26

Outono de 2016

No meu último dia de trabalho, todo o pessoal assinou um postal gigante e Mike, o médico especialista, pagou-me um café.

– Tornaste-te um valioso jogador de equipa – disse ele. – Terás sempre a porta aberta, se bem que sabe Deus porque haverias de querer voltar, quando vais para climas bem mais soalheiros.

As palavras dele ajudaram-me muito. Quanto mais tempo passava sem a energia da presença física de Tess, mais me assolava a dúvida de estar a fazer a coisa certa. Dorothy tinha-me recordado que mudar de casa era supostamente o acontecimento mais stressante na vida de uma pessoa, a seguir ao luto e ao divórcio, e eu já passara pelas três coisas, pelo que seria intimidante, decerto.

Tinha demorado mais do que esperava a rever os brinquedos antigos das minhas filhas, cada um com memórias tão potentes como uma fotografia. Guardara uns quantos, incapaz de tomar uma decisão quanto à luz de presença que iluminava o teto com estrelas rodopiantes, ou quanto ao camião da reciclagem de *Playmobil* que entretinha Bella durante horas sem fim. Tínhamos criado uma réplica da nossa rua com caixas de sapatos para que o camião a percorresse.

– Não estás a sugerir que levemos isto connosco para Genebra, pois não? – perguntou Charlotte, quando levou as meninas a Londres para se despedirem da casa.

O rosto de Bella desanimou-se.

– Outras crianças hão de divertir-se muito a brincar com eles – garanti-lhe, reparando que ela enfiava um dos homens do lixo de *Playmobil* no bolso.

A caixa para a loja solidária era o último resquício de que alguma vez tivéssemos vivido ali. Nenhuma das meninas parecia particularmente incomodada. Bella já tinha dez anos, Flora treze. Tinham-se mudado havia anos e provavelmente já haviam esquecido todos os momentos felizes que

passáramos ali.

Quase me senti envergonhado ao dar-lhes os chocolates de Halloween que lhes tinha comprado como uma espécie de prémio de consolação, lembrando-me de quando se vestiam de bruxas em miniatura e andávamos pelas ruas de Kensington a bater às portas das casas dos amigos delas, a gritar *doce ou travessura*?

– Oh, que pena, é chocolate de leite! Não vais poder comer os teus – disse Flora à irmã.

– Porque é que não? – perguntei.

– A Bella agora é vegana.

Vi a minha pequenina a franzir o sobrolho e pensei que talvez tivesse aberto uma exceção, não fosse ter sido posta em xeque.

– Eu arranjo-te uns chocolates veganos, não há problema – disse-lhe.

– Entretanto, posso comer os dela, papá? – perguntou Flora, presenteando-me com um raro sorriso.

– Não, não podes! – disse-lhe Charlotte, tirando-lhos. – Mas não te preocupes que não serão desperdiçados – afirmou com uma piscadela de olho cúmplice para mim, já a abrir um saco desdobrável da *Longchamp*, como se viesse preparada para presentes inesperados.

– Adeus, casa! – despediu-se ela num tom cantarolado.

Eu lancei um último olhar à casa antes de fechar a porta. Parecia a concha vazia de um lugar cuja alma partira, pelo que não havia nada a que dizer adeus.

Apanhámos o metro para atravessar Londres até ao Barbican, e depois percorremos a pé a curta distância até ao apartamento em Clerkenwell, cuja compra estávamos prestes a finalizar. Ia ser a primeira vez que Charlotte o veria ao vivo. De repente, tive receio de que as informações enviadas pelo agente imobiliário o tivessem feito parecer mais atraente do que realmente era, e de que Charlotte me acusasse de gastar indevidamente a sua parte da herança.

Havia um elevador no átrio para se chegar ao sexto andar. Com as chaves que o agente imobiliário me emprestara por uma hora, abri a porta e deixei-as entrar à minha frente. Estava um dia cinzento, mas não fazia grande diferença porque a divisão principal era composta sobretudo por janelas. Tinha mais de nove metros de comprimento, com paredes de tijolo exposto e soalho de madeira. A área da cozinha era toda de aço utilitário com uma bancada comprida de mármore, bastante semelhante à área aberta de serviço de um restaurante de luxo.

– Bem – disse Charlotte, virando-se para mim. – Isto é muito impressionante.

Havia uma secura no seu tom e uma ênfase na palavra «muito» que me tornava difícil perceber se estaria a ser sarcástica.

– Gostas?

– Quem não gostaria?

– Vocês gostam? – perguntei às meninas.

– É incrível, papá – disse Bella.

– É mesmo fixe – disse Flora, e logo em seguida tirou algumas fotos para publicar no *Instagram*.

– Não vai ser o sítio mais fácil de mobilar.

Eu sabia que tinha de haver algum senão.

– O agente imobiliário diz que os apartamentos nesta área se arrendam mais facilmente se não estiverem mobilados. Que o tipo de inquilinos que vem para aqui tem as suas próprias coisas, ou compra o que quer. Portanto, isso não será problemático. Deixem-me mostrar-vos o terraço.

Quando tinha tentado decidir que tipo de espaço as minhas filhas poderiam gostar quando fossem estudantes, as imagens que me ocorreram foram de *lofts* ao estilo nova-iorquino, provavelmente porque as duas tinham adorado assistir à série *Friends*. Tinha pedido conselho a Marcus e ele acompanhara-me em várias visitas a apartamentos. De um ponto de vista prático, concluímos que seria mais seguro para elas viverem num prédio com boa segurança do que numa casa vitoriana remodelada em Islington. Também era mais fácil encontrar dois quartos duplos de tamanho similar numa remodelação contemporânea. Eu tinha noção de que seria um apartamento de estudantes ridículamente luxuoso, se elas decidissem estudar em Londres, mas se eu e Charlotte pudéssemos fazer-lhes a vontade, porque não? Já as obrigáramos a passar pelo suficiente. Entretanto, Marcus dizia que um espaço novo em folha com todos aqueles equipamentos de última geração proporcionaria uma renda muito boa.

Quando passámos para o terraço, o contraste entre o barulho do trânsito e o silêncio lá dentro revelou o quão bem isolado estava o apartamento. A vista das torres de vidro e das torres de igrejas era espetacular.

– Uau! – exclamou Flora.

– Uau a dobrar! – disse Bella.

Passei um braço à volta delas.

Com as duas meninas e Charlotte a sorrir-me em simultâneo, senti-me como se estivesse uns cinco centímetros mais alto.

– E se fôssemos almoçar? – propus.

Bella escolheu piza com vegetais no forno, especificando que não queria queijo.

– Porque é que decidiste ser vegana? – perguntei-lhe.

– É a única forma lógica de viver – disse ela, surpreendendo-me com uma resposta acerca da produção alimentar e dos gases de estufa em vez de me falar do seu amor pelos animais.

Olhando para o outro lado da mesa, vi tanto uma criança relutante quanto a deixar um brinquedo de *Playmobil* como uma pessoa a crescer e a desenvolver uma consciência. Aquelas nuances e contradições não apareciam em conversas pelo *Skype*.

– O que é que vais fazer na Sicília, afinal? – perguntava-me Charlotte.

– Vou fazer uma pausa e depois decido.

– Estás doente outra vez, papá? – perguntou Bella.

– Não, agora estou absolutamente bem.

– Ufa! – exclamou ela.

Nunca me perdoaria por ter alarmado e, possivelmente, traumatizado as minhas filhas, quando o que mais queria na vida era que elas fossem felizes.

– Vais reformar-te? – perguntou Bella.

– O papá não é velho como o Robert – explicou-lhe Flora. Era a primeira vez que mencionavam o nome do padrasto.

Charlotte remexeu-se no assento, parecendo um pouco desconfortável.

– O Robert reformou-se? – perguntei.

– Claro que não – disparou Charlotte. – Os investidores nunca se reformam, pois não?

– Não tenho como saber.

– Claro.

– Para ti é mais uma espécie de licença sabática, não é, papá? – perguntou Flora.

– Exatamente.

Senti-me grato por o seu vocabulário extenso vir em meu auxílio.

– Nem acredito que vás fazer um ano no estrangeiro, com a tua idade! – comentou Charlotte, com uma pequena risada trocista.

Eu já devia estar à espera de alguma réplica depois da referência à idade de Robert. Ela sempre tinha tido a capacidade de fazer pontaria à minha insegurança.

Será que ela tinha razão? Será que, na verdade, aquela aventura não passava de uma patética crise de meia-idade que chegara um pouco cedo de mais?

– Posso sempre exercer medicina em Itália – disse, para a tranquilizar tanto a ela como a mim.

– Ora, boa sorte para isso! – exclamou. – É capaz de não ser assim tão fácil, com o Brexit, e nem te passa pela cabeça a quantidade de burocracia que eu tive de atravessar para poder exercer na Suíça, já como especialista. Sabe Deus que voltas burocráticas os italianos obrigam um médico sem especialidade a

dar. Espero que tenhas todos os teus certificados...

– Sim.

– Traduzidos?

– Ainda não. A minha prioridade vai ser aprender a língua.

– Mas eles não falam um dialeto horrível, na Sicília? Pelo que tenho visto, muitos italianos tratam qualquer pessoa que venha do sul de Florença com bastante desdém.

– Tenho a certeza de que deve haver médicos no resto do país, não achas? – respondi, determinado a refrear-me.

– Ainda bem que sou eu quem paga a escola delas! – comentou Charlotte, a assentir com a cabeça na direção das meninas.

– Elas estavam mais do que satisfeitas na escola pública em Londres, lembraste? – Arrependi-me do comentário assim que o rosto dela endureceu.

– Não temos tempo para sobremesa – disse ela, olhando para o relógio. – Temos de fazer o *check-in* daqui a menos de duas horas. Achas que a esta hora é mais rápido de metro ou de táxi?

– De metro, parece-me.

La levá-las ao aeroporto, mas depois lembrei-me de que tinha de devolver as chaves ao agente imobiliário, pelo que eu e Bella demos o nosso abraço de despedida à entrada da estação de Old Street, ao passo que Flora me dava dois beijos formais nas faces, tal como a sua mãe.

Observei-as a descer. Nenhuma se virou para trás para acenar. Perguntei-me como teria conseguido passar de herói a zero à esquerda em menos de duas horas.

Capítulo 27

Tess foi a primeira pessoa que vi quando as portas automáticas se abriram. Ela correu por trás da fila de taxistas com cartazes e atirou-se para os meus braços, o seu corpo a embater no meu e agarrando-se a mim como se a sua vida dependesse disso. O cheiro a coco do seu cabelo, a suavidade da sua pele, a pressão dos seus lábios nos meus despertaram-me os sentidos como se eu tivesse estado apenas a viver pela metade durante todo o tempo que passara longe dela.

Fora do terminal, o calor do ar mediterrânico descontraiu-me o corpo como se eu tivesse passado dias a conter a respiração e finalmente pudesse expirar.

Quando pusemos a minha mala no autocarro, Tess cumprimentou o condutor em italiano e perguntou-lhe quando partiríamos. Ele respondeu-lhe também em italiano, sorrindo-lhe como se a conhecesse, antes de se levantar para me dar um aperto de mão e as boas-vindas à Sicília.

– Eu fui a única pessoa na última parte do trajeto até aqui – explicou Tess.
– Por isso, conversámos um bocadinho.

À medida que o autocarro ia avançando pela autoestrada, ela estava cheia de perguntas acerca da semana anterior. Tinha eu ficado triste por deixar o trabalho? O voo fora bom? Tinha fome? Depois, encostando o rosto ao meu ombro, avisou:

- Tenho uma surpresa para ti quando chegarmos a casa!
- Mal posso esperar – disse eu.
- Não é *isso*! – exclamou ela. – Sinceramente!

Tess subiu o último lanço de escadas de madeira e enfiou a chave na porta.

– Espera! – pedi, a arrastar a minha mala pesada pela escada acima antes de a pousar e, para grande diversão de Tess, lhe pegar ao colo para atravessar o patamar.

– O que achas? – perguntou-me.

Nenhuma das fotos que me enviara me tinha dado a impressão do tamanho e do carácter espaçoso daquele lugar, nem das vistas, estando tão acima do oceano e dos telhados que era quase como espreitar de uma torre.

– É lindo – disse-lhe. Depois, olhando para ela: – Tu és linda.

Quando nos beijámos, foi com hesitação e ternura, quase como da primeira vez. Eu afastei-me para olhar para o rosto dela, de olhos fechados, tão sereno e doce como se desfrutasse de um sonho encantador. Depois ela fitou-me e empurrou-me contra a parede enquanto arrancávamos a roupa um ao outro, com toda a urgência acumulada dos meses que tínhamos passado afastados, como se voltássemos a apropriar-nos um do outro. Possuímo-nos no chão, em cima da bancada da cozinha, na cama, até que por fim nos separámos, febris, ofegantes e saciados. Depois ficámos a ver o pôr do sol a fazer o céu passar de rosa a laranja, até escurecer para um tom índigo.

Tess pôs uma panela de água no bico do fogão e abriu uma embalagem de saquetas de chá *Twinings Everyday*, que tinha sido a única coisa que me pedira que lhe levasse. Depois apontou para o grande objeto tapado por um lençol que eu presumira que fosse um escadote.

– O Luigi carregou-o escada acima – informou-me.

– Quem é o Luigi?

– O empregado da loja. Vê o que está por baixo! – pediu, entusiasmada como uma criança na manhã de Natal.

Era um cavalete, a que não faltava uma caixa de lápis de grafite, um caderno pequeno, pincéis e uma grande caixa de bisnagas de tinta acrílica.

– Ainda pensei comprar-te aguarelas, mas as cores aqui são tão nítidas e luminosas e optei por tinta acrílica, mas o Luigi foi muito atencioso e disse que trocava o que fosse preciso. Gostas? Quero dizer, sei que sempre quiseste pintar e pensei só que, se tivesses o material...

– É a melhor prenda que alguém já me deu.

– Fico muito contente.

– Eu também tenho uma coisa para ti – avisei, abrindo a mala de viagem para tirar de lá o portátil muito fino que comprara para substituir o antiquíssimo que ela me pedira que trouxesse.

– Oh, meu Deus! – abraçou-o e apertou-o junto ao peito. – Tenho andado a escrever à mão!

E apontou para a mesa na qual eu já tinha reparado no caderno com a capa a dizer *ROMANCE*, por Tess Costello.

No café de uma *piazza* iluminada, que parecia quase um salão de baile gigante e vazio, um empregado que ela me apresentou como Francesco beijou-

lhe as duas faces. Um velhote levantou-se para dizer *Buonasera!*

Apesar de o seu italiano não ser gramaticalmente correto, ela tinha jeito para comunicar. Eu sabia que era ridículo sentir inveja por ela se ter desenvolvido sem mim.

Quando nos conhecemos em Florença, o meu italiano era melhor do que o dela, sobretudo porque eu aprendera latim desde os oito anos, mas agora, em comparação, eu era lento e gaguejante e as pessoas olhavam naturalmente para ela primeiro.

– O que se passa? – perguntou-me, dando pelo meu silêncio.

– Parece que tenho muito que aprender.

– Não é uma corrida, pois não?

Era como se ela tivesse ganhado confiança, tornando-se a mulher que estava destinada a ser.

– Parece que não precisas de mim – disse, tentando que parecesse uma piada e não um pedido de tranquilização.

– É claro que preciso! Se não fosses tu, eu não estaria aqui!

Eu sabia que precisava de fazer exercício. Limpar a casa tinha implicado levantar e carregar muitas caixas escada acima e abaixo, e eu passava os dias em pé no trabalho, mas não tinha tido tempo para longas corridas.

Tess deixou bem claro que preferia dar o seu passeio matinal sozinha, pois era nessa altura que pensava no seu romance. Eu aprendi a não me meter. Percebia quando ela estava a pensar naquilo, porque ficava com um olhar distraído. Por vezes, corria para o caderno para tomar nota de alguma coisa, mas recusava-se a falar do assunto.

No tempo que ela demorava a percorrer a ilha, eu dava duas voltas e acenava-lhe ao passar por ela.

Havia uma prancha de saltos ao fundo da rua com uma escada que dava diretamente para umas profundezas de um turquesa de tal maneira a parecer tinta que era difícil acreditar que se sairia dali a pingar água incolor. Nenhum italiano sonharia sequer mergulhar em outubro, mas o mar não estava mais frio do que o da Cornualha no verão. Por vezes, Tess esperava por mim no paredão depois do seu passeio, depois regressávamos ao apartamento das águas-furtadas e fazíamos amor com o meu cabelo ainda molhado e a nossa pele a saber a mar.

Eu ia todos os dias ao mercado comprar coisas para o nosso almoço enquanto Tess ficava sentada no terraço a escrever. À tarde, ela mostrava-me todos os lugares interessantes que tinha descoberto enquanto eu não estava, com o seu estilo idiossincrático de comentário de guia turístico, que combinava os seus pensamentos com as partes da história que lhe agradavam.

Os gregos antigos deviam levar almofadas quando iam assistir a peças no

anfiteatro, porque o traseiro ficava dormente depois de cinco minutos ali sentado; o matemático grego Arquimedes, que ali vivera, tinha usado as suas teorias para criar uma arma feita de espelhos que focavam os raios solares em navios invasores para lhes pegar fogo, o que, segundo ela, era um pouco falível, pois o que aconteceria se o ataque fosse num dia chuvoso?

Eu achava que devia ser maravilhoso viver no seu mundo, vendo tudo através de um vitral em vez de uma janela normal e comum.

Foi Tess quem me deu a inspiração para a primeira pintura que comecei. Eu tinha encontrado uma gelosia alta abandonada no exterior de uma casa que estava a ser remodelada. Ao início quando a levei para casa, suja, danificada e com dobradiças enferrujadas a cair, ela mostrara-se desconfiada.

– Depois de a limpar, vou ter quatro retângulos onde pintar.

– As quatro estações, talvez?

A mim só me tinha ocorrido serrá-la em partes iguais, mas então a ideia de uma série coesa de imagens começava a desenvolver-se, talvez do limoeiro envasado lá em baixo, que estava carregado de limões. O painel da primavera mostraria flores, o de verão pequenos rebentos que iam crescendo e ficando mais amarelos no outono. Talvez para o inverno fizesse uma natureza morta de limões numa taça cerâmica.

– Boa – disse Tess. – Agora temos de ficar cá um ano!

Comecei a fazer esboços até finalmente ganhar a coragem necessária para abrir as bisnagas de tinta e aplicar cor ao primeiro retângulo da minha persiana, encostando-a à parede, já que era demasiado grande para caber no cavalete. Foram necessárias várias tentativas a misturar verde para encontrar o tom exato da superfície cerosa da fruta, e para depois perceber que o brilho podia ser transmitido com uma simples pincelada de branco. Ao contrário de Tess, que fechava a tampa do portátil se me apanhasse a espreitar-lhe por cima do ombro, eu não podia esconder o meu projeto.

Depois de dar o primeiro passo de começar a pintar, comecei também a ver o mundo como imagens que poderia tentar capturar. Levava o meu caderno para onde quer que fôssemos, registando pequenos pormenores, como os frontões elaborados das colunas que flanqueavam a entrada do Duomo ou a curva dos edifícios decrépitos da baía onde eu nadava.

Comecei a procurar tábuas descartadas em contentores do lixo e levava para casa pedaços de madeira que davam à costa naquela praia estreita de seixos. Não sabia se os quadros eram bons ou não, mas, quanto mais experimentava, mais aprendia. O ato de aplicar tinta absorvia-me de tal maneira que por vezes só me apercebia de que se tinham passado horas quando ficava demasiado escuro para ver o que estava a fazer.

Ao final do dia, saíamos sempre para a nossa *passeggiata*, fazendo por

vezes que um único copo de vinho e um prato de *aperitivi* nos durassem a noite toda. À medida que as noites iam arrefecendo, agasalhá-vamos com os nossos casacos a beber chocolate quente e depois deambulávamos pela rua principal, espreitando as montras daquele conjunto improvável de estabelecimentos comerciais. Butiques de luxo com vestidos sofisticados e acessórios ao lado de lojas de *souvenirs* a abarrotar de guardanapos bordados e garrafas de *limoncello* em forma do *David* de Michelangelo.

Havia umas quantas oficinas onde se viam artistas locais dedicados ao seu ofício. Uma mulher fazia impressões manuais em seda, com padrões baseados em artefactos do museu de arqueologia, e expunha o seu trabalho como roupa num estendal. Outra trabalhava cerâmica e joalharia de prata, incorporando objetos como conchas e vidro colorido alisado pelo mar.

Tess experimentou uns pares de brincos antes de selecionar um padrão com cabochões de vidro castanho translúcido. Condiziam com o castanho-claro dos seus olhos.

– Isto é tipo âmbar, não é? – perguntou, virando a cabeça lentamente de um lado para o outro, enquanto se via ao espelho.

– É vidro de uma garrafa de cerveja – disse a *designer*, o que nos provocou o riso a todos.

– Gostava de saber como se dirá «sais barata» em italiano. *Fidanzato economico*?

Pelo ar da lojista, eu tive a certeza de que ela tinha acabado de me acusar de ser um companheiro avarento, pelo que me apressei a comprar os brincos.

A mulher, que Tess não tardou a descobrir se chamava Camila, perguntou-nos se estávamos de férias. Tess explicou que estava a escrever – ou a tentar – e que eu pintava. Ou tentava, acrescentei.

Camila disse que teria interesse em ver as minhas pinturas. Tinha espaço suficiente nas suas paredes para expor o trabalho de um artista local. Eu achei que ela estava só a ser simpática e encorajadora, como me pareciam ser os italianos em geral, mas no dia seguinte Tess insistiu que eu lhe levasse um quadro para ela ver.

Era uma paisagem, a vista do nosso apartamento dos telhados de terracota e a copa de uma única palmeira alta e estreita contra um céu azul de Siracusa. Por fim, sentia que começava a aproximar-me de conseguir reproduzir aquele céu, com um véu subtil de palidez que se tornava quase branco no horizonte.

Camila disse que lhe agradava muito e que gostaria de o expor na sua loja.

Embora tivesse dito a mim mesmo que não me fazia diferença que o quadro fosse vendido ou não, dei por mim a passar pela loja cada vez com mais frequência na minha corrida matinal, tendo descoberto que, se viesse de determinado lado, podia ver se o quadro ainda estava na parede antes de Camila me ver a aproximar. Depois continuava a correr, concentrando-me na

rua em frente, como se me tivesse esquecido de que a minha pintura estava sequer ali.

Os dias mais curtos e as noites mais longas davam a sensação de que a cidade ia hibernar. Agora as pessoas fechavam as janelas para se protegerem dos ventos mais frios e já não sentíamos os cheiros dos jantares a serem preparados, nem ouvíamos conversas e risos quando percorríamos as ruelas na nossa *passegiate* ao final do dia.

Então chegou a chuva, em tempestades prolongadas e ventosas que agitavam o mar.

– Parece um animal selvagem, a retorcer-se, erguer-se e cuspir-nos espuma – disse Tess, quando estávamos agarrados um ao outro no molhe, junto à plataforma de mergulho.

Era demasiado perigoso entrar na água e chovia demasiado para passearmos pelo empedrado escorregadio com algum prazer. Por isso, passámos vários dias dentro de casa até o Sol tornar a surgir, Tess a escrever e eu a pintar.

– Olha só para nós, artistas nas nossas águas-furtadas. – Sorriu-me. – Somos tal e qual como o Rodolfo e a Mimi. Sem a tuberculose, claro...

Ela devia ter dado pelo trejeito de ansiedade no meu rosto. Nenhum de nós mencionara os exames de seguimento que ela não fora realizar.

– Acho que, se tudo estiver bem, não faz diferença – disse-me. – E, se não estiver, tenho de ir logo para tratamento e isto tudo acaba, por isso...

Apertei-lhe a mão, sem saber o que dizer. A decisão tinha de ser dela e eu precisava de respeitar isso.

– Quando se tem cancro, estão sempre a dizer-nos para sermos positivos, e isso é uma pressão extra desnecessária – tentou explicar. – Às vezes sentimo-nos na merda e preocupamo-nos que a culpa seja nossa por não sermos suficientemente positivos e poder ser isso a fazer-nos morrer. Desde que estou aqui que me sinto muito saudável e positiva.

Sorriu-me e depois levou a mão ao cavalete de madeira, não fosse ter agoiado as coisas só por dizer aquilo.

– És a pessoa mais positiva que alguma vez conheci. E se isto é o que te parece melhor, apoio-te totalmente.

Queria dizer-lhe que claro que tudo estaria bem. Mas ambos sabíamos que isso seria uma garantia desprovida de sustento.

Tess

Capítulo 28

Inverno de 2016

O feriado de Santa Lúcia celebrava-se a 13 de dezembro; antes de os calendários terem mudado, era esse o dia mais curto do ano.

Em Ortigia, os preparativos começavam dez dias antes, quando uma banda de música percorria as ruas e depois, a 9 de dezembro, a estátua da santa era retirada do armário trancado onde a mantinham durante o ano e exibida no Duomo. A figura radiante, totalmente feita de prata com pormenores dourados, era amazónica. Com uma coroa na cabeça e os olhos intactos, era apresentada a dar um passo em frente com uma travessa numa mão, um ramo de palmeira na outra e um ar tão forte que era chocante ver a adaga que tinha espetada no pescoço.

Quando o próprio dia chegava, a Piazza del Duomo, normalmente deserta e serena, ficava a abarrotar de gente de todas as idades, tão barulhenta e agitada como o público de uma partida de futebol. Havia vendedores com grandes molhos de balões, a usar mangas feitas de braceletes fluorescentes e a regatear brinquedos baratos e chupa-chupas. Parecia uma feira gigante.

À medida que as três da tarde se aproximavam, uma corrente quase tangível de expectativa crepitava em torno da arena, mas, quando o sino começou a tocar, todos se silenciaram. Ouviu-se uma inspiração coletiva quando a estátua emergiu, refletindo o Sol como se a luz proviesse de dentro dela.

Uma enorme ovação espalhou-se pela multidão. Havia quem caísse de joelhos enquanto o plinto pesado descia periclitantemente os degraus da catedral, suportado por uma equipa de devotos fortes, e começava a avançar lentamente pela rota estabelecida.

Eu e Gus atalhámos por uma rua lateral, esperando ver a procissão aproximar-se da muralha em redor, sem termos noção de que seria preciso esperar mais de duas horas. Já estava escuro quando vimos Santa Lúcia a

aproximar-se lentamente lá ao longe, iluminada por centenas de velas. Quando finalmente passou por nós, a aura cintilante de beneficência era tão espetacular que dei por mim a benzer-me.

– Pensava que não acreditavas nessas coisas todas.

– Acreditei em ti, não acreditei?

Aquilo saiu-me simplesmente. Ele pareceu ficar um pouco espantado. Depois inclinou-se e deu-me um beijo no rosto.

– Sim, acreditei. Obrigado.

Quando estávamos a regressar à *piazza*, ouvimos alguém chamar-me e vimos que era Patrizia.

– Venham conhecer a minha mãe – disse ela.

Uma versão mais velha de Patrizia levantou-se. Era alta e bastante imponente. Fitei-a com toda a atenção. À exceção de ter o cabelo grisalho apanhado num carrapito, parecia-se imenso com a minha amiga Sandy.

– Alessia – apresentou-se, apertando-me a mão.

– *Piacere* – disse-lhe.

Não falava muito inglês, mas por essa altura o meu italiano já era suficientemente bom para ter alguma conversa de circunstância básica.

Quando lhe disse como estava encantada por ter visto Santa Lúcia, ela esboçou um sorriso terno, como eu já reparara que era costume os locais fazerem à menção da sua santa padroeira, como se se tratasse de uma familiar muito querida.

Ela perguntou-me se eu estava a gostar de viver em Siracusa. Eu disse-lhe que adorava, tentando explicar como me maravilhava a forma como o passado e o presente coexistiam ali.

Mas não aconteceria isso em qualquer cidade, perguntou ela?

Pensei em Londres. Não tinha nada tão antigo como o anfiteatro grego, mas havia a Torre de Londres. Eu nunca a visitara porque era um lugar turístico, vedado e inacessível a menos que se pagasse. Ali era como se o passado estivesse cosido ao presente. Fiz o gesto de costurar, esperando que ela me desse a palavra.

– *Ah, cucire!* – exclamou ela.

– *Per me, il passato e cucito nella fabbrica della citta* – disse eu.

Senti-me orgulhosa, até me lembrar que, em italiano, *fabbrica* queria dizer fábrica⁹.

Ela perguntou-me se eu tinha visitado o Ipogeo, apontando na direção da entrada.

– Sim.

A família da mãe dela refugiara-se ali durante a libertação, contou-me. Todos estavam assustados, mas os norte-americanos tinham sido muito

amáveis. O avô, que era pasteleiro, fizera bolos para os soldados. Gastara todas as reservas preciosas de açúcar que tinha com os americanos! Riu-se. Era obviamente uma daquelas histórias que as famílias vão repetindo e passando de geração em geração.

– *Ele lembrava-se sempre dos bolos...* – ouvi a voz de Sandy na minha cabeça.

Será possível que os bolos de que o pai dela tanto gostara tivessem sido feitos pelo avô daquela mulher?

– Estás estranhamente silenciosa – disse Gus, enquanto regressávamos ao apartamento.

A minha mente fervilhava de «e se». E se a mãe de Alessia tivesse atendido o pai bem-parecido de Sandy ao balcão da pastelaria? E se ele a tivesse encontrado na *passeggiata* e lhe tivesse comprado um gelado? Será que havia gelado sequer durante a guerra? Decerto era concebível que os seus caminhos se tivessem cruzado.

E se se tivessem apaixonado? E se tivesse sido uma paixão proibida, e não bolo, ou até uma combinação pecaminosa das duas coisas, o que o fazia recordar Siracusa com tanto apego?

E se Alessia fosse irmã de Sandy?

Ela sempre tinha querido uma irmã.

Abandonei vários esboços do *e-mail*, até me dar conta de que a única coisa a fazer era transmitir exatamente o que ouvira e deixar que fosse Sandy a tirar as suas próprias conclusões.

Muito obrigada, Tess! Vejo a sua imaginação de novelista a funcionar! A possibilidade de eu ter uma meia-irmã em Siracusa é fascinante. O meu pai chamava-se Alexander. Deram-me este nome por isso. Ocorre-me que Alessia também poderá ter recebido esse nome pelo mesmo motivo. Não há dúvida de que me dá um pretexto – como se precisasse de um! – para regressar a Siracusa o mais depressa que possa.

Li a parte acerca de ter aquele nome por causa do pai até me aperceber de que, claro, Sandy era um diminutivo de Alexandra.

O *e-mail* terminava com as seguintes palavras: «Agora, volte à sua própria história, Tess! Mal posso esperar por a ler!»

Como poderia Sandy conhecer-me tão bem? Ou será que todos os escritores passavam por uma fase em que ocupavam a mente com qualquer distração para adiar o regresso ao seu trabalho? Eu estava satisfeita por ter esboçado um plano e umas quantas cenas, mas parecia ter chegado a um impasse.

Lembrava-me de que Leo dizia que essa coisa do bloqueio de escrita não

existia, o que havia era falta de planejamento; porém, quanto mais me esforçava por pensar nas minhas caminhadas matinais, mais dispersos pareciam ficar os meus pensamentos. A maioria nada tinha que ver com o livro de todo. Perguntava-me se seria preciso descongelar o frigorífico e quando teria de enviar postais para que chegassem a tempo do Natal lá por casa. A minha incapacidade de me concentrar fazia-me duvidar de que fosse realmente uma escritora.

Para o nosso jantar natalício, Gus assou salsichas sicilianas e batatas com bolbos de funcho. O sabor que tinham depois de cozinhados era completamente distinto de quando estavam crus. Adorei que ele tivesse criado uma tradição só nossa, ainda que tivesse algumas saudades do sabor habitual do peru, do molho e das pequenas salsichas que Hope costumava devorar às dúzias.

Na primeira semana de 2017, um nevão cobriu todo o sul de Itália e a Sicília. Os noticiários mostravam imagens de massas de gelo em praias que havia gerações que não viam neve.

O nosso enorme apartamento arejado não estava preparado para o frio. O único método de o aquecer era um velho aquecedor a óleo que Patrizia nos levava, mas eu não confiava naquilo por causa dos gases que soltava. Não tínhamos roupas quentes, pelo que nos encolhíamos um ao lado do outro debaixo de cobertores no sofá, ou nos aninhávamos na cama, com o isolamento a aproximar-nos mais do que nunca.

Certo dia, Gus vestiu tanto a sua camisola como a minha debaixo do casaco e aventurou-se a sair para ver que comida fresca encontraria, mas o mercado estava fechado. Voltou com massa, uma lata de tomate e um par de luvas para eu cortar os dedos e usar enquanto escrevia, pois as minhas mãos ficavam geladas.

– *Che gelida manina!* – dizia ele.

Eu sentava-me à secretária junto à janela que dava para o mar cinzento como betão e Gus ia fazendo esboços com uma manta por cima dos ombros. Eu tentava respeitar a sua privacidade, como ele respeitava a minha, mas, quando ia pôr a cafeteira no fogão, ou ferver água para fazer chá, não conseguia deixar de entrever que ele estava a desenhar-me.

– Acho que este é capaz de ser o melhor que já fiz. Sobretudo por causa do modelo – disse ele, olhando para cima e dando-me a mão.

Ao fim de cinco dias, o Sol finalmente mostrou-se e ouvimos a água derretida a pingar do telhado. Gus correu lá para fora para tirar fotos dos restos de neve no limoeiro, para poder completar o seu políptico das quatro estações.

De súbito, sem ele, o apartamento pareceu-me vazio. Fitei os painéis, com a parte do inverno à espera de ser preenchida, sentindo um pressentimento de que a sua conclusão assinalaria que estava na altura de partirmos.

Então, o meu telemóvel tocou. O nome de Anne surgiu no ecrã. Não se tinha passado muito tempo desde que falara com a minha família, no Natal, pelo que soube logo que algo estaria mal.

– O que se passa? – perguntou Gus, ao voltar e dar por mim a fazer uma mala.

– Tenho de voltar a casa por uns dias.

– Porquê?

– Parece que a Hope se separou do Martin. Foram lá passar o Natal e ela recusou ir-se embora. Sem explicação. A Anne e o meu pai têm um cruzeiro...

– Não podem cancelar?

– Quantas oportunidades de ir num cruzeiro é que eles vão ter? O meu pai tem quase setenta anos. – Eu estava a repetir o que Anne acabara de dizer.

Claramente, Gus não estava tão convencido quanto eu tinha ficado.

– A Hope não fica bem por sua conta?

– A Anne não quer deixá-la sozinha, porque anda a comportar-se de uma maneira um pouco estranha...

– Estranha como?

– Deixou de cantar.

⁹ Enquanto em inglês *fabric* quer dizer tecido. (N. da T.)

Capítulo 29

A casa de Anne era moderna e isolada, numa das propriedades mais recentes nos arredores da cidade. Tinha três quartos, dos quais o mais pequeno era usado como sala do meu pai, com um televisor gigante onde ele podia assistir a todo o futebol que queria. Eu desconfiava que ela lhe tinha dado aquele espaço por não gostar da barafunda de outra pessoa na sua sala de estar prístina.

Além de um bar de *cocktails* com uma bancada a imitar mármore, garrafas de licores coloridos dispostas em prateleiras com espelhos atrás, a sala era completamente branco-creme, das cortinas com laços entrançados ao sofá de três lugares de veludo e ao tapete felpudo e profundo.

Eu desconfiava de que uma das razões para me terem pedido para voltar era garantir que Hope cumpria a primeira das regras sublinhadas várias vezes a vermelho na lista que Anne deixara na cozinha: *Nada de comida na sala!!!*

Fiquei aliviada ao deparar-me com a minha irmã basicamente como ela sempre fora. Era agradável passarmos tempo juntas sem a sombra da presença soturna de Martin. Tínhamos voltado de imediato às rotinas que tínhamos quando vivíamos juntas. Se era segunda-feira, comíamos salsichas com puré; à terça, macarrão com queijo. Hope estava claramente mais habituada a viver de comida pronta, já que, nas poucas ocasiões em que lhe pedi que levantasse a mesa, ela despejou a loiça suja toda no caixote de lixo.

Ela gostava de passar o dia a assistir a programas televisivos. Por vezes, eu pedia-lhe que o fizesse na sala do nosso pai, para tentar escrever. Sentia-me abalada com a mudança súbita das cores gloriosas da Sicília para a sala de estar monocromática de Anne. Mas, quando comecei a concentrar-me, a escrita parecia fluir mais facilmente ali, como se, na ausência de grandes estímulos externos, a minha imaginação criasse cenas para me entreter.

Tentava levar Hope a passear todos os dias, mas estávamos longe do mar e

a rede de autocarros era fraca. Ao final do dia, mais televisão.

As minhas tentativas de determinar o que teria acontecido eram curtas e pouco produtivas.

- Tu e o Martin desentenderam-se? Tiveram uma discussão, quero dizer?
- Ele é mandão.
- Não há dúvida. Isto é temporário? Quero dizer, vais voltar?
- Não.
- Não lhe sentes a falta?
- Sinto a falta do piano dele.

A *jukebox* da cozinha/sala de jantar parecia-se muito com as dos anos 1950, mas lia CD. Sempre fora a maior atração de Anne para Hope e, talvez, conforme por vezes me ocorrera, para o meu pai. Tinha instalado toda a sua coleção de CD dos Fureys e ele e Hope tinham passado muitos Natais a cantar ao som dessa banda. Se bebesse o suficiente para ficar piegas, selecionava sempre a sua faixa preferida, «I Will Love You», e cantava com lágrimas nos olhos e a mão sobre o coração, como fizera no velório da minha mãe.

– Queres ouvir música, Hope? – perguntava eu a todas as refeições.

– Não.

– Queres ir à baixa ao *karaoke*?

– Não.

– Porque não?

– Eu não tenho de fazer nada que não queira fazer. Eu nunca tenho de fazer nada que não queira fazer! – dizia ela, com a voz a aumentar de tom.

Por vezes, parecia-me que Hope tinha uma inteligência emocional superior àquela que dava a entender. Eu dissera-lhe a mesma frase muitíssimas vezes ao longo da sua vida, e ambas o sabíamos. Não podia propriamente argumentar com ela agora.

– Que dia é hoje? – perguntou-me na segunda semana depois de eu ter voltado.

– Quarta.

– Às quartas-feiras, vamos visitar a mãe.

Estava um belo dia para uma caminhada, embora estivéssemos bastante longe do cemitério.

– Tu só queres andar – disse ela num tom zangado enquanto bufava a meu lado.

No cemitério, substituímos os crisântemos murchos que ela tinha deixado numa visita anterior por um ramo de tulipas amarelas de uma florista pela qual passámos pelo caminho.

– Mary Lucy Costello, esposa devotada de James e mãe adorada de Kevin, Brendan, Teresa e Hope. – Hope estava a ler a inscrição em voz alta. – Porque é

que diz «E hei de lá ter alguma paz»? – perguntou, como se nunca tivesse reparado na citação. – Porque é que não diz «Paz à sua alma», como as outras?

– É do poema preferido da mãe, «A Ilha do Lago de Innisfree», de Yeats – expliquei-lhe, a lembrar-me da discussão que tivera com o meu pai para que aquilo fosse gravado na lápide. Afinal, ele estava mais preocupado com o custo das letras a mais do que com o sentimento. Depois de o pedreiro dizer que podia pôr mais palavras pelo mesmo valor, o meu pai tinha deixado de protestar.

Ficámos em silêncio e cabisbaixas.

– Não sei bem o que se passa com a Hope, mãe, mas prometo que vou sempre cuidar dela – disse-lhe mentalmente.

Perguntava-me se Hope também lhe falaria, pois ia tocando na pequena cruz de prata que a nossa mãe lhe deixara. Seria sequer possível que ainda se lembrasse dela? Tinha apenas cinco anos quando ela morreu. Eu nem sabia se eu própria me lembrava bem dela, porque, sempre que a recordava, as imagens eram muito similares às do álbum de fotografias que tinha encontrado na sala do nosso pai. Ainda ouvia o som da sua voz, mas já não me lembrava da sensação de lhe fazer um carinho.

Quando estávamos a sair do cemitério, um autocarro parou ao nosso lado e as portas abriram-se com um suspiro hidráulico. Martin saiu. Ignorou-nos, fingindo estar a olhar para o telemóvel, mesmo quando lhe disse:

– Olá, Martin!

Enquanto ele passava sem olhar para nós, de repente senti a mão de Hope na minha.

– Eu *posso* fazer qualquer coisa sem ti – gritou ela para as costas dele. – Porque tenho a Tree ao meu lado.

Julgo que foi a primeira vez que Hope expressou afeto por mim e, embora não passasse de uma pequena migalha, o meu coração agarrou-se tão avidamente àquilo que o meu cérebro só mais tarde pensou no subtexto.

«Eu *posso* fazer qualquer coisa sem ti.»

Queria isso dizer que Martin lhe dissera que ela não seria capaz de fazer o que quer que fosse sem ele? Eu nunca percebera bem se a relação deles era amizade, amor ou apenas um entendimento que lhes convinha aos dois. Se fosse sincera comigo mesma, tinha de reconhecer que sempre houvera uma pequena dúvida a incomodar-me.

– Hope, o Martin tratava-te mal? – perguntei-lhe, quando estávamos a comer as nossas torradas com feijão.

– Nada de bolo, nada de bolachas, nada de doces... – disse ela.

– Porquê?

– Dizia que sou demasiado gorda. A Katherine Jenkins não come bolo.

Katherine Jenkins sempre fora uma das cantoras preferidas de Hope.

Tive de me impedir de rir. Será que Gus tinha razão? Martin teria realmente a ambição de transformar Hope numa artista famosa?

– Nada de cantar até fazeres as tuas escalas! – ralhou ela.

Eu não conseguia entender ao certo se a lavagem ao cérebro fora de tal ordem que ela levava aquela instrução à letra, ou se simplesmente estava a fazer greve.

– Não gosto de escalas, Tree.

– Mas ainda gostas de cantar? – perguntei, hesitante.

– Já não é o meu lugar feliz.

Desconfiava de que ela apanhara aquela expressão a assistir a programas da vida real. «Lugar feliz» soava a lugar comum saído da boca de uma celebridade, um pouco como «sem pressão!» ou «zona de conforto» ou «cem por cento» quando o que queriam dizer era apenas «sim».

Porém, como Hope nunca tentava descrever os seus sentimentos, a frase parecia rara e comovente. E deixou-me muito triste.

Eu sabia que devia ter indagado mais sobre a relação dela com Martin, mas Hope não se prestava realmente a indagações. Por isso, convencera-me de que ela estava bem com ele. Agora isso fazia-me sentir culpada.

– Então o Martin era mesmo a versão de Margate de Henry Higgins! – exclamou Gus, quando falei com ele ao telefone.

– Não tem graça – disse-lhe. – Acho que deve ter havido alguma espécie de controlo coercivo. Ele tem andado a enfraquecê-la, tirou-lhe toda a alegria que tinha a cantar. Estou furiosa com ele.

– Mas ainda bem que a Hope deixou esse velhaco miserável!

Até então, não tinha considerado a coragem dela. À sua maneira, Hope libertara-se. Deixara-o. Muitas mulheres nunca encontram a força ou recursos para o fazer.

– Então e tu? Quando é que voltas? – perguntou-me Gus.

– O meu pai e a Anne voltam daqui a uns dias.

Tinha havido um surto de norovírus no cruzeiro, pelo que toda a gente tinha ficado confinada nos seus camarotes na semana anterior e, embora lhes tivessem dado um *voucher*, o meu pai dizia que nada deste mundo o levaria a regressar a um barco. Pagar bom dinheiro para ficar preso numa cela? Cruzeiro de luxo! Mais parecia um navio prisional!

Eu julgava que o meu pai tinha acalmado sob a influência de Anne, que lhe fazia mais frente do que a minha mãe fizera, mas então apercebi-me de que isso era só porque não passava muito tempo com ele. O meu pai era capaz de ser realmente encantador quando estava para aí virado. Quando se zangava, todos ficavam a saber. O ambiente que ocupava qualquer espaço em que ele

estivesse parecia cheio de gás venenoso. Qualquer movimento ou comentário errado podia causar uma explosão. A névoa vermelha.

Eu e Anne andávamos em pezinhos de lã, tentando ser o mais discretas possível enquanto ele ficava na sala de estar a fumar, à espera de uma desculpa para dar largas à fúria.

Arrependi-me de ter posto Hope na sala dele a ver televisão. Batendo com os pés escadas acima, ele foi desligar o aparelho. Hope ligou-o de novo assim que ele saiu. Isso foi o suficiente. Ouvimo-lo aos gritos.

– Qual é o plano, Hope?

– Que plano?

– Onde é que vais viver?

– Aqui.

– Pediste à Anne?

– Não.

– Então é melhor pedires, não é?

Hope desceu as escadas e foi até à cozinha, seguida pelo meu pai.

– Posso viver aqui, Anne?

Anne lançou-me um olhar ligeiramente desesperado.

– Por agora, Jim. Só até ela resolver o que fazer.

– Teresa?

Nunca era bom sinal quando ele me tratava pelo nome.

– Eu vou voltar para a Sicília assim que possível...

– Vais voltar para a Sicília, aí vais? – gozou ele num tom cantarolado. – Então e a tua irmã? A Anne tem sido muito boazinha, mais do que compreensiva. Mas há limites...

– O que esperas que eu faça?

– A Hope fez a sua cama. Agora pode deitar-se nela.

– Eu não fiz a cama – disse Hope.

Ele explodiu.

– Não fez a cama! Não se lavou! Não limpa o chuveiro! – E batia com o punho na mesa de jantar a cada queixa.

Vi nos olhos assustados de Anne que aquelas eram pequenas coisas de que ela se tinha queixado, pelo que não podia propriamente dar o dito por não dito.

– Deixou a casa e o trabalho e plantou-se aqui sem o mínimo aviso...

Hope levantou-se e saiu da cozinha.

– Volta aqui! Hope, estás a ouvir? Volta para aqui que eu estou a falar contigo!

– Acalma-te, Jim – pediu Anne.

– A culpa é tua! – O meu pai virou-se para mim. – Sempre a fazer-lhe as vontades, sem nunca lhe dizeres que não a nada...

Lembrei-me do terrível domingo em que ele se atirara à minha mãe. Pum, pum, pum! Quando batera no tampo da mesa, fazendo saltar a taça da batedeira. Pum, pum, pum estava agora o seu punho a fazer, e ele nem sequer estava bêbedo.

Quanto tempo demoraria a encontrar um alvo diferente do tampo da mesa?

– O que é que o Martin fez de mal, afinal? – gritou-me na cara.

De nada serviria falar-lhe de controlo coercivo. Ele passara a vida a fazer isso.

– Vou tentar descobrir que subsídios a Hope poderá receber, falar com associações de alojamento, esse tipo de coisa. Assim que tiver isto resolvido, volto para aí.

Estava ao fundo do beco da casa de Anne, às escuras, pois não queria que ninguém me ouvisse a conversa.

O silêncio de Gus pareceu durar muito tempo.

– A vantagem é que agora posso fazer os meus exames de seguimento! – disse eu, com a voz a perder o ânimo ao dar-me conta de que isso não era algo que parecesse muito apelativo nem para mim nem para ele.

– Deixa-me ir aí ajudar-te, Tess.

– Não, por favor não venhas! Volto num instante. Tenho um romance para escrever. Tu tens quadros para pintar. Não quero desistir disso.

No ecrã, via o crescente da lua a subir pela janela atrás dele. Olhando para o céu, vi a lua nova também por cima de mim. Dois sítios diferentes, a mesma Lua. Parecia que estava a habitar uma versão surrealista da minha vida, onde tudo fora deformado.

– Amo-te – disse ele.

– E eu a ti.

Sempre tinha pensado que devia haver mais do que uma palavra para o amor.

O meu amor por Gus era apaixonado e excitante, como um elixir milagroso que me transformava, quando estava com ele, na pessoa que eu devia ser.

Não se parecia de todo com o meu amor pela Hope, que era protetor, visceral e parte da pessoa que eu era, como se fizesse parte do meu ADN.

Quando voltei para dentro de casa, Hope já estava a dormir no quarto de hóspedes com duas camas que partilhávamos ali. O seu cabelo escuro, que sempre tivera vontade própria por mais que fosse humedecido ou escovado, estava espalhado pela almofada. Por hábito, afastei-lho da têmpora, tocando-lhe ao de leve na pele suave. Ela sempre tivera uma tez linda. Ainda usava a mesma pasta de dentes e o mesmo champô que tínhamos em casa, porque

nunca lhe ocorreria experimentar outra coisa, portanto cheirava exatamente ao mesmo quando lhe dei um beijo suave.

Fazia frio no quarto. Quando puxei o cobertor para lhe tapar os ombros, ela abriu um olho.

– Tu vais sempre cuidar de mim, Tree.

Gus

Capítulo 30

Primavera de 2017

Correr sempre fora o meu refúgio. Começara depois da morte de Ross, aumentando cada vez mais as distâncias como se esperasse um dia poder correr até tão longe que escapasse à dor. Corri durante todo o meu divórcio e depois do colapso depressivo.

Era o único desporto onde não sentia o impulso de competir. Não tinha o menor desejo de contar quilómetros ou de bater o tempo de outros. Tinha de estar sozinho. Correr não substituiria a perda, mas eu sabia que, se conseguisse reunir a energia inicial necessária para começar, então, a dada altura e sem sequer dar por isso, um estado meditativo chegaria, fazendo-me esquecer de mim mesmo durante algum tempo.

– A solidão do corredor de fundo – costumava dizer o meu pai sempre que me via a calçar os ténis.

Na altura, a expressão parecia-me insignificante, apenas o título de um filme que ele vira na sua juventude. Agora perguntava-me se o teria subestimado. Os adolescentes, como eu me apercebia observando Flora, partem do princípio de que os pais não sabem nada.

Na ausência de Tess, sentia a falta da companhia de outros também. Conversar com turistas ao acaso, fazer amigos com empregados e lojistas não me saía com tanta naturalidade como a ela. O tempo por minha conta parecia interminável. Por vezes passavam-se dias inteiros sem interagir com outro ser humano sem ser através do ecrã do meu telemóvel.

Assim, eu corria cada vez mais todos os dias, descobrindo um caminho costeiro que rodeava os subúrbios até ao limite da central petroquímica e a um sítio incongruentemente antigo chamado Megara Hyblaea, onde os vestígios de uma povoação pré-histórica ainda eram visíveis na sombra dos cilindros e das chaminés de aço. Corri até aos cemitérios de guerra no lado ocidental da cidade, com as suas fileiras de lápides idênticas suavizadas pelas pétalas

rosadas caídas dos amendoais ali próximos. Corri pela cidade moderna e até ao parque arqueológico, subindo os assentos do anfiteatro como se fossem degraus gigantes até parar para recuperar o fôlego lá no alto, maravilhando-me com a vista da costa a alongar-se para sul rumo a um oceano aparentemente infindo.

Um dia, quando estava a chegar ao fim da minha corrida, vi que havia um espaço em branco na parede da loja de Camila, onde o meu quadro tinha estado exposto.

A campainha por cima da porta soou e ela voltou da *kitchenette* com uma cafeteira numa mão e uma chávena minúscula na outra.

– Ah, Goos! Sempre a correr! – disse ela, deixando-me agudamente ciente do meu rosto e da minha *T-shirt* todos suados ao dar-me dois beijinhos como se fôssemos velhos amigos, algo para o qual eu não estava bem preparado. – Tem mais quadros? Este foi comprado por uma senhora japonesa.

Ao que parecia, pagara o preço sem regatear.

Tive uma estranha mescla de sentimentos contraditórios, sabendo que não voltaria a ver aquela obra. Em parte sentia arrependimento, mas também espanto por alguém ter dado dinheiro por algo criado por mim.

Isso fez-me pensar na reação do meu pai, tanto tempo antes, quando lhe dissera que queria ir para a faculdade de belas-artes.

– Mas não podes ganhar a vida sendo artista. Van Gogh nunca vendeu um quadro enquanto foi vivo!

Era o único facto citado pelas pessoas que nada sabiam acerca de arte.

Poderia ele ficar orgulhoso de mim? Talvez devesse pintar uma paisagem marítima e enviar-lha como presente?

Senti-me imbuído de uma renovada sensação de propósito.

O mar estava de novo suficientemente calmo para se poder nadar dele e cintilava irresistivelmente nas manhãs soalheiras. Agora parecia que o dia não tinha horas suficientes para eu fazer tudo o que queria. Corria, nadava, pintava, experimentando diferentes tamanhos e estilos. Além das paisagens de Ortigia que Camila pedia, tentei imagens de barcos pesqueiros, bancas de flores, uma natureza morta de um *cappuccino* no balcão reluzente de aço inoxidável de um bar.

À medida que os cruzeiros iam regressando ao porto de Siracusa, vomitando a sua carga de visitantes de um dia, Camila requeria quadros mais pequenos, que se revelavam um *souvenir* alternativo de sucesso para quem não queria levar loiças pesadas. Fiquei viciado em espreitar a loja dela para ver o que teria sido vendido. Concluí que era a minha versão do que Flora fazia ao ver quantas pessoas tinham gostado das suas publicações no *Instagram*.

Por vezes, Camila convidava-me a sentar-me para tomar um café com ela. Às vezes eu passava por uma pastelaria e comprava um *croissant* para cada um.

Tínhamos mais ou menos a mesma idade e ambos éramos divorciados, embora ela não tivesse filhos. Eu gostava da sua companhia, ainda que o seu inglês fosse tão macarrónico quanto o meu italiano, pelo que nunca fomos muito mais além de discussões superficiais acerca do que passava nas notícias.

Eu e Tess tínhamos passado a fazer sobretudo chamadas de voz. Ela não gostava de falar comigo onde pudessem ouvi-la, e o vídeo gastava demasiados dados móveis se ela o usasse na rua. Eu achava que o principal motivo era que era mais fácil, quando não estávamos a olhar um para o outro, continuar a fingir que só faltavam uns dias para ela voltar.

De certa forma, os telefonemas eram mais íntimos, quase como se estivéssemos juntos na cama, a conversar às escuras.

Ao que parecia, as tensões andavam em alta na casa de Anne, mas Tess esperava encontrar em breve um lugar onde Hope pudesse viver.

Tinha a certeza de que voltaria depois da visita das minhas filhas, na Páscoa.

– Oh, e recebi os resultados – disse ela, numa voz tão animada que soube logo que não tinha de entrar em pânico. – Está tudo bem. Como os fiz um pouco tarde, disseram-me que só tenho de ir fazer o *check-up* final daqui a um ano... se continuar a sentir-me bem, obviamente.

Automaticamente, estiquei a mão para bater em madeira como sabia que ela estaria a fazer do outro lado. Tornara-se um hábito que era difícil largar, mesmo sem a sua presença a assegurar-se de que eu o fazia. Tess era mesmo uma mistura muito curiosa de crença e superstição, mas eu tinha deixado de a pôr em causa depois de ela me perguntar:

– Porque é que te faz tanta diferença que seja irracional, afinal? Montes de coisas boas não são racionais.

Eu não podia discordar.

– Fazes-me falta – disse ela.

Era como as nossas chamadas acabavam sempre.

– E tu a mim!

Fiquei deitado a espreitar pela janela a Lua pálida e amarelada no extraordinário azul-prussiano do céu noturno, uma cor que eu só tinha visto em Itália.

Capítulo 31

As portas automáticas a abrir-se para cada nova chegada aumentavam-me a expectativa de tornar a ver as minhas filhas. De cada vez que não eram elas, sentia o ligeiro embaraço de sorrir a um desconhecido, após o que o meu rosto se ajustava rapidamente à normalidade. Ao lado de vários motoristas de limusinas, lamentei não me ter lembrado de escrever «Flora e Bella» num cartaz, como piada. Era a primeira vez que iam ter comigo de avião sozinhas.

Quando as portas finalmente as revelaram, Flora caminhava à frente de Bella, com o telemóvel numa mão e a mala na outra. A sua mala era de cabina, enquanto Bella se esforçava por puxar uma enorme mala de porão. Flora ignorou-me quando acenei para lhes chamar a atenção. Já era quase da minha altura, mesmo a usar as sabrinas mais rasas que se podiam imaginar. Tinha o corpo de uma adolescente, mas parecia ter sido repuxado de tal maneira que a *T-shirt* lhe deixava pele à mostra sobre o cós das calças de ganga justas. O rosto, mais alongado, continuava impressionantemente belo, como uma pintura de Modigliani. Eu tinha noção dos olhares dos motoristas a segui-la quando ela passava e sentia-me capaz de esmurrar quem quer que se esticasse.

– Papá! Papá! Papá! – Bella desatou a correr para mim, enquanto a irmã se deixava ficar, concentrada no ecrã do telemóvel.

Reservei uma *villa* no ponto oposto da ilha, perto do parque nacional de Zingaro, e aluguei um carro para irmos até lá. Demorámos o dia inteiro a percorrer o interior montanhoso da Sicília. Enquanto tentava interessá-las na história da ilha que fora influenciada pela geologia, pela geografia e pela migração, tive a impressão de que, sendo um público cativo, tinham decidido fazer-me a vontade. Só quando Flora tirou um auricular da orelha e me perguntou quanto tempo mais a viagem ia tardar é que me dei conta de que nenhuma delas me tinha estado a ouvir de todo. De súbito, receei que nada

tivéssemos de que falar durante aquelas duas semanas que íamos passar juntos, e que elas ficassem tão enfasiadas comigo como eu ficara com os meus pais quando era da idade delas.

Já escurecera quando chegámos. A *villa* era isolada, sem outras propriedades em redor que iluminassem o céu pontilhado de estrelas. Depois do dia comprido no carro, todos saltámos espontaneamente para a piscina, ainda de *T-shirt* e calções.

– Isto aqui é o paraíso – disse eu a Tess no dia seguinte, enquanto olhava para o mar azul-turquesa emoldurado por flores silvestres amarelas e cor de rosa, tal como uma paisagem num postal, a ouvir o chapinhar encantado das minhas filhas na piscina que se revelara, finalmente, mais interessante do que os telemóveis.

No dia seguinte, caminhámos até à aldeia medieval de Scopello para escolhermos fruta e salada para o almoço, mas em vez disso descobrimos um restaurante que servia *caponata*, o guisado local de beringelas, aipo, tomate e passas, com amêndoa torrada por cima, que era vegano e tão delicioso que tive a certeza de que nunca seria capaz de replicar aquela complexidade de sabores doces e ácidos.

Ao passarmos por uma loja que vendia barbatanas e óculos de mergulho, as meninas adoraram a minha sugestão de passarmos a tarde a explorar a enseada azul ao fundo do desfiladeiro sobre o qual ficava a nossa *villa*, descobrindo um mundo subaquático tão colorido e diverso como o que havia lá em cima.

Naquele ambiente descontraído, começou a surgir uma imagem do que era a vida quotidiana das minhas filhas, revelando muito mais acerca delas do que disparar-lhes perguntas pelo *Skype* alguma vez conseguiria fazer. Ouvindo-as conversar entre si, fiquei a saber as coisas engraçadas que os amigos tinham dito, as alcunhas que davam aos professores, o que comiam ao almoço. Absorvi detalhes sobre como era a vida delas em casa. Robert passava a maior parte do tempo fora, em conferências; Charlotte tinha duas secretárias, pois fazia parte da direção do hospital em que trabalhava. Recentemente, tinha desfilado num espetáculo de moda solidário na escola delas. No dia seguinte, o Sr. Juan Carlos, professor de espanhol de Flora, dissera que a mãe dela era uma mulher linda, o que a tinha deixado completamente enojada.

Flora jogava *badmington* na escola e era a rapariga mais nova da equipa de debates. Bella tinha aulas de *hip-hop* com um rapaz chamado Jonas.

– Não é um namorado, obviamente – assegurou-me Flora.

– Mas damos a mão! – revelou Bella.

Na gelataria que decidimos que era a melhor da aldeia, senti-me orgulhoso ao ouvir Bella perguntar em italiano se os sorvetes continham produtos de origem animal. Ambas se mostravam muitíssimo à vontade a falar outra

língua. Com uma pontada de culpa, lembrei-me dos comentários da minha mãe naquele último Natal que passáramos juntos. Ela tinha razão. Crescer noutro país tinha as suas vantagens.

A escola que frequentavam seguia o Programa Internacional Baccalaureate, que encorajava um pensamento mais concetual e interdisciplinar. Quando eu era da idade delas, era *de rigueur* estar entediado, mas elas pareciam muito mais interessadas no mundo.

Flora estava decidida a ser advogada de direitos humanos. Tinha delineado o seu caminho para atingir esse objetivo. Universidade de Oxford, seguida de um mestrado nos EUA ou talvez em Ciências Políticas, em França. Os seus olhos violeta carregavam a convicção de poder mudar o mundo.

– E tu o que queres ser, Bella? – perguntei.

– Ativista – respondeu descontraidamente.

Por ora, ainda era uma menina que, sempre que via um pedaço de relva, sentia vontade de fazer a roda. Em parte criança, em parte morcego, nunca resistia a pendurar-se de cabeça para baixo numa grade.

O súbito surto de crescimento de Flora deixara-a encabulada. Só usava roupas pretas e era frequente caminhar mesmo atrás de mim, como uma sombra. Dado que eu também crescera muito e repentinamente quando era da idade dela, reconhecia o seu desejo de se esconder.

Não tinha qualquer pejo, contudo, quanto a fazer perguntas contundentes.

– O que é que estás mesmo a fazer na Sicília? – perguntou-me certo dia.

– Eu acho que ele é artista – disse Bella.

Eu levava o meu caderno para onde quer que fôssemos e ela tinha-me visto a desenhar.

– Não tenho a certeza disso! – exclamei, apressando-me a mudar de assunto.

No longo trajeto de volta a Siracusa, jogámos ao *Estou a ver...* mas em italiano, rindo-nos de cada vez que um de nós repetia: *Io spio con questo mio occhietto...*

Chegámos a Siracusa quando o Sol se punha, estacionámos o carro fora da zona pedonal e caminhámos pelas ruas estreitas até ao palácio. Quando abri a porta do nosso apartamento, a luz ambarina do pôr do sol iluminava todo aquele espaço.

– Oh, já percebo porque é que vives aqui, papá – disse Flora, tirando uma série de fotos que publicou de imediato.

De manhã, nadámos juntos e, enquanto elas tomavam duche, eu dispus alguns dos meus quadros para que elas os vissem.

Bella adorou o que eu tinha acabado recentemente, da minha plataforma

de mergulho com um nadador e um cão no mar.

– Podes levá-lo, se quiseses – disse-lhe, sentindo-me gratificado ao vê-la abraçá-lo junto ao peito como se fosse um urso de peluche preferido.

– Tu queres algum, Flora? – perguntei-lhe, ligeiramente receoso quanto à sua reação.

Aponte para um que me agradava bastante. Sentia que me tinha aproximado de conseguir reproduzir não só as cores ferozes do Sol a pôr-se, mas também as riscas cor de rosa e azuis por cima.

– Quem não quereria? – respondeu ela.

No trajeto até ao aeroporto, Bella foi tagarelando sobre todas as coisas que ia fazer quando voltasse a Genebra. Ocorreu-me que não sentia a descida habitual para a melancolia que a nossa despedida costumava provocar-me. Já não vivíamos juntos, mas, naqueles quinze dias, tínhamos voltado a ficar próximos, coisa que eu nunca fora com os meus pais, nem mesmo quando ocupávamos a mesma casa.

Ainda assim, fiquei com os olhos turvos de lágrimas enquanto lhes acenava nas partidas e ao encaminhar-me para a paragem de autocarro numa espécie estranha de limbo, de súbito desprovido do *chiaroscuro* constante do barulho de Bella e da reflexão tranquila de Flora.

O primeiro autocarro que apareceu dizia «Catânia Porto» à frente. Por impulso, decidi entrar, calculando que haveria um mercado de peixe onde as bancas estariam mesmo a fechar depois de venderem a pescaria da manhã. Por perto, decerto haveria uma *trattoria* onde os pescadores almoçariam.

O sítio que encontrei não tinha menu. O empregado levou-me dois ouriços do mar, cuja carne cremosa tremia como flores exóticas nas suas meias conchas. Imaginei a expressão horrorizada de Bella ao espremer um pouco de limão e tomar uma colherada daquela ambrosia marítima.

Caminhei lentamente pela cidade rumo à estação. Tinha a sensação fronteira de uma cidade portuária, um laivo a perigo nas pequenas ruas escuras que partiam do centro, a sombra do grande vulcão a impor-se lá no alto. Viver ali devia fazer com que uma pessoa estivesse constantemente ciente da precariedade da vida. Perguntei-me se alguma vez nos habituáramos a isso.

Apercebi-me de que tinha sentido a falta da azáfama da vida citadina, no enclave protegido e pedonal de Ortigia. Ali, havia o barulho constante de camiões a fazer marcha atrás, de buzinas a protestar assim que os semáforos ficavam vermelhos e, ocasionalmente, uma sirene de ambulância, tão diferente do som de Londres. Em Itália, a um sopro forte de uma corneta seguiam-se três assobios crescentes. Aos meus ouvidos, parecia um aviso muito mais delicado e menos alarmante do que o súbito ulular de uma ambulância britânica.

Comprei um gelado e sentei-me na praça principal a ver o mundo a passar,

relutante quanto a regressar ao apartamento vazio.

Já escurecera quando regressei a Ortigia e as ruas estavam silenciosas. A ilha era sobretudo um destino para viagens de um dia. Poucas pessoas passavam a noite ali.

Quando passei pela loja de Camila, ela estava a fechar.

Disse-me que tinha vendido a minha paisagem da baía com o Etna ao longe. Tinha recebido um grupo de turistas na loja e todos queriam comprá-la ao mesmo tempo. Será que podia fazer-lhe mais, por favor?

– Quantos?

– Dez, vinte, quantos conseguir. A época começa. As pessoas gostam do Etna.

Senti-me curiosamente desanimado pela proposta.

Ainda ouvia a voz de Flora na minha cabeça. *Quem não gostaria?*

Quer o tivesse dito com intenção, quer não, a crítica da minha filha fora certa. Os meus quadros eram agradáveis, nada mais. A minha arte não era mais autêntica do que os *souvenirs* importados da China e vendidos por vendedores ambulantes ilegais.

– Quer ir tomar um copo de vinho? – perguntou-me Camila, como se pressentisse o meu desencantamento.

– Porque não?

A Piazza del Duomo estava branca sob os holofotes.

Tess encontrava uma ligação quase espiritual com a beleza daquele lugar, mas eu nunca conseguiria capturar qualquer da serenidade e da radiância que ela sentia ali, pois não era um artista. Deprimia-me reconhecer essa verdade com tanta clareza.

Francesco levou-nos copos de vinho branco.

Na mesa ao nosso lado, estavam quatro norte-americanos de meia-idade a beberem *cocktails* de cores berrantes. A algazarra que faziam enervava-me.

– É aquele homem – disse Camila, a apontar para um obeso atrás dela. – O homem que comprou o quadro.

Por um momento agoniante, julguei que ela ia levantar-se e apresentar-me, mas consegui impedi-la com um ligeiro abanar maníaco da cabeça que a fez rir.

Ela pegou num maço de cigarros e ofereceu-me um. Hesitei e depois aceitei. O primeiro baque da nicotina era sempre um lembrete agradavelmente pecaminoso do quanto eu gostava de fumar e de como seria fácil retomar o vício.

O vinho branco e fresco atenuou-me a sensação de desalento.

– Está triste? – perguntou ela.

– Talvez um pouco – disse eu, a deitar a cinza para o cinzeiro.

Não me pareceu que fosse capaz de começar a explicar em italiano a sensação repentina de desilusão que estava a ter. Ela até poderia sentir-se insultada por eu estar a denegrir o seu negócio.

– Passa todo este tempo sozinho – disse ela.

Fiquei um pouco espantado pela natureza pessoal dos seus comentários.

– Sim – admiti.

Tess já estava fora havia mais de dois meses. Eu tinha ficado ali para manter o sonho vivo. Mas, sem ela, estava perdido.

– É triste estar sozinho – disse Camila, com um suspiro.

Ela parecia estar a falar tanto de si como de mim.

Olhei para ela, do outro lado da mesa. Estava a usar uma camisa larga de linho branco. Não pude deixar de reparar, com o ar fresco da tardinha, que não trazia nada por baixo. Tinha as mangas enroladas e três botões abertos, revelando um triângulo de pele ligeiramente bronzeada sob a cova na base do pescoço. O cabelo escuro, que ela costumava usar apanhado num rabo de cavalo, caía-lhe sobre o rosto. Puxou-o para trás.

– Espere! – sorriu. – Disse sozinho ou só? É uma coisa que o meu professor de inglês sempre corrige.

– Acho que quer dizer só – respondi, dando uma grande passa no meu *Marlboro*. – Também pode dizer «por minha conta».

– O Goos está por minha conta em Siracusa? É correto?

– O Gus está por sua conta – corrigi, a desejar não ter complicado as coisas. – Estou por minha conta.

Ela pareceu intrigada e depois perguntou, com uma pequena risada tímida:

– Gosta de estar comigo esta noite?

Fitei-lhe os olhos por um momento. Não tinha a certeza de que estivesse a perguntar-me se estava a desfrutar de tomar um copo com ela, mas a corrente de atração que crepitava entre nós parecia sugerir algo mais.

Atrás dela, os dois casais americanos tinham acabado as suas bebidas, pedido a conta e já estavam a ir embora. De súbito, o café ficou muito silencioso. Camila olhava para mim, a enrolar uma madeixa de cabelo num dedo.

– O que está a pensar? – perguntou.

Eu estava a tentar perceber quanto tempo se tinha passado desde a última vez que uma mulher tentara seduzir-me e qual seria a linguagem para recusar sem ofender. Estava a tentar impedir-me de pensar se poderia deixar as coisas avançar um pouco e ver onde aquilo ia dar. Estava alarmado por dar por mim a especular se sexo casual com uma mulher atraente valeria o risco de ser apanhado. Quanto tempo mais ficaria Tess longe?

Os norte-americanos estavam a tentar tirar uma *selfie* tendo como pano de

fundo a fachada da catedral. Os homens eram irmãos, depreendera eu ao ouvir-lhes a conversa sem querer, achando a galhofa mais ruidosa e irritante por entender cada palavra banal que diziam.

Olhei para Camila.

– É tarde. Estou cansado – disse-lhe.

Reparei num dos homens a cair como que em câmara lenta, até ficar deitado e imóvel no empedrado liso.

– É sempre má ideia tomar um terceiro *Martini*... – brincou o irmão.

Camila estava de costas para tudo aquilo. Um trejeito de hostilidade perpassou-lhe o rosto quando me levantei para ver melhor, arrastando a cadeira com a pressa.

Quando lá cheguei, a mulher do homem caído estava ajoelhada ao lado dele, a chamá-lo – Bryan – e a alongar as sílabas, num pânico cada vez maior por ele não reagir.

Procurei-lhe a pulsação no pescoço. Não a senti. Eu vira-o cair. Não tinha batido com a cabeça.

Dei por mim a dizer:

– Chamem uma ambulância! Sou médico. Acho que este homem teve uma paragem cardíaca.

A mulher gritou. A outra mulher começou a espetar o dedo no telemóvel.

– É 911? Qual é o número de emergência?

– Não sei. Pergunte no café. Por favor, mantenham a calma e deem-me espaço. – Ouvia a minha voz como se fosse outra pessoa a falar. Calmo, tranquilo, confiante.

A boca dele tinha o sabor cediço de uma pessoa idosa, combinado com o de *gin* e de alguma espécie de xarope de fruta que tentei ignorar ao fazer-lhe respiração boca a boca e expirar duas vezes. Nada. Comecei com as compressões peitorais, mantendo um ritmo constante.

Nellie, o Elefante...

Mais duas respirações. Nada.

Vá lá!

À minha volta, estava ciente da mulher a guinchar e do irmão a gritar-lhe que se acalmasse. Francesco e os outros empregados debruçavam-se sobre mim, perguntavam-me o que estava a acontecer, o que deviam fazer.

– *Chiama un'ambulanza!* – exclamei.

– *Viene!* – Vem aí.

Anda lá, Bryan!

Tudo o que eu sabia era que tinha de fazer Nellie guardar a tromba e despedir-se do circo uma e outra e outra vez, até finalmente começar a ouvir o ténue *der di da di der* da sirene, ao início tão distante quanto uma memória, e depois a ir ficando gradualmente mais ruidosa, até a ambulância chegar à

praça.

De súbito, os paramédicos estavam ali, a afastar-me e a colocar as pás de um desfibrilhador no peito de Bryan. O coração dele começou a bater por si mesmo ao segundo choque. Levaram-no de maca para a parte traseira da ambulância e ligaram-no a monitores. Eu fiquei a ver até eles me fazerem um sinal com um polegar virado para cima, altura em que senti os joelhos a ceder e me deixei cair no empedrado, com os braços e as costas doridas pelo exercício a que não estavam acostumados.

Ao que parecia, tinham-se passado vinte e um minutos desde que haviam recebido a chamada de emergência.

– Bravo! – disseram.

A pequena multidão que se reunira bateu palmas quando tornei a sentar-me.

À medida que o meu cérebro processava o que tinha acontecido, tive a sensação de estar a acordar de um sonho estranho no qual, para variar, conseguira salvar uma vida.

Camila, que tinha estado a traduzir o melhor que podia, pediu um táxi para levar os outros três norte-americanos ao hotel.

– O Bryan agora deve ficar bem. – Tentei tranquilizá-los.

– Não sei como agradecer-lhe.

A mulher dele deu-me um abraço apertado e desesperado antes de me soltar, um pouco envergonhada.

– Mais um dia de trabalho? – brincou o irmão, numa tentativa atabalhoada e masculina de me mostrar que tinha a força suficiente para assumir a responsabilidade a partir de então.

Apertei-lhe a mão.

– *Sei dottore?* – perguntou-me Camila, quando voltei para a mesa e lavei a boca com o resto de vinho que ainda tinha no copo.

– *Si. Sono dottore* – respondi. Sou médico.

Os olhos dela brilhavam de adoração.

– Ser tarde. Caminha comigo?

Capítulo 32

Eram quase oito da noite quando cheguei à porta da casa de Anne no dia seguinte.

Toquei à campainha e quem apareceu foi Hope.

– Não posso deixar ninguém entrar.

Anne e o pai dela estavam no *pub*. Era noite de *quiz*.

– A Tess está com eles?

– Não. Está a trabalhar.

Sabia que aquilo não podia estar certo, mas não ia pôr-me a discutir com ela.

– Eu acho que quando te disseram para não deixares ninguém entrar, se referiam a desconhecidos.

Hope não estava com vontade de ceder. Uns segundos depois, fechou a porta e eu ainda estava ali fora uma hora depois, quando Tess voltou.

– Porque é que não me disseste que vinhas? – perguntou-me, estacando.

– Queria surpreender-te!

– Aconteceu alguma coisa?

Olhei para ela e perguntei-me como poderia ter imaginado, nem por um segundo, que fosse possível mentir-lhe.

Tinha levado Camila até ao seu apartamento, do outro lado da ponte em Siracusa. À porta, um beijo amigável transformara-se em algo mais. Por um momento, correspondi-lhe, com os nossos corpos pressionados contra a porta, mas então a luz de uma janela próxima acendeu-se e eu paralisei.

– Não posso fazer isto – disse, afastando os dedos de Camila dos meus ombros e deixando-a estupefacta.

Fiz todo o caminho de volta até ao apartamento a correr e passei a noite em arrumações.

De manhã, quando Camila chegou à loja, eu estava à porta. Ao dobrar a esquina e ver-me, o seu rosto hesitou entre um sorriso e uma carranca, decidindo-se pela última ao ver o monte de quadros que eu tinha ido entregar-lhe.

Insisti que eram um presente. Que não queria dinheiro algum se os vendesse. Isso pareceu fazer com que a despedida fosse ainda mais confrangedora. Se ela tivesse a linguagem necessária para dizer que eu era um cabrão arrogante para achar que ela podia querer um prêmio de consolação, acho que o teria dito. Assim, despedimo-nos com um *ciao* gelado.

Regressei ao apartamento, pus os esboços que tinha feito de Tess no fundo da mala de viagem e guardei o resto dos nossos pertences.

Deixei o painel das *Quattro Stagioni* no apartamento como um presente para Patrizia. Ela devia ter gostado, pois Tess viu-o na parede nas fotos do *Airbnb* quando foi espreitar o apartamento, meses depois.

– Não aconteceu nada – disse eu a Tess.

Tinha-me sentido suficientemente tentado para saber que tinha de ir embora de Siracusa. Mas fora apenas um beijo, um erro na euforia de um momento que não se repetiria, por isso, de que valeria fazê-lo parecer um problema muito maior?

Ela fitou-me com curiosidade, como se percebesse que a minha resposta era um pouco parcimoniosa.

– Na verdade, salvei a vida de uma pessoa – disse-lhe, enquanto ela enfiava a chave na porta da rua.

– Fizeste o quê?

Pensei na luz azul a piscar na fachada da catedral, como uma instalação artística contemporânea. Parecia quase inacreditável, agora que estava naquele beco suburbano sossegado menos de vinte e quatro horas depois.

Tess escutou atentamente o meu relato detalhado do que acontecera. Uma noite insone, a minha determinação de apanhar um voo, a viagem desde o aeroporto, tudo isso começou a pesar-me. Ao ouvir a minha voz a falhar, ela abraçou-me e assim ficámos, agarrados um ao outro, durante muito tempo. Depois, com um grande suspiro, separámo-nos e sorrimos um ao outro.

– Disseste à mulher do Bryan que tinhas sido tu a pintar o quadro do Etna?

– Não, não disse.

– Que incrível que eles vão pôr o teu quadro na parede e que isso seja um ponto de partida para contarem aos amigos lá do Utah ou de onde quer que sejam que Siracusa é um lugar lindo, mas que o Bryan quase morreu lá e que um desconhecido lhe salvou a vida. E tu vais estar lá nessa sala com eles, inextricavelmente ligado às vidas deles.

Eu tinha-me esquecido de que a sua imaginação transformava tudo numa

história.

Tinha-me esquecido como era estimulante estar na sua companhia.

– É um milagre, mesmo – disse Tess. – Que estivesses ali e soubesses o que fazer. Mesmo às portas do Duomo.

Eu sabia que ela não o dizia por dizer. Provavelmente, estava a pensar que Santa Lúcia tivera uma mão naquilo. Eu não a ia contrariar naquele momento.

– Então e tu? – perguntei, a apontar para a farda de supermercado que ela estava a usar. – Quando estavas a pensar contar-me o que tens andado a fazer?

Tess

Capítulo 33

Eu tinha decidido voltar ao emprego no supermercado que tinha tido antes de trocar Margate por Londres.

Era suposto ser uma coisa temporária. Tornara-se claro que Hope não ia receber quaisquer subsídios por incapacidade. Os últimos sete anos na loja de Martin tinham provado que era capaz de trabalhar. Com um sistema de avaliação que parecia destinado a ignorar a complexidade das necessidades especiais para rejeitar o máximo possível de candidatos, alguém que declarava factos sem nuances nunca teria os requisitos necessários.

Havia uma longa lista de espera para habitação social, com prioridade dada a famílias com crianças pequenas. Sem trabalho, seria impossível arrendar algo no mercado privado. Eu tinha mais facilidade em conseguir um emprego rapidamente do que Hope, e o gerente sempre gostara de mim. Pensei que, depois de lá estar, talvez conseguisse arranjar alguma coisa também para a minha irmã.

Não o contar a Gus enquanto ele estava de férias com as filhas tornara mais fácil que eu continuasse em negação quanto ao fim do nosso sonho italiano. Depois ele voltou para Margate antes de eu poder contar-lhe. Não me parecia que estivesse tão desapontado quanto eu por deixar Siracusa. A ideia de viver em Itália sempre fora sua, mas não lhe agradava tanto quanto ele tinha julgado.

Será que se pode mudar de vida mudando o lugar onde se vive? Kirstie e Phil, da série televisiva sobre casas, diriam que sim. Para mim e Gus, a Sicília fora um lugar de transição e não um destino. Ele tinha descoberto o que queria ser, que, ironicamente, era o que já era. Médico.

Também fora um ponto de viragem para mim, embora agora parecesse estar a retroceder.

– O único sítio onde quero estar é contigo – disse-me Gus horas depois,

quando estávamos numa banheira com pés e vista para o mar.

Tínhamos voltado para o hotel butique à beira-mar, não tanto para um reencontro romântico mas mais por ter sido o primeiro lugar que nos ocorrera depois de o meu pai voltar do *pub*.

Era noite de *quiz* e a equipa deles perdera por um ponto. Martin ainda jogava com eles, pelo que Hope se recusava a ir, o que era mais um fator de irritação para o meu pai, já que ela sempre fora útil na ronda das perguntas sobre música.

Ele chegou a ferver de ressentimento e em busca de um pretexto para beber mais, o que foi proporcionado pela presença inesperada de Gus.

– Escolha lá o seu veneno – disse o meu pai, ocupando o seu lugar favorito atrás do bar de *cocktails* com bancada a imitar mármore.

Percebi a agitação nos olhos de Anne. Ele já tomara as três canecas de *Guinness* do costume. Ambas sabíamos que havia um ponto pouco depois em que o temperamento instável dava lugar à raiva.

– Tomo um copo de vinho branco, por favor – respondeu Gus, partindo do princípio, à sua maneira de classe média, que essa seria a opção mais simples.

O meu pai não considerava que o vinho branco fosse uma bebida máscula. Eu tinha praticamente a certeza de que não haveria nenhuma garrafa lá em casa.

– A Anne é que gosta de *prosecco*. Ainda há *prosecco* no frigorífico, Anne, ou já o bebeste todo?

– A última vez que bebi *prosecco* foi na Passagem de Ano.

– É um *gin tonic* dos grandes de cada vez que sou eu a pagar! – disse o meu pai, piscando o olho a Gus. – Sirvo-me um uísque enquanto você se decide.

– Uísque seria ótimo – apressou-se Gus a dizer.

Eu e Anne voltámos a respirar.

– Não tenho nada escocês, se é o que quer.

– Bebo o mesmo que o senhor – disse Gus.

O meu pai serviu dois copos grandes de *Jameson*. Bebeu o seu de um trago e tornou a enchê-lo.

– Seria de esperar que o Martin soubesse o ano em que Mozart morreu, não seria? – perguntou de repente, a olhar para cada um de nós como se esperasse uma resposta.

– Foi há muito tempo – disse Anne.

– Mas ele supostamente sabe de música!

– Já comeu, Gus? – perguntou Anne, tentando fazer as coisas avançar.

– Mas isto agora é um restaurante? – gritou o meu pai.

– Ele fez uma viagem longa, Jim. Refeições de avião. Não dão para encher um rapaz do tamanho dele.

– Essa mala é sua?

O meu pai apontou para o artigo ofensivo como se só então tivesse reparado naquilo. Por vezes, eu perguntava-me se a bebida não estaria a deixá-lo choné.

– Acabo de chegar da Sicília – hesitou Gus.

– Acabou de chegar, foi? – O meu pai bateu na bancada do bar com o punho. – Isto aqui não é um hotel, para que saiba!

– Não me custa nada fazer uma cama na sala – propôs Anne.

– Não, por favor, isso nem me passaria pela cabeça – recusou Gus, já a sacar do telemóvel para chamar um táxi.

– Pode aproveitar e levar a Hope também! – gritou o meu pai.

– Não digas disparates, Jim. A Hope já está a dormir, não vai a lado nenhum hoje – disse Anne.

Eu reparei na sua ênfase na palavra *hoje*.

É incrível a diferença que faz ser-se do sexo masculino, da classe média e da ordem dos médicos. Todos os agentes imobiliários que mal se tinham dado ao trabalho de desviar o olhar das suas secretárias quando eu lá fora praticamente punham-se em sentido quando Gus, com a sua dicção de escola privada, perguntava por espaços para arrendamento de curta duração. Na minha folga, mostraram-nos cinco propriedades, incluindo um apartamento espaçoso com dois quartos na Royal Esplanade.

– O que achas? – perguntou-me Gus, quando estávamos na varanda a ver o mar. O agente imobiliário esperava lá dentro, a fingir que pesquisava qualquer coisa no telemóvel.

– Está muito além daquilo que podemos pagar.

– Eu também vou viver aqui – disse ele. – E é mesmo conveniente estar tão perto da estação.

Fitei a paisagem, com dificuldade em acreditar que o mar fosse feito da mesma coisa que a água de tinta que ondulava à volta de Ortigia. O céu estava nublado, a água cinzenta, e a única indicação de um horizonte eram as turbinas eólicas, cujas lâminas brancas a girar pareciam versões gigantes dos pequenos moinhos de vento que eu costumava comprar a Hope para ela espetar na areia.

– Temos de o mostrar à Hope.

– A sério? – Gus estava desejoso de assinar o contrato, pois o hotel custava uma fortuna.

– Sinceramente, não imaginas o que ela detesta qualquer mudança.

– Gostarias de viver aqui, Hope? – perguntei, quando voltámos lá nessa tarde.

– Sim – disse ela de imediato, fazendo-me sentir um pouco tola.

- Porquê? – perguntei.
- O televisor é muito maior que o da casa da Anne.

As primeiras semanas que passámos ali juntos foram das mais felizes da minha vida. Acordava todas as manhãs com a noção de que não tinha de me preparar para qualquer que fosse o estado de espírito do meu pai. A certeza de que Hope estava segura proporcionava-me uma sensação de paz que eu nem sabia que me faltava.

Depois de ela ter saído da casa que tínhamos partilhado desde que a nossa mãe morrera, tinha havido sempre uma área do meu cérebro que se preocupava, sem saber se ela estaria mesmo bem. Diz-se que os pais só conseguem ser tão felizes quanto o seu filho mais infeliz. Acho que o mesmo se aplica às irmãs mais velhas.

Hope também parecia mais calma na nossa nova casa. Quando lhe sugeri que visitássemos a nossa mãe noutro dia da semana, para não estarmos a cruzar-nos com Martin sempre que lá íamos, ela acedeu sem a agitação do costume.

Antes da entrevista que lhe consegui no trabalho, ela permitiu que a penteasse e que lhe sugerisse outra roupa. De vez em quando, as combinações que fazia com o que encontrava em lojas solidárias pareciam algo que se poderia ver num desfile alternativo numas arcadas de caminhos de ferro em Londres. Mas normalmente eram mais parecidas com o que vestiria uma vagabunda.

– Sorri, Hope! – lembrei-a quando ela entrou no meu quarto para ensaiarmos a entrevista.

Mas ela esquecia-se sempre.

Sentámo-nos as duas em frente ao espelho.

– Qual é a tua coisa preferida, Hope?

– Árvore de Natal.

Desenhei uma árvore de Natal e mostrei-lha ao espelho. A folha descaiu para a frente e a árvore deixou de se ver. Isso fez-nos sorrir às duas.

– Árvore de Natal, Hope! – sussurrei quando a chamaram da sala de espera em frente ao gabinete de Recursos Humanos. Fiquei lá fora, a tentar ouvir o que ela respondia, tão perto da porta que tive de dar um salto para trás quando esta se abriu de repente.

– Tenho um dia à experiência na terça – anunciou, retesando-se como uma tábua quando tentei abraçá-la.

Hope seguia instruções, fazia exatamente o que lhe diziam e passou com distinção. O emprego em *part-time* que lhe deram requeria repor artigos nas prateleiras e, como tinha uma memória quase fotográfica, depressa aprendeu a

localização de todos os artigos da loja.

Tornou-se uma espécie de tabuleta humana, tanto para clientes como para funcionários, capaz de direcionar pessoas para coisas que nunca na vida tinha comido.

– *Sumac*? Terceiro corredor, na terceira prateleira, entre o açafão e a pimenta-da-jamaica... Húmus? Há cinco tipos diferentes. De pimento vermelho, de coentros e limão, orgânico, com azeite extravirgem, cremoso. Estão todos na secção de comida refrigerada.

– Sou uma lenda, Tree – disse-me certo dia, quando estávamos a sair para o trabalho.

Entrevi-nos no espelho de corpo inteiro do átrio e não pude deixar de pensar que a nossa mãe se teria rido ao ver-nos usar o mesmo uniforme e que talvez nos tivesse tirado uma fotografia, pois parecíamos meninas pequenas com vestidos iguais para uma ocasião especial.

– A mãe estaria mesmo orgulhosa de mim, não estaria, Tree? – perguntou Hope, como se me tivesse adivinhado os pensamentos.

Às vezes, eu perguntava-me se tudo aquilo que pensávamos acerca dela estaria errado. Talvez ela sentisse empatia, mas apenas não fosse capaz de articular, sem ser na pureza emocional de uma canção.

Gus conseguiu emprego nas Urgências de outro hospital universitário de Londres. Com a viagem de comboio até à cidade, acordava antes de nós e voltava tarde. Quando fazia noites, não nos víamos de todo, mas era frequente cozinhar-nos algo delicioso à tarde, embora os seus esforços nem sempre recebessem as críticas que mereciam da parte de Hope.

– Não gosto de arroz doce com ervilhas e pedaços de *bacon* – disse ela do *risotto* dele.

À medida que ele começava a explorar a possibilidade de continuar a sua formação clínica, por vezes ia tomar um copo ou jantar com colegas depois do trabalho e passava a noite no apartamento de Marcus, no Barbican. Quando ele não estava, eu ficava a escrever no nosso quarto, como fizera na casa de Anne.

O processo de construir o romance parecia-me semelhante ao de colorir pequenas peças de um *puzzle* sem saber ao certo como seria a imagem final. Por vezes, as peças que eu tinha criado com grande cuidado não pareciam encaixar. Noutras alturas, tinha um vislumbre passageiro de como poderia ser o plano geral, e o desafio de chegar lá entusiasmava-me, mesmo sem a certeza de ter a capacidade de o conseguir.

Hope via televisão. De vez em quando, ia até onde eu estava a trabalhar e pedia-me para ver o álbum de fotografias que eu trouxera de casa de Anne. Fora a nossa mãe quem tirara a maior parte das fotos, pelo que eu achava que

tínhamos tanto direito a tê-lo como o nosso pai. Hope nunca se cansava de virar cada uma daquelas páginas pesadas de cartão amarelado, de ouvir as histórias que a minha mãe anexara a cada foto. As histórias estavam armazenadas no meu cérebro, tão nítidas na minha memória como as imagens.

As primeiras eram retratos formais dos meus irmãos vestidos para as suas Primeiras Comunhões. Hope tinha nascido depois de Kevin sair de casa e quando Brendan já era um adolescente, pelo que nunca os conhecera em crianças. Aqueles rostos menineiros e o cabelo penteado e colado à cabeça sempre a tinham fascinado, tal como a fotografia de escola onde eu aparecia com umas tranças compridas. Depois disso, vinham as fotos de férias com uma praia ventosa e uma montanha ao fundo.

– Isso é Croagh Patrick, em County Mayo, onde São Patrício expulsou as serpentes...

A nossa mãe sempre o dissera como se se tratasse de um facto.

– Foi aí que a nossa mãe cresceu – disse Hope.

– Sim, e costumávamos ir lá todos os verões. Para visitar a tia Catriona.

– Onde é que eu estou? – perguntou Hope.

– Não voltámos a ir depois de teres nascido.

Primeiro, tinha havido o tratamento oncológico da nossa mãe. Depois, Hope entrara na terrível fase das birras dos dois anos, da qual nunca chegara a sair quando não queria fazer alguma coisa. E nunca quisera fazer uma grande viagem de carro até ao *ferry* para atravessar o mar da Irlanda.

– Olha a mãe comigo!

Hope adorava chegar à página que tinha a única outra fotografia tirada por um profissional, que mostrava a minha mãe com Hope quando ela era bebé e uma cortina de estúdio de um azul luminoso atrás delas. A mim, parecia-me uma expressão de amor maternal tão radiante como a de qualquer Madona do Renascimento.

O resto do álbum era composto por fotos de Hope. A nossa mãe tivera muito mais tempo com ela do que quando nós, os três mais velhos, éramos pequenos.

Hope tivera um estilo próprio desde tenra idade. Havia uma foto que a mostrava na sua cadeira da papa a usar uma tigela como chapéu, e outra em que aparecia de fato de treino cinzento e uma máscara de burro que eu lhe fizera com cartolina.

– Foi a minha primeira peça de Natal – disse Hope. – Tu tiraste a foto, Tree, porque a mãe já não estava connosco.

– *O burrinho a galopar...* – comecei a cantarolar o seu cântico de Natal preferido, esperando que ela me acompanhasse, mas ela não ia cair nessa.

Parecia que nada a faria voltar a cantar.

– Sinto mesmo falta de ouvir a Hope cantar – comentei com Gus numa rara tardinha em que os nossos horários coincidiram. Tínhamo-nos retirado para o nosso quarto, para fugirmos ao programa *The Voice* em altos berros. – Receio que ela esteja a isolar-se ainda mais do mundo.

– Eu acho que ela vai recomeçar quando for a altura certa – disse ele.

Mas eu não estava convencida disso.

Capítulo 34

O tempo que passávamos separados tornava mais especiais as horas em que podíamos estar juntos. Dávamos longos passeios pela praia e Gus atirava pedras ao mar, como tanto gostava.

Quando se cresce nalgum sítio, não se repara realmente na sua beleza. Eu nunca tinha visto como o céu se refletia nas poças superficiais deixadas quando a maré recuava, nem compreendia por que razão Turner teria escolhido viver ali. Obviamente, o parque temático Dreamland não existiria na sua altura, nem a torre dos anos 1960 que dominava a curva da baía. Agora até aqueles edifícios pareciam ter ganhado um apelo *retro*.

O nosso único problema era o sexo. Ou melhor, a falta dele. O isolamento sonoro do apartamento não era fantástico e Hope não gostava de quando Gus me beijava ao voltar do trabalho ou me fazia um carinho quando estávamos a ver televisão, pelo que a ideia de ela ouvir o que quer que fosse era dissuasora. Gus achava excitante fazê-lo absolutamente sem som algum, mas para mim o prazer era abafado pela ideia de Hope poder entrar-nos no quarto. Provavelmente, deveríamos ter pedido ao senhorio que nos pusesse uma fechadura na porta do quarto.

À medida que os dias iam ficando mais longos e quentes, Gus queria encontrar dunas de areia ou bosques isolados onde pudéssemos fazer amor. Uma vez, quando começou a chover, corremos de volta para o carro dele, ofegantes e a rir, e metemo-nos no assento traseiro, todos enrolados um à volta do outro como um monte de esparguete.

Numa ocasião, deixámos Hope a ver televisão e seguimos de carro pela costa, parando em Whitstable.

– Tenho uma surpresa para ti – disse Gus, enquanto avançávamos pelo passadiço.

– O Marcus e a Keiko estão aqui? – perguntei, quando nos aproximámos

do casebre deles.

– Não, não estão – disse ele, tirando um porta-chaves do bolso. – Temos este espaço todo para nós!

Eu não sabia bem o que sentir quanto ao facto de ele ter falado da nossa vida sexual com Marcus. Tão-pouco me dera conta de quão frustrado Gus estivera até termos entrado e nos possuirmos contra a ilha da cozinha, no chão de ladrilhos e, depois, na cama de hóspedes do sótão, com uma parede de vidro com vista direta para o mar.

Depois, enquanto ele dormia a meu lado, eu fiquei a ouvir o rebentar suave das ondas nos seixos lá fora, exatamente o mesmo som que escutava quando ficava acordada a poucos metros dali, num colchão húmido do casebre delapidado ao lado, que fedia a potes de lagostas, com Leo a ressonar a meu lado. Tinha graça que aquele lugar tivesse sido um ninho de amor ilícito nessa altura e tornasse a sê-lo, ainda que bem mais fragrante e luxuoso.

Em outubro, o bancário que estava a arrendar o apartamento de Gus em Londres mudou-se para Singapura e deixou o espaço dois meses antes do término do contrato.

As fotografias que eu tinha visto no *site* da agência imobiliária não revelavam quão grande era a sala de estar, toda em tijolo exposto e piso de madeira. O apartamento trazia-me ligeiramente à memória o *loft* que o meu irmão Kevin e o marido partilhavam em Tribeca.

A vista do terraço era espetacular. Era como estar numa floresta mágica de torres de vidro, cujas superfícies angulares refulgiam com a luz do sol.

– Ainda bem que gostas da tua nova casa – disse Gus, passando o braço à minha volta e puxando-me para si.

– Queres viver aqui?

– Claro! – respondeu ele, como se fosse uma conclusão lógica.

– Não tenho a certeza – disse eu, voltando para dentro.

Ele seguiu-me.

– Do que é que é preciso ter a certeza? Passo três horas por dia num comboio, e isso é quando não se atrasam. Não faz sentido.

– Mas o meu salário não chegaria sequer para pagar as passagens!

– Podes arranjar um trabalho em Londres. Ou, melhor ainda, tira algum tempo e acaba o teu romance!

– Então e a Hope?

O rosto de Gus desanimou-se.

– Agora que tem emprego, vai conseguir arranjar um espaço seu, não? Aquele apartamento é um bocado grande de mais para ela...

– Tem emprego, está instalada e agora queres desenraizá-la? Gus!

– O que é que isso tem de tão irrazoável?

– Não acredito que não percebas. Vives com ela há quase seis meses...

– Exatamente. E nunca me queixei...

– Gus, foste tu que insististe em ficar com aquele apartamento enorme. Eu disse-te que não tínhamos como pagá-lo...

– Se o problema é dinheiro...

– Tens noção de como isso soa? É claro que o dinheiro é um problema. O dinheiro é sempre um problema, mas não é o único...

Eu perscrutava-lhe o rosto em busca de uma pista que me indicasse que aquilo era uma piada, que o humor seco daquela vez lhe saíra mesmo descarnado. Mas não via qualquer sinal disso.

– Acho que não percebeste nada – comentei, consternada.

– Percebi que ela te domina – disse ele num tom delicado. – E a mim, já agora. Acho que tenho sido bastante paciente. De certeza que ambos sabíamos que tinha de ser uma coisa temporária? Tess...

Ele tentou passar novamente o braço à minha volta, mas eu afastei-me, fui até à janela e fingi que via a paisagem.

Tinha lágrimas a arder-me nos olhos porque era evidente que nenhum de nós soubera realmente o que o outro estava a pensar durante todo aquele tempo.

– Olha, Tess, se quiseres mesmo, a Hope pode viver aqui. Há dois quartos...

– Gus, ela nem num elevador consegue entrar. Como viveria em Londres?

– Pode aprender! Passas a vida a dizer que não é estúpida!

O meu coração começava sempre a bater mais depressa quando uma confrontação se aproximava, uma reação da minha infância. Tinha sido um alívio tão grande conhecer Gus. Um homem bom. Um homem delicado. Mas estava a ver que era um homem a perder a paciência.

– Estás sempre a dizer que montes dos teus pacientes têm problemas mentais e vão parar às Urgências porque a sociedade não compreende os desafios particulares que enfrentam.

– A Hope é neurodivergente – argumentou ele. – Eu não classificaria isso necessariamente como um problema mental.

De repente, comportava-se todo como um médico alheado.

– Mas como é que tu sabes? – exasperei-me, com a minha voz a erguer-se. – Ela não é capaz de se expressar suficientemente bem para te dizer que necessidades tem. Eu diria que não cantar quando cantar sempre foi o único prazer que se tinha na vida é um pedido de ajuda, tu não achas? Agora que de repente te tornaste um grande especialista em saúde mental?

A última frase saiu-me sem mais nem menos. Era um golpe baixo e Gus parecia realmente ter levado um soco.

– Se queres continuar a ceder, força. Mas eu achava que não querias ser

uma cuidadora!

Estávamos os dois a atacar-nos.

– Eu não queria cuidar de *ti*! – guinchei. – Achei mesmo que tu poderias cuidar de *mim*!

– É o que estou a tentar fazer, mas tu não deixas! Eu estava preparado para abrir mão de tudo e ir viver para Siracusa...

Era assim que ele via as coisas?

– Estavas preparado para deixar um trabalho que, na altura, dizias que odiavas. Viver em Itália foi ideia tua...

Essa era a verdade e ele não tinha resposta a dar.

– Eu julguei que ias adorar viver aqui! – gritou, a andar de um lado para o outro por aquela sala comprida e vazia.

– Limitaste-te a assumir que eu queria viver na tua torre de marfim ridiculamente cara como alguma espécie de concubina!

Ele parou de andar de um lado para o outro e fitou-me. Depois, com uma risada desdenhosa, atirou-me:

– Sabes quem é que me fazes lembrar? O teu pai, com esse orgulho ridiculamente antiquado da classe operária...

– Diz o menino da escola privada com a herança!

Gus suspirou.

– Então o que queres que faça? Vendo este sítio e compro um meio-termo medíocre qualquer entre Londres e Kent para as coisas serem mais justas?

– Não! Não sei!

Não conseguia decifrar o que pensava. Eu tinha estado tão feliz, mas, durante todo aquele tempo, ele tinha estado apenas à espera de que tudo mudasse. Como seria possível que eu não tivesse dado por isso?

– Eu prometi à minha mãe que cuidaria da Hope. É fácil dizer que ela se amanha, mas tu nunca a viste quando não está bem...

Enfureceu-me que ele encolhesse os ombros como se eu estivesse a fazer uma grande tempestade num copo de água.

– Deus não o permita, mas se a Charlotte morresse, e a Flora e a Bella tivessem de viver contigo, esperarías que eu as incluísse na minha vida!

– Não é o mesmo!

Eu sabia que não era, mas não era capaz de perceber porquê. Argumentar deixava-me em pânico. Duvidava de imediato de qualquer afirmação que fizesse.

– Eu desconfio de que tu precisas tanto da Hope como ela de ti. – A sua voz ganhara um tom ácido. – É uma relação codependente.

Ele tinha toda a gíria de ter feito terapia. Eu sabia que codependência era um termo pejorativo.

– Mas não é isso o que é ter família? – argumentei. – Tu não hás de saber,

claro, porque nunca tiveste muito jeito para isso da família, pois não?

Nem acreditava no que tinha acabado de dizer. Era como estar num horrível conto de fadas em que me tivessem lançado um feitiço para que me saíssem criaturas venenosas pela boca em vez de palavras, como se cuspissem escorpiões.

– Caramba! – exclamou Gus, passando os dedos pelo cabelo. – Então não podemos ter filhos nossos, mas temos de ter a Hope!

Recuei, com um som arquejante a sair-me da boca, como se me tivessem esmurrado o estômago.

Durante todo o tempo em que supostamente tínhamos estado apaixonados, teria ele andado a acumular todo aquele ressentimento?

Fitámo-nos como se fôssemos incapazes de acreditar que acabávamos de dizer coisas que nunca poderiam ser desditas, pois tinham acertado no cerne de um e do outro. E todas eram verdade.

Deitei a mão à mala e avancei para a porta.

– Adeus, Gus!

– Não, Tess! Não vás!

Já me sentia cansadamente resignada, como se sempre tivesse sabido que a nossa separação era inevitável e apenas desconhecesse quando e onde aconteceria.

– Vamos pôr fim a isto antes que nos tornemos ainda mais infelizes.

Por um momento, ele não se mexeu, mas, quando abri a porta, ele correu e agarrou-me o braço.

– Tess...

Esperei que ele dissesse algo que, como por milagre, resolvesse tudo.

Não lhe saíram quaisquer palavras.

Gus

Capítulo 35

Outono de 2017

Havia um quadro, na parede atrás da cadeira de Dorothy, de uma rua empoeirada numa aldeia mediterrânica. Metade estava ao sol, a outra à sombra. Uma camponesa com um cesto ao ombro ia passar para a luz. Eu sempre me tinha perguntado o que haveria naquele cesto. Pão? Fruta? Ou apenas o fardo das suas preocupações?

– Está a dizer-me que você e a Tess nunca tinham discutido? – perguntou-me Dorothy.

Pensei sobre a pergunta.

– Discutir, discutir, não. Já aconteceu eu dizer a coisa errada e ela ficar ofendida. Já ficou exasperada, exausta, claro. Mas tem uma enorme capacidade de perdoar...

– E o Gus? Como é a sua capacidade de perdoar?

– Ela não fez nada que requeira perdão.

Curiosamente, alguns aspetos da personalidade de Tess, que me tinham parecido enternecedores no início, pareciam-me agora cansativos, como o seu recato de menina educada num convento.

– Eu teria gostado de ter mais sexo... – confessei com uma risada embaraçada.

Parecia trivial, em comparação com aquilo que ela tivera de suportar.

– Falaram sobre isso?

– Não. Era difícil falar sobre qualquer coisa pessoal quando a Hope estava por perto. A Tess estava sempre preocupada com poder perturbá-la.

Andávamos sempre a pisar ovos. Tal como ela fazia quando era pequena.

– Dá a entender que teria gostado de que ela se preocupasse menos com a irmã?

Como de costume, Dorothy tinha o dom de se focar naquilo que realmente me incomodava, mesmo que eu não o dissesse, pois não me parecia justo

queixar-me do facto de Tess pôr sempre os outros em primeiro lugar.

– Não é só do meu ponto de vista egoísta... Não sei se isso beneficia alguém, e muito menos a Tess.

– Alguma vez lhe disse isso?

– Até à discussão, não. Não queria que me achasse parecido com o pai.

– Nunca julgou importante expressar os seus próprios sentimentos?

– Não me pareceu suficientemente importante no panorama geral, não.

– No panorama geral – ecoou Dorothy.

– Oiça, sei onde quer chegar com isto.

Era território que já tínhamos explorado. Ao longo da minha vida, eu suprimira as emoções por não achar que fossem suficientemente significativas para merecerem a atenção dos outros. Dorothy achava que isso era fruto de ser o filho sobrevivente. Aquele a quem haviam dito que tinha sorte. O que, na verdade, não merecia estar vivo. Tinha exagerado essa tendência fazendo tudo por falhar com a minha família, o meu trabalho, o meu casamento.

– Não é o mesmo com a Tess – protestei.

Tess tinha tido uma vida muito mais difícil do que a minha. Perdera a mãe, tivera de cuidar da irmã, o pai era um rufia, tivera cancro. Ficara ao meu lado durante a minha doença. Eu ficaria em dívida para com ela para sempre. Não me parecia que tivesse o direito de a criticar.

– As razões poderão não ser as mesmas, mas o processo é – disse Dorothy.

– Diz que não lhe parece que os seus sentimentos sejam suficientemente importantes... suficientemente importantes para quê, na sua opinião?

– Para a dor que podem provocar.

– Então guarda-os até não ter espaço que chegue para os conter e depois...

– Suponho que tenha acabado por provocar mais dor...

– A si e a Tess.

Que estúpido fora ao pensar que a cura era um processo finito. Podíamos parar de ver um terapeuta, mas era preciso continuar alerta à forma como pensávamos.

– Então o Gus e a Tess nunca tiveram a oportunidade de aprender um processo de desescalada?

– Tivemos a nossa quota de mal-entendidos, mas sempre conseguimos superá-los e avançar.

– Sabe que, em todas as relações, as pessoas dizem coisas terríveis umas às outras. Depois pedem desculpa e explicam o que as levou a dizê-las.

– O que eu disse foi para lá de terrível – enfatizei. – A Tess teve cancro aos trinta e três anos, por isso submeteu-se a uma cirurgia que lhe mudou a vida e fez com que fosse impossível ter filhos. Eu nem sequer sei porque disse aquilo! Nunca quis ter mais filhos. Já é difícil que chegue tentar ser um pai decente para as filhas que tenho...

– Se calhar escolheu a coisa que sabia que mais a magoaria?

Era tão claro quando outra pessoa o dizia.

– Quer dizer que valia tudo, por isso ataquei? Por ela ter dito a coisa que sabia que mais me magoaria?

– Quando ficamos encurralados, a adrenalina faz-nos reagir.

– Deve ter sido a única vez em que optei pela luta em vez de fuga. Eu e a Tess nunca tivemos um grande sentido de oportunidade!

– Parece que havia bastantes coisas que não estavam a dizer um ao outro.

Dorothy estava habituada à minha tendência de tentar desviar a conversa com uma piada sem graça.

– Talvez fosse boa ideia tentarem falar com alguém juntos, para ver se encontram uma forma melhor de comunicar...

– Refere-se a terapia de casal? Isso era capaz de ter ajudado antes, mas agora já é tarde de mais!

– Tem a certeza?

– A Tess tem uma visão muito maniqueísta das coisas. É muito insegura. Muito defensiva.

Agora parecia que eu só tinha críticas a fazer-lhe.

– Todas essas são razões para que também possa ser útil para ela, mesmo que não consigam chegar a um entendimento...

– Vou pensar nisso – disse-lhe.

A minha hora estava quase a chegar ao fim. Eu começava a sentir que estava a mentir a Dorothy, porque, à medida que falávamos, cada vez me convencia mais de que não iria telefonar a Tess. Eu tinha atacado os dois elementos mais fundamentais da sua vida. O sacrifício da sua fertilidade e Hope. Fora mesquinho e rancoroso. Poderia pedir perdão um milhão de vezes, mas aquilo nunca desapareceria. Sempre que víssemos as minhas filhas, ou os filhos de outras pessoas. Estaria presente em cada beijo, em cada queca. Ela veria isso como uma falha sua. E ela nunca me falhara. Tinha sido eu a falhar-lhe e não merecia o seu perdão, mesmo que ela mo desse.

Vamos pôr fim a isto antes que nos tornemos ainda mais infelizes.

Eu amava-a pela sua capacidade de encontrar alegria nas coisas mais pequenas. Mas tudo o que conseguira fora deixá-la triste.

Capítulo 36

Quando era estudante, eu tentava fazer amigas entre as enfermeiras, na esperança de que, quando chegasse a altura de fazer coisas complicadas como pôr um cateter ou um tubo nasogástrico, elas se apiedassem de mim e me substituíssem. E funcionara, até que uma enfermeira do hospital se apercebera do meu truque. Depois disso, vários pacientes tiveram de sofrer enquanto eu aprendia que ser rápido e decidido é muito melhor do que hesitante e nervoso.

Desde o primeiro dia em que começara a exercer, quando me rira ao ouvir uma enfermeira dirigir-se a mim como doutor Macdonald, que eu nunca acertara bem no registo comunicativo a adotar. As enfermeiras não queriam que lhes pedisse a opinião. A minha tendência para variar entre indecisão e cautela frustrava-as. No terrível dia em que eu optara por descuido, fora uma sorte que ninguém tivesse apresentado uma queixa formal.

Agora que tinha decidido que queria seguir ativamente uma carreira médica e trabalhava num hospital onde ninguém me conhecia, parecia ter encontrado a combinação necessária de brusquidão e respeito. Já não me deparava com grupetas de funcionários a cochichar ao balcão e a separar-se rapidamente quando me viam. Sentia-me muito mais confortável no meu papel.

Eu e Jonathan retomámos os nossos jogos habituais de ténis em Lincoln's Inn Fields.

– Como vai o novo emprego? – perguntou-me, quando nos serviram o pequeno-almoço na nossa mesa do café dos trabalhadores.

– Acho que estou a tornar-me um médico melhor.

– Pareces surpreendido...

Espetou o garfo numa rodela de salsicha vegetariana.

– A experiência – declarou. – É o bem mais precioso quando se exerce medicina, como suponho que seja em qualquer ofício. Ironicamente, não é

algo que valorizemos muito até termos, bem, experiência!

Era o mais próximo que o via de fazer uma piada. Ele sempre fora uma pessoa muito séria. Quando era estudante, a forma principal que tinha de descontraír era jogar xadrez pela equipa da universidade.

Perguntei-me se teria sido realmente a experiência a transformar-me. Ou se o que acontecera espontaneamente na praça de Siracusa de alguma forma me libertara da dúvida habitual de não ser suficientemente bom. A confiança, poderia ter-lhe dito, também era um bem precioso. Mas isso teria parecido uma admissão de fraqueza. Quando discutia assuntos médicos com Jonathan, sentia-me sempre como se estivesse sentado aos pés de um tio reverenciado, e não de um colega.

– Como está a Tess? – perguntou-me.

– Hum, acabámos.

Apesar de vários convites para jantar, eles nunca se tinham conhecido, durante todo o tempo que nós tínhamos estado juntos.

– E a tua amiga com a mutação BRCA? Como é que ela vai?

Eu tinha a certeza de que ele sabia que era Tess, mas que se mantinha escrupuloso quanto à confidencialidade.

– Sim, parece estar bem. Já passaram quase cinco anos.

Por hábito, e fora da vista da pessoa mais racional que conhecia, fiz figas debaixo da mesa.

– Isso pelo menos é uma boa notícia – disse Jonathan, olhando para o relógio. – Vais passar o Natal sozinho?

Eu sabia que, se lhe dissesse que sim, um convite para o passar com a família dele chegaria depois de ele ter consultado Miriam. Embora nenhum de nós alguma vez o admitisse, ele mantinha-se atento ao meu bem-estar e eu estava-lhe grato por isso.

– Trabalho no dia de Natal e depois vou a Genebra ver as miúdas.

As minhas filhas tinham de estudar para os exames e, como o apartamento de Clerkenwell continuava praticamente desmobilado, eu acedera a apanhar um avião e ficar com elas. Presumia que Charlotte e Robert aproveitassem a oportunidade para escapar para algum sítio glamoroso e apanhar sol invernal.

As Urgências estavam tranquilas. Fazia-se sempre um esforço concertado para esvaziar as alas antes do Natal. Isso tornava o internamento de pacientes menos moroso, o que, por sua vez, relaxava a tensão constante que ocupava o departamento quando os objetivos não eram alcançados.

Todas as enfermeiras estavam a usar asas de anjo. Convenceram-me a pôr uma fita vermelha com armações de rena na cabeça. Parecia haver um fornecimento inesgotável de empadas e brindes na copa do pessoal. Perversamente, dei por mim a desejar que houvesse mais trabalho.

O Natal era um daqueles dias marcantes em que se pensava no que se tinha feito no ano anterior. Eu não queria ter tempo para me lembrar de estar sentado no terraço sob uma luz cristalina e um céu azul sem nuvens, a comer salsichas sicilianas com funcho e a ouvir Tess dizer: «Isto cozinhado nem sabe assim tão mal.»

Tínhamos feito a nossa troca de presentes de amigo pouco secreto. Ela dera-me um íman para o frigorífico com a forma de um limão, eu oferecera-lhe uma réplica da estátua de prata de Santa Lúcia. Ela tinha posto a sua na mesa de cabeceira do seu lado e dava-lhe um beijo todas as noites antes de apagar a luz, como uma criança com uma boneca preferida. Eu sentia a falta do sorriso inocente que me dizia que ela sabia que aquilo era uma tolice e que, mesmo assim, o faria. Sentia a falta de me aninhar debaixo das cobertas com ela, a tagarelar às escuras acerca de tudo o que tínhamos visto e pensado naquele dia. Sentia falta das suas descrições idiossincráticas de paisagens, sons e cheiros. Sentia falta de ouvir as histórias que ela inventava. Sentia falta do sexo com ela.

O placar atrás do balcão da receção estava decorado com postais de Natal. Eu não recebera um dela e também não lhe enviara nenhum, apesar de ter ido à Galeria Nacional e de ter comprado vários com imagens diferentes, incluindo um pacote de oito de um pormenor do retábulo de Jacopo di Cione. Até escrevera em vários deles, antes de os rasgar. Os postais de Natal eram algo que se enviava por dever, a pessoas que só contactávamos uma vez por ano, normalmente com alguma mensagem insincera acerca de não irmos deixar passar mais um ano sem as vermos. Nem o anjo mais dedicado conseguiria transmitir a mensagem do quanto eu sentia a falta dela.

Sempre que ouvia músicas natalícias no rádio do hospital, ou passava por uma banda do Exército de Salvação a tocar cânticos à porta da Catedral de São Paulo, pensava em Hope a cantar «O Burrinho de Belém». Perguntei-me se ela teria voltado a cantar.

O Natal não seria Natal sem uma canção da Hope.

Lembrei-me do seu olhar perplexo a tentar decifrar a negativa dupla.

Chegaram-nos as queimaduras do costume, sofridas por gente a segurar perus demasiado grandes ou tachos pesados com couves a ferver depois de vários copos de espumante. Umas quantas crianças a berrar com pulsos partidos, tendo caído das trotinetas novas. Vários objetos que tinham ficado presos em orifícios inesperados, incluindo uma vela em forma de árvore de Natal e um vibrador a dizer «Vem Aí o Pai Natal!» com o seu refrão animado ainda a tocar dentro do reto do paciente.

Quando o final do meu turno se aproximava, sentia-me tanto cansado como elétrico por causa de todos os doces que tinha comido, quando um dos

estagiários me pediu que examinasse uma menina de sete anos que se queixava de dores no baixo-ventre.

– Deve ter sido de todas as porcarias que comeu – dizia o pai.

– Mas ela não comeu nada – contrapôs a mãe.

Eu estava habituado à dinâmica em que um dos progenitores – por norma o pai – pedia desculpa por nos fazer perder tempo. Regra geral, as observações da mãe eram mais fidedignas.

Se não for tratada, a apendicite pode ser extremamente perigosa, mas operar também acarreta riscos e não se quer levar um paciente para o bloco operatório e depois descobrir que tinha um apêndice perfeitamente saudável. Era Natal. Eu estava prestes a terminar o turno, mas decidi ficar até as análises voltarem. Revelaram um número extremamente elevado de glóbulos brancos, pelo que tratei de que a criança fosse levada para cirurgia.

Normalmente, depois de um paciente ser internado, temos de seguir em frente. Há muito que fazer sem ficarmos a pensar nos casos que já não são da nossa responsabilidade. Mas o meu turno tinha acabado e eu estava ansioso por saber o resultado daquela situação.

O apêndice estava supurado. Se tivesse ficado mais tempo no corpo, a septicemia poderia ter-se instalado. Não havia dúvida de que lhe tínhamos salvado a vida.

Pareceu-me o melhor presente possível.

O Sol estava a nascer quando saí do hospital. O pai da criança estava lá fora a fumar.

– Boa, doutor – disse-me, quando passei por ele.

As luzes de Natal ainda cintilavam nos candeeiros, mas as ruas da City estavam desertas. Ao ver o meu reflexo na montra de uma loja, dei-me conta de que ainda tinha as armações de rena na cabeça.

Capítulo 37

Quando aterrei em Genebra, fui surpreendido por uma mensagem de texto de Charlotte, a dizer que me apanharia no exterior do aeroporto. Ainda mais quando um *Mercedes* apareceu com três pares de esquis no tejadilho e as meninas no assento traseiro.

Robert tinha tido de se ausentar em negócios. Como prenda de Natal de última hora, Charlotte reservara um chalé nos Alpes franceses.

– Sabes o que eu penso acerca de esqui – disse-lhe assim que me sentei no lugar do passageiro e pus o cinto de segurança.

Parecia-me que devia ao menos ter sido consultado, mas não havia muito que pudesse fazer, além de insistir em sair de um carro a acelerar.

– Não tens de esqui – disse Charlotte. – Podes fazer o que quiseres durante o dia e depois comemos todos juntos. A cozinha é grande.

– Então espera-se que eu seja o empregado do chalé, é?

Nas traseiras do carro, Bella riu-se.

– Eu achava que tu gostavas de cozinhar – disse Charlotte. – Estávamos mesmo a contar com isso, não estávamos, meninas?

Tinha-me esquecido de como eram bonitas as aldeias alpinas quando nevava. A seguir à morte de Ross, passara a evitar aquele tipo de paisagem, mas depois de ter estado vinte horas na ala sem janelas das Urgências de um hospital, o ar fresco era tão rejuvenescedor como uma cerveja gelada.

O apartamento tinha três quartos grandes.

– As meninas podem partilhar um quarto – disse Charlotte, abrindo as portas uma por uma. – A menos que queiras ficar comigo – acrescentou com uma pequena risada, os olhos dela a percorrer-me o corpo de cima a baixo tão depressa que me perguntei se o teria imaginado.

Pedimos pizzas.

Havia três sofás na espaçosa sala de estar. Cada uma das minhas filhas ocupou um; Charlotte estendeu-se como um gato no outro. Eu sentei-me num tapete branco de pelo comprido, com as caixas de piza abertas na grande mesa de centro entre nós.

Era agradável estarmos juntos de novo, sem nada que fazer exceto concentrarmo-nos em não deixar cair molho de tomate nos sofás.

Dei às minhas filhas pulseiras que lhes tinha comprado numa loja em Islington que fazia joias a partir de materiais reciclados. Parecia ter feito boas escolhas.

– E livros não? – perguntou Bella.

– Eu não sabia ao certo o que andarias a ler agora.

– A Tess costuma saber.

– Hã. Eu e a Tess já não estamos juntos.

As sobranceiras de Charlotte arquearam-se de repente. Bella desatou a chorar.

– Não sejas tão melodramática! – censurou-a Flora. – Aquilo nunca podia ter durado.

– Porque é que dizes isso, Flora? – perguntei-lhe.

Ela pensou por um momento.

– Vocês não eram um par realmente acertado.

Eu queria dizer que claro que éramos, mas as evidências pareciam sugerir que ela tinha razão.

– Meu Deus, por vezes és insuportável, Flora – disse Charlotte.

Quando as duas decidiram ir para a cama, Charlotte sugeriu que abrissemos a outra garrafa de vinho. Declinei a proposta, sem saber se seria boa ideia embebedarmo-nos juntos, ainda que já tivesse bebido o suficiente para não saber ao certo porquê.

De manhã, as três saíram antes de eu me levantar. Tomei um duche quente e demorado para tentar livrar-me do ligeiro estupor da bebida. Lá fora, a neve cintilava sob o Sol intenso. Da varanda, eu via figuras minúsculas a ziguezaguear por encostas brancas e prístinas bem acima da aldeia. Senti um chamamento tão forte como o do mar num dia quente. Entrei numa loja para comprar uns óculos escuros e dei por mim a perguntar por equipamento para alugar.

Nessa noite, servi *schnitzel* com batatas fritas e salada, com cogumelos *Portobello* grelhados para Bella.

As três estavam a comparar notas acerca de quantas vezes tinham subido e descido.

– Estou a pensar ir convosco amanhã – disse eu.

– Viva – ofegou Charlotte, o que me fez sentir culpado por ter passado

todos aqueles anos a opor-me.

As meninas despediram-se assim que acabaram de comer e foram para o seu quarto.

– O ar da montanha deve estar a deixá-las cansadas – disse-lhe.

– Foram ver os telemóveis – disse Charlotte. – Proibi-os à mesa do jantar.

O que explicava por que razão as nossas refeições desta vez me pareciam tão acolhedoras. Eu sempre tinha achado secretamente que era melhor pai do que Charlotte, mas agora perguntava-me se a sua abordagem mais estruturada não teria as suas vantagens.

Em tempos, eu tinha sido um esquiador bastante bom; fiquei encantado ao descobrir que as capacidades básicas não tinham desaparecido, o que foi uma sorte, pois puseram-me na turma de Flora e eu percebi que a minha mera presença já era suficiente para a envergonhar, sem ser necessário acrescentar-lhe a humilhação da incompetência.

Na fila para o teleférico, ela ficou com os amigos, ignorando-me. Consegui impedir-me de lhe dizer que por favor tivesse cuidado para não se separar do grupo e que não fosse por pistas que não estivessem assinaladas, mas tinha o coração a latejar com força quando os vi arrancar pela encosta abaixo.

Aquilo de que me tinha esquecido era da adrenalina da alta velocidade, e que a concentração que exigia não me deixaria espaço mental para a preocupação. Quando finalmente tirei os esquis, quase ouvia Ross a dizer: *Mas que otário, teres perdido vinte anos disto!*

No fundo da encosta, reparei que o instrutor de esqui estava a falar com Flora e, quando ela foi ter comigo para regressarmos ao apartamento, tinha o rosto corado. Calculei que isso não se deveria inteiramente ao ar frio.

– Será que posso sair logo à noite? – perguntou-me.

– Com o Serge?

– Não, vai um grupo.

– Por mim, tudo bem.

– Nem pensar – replicou Charlotte, quando chegámos ao chalé.

– Mas o papá disse que eu podia.

– Sinceramente, não há limites quanto ao que farias para seres adorado por elas? – sibilou-me Charlotte ao passar por mim na cozinha, dirigindo-se ao frigorífico.

Não me ocorria que outra coisa eu teria feito que recaísse nessa categoria, exceto talvez fingir que não via a quantidade de guloseimas que comiam.

– A Flora é muito sensata. Alegra-me que saia e se divirta – disse eu, defendendo a minha posição.

– É a porra de um instrutor de esqui!

Estaria Charlotte com alguns ciúmes? Seria a ela que os instrutores de

esqui costumavam atirar-se?

– E se eu fosse com ela? – sugeri.

Uma expressão de horror perpassou o rosto de Flora.

– Não te preocupes, espero no bar do outro lado da estrada – disse-lhe. – Assim, se te sentires desconfortável, podes sair e eu vou estar lá para te acompanhar até casa.

– Oh, papá, farias isso por mim?

– Claro que sim – respondi, lançando um olhar triunfante a Charlotte.

Esta encolheu os ombros, serviu-se de um copo de vinho e foi para o seu quarto.

Eu nunca tinha visto Flora arranjada para sair à noite. Estava a usar um polo simples e branco com as calças de ganga pretas e justas do costume, mas, com maquilhagem, ficava mesmo impressionante. Vê-la ir para o átrio do hotel e ser cumprimentada por um grupo de gente preparada para se divertir parecia ser como testemunhar o seu ritual de passagem para a idade adulta.

Pedi uma cerveja e sentei-me num banco junto à janela no bar em frente, desejando ter levado um livro para que parecesse que eu estava a fazer algo mais salubre do que ver jovens a entrar no bar, mas, cinco minutos depois, Flora estava na rua em frente a acenar-me urgentemente.

– Anda só – disse ela, marchando à minha frente.

– O que aconteceu? – Tive de correr para a acompanhar.

– Só se pode entrar se se tiver dezoito anos!

– Tu disseste ao Serge que tinhas dezoito anos?

– Claro que não! – gritou ela. – Nem sequer sabia que era preciso ter dezoito anos! Por isso ainda passei por mais criança do que sou!

Eu partia do princípio de que todos os adolescentes andavam com documentos de identidade falsos, mas talvez isso fosse só mais tarde. A maioria dos miúdos de catorze anos não pareceria ter dezoito. Eu achava a sua ingenuidade bastante agradável, mas sabia que isso seria a pior coisa que poderia dizer-lhe.

Quando voltámos, ela marchou diretamente para o quarto, batendo com a porta.

– O que se passa? – perguntou Charlotte, de roupão branco, com o cabelo apanhado no cimo da cabeça e sem maquilhagem no rosto. Acabava de tomar banho. Um quantas gotas de água agarravam-se-lhe às pernas nuas e lisas.

O incidente pareceu-lhe hilariante.

– É o que mereces por tentares armar-te em herói – disse ela, deixando-se cair num dos sofás. – Oh, esquece lá isso, Gus, ela passa a vida assim. É adolescente. Não andavas sempre zangado com os teus pais quando eras da idade dela?

– Na cara deles, não.

– E isso é melhor?

– Não, tens razão – concedi. – É melhor não acumular ressentimento.

Charlotte dirigiu-me um pequeno sorriso.

– Não nos saímos assim tão mal, pois não? – perguntou-me, acenando na direção do quarto das nossas filhas.

– Ambas têm personalidade forte... o que é bom – apressei-me a acrescentar.

– Eu sei que tem sido difícil para ti, Gus.

Era a primeira vez que dizia algo remotamente parecido com um pedido de desculpas por ter levado as nossas filhas. Mas foi tão breve que fiquei sem saber se teria ouvido mal.

– Aceitas um copo de vinho? Comprei um *Sancerre* maravilhoso.

– OK – respondi, esticando-me no sofá em frente.

Quando me serviu um copo grande e o pousou na mesa entre nós, uma ponta do seu roupão rasou-me o rosto, com o odor exótico a sândalo do óleo de banho que ela usava a parecer-me tão familiar que me senti ligeiramente confuso.

– Onde é que está o Robert agora?

Charlotte lançou-me um olhar acutilante.

– Se tens mesmo de saber, está no chalé com a amante.

Uma pulsação mesquinha de *schadenfreude* percorreu-me as veias.

– E, se tens mesmo de saber, vamos divorciar-nos.

Isso explicava porque não houvera qualquer comentário ácido acerca da minha separação com Tess.

– Não tenho mesmo de saber – dei por mim a dizer, e depois percebi que isso soava estranho. Qual seria o oposto de «se tens mesmo de saber»? – Não tens de me contar – disse então, o que também não era bem o que queria dizer, pois dava a entender que eu queria saber, quando, na verdade, já estava arrependido de ter perguntado. Pousei o copo vazio e tapei-o com a mão quando ela me ofereceu mais.

– Eu não me tinha apercebido de que o Robert precisa de uma mulher e de uma amante tal como precisa de dois carros – disse Charlotte, com um suspiro pesado. Pôs os pés em cima do sofá e o roupão abriu-se, revelando uma perna desde a coxa até à unha pintada do dedo grande do pé. – Um elétrico pequeno para andar pela cidade e um maldito bê-eme para devorar a autoestrada.

– E tu qual és?

– O quê?

– És o *Nissan Leaf* ou o *BMW*?

– Oh, pelo amor da santa, Gus!

Seguiu-se um longo silêncio.

– E se fumássemos um cigarrinho? – perguntou ela, sentando-se com

entusiasmo.

Aponte para as regras da casa na parede ao lado da porta, das quais a primeira era «Proibido Fumar».

– Vê-me só a tua cara! – riu-se ela. – Prometo que não conto a ninguém!

Segui-a para a varanda. O céu estava limpo e estrelado, os telhados dos chalés e a torre da igreja cobertos de branco como se fosse açúcar num bolo de Natal.

Charlotte ofereceu-me um cigarro. Recusei com um aceno da mão, embora me sentisse tentado. Ela acendeu-o, deu uma passa e depois passou-mo como se fosse um charro. O desejo de fumar nunca me tinha deixado. Aceitei-o, senti a doçura do batom dela no filtro e inalei profundamente antes de soprar uma nuvem para o ar gelado e de o devolver, a sentir a dose pecaminosa a deixar-me tão estonteado como quando partilhara o meu primeiro *Marlboro* de sempre com Marcus, atrás do pavilhão de críquete da escola.

– A capacidade que as mulheres têm de se enganar a si mesmas é bastante incrível – dizia Charlotte, olhando para a aldeia, não para mim. Deu mais uma passa e exalou um fio fino e controlado de fumo. – Conheces um homem que até é franco quanto ao facto de o primeiro casamento ter acabado por ele ter casos extraconjugais, e ainda assim convences-te de que és suficientemente especial para cortar o ciclo.

Senti uma pequena pontada de angústia por ela.

– Mas és! – disse-lhe. – Quero dizer, eras.

– Ora, obrigadinha! – exclamou ela.

– Só queria dizer que estás tão espetacular como sempre foste.

Demasiado. Cala-te. Estás bêbedo. Não digas mais nada.

Ela virou a cabeça para mim, com o seu olhar penetrante a suavizar-se. A impressão que passava ao mundo era a de uma vontade férrea, mas, muito ocasionalmente, revelava uma delicadeza e uma vulnerabilidade extraordinárias. Essa sempre fora uma combinação inebriante.

Nem sequer sei qual de nós deu o primeiro passo, mas os lábios dela juntaram-se aos meus, o seu corpo colado a mim, sinuosamente firme por baixo do roupão macio.

Tess

Capítulo 38

Diz-se que, em certos sítios do mundo, se esperarmos tempo suficiente, toda a gente que alguma vez conhecemos acabará por passar. Um deles é a Praça de São Marcos, em Veneza, outro é a ponte suspensa sobre o Tamisa, acho que algures no Lake District. Para mim, esse sítio parecia ser a caixa do Waitrose no Natal.

A loja estava a abarrotar de clientes a encher os carrinhos de coisas que nunca comeriam noutra altura do ano. Porque será que, de repente, o queijo *stilton* se torna uma iguaria? O mesmo acontece com o vinho do Porto. Nem sequer é caro, mas ninguém escolhe tomá-lo durante trezentos e sessenta e quatro dias do ano. As filas eram tão longas que eu não podia permitir que uma caixa fechasse durante as pausas dos funcionários, pelo que eu própria os substituía, espantando-me com a quantidade de bolachas de água e sal que ia fazendo apitar e perguntando-me quantas toneladas seriam mandadas fora dali a doze meses para darem espaço a embalagens novas de outras que ninguém comeria igualmente.

À minha volta, ouvia os funcionários das outras caixas a perguntar: «Está preparado para o Natal?»

Mas o que queria isso dizer, quando, dali a uns dias, as mesmas pessoas perguntariam *Como foi o seu Natal?* E os mesmos clientes responderiam: *Bom, obrigado. Tranquilo. É o que se quer, não é?*

Se um Natal tranquilo era tudo o que se queria, então porque é que os carrinhos estavam a abarrotar de caixas de empadões de carne em miniatura, tarteletes de queijo de cabra, embalagens de salmão fumado leve-quatro-pague-três com seleções de entradas que, segundo a minha experiência de aperitivos em casa de Anne, pareciam apetitosas e depois nos queimavam o céu da boca com o recheio derretido?

Os nossos clientes eram mais do género de comprar trufas de champanhe

do que a caixa da *Quality Street* que representava o pináculo do luxo natalício na nossa família, mas eu perguntava-me se aquelas guloseimas cobertas de cacau em pó teriam um sabor tão delicioso como as roxas de avelã e caramelo, quando se tinha a sorte de ser o primeiro a escolher.

Uma das poucas vantagens de ter acabado com Gus era a ausência de comidas pesadas. Já não comíamos *risotto* amanteigado, nem *burrata* cremosa. Eu tinha perdido o apetite para tudo isso. Para tudo, na verdade. Havia noites em que me dava conta de que não comera nada no dia inteiro, o que era um erro, pois qualquer coisa que se coma com o estômago vazio é indigesta, até mesmo um ovo escalfado com uma torrada.

Presunto serrano, queijo manchego, amêndoas salgadas e duas garrafas de *Rioja*. Os artigos pareceram-me familiares ao avançarem pela correia rolante mesmo antes de o ter ouvido.

– Tess?

Em tempos, aquela voz tinha-me parecido altamente sedutora. Grave e melódica, com um laivo de galês, um pouco parecida com a de Michael Sheen.

Tinham-se passado seis anos desde a última vez que vira Leo. O seu cabelo grisalho já embranquecera por completo, mas continuava preso num rabo de cavalo. Não me lembrava de alguma vez o ter visto solto. Mas também nunca o tinha visto sair de um duche, nem alguma vez passara uma noite inteira com ele, nem qualquer uma dessas coisas que os casais normais fazem. Imaginei que devia tirar o elástico para o lavar... Ainda que não com muita frequência, pelo que parecia.

– Ainda estás aqui? – perguntou-me, como se eu tivesse ficado sentada naquela caixa à espera dele desde a última vez que nos víramos.

– Não – respondi. – Quero dizer, obviamente estou aqui, mas não estive durante todo este tempo...

O seu olhar inquisitivo ainda tinha a capacidade de me deixar nervosa.

Fosse como fosse, o que estaria ele a fazer de novo em Kent? Será que as coisas em Espanha não tinham resultado? A mulher tê-lo-ia deixado? Haveria outra pessoa? A primeira vez que eu tinha provado presunto serrano e bebido *Rioja* fora no seu casebre de pescador. Teria outra sedução em curso? Não no casebre, claro, pois alguém da JP Morgan passara a ser proprietário desse espaço. Talvez o próprio Leo tivesse comprado uma choupana noutra lote?

Tentei pensar em todas as coisas argutas que planeava dizer-lhe se alguma vez o tornasse a ver, mas não me lembrava de nenhuma.

– Ainda escreves, Tess? Vou retomar as aulas agora em janeiro.

– Não – respondi, tão depressa que esperei que ele não percebesse que era uma mentira descarada.

Sempre me tinha parecido mais fácil escrever quando não se passava muito na minha vida. Há quem diga que a escrita é terapia. Durante as horas em que

eu ficava sentada em frente ao portátil, enquanto Hope assistia à televisão, não havia dúvida de que me distraía da tristeza. Por vezes era quase como se o romance que desaparecera da minha vida estivesse a reaparecer na página, como que por milagre.

Não que o meu romance fosse autobiográfico. Mas os romancistas dizem sempre isso, não dizem? E tão-pouco era realmente um romance, mas já tinha escrito 21 321 palavras consecutivas.

Não ia partilhar nada disso com Leo, com receio de o agourar.

– E tu tens escrito? – retribuí-lhe cordialmente a pergunta.

– Quando se é escritor, nunca se para.

– Só se para de publicar – repliquei.

O seu sorriso ficou ligeiramente tenso.

– Ao fim e ao cabo, a publicação não é o que importa, Tess...

Conta-me lá outra.

– Dinheiro ou cartão?

Ele passou-me o cartão de crédito.

– Que bom ver-te, Tess – disse ele, inclinando-se para mim, com a voz a reduzir-se a um sussurro. – Ainda no outro dia estive a pensar em ti.

– Isso tem graça, porque ainda no outro dia falei de ti a um amigo – ouvi-me a dizer, o que era mais uma mentira, em termos temporais.

– A sério?

Ele era tão vaidoso que o remate me saiu com mais facilidade:

– Ele disse que tu eras um velhaco horroroso.

O mais estranho era que só tinha obtido um prazer passageiro do embaraço dele. Na verdade, até me parecia que era uma vitória para ele, pois tinha-me tornado rancorosa, coisa que eu não era de facto. Assim que recuperasse do golpe, haveria de se consolar dizendo-se que eu não passava de uma mulher desprezada.

A minha única vingança real seria escrever algo que fosse publicado, pensei, ao vê-lo sair com as duas garrafas de *Rioja* a tilintar no seu saco de juta reutilizável.

– O que é preciso fazer para se ser atendido aqui?

Levantei a cabeça e deparei-me com Doll a sorrir-me.

– Caramba, isto hoje é o desfile dos fantasmas do Natal passado – disse eu.

– Com que então velhaco?

– Ouviste?

– Estavas tão concentrada no parvalhão de rabo de cavalo que nem reparaste que eu estava atrás de ti!

– Pois pareceu-me adequado, agora que já é um velho caquético.

Desatámos as duas a rir e, à medida que eu ia passando a quantidade

imensa de coisas do seu carrinho pelo *scanner*, parecia que tínhamos voltado a ser como sempre tínhamos sido juntas, como se se tivessem passado apenas horas e não anos desde a última vez que nos víamos.

– Vais fazer uma pausa para almoçar? – perguntou-me, quando por fim puxei a fatura com um metro de comprimento.

Olhei para a longa fila atrás dela.

– Agora não. Mas amanhã estou de folga.

Todos os funcionários do hotel rural a que Doll me levou a conheciam. A sala de jantar cintilava com decorações natalícias de bom gosto, em tons de branco e prata, como uma floresta encantada.

– Já estás imbuída de espírito natalício? – perguntou-me ela.

– O que é que isso quer dizer, afinal?

– Oh, céus – exclamou Doll. – Estás assim, é?

– Sentirias o mesmo se a tua vida fosse uma corrente rolante interminável de papel de embrulho em promoções de leve-três-e-pague-dois e de pudins de Natal.

– O que me dá o pretexto de que precisava para a primeira pergunta que tenho para te fazer – disse ela. – Que raio é que estás a fazer outra vez atrás das caixas?

Então, contei-lhe e, para variar, ela não me interrompeu com as suas opiniões. Quando acabei, corriam-me lágrimas pelo rosto. Ela mandou embora o empregado que tinha vindo tomar nota dos nossos pedidos e passou-me um lenço.

– Lamento, Tess.

– Tinhas razão. As coisas nunca iam resultar com o Gus.

– Ele era bem melhor do que as tuas outras escolhas...

– Nem vás por aí – disse eu, a lembrar-me de Leo a afastar-se. Escapara por pouco com ele. Não que me tivesse escapado realmente, já que fora ele quem me dera com os pés.

– Sempre achei que o Leo era como aquele professor velho e horrendo em *Mulherzinhas* – disse Doll.

Tanto quanto eu sabia, *Mulherzinhas* era o único romance que Doll tinha lido em toda a sua vida, e só porque eu a obrigara.

– O Gus era mais como o Laurie bonzinho. Aquele com quem devias ficar...

– Pensava que não gostavas dele.

– Acho que talvez estivesse com inveja. A minha vida era tão enfadonha. A tua, de repente, tinha-se tornado tão romântica, caramba...

A reflexão não era habitual em Doll. Aquilo quase parecia um pedido de desculpas.

– Todas aquelas vezes em que quase se conheceram, mas não! Era como se estivessem destinados um para o outro...

Suspirei.

– Às vezes pergunto-me se o nosso destino não seria mesmo *não* nos conhecermos. Talvez o nosso encontro tenha sido o erro, não todos os outros desencontros. Quero dizer, faz muito mais sentido assim.

Talvez a razão pela qual os nossos caminhos estivessem sempre a desencontrar-se durante todos aqueles anos entre os nossos encontros em Florença não fosse o acaso ou uma falta de oportunidade, mas as nossas origens diferentes, o casamento e as filhas dele, a minha obrigação para com Hope, todas as coisas que eram fundamentais para que já não estivéssemos juntos.

– Mas ele até tem alguma razão em relação à Hope, não tem? – inquiriu Doll.

– Ela está a dar-se bem no trabalho.

– Sim, mas e tu?

Hope e Doll nunca tinham gostado uma da outra.

– Uma relação não é uma questão de negociação? – continuou ela. – Aquilo que estamos preparados para aceitar, o que *deveríamos* aceitar? No meu caso, muito pouco...

– Como está o Dave? – perguntei, satisfeita por ter a oportunidade de mudar de assunto.

– Está bem. Os miúdos crescem depressa. Tens de vir vê-los. A Elsie acha que estás longe. Não vou dizer-lhe que tens vivido aqui mesmo... sinceramente, Tess... nem acredito que nunca tenhas ligado...

– Desculpa.

Agora que estava com ela, também não acreditava que não o tivesse feito. Porque é que eu tinha de ser sempre tão final e absoluta em relação a tudo?

– Vendi o apartamento em Portobello – dizia Doll. – Ainda tentei abrir o meu primeiro espaço em Marbelha, mas ficou tudo um bocado de pernas para o ar, com o Brexit...

– E o Ash?

Uma de nós tinha de o mencionar.

– Tive de me livrar dele. Afinal, andava a comer metade das minhas funcionárias. Muito pouco profissional – disse Doll, olhando para todo o lado menos para mim. – Anda a criar uma cadeia de barbearias. Assim tudo à moda antiga, barba feita com navalha e muita espuma, cadeiras de pele *retro* e *algo para o fim de semana, senhor?* A ideia foi tua, na verdade. Disse-lhe que o processava se lhes chamasse Caverna...

Percebi, pela forma acelerada como falava, que tinha ficado magoada e envergonhada. Condoí-me dela.

– Tu és a única pessoa que sabe – confessou, já a fitar-me os olhos.

– O quê? – repliquei, pegando no menu.

A versão de jantar de Natal do hotel envolvia um assado de três aves com bombons de morcela, um molho de vinho da Madeira e ameixa e caldo de pato. Optei antes pelo filete de robalo com legumes ao vapor.

– Muito Victoria Beckham – comentou Doll. – Andas a fazer a dieta *low-carb*?

– Não, só não tenho muita fome.

– Seja lá o que andes a fazer, resulta. Olha para ti, pareces uma modelo. Estás toda pálida e interessante...

Assim que disse aquelas palavras, a preocupação estampou-se-lhe no rosto.

– Estás bem, não estás? – perguntou.

– Tanto quanto sei. Na minha próxima consulta de seguimento, se os valores estiverem todos normais, declaram-me livre de cancro. – Fiz figas debaixo do guardanapo que tinha no colo. Tinha praticamente a certeza de que ela estaria a fazer o mesmo do outro lado da mesa.

Os nossos pratos chegaram sob cúpulas prateadas, que foram levantadas em simultâneo por dois empregados. Entreolhámo-nos, mas conseguimos conter o riso até eles se afastarem.

– Tens planos para o Natal? – perguntou-me Doll.

Eu sabia que, se não tivesse, ela me convidaria a passá-lo em sua casa e talvez até estendesse o convite a Hope, por ser Natal.

– Vamos à Austrália – disse-lhe. – O Brendan e a Tracy vão pagar as passagens da família toda. Vão celebrar vinte e cinco anos de casamento. Ele deu-se mesmo muito bem...

– O Brendan? – espantou-se Doll.

– Eu sei.

O melhor de estar com alguém que nos conheceu durante toda a vida é haver muito que se compreende sem ser preciso entrar em pormenores.

– Não estou nada com vontade de passar trinta e seis horas num avião com a Hope. Isso se conseguirmos sequer arrastá-la até ao aeroporto. E três semanas com o meu pai... Sabe Deus como vai reagir quando vir o Shaun. Mas isso não é problema meu. É verão lá. Vou deitar-me debaixo de um guarda-sol a ler. Talvez pensar acerca do que fazer com o resto da minha vida...

De repente, os meus olhos tornaram a ficar marejados de lágrimas.

Doll atirou o guardanapo de pano para o prato, ensopando o tecido com molho de ameixa como se fosse sangue.

– Ninguém disse que viver feliz para sempre era fácil – disse ela. Depois, tendo pensado um pouco, continuou: – Bem, até que é isso que se diz, não é? O objetivo dos contos de fadas era que viver felizes para sempre resolvia os

problemas todos!

Então desatámos as duas a rir.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – perguntou Doll. – Dado que sou a tua fada madrinha?

– Suponho que não possas agitar a varinha mágica e levar-me a um momento antes de eu e o Gus termos dito coisas imperdoáveis um ao outro?

– Porque é que não pegas no telefone e pronto? Alguém tem de dar o primeiro passo.

Eu não sabia se aquilo era algo que uma verdadeira fada madrinha dissesse.

E já tinha pensado nessa opção um milhão de vezes. Provavelmente acabaríamos por voltar a tentar, e seria maravilhoso durante algumas semanas, mas, afinal, de que serviria, se eu nunca poderia dar-lhe o que ele queria?

Capítulo 39

Voámos no dia de Natal, porque os voos eram muito mais baratos. Brendan tinha-se saído bem, mas não ia desembolsar milhares de dólares extra só por causa de um dia ou dois. Serviram-nos o jantar de Natal no avião. Para mim, as doses das linhas aéreas chegavam perfeitamente, mas vi que Hope ficou desapontada, pelo que lhe dei as minhas pequenas salsichas e as batatas assadas, acabando a desfrutar apenas de um jantar de duas tostas e um pedaço de *cheddar* embrulhado em plástico.

Foi surpreendentemente reconfortante entrar no acolhimento caloroso da minha família alargada. Sendo um bom estucador, Brendan começara a trabalhar nas obras, mas seguira para a promoção imobiliária. Comprara e vendera casas para acomodar a sua família cada vez maior, de tal maneira que era já o orgulhoso proprietário de uma casa com oito quartos e oito casas de banho num terreno de vários hectares, com um anexo para a filha Lizzy e os filhos desta, uma piscina e vários bangalós para hóspedes, num dos quais eu me instalara, demasiado longe do quarto de Hope para sequer ouvir o televisor dela.

– Alguma vez, nem que como um sonho maluco, te ocorreu que o Brendan seria a pessoa da família a tornar-se milionário? – perguntei a Kevin, que tinha voado de Nova Iorque com o marido, Shaun.

– Obviamente, não.

A minha pergunta era retórica, mas percebi que Kevin a tinha levado a peito, pois antes era ele o candidato mais provável.

A carreira nos palcos de um bailarino é muito curta e ele nunca tinha chegado a primeiro-bailarino, pelo que julgo que sempre achou que não atingira o seu potencial, ainda que tivesse algum sucesso como coreógrafo.

A mim parecia-me que a sua maior façanha fora casar com Shaun, que era elegante, bondoso, interessante e sempre bem-cheiroso. Eu própria estava um

pouco apaixonada por ele.

Estávamos sentados à mesa comprida debaixo da pérgula junto à piscina, para o assado de véspera de Ano Novo.

Da última vez que eu vi Brendan, no funeral da nossa mãe, quase vinte e um anos antes, ele e Tracy só tinham duas filhas, Lizzy e Jessica. Agora tinham cinco, e Lizzy tinha dois filhos, a pequena Maria, que tinha três anos, e o pequeno Jimmy, com apenas dois, batizados com os nomes de bisavós que nunca tinham conhecido.

Vi Brendan dar graças, chamar a atenção dos filhos adolescentes para que tivessem bons modos e dizer a Hope que não começasse antes de todos os outros. O meu irmão era um homem grande e, naquela casa, era rei. A seu lado, o meu pai parecia bastante frágil e velho. É estranho as coisas que passam de geração em geração, não apenas a aparência, mas pequenos dizeres que Brendan apanhara dos nossos pais e que os seus filhos tinham aprendido com ele. É possível sentir-se pertença com gente que nunca se tinha conhecido só por haver uma linguagem familiar partilhada.

Depois de uma apresentação inicialmente confrangedora, o meu pai não largava Shaun, o que me deixou triste por ele nunca ter conhecido a minha mãe e eu saber que ela o teria adorado.

Eu não via a minha cunhada, Tracy, desde que ela era uma adolescente de cabelo platinado que, segundo a minha mãe, «se deixara engravidar». Era a única pessoa que eu alguma vez tinha visto a minha mãe tratar mal, porque a achava inconstante e se convencera de que desencaminhara Brendan. Mas agora Tracy era uma matriarca a presidir a uma grande família, e também tinha uma loja de vestidos no subúrbio de Melbourne onde viviam.

Na família, esperava-se que todos contribuíssem, e Tracy não tolerava quaisquer sinais de preguiça de Hope.

– Se vais ficar em minha casa, Hope, tens de seguir as minhas regras. E não me interessa que sejam os teus chocolates de Natal, na minha casa partilha-se e o limite é um por pessoa por dia.

Quase fiquei à espera de que ela acrescentasse uma coluna extra ao calendário familiar pendurado na cozinha, com o horário e os deveres de Hope.

Ocorreu-me que Brendan fora o único filho a fazer a família que a nossa mãe quisera para todos nós. Não era o mais esperto, nem o mais bem-parecido, e Kev atormentara-o sem cessar, mas crescera e tornara-se um homem bem-sucedido, um bom pai que já era avô. Naquele lar, todos pareciam equilibrados e felizes. Perguntei-me se Brendan e Tracy teriam conseguido fazê-lo por terem fugido do nosso pai intimidante e do autossacrifício que a nossa mãe deixara como legado.

Ou dar-se-ia apenas o caso de eu ter tomado todas as escolhas erradas na

vida. Do lado dos adultos sentados àquela mesa, eu era a única que não fazia parte de um casal. Talvez me devesse ter contentado com Dave, nesse tempo em que ele me pedira em casamento, e construído algo que vivesse e prosperasse como as pessoas que tinha diante de mim? Eu dizia que tinha medo de ter filhos, não fosse dar-se o caso de os deixar, como a minha mãe deixara Hope. Mas se eu e o Dave tivéssemos tido filhos nessa altura, já seriam praticamente adultos agora. A verdade era que eu não tinha querido filhos com ele. Por isso, dedicara todo o meu cuidado a Hope, toda a minha imaginação ao sonho de que houvesse algo mais para mim e só agora descobria – tarde de mais – a profunda alegria de criar uma família feliz.

Será que a verdadeira razão para ter ciúmes de Charlotte não se prendia com a sua beleza e o seu sucesso, mas com o facto de ela ser sempre a mãe das filhas de Gus, o que era um laço mais fundamental do que qualquer um que eu pudesse partilhar com ele?

Na outra ponta da mesa, surpreendi-me ao ver a facilidade com que Hope se dava com Lizzy, que cuidava da casa enquanto Tracy estava a trabalhar, e com Jessy, que estudava para ser esteticista. Embora, tecnicamente, fossem sobrinhas de Hope, não tinham uma grande diferença de idades, nem ideias preconcebidas acerca dela. Esperavam que se comportasse como elas e não tinham receio de a desafiar quanto às suas decisões mais esquisitas de indumentária, nem de lhe dizer que tomasse duche e apanhasse a toalha que usara. Hope até tinha deixado que Jessy praticasse maquilhá-la naquela tarde, tal como eu me lembrava de Doll fazer comigo quando andava em formação. A sua pele imaculada não precisava de base, mas ela tinha ficado bonita com as sobrancelhas arranjadas e um pouco de batom.

Tudo o que eu e a nossa mãe tínhamos querido era que Hope levasse uma vida feliz e independente, e talvez o nosso pai sempre tivesse tido razão. Talvez eu me tivesse preocupado demasiado com ela e isso a fizesse retrair-se?

De repente, senti-me nauseada.

– Estás bem, Tess? – perguntou-me Shaun.

Ele sempre fora capaz de notar como eu me sentia.

Dei por mim a explicar que tudo corra mal com Gus.

Acho que esperava que ele concordasse que parecia uma situação impossível.

Em vez disso, limitou-se a comentar:

– É uma pena que não tenham conseguido arranjar uma solução.

O que me atirou para outro paroxismo de dúvida.

Seria eu a inflexível?

Até Doll vira aquilo pela perspectiva de Gus.

– Porque é que todos se põem do lado dele? – perguntei a Shaun.

– Será que serve de alguma coisa ver isso em termos de lados? Tu decidiste

que não poderia resultar.

– És sempre tão razoável. Não sei como tens aturado o Kevin durante todos estes anos! – exclamei, tentando aligeirar a conversa.

Ele nada disse.

Talvez estivesse a pensar que não sabia como Gus me tinha aturado?

Olhei para o relógio. Nove da noite ali significava que seria meio-dia no Reino Unido. Perguntei-me se Gus teria optado por trabalhar no dia de Natal ou na véspera de Ano Novo. Se tivesse escolhido o último dia do ano, poderia estar a levantar-se e a tomar um pequeno-almoço britânico para aguentar o longo turno noturno que o esperava.

Parecera-me estranho não lhe desejar um Feliz Natal. Não era nada típico de mim. Tinha tido a desculpa de estar no avião. Tentara compor uma mensagem, mas não sabia o que dizer. Era como estar de volta ao início, sem saber se havia de lhe enviar uma mensagem na Toscana e o que escrever se o fizesse.

Era Ano Novo, o momento de resoluções.

– Dão-me licença? – perguntei, usando a fórmula que Brendan instilara nos filhos e que não me passava pelos lábios desde os almoços de domingo em Margate quando era criança.

– Claro – disse Tracy.

Vi-a a entreolhar-se brevemente com Brendan e percebi que tinham estado a falar de mim.

Corri para o meu bangaló, com o coração a latejar enquanto procurava o contacto de Gus e esperava que a ligação se estabelecesse. Depois começou a tocar e, de repente, desejei ter preparado algo para lhe dizer.

– Estou?

– Estou? – Uma voz lânguida que me parecia conhecida.

– Estou? – repeti, confusa. – Este é o telemóvel do Gus?

– Vou passar-lhe.

O rosto dele devia estar perto do telefone, perto da cara dela, porque o ouvi a sussurrar.

– Foda-se! Foda-se, Charlotte, dá-me a merda do telefone!

E Charlotte a rir-se, a segurá-lo fora do alcance dele, imaginei.

Então a voz dele, enganosamente animada.

– Tess? Como estás?

– Estás mesmo na cama com ela, Gus? – perguntei.

A hesitação dele foi suficiente para eu saber que sim.

– Não me mintas, Gus. Andas a enrolar-te com a Charlotte?

– Não é...

– Adeus, Gus.

Devo ter voltado para a festa. Devo ter emborcado vários copos de vinho uns atrás dos outros, ou comido um hambúrguer de duvidosa procedência, porque só me lembro de estar a vomitar copiosamente na minha casa de banho, com Shaun a bater à porta.

– Tess? Estás bem?

Brendan e Tracy eram a favor de me levar ao médico, mas eu sabia que nenhum médico me passaria uma receita para o desespero existencial.

Passei a maior parte dos dias seguintes de cama. Nem conseguia abrir os olhos. Toda a gente dizia que devia ser do *jet lag*, mas eu sabia que isso não durava tanto. Sempre que acordava, tinha uma fração de segundo de ansiedade aguda em que tentava perceber onde estava e o que devia estar a fazer, e depois descontraía ao ouvir o som distante dos pequenos a brincar, ciente de que Hope estava em segurança e ocupada e que eu não teria de me preocupar com o que o dia traria.

Frequentemente, tornava a adormecer e só me levantava quando Tracy me levava uma chávena de chá.

– Do que precisas é de uma pausa – dizia-me. – Estás exausta.

Sorriu e sentou-se na beira da cama, como a minha mãe fazia quando me lia uma história.

– Eu e o Brendan temos estado a falar – revelou-me. – Gostaríamos de que a Hope ficasse algum tempo connosco, se ela quiser. Temos espaço suficiente aqui e a Jessy e a Lizzy podem mantê-la debaixo de olho. Dão-se mesmo bem. Ela parece gostar de estar aqui. Talvez queira instalar-se aqui permanentemente...

Eu estava a chorar de novo. Não percebia se era de alívio ou de tristeza.

Tracy pousou uma mão reconfortante nas minhas costas.

– Já fizeste bem mais do que o que te competia, Tess. Está na altura de deixares que outra pessoa assuma alguma responsabilidade.

– Perguntaram à Hope? – disse eu, a fungar ruidosamente.

– Claro que não. Queríamos verificar contigo primeiro. Se concordares, acho que a proposta devia vir de nós... – interrompeu-se, erguendo uma mão.
– Tess, ouve!

Alguém na casa, alguém tinha posto a tocar uma lista de músicas natalícias. Ouvi a introdução de piano de «Fairytale of New York» e o meu pai a fazer a sua imitação roufenha de Shane McGowen, após o qual a banda começou com a jiga irlandesa e, de repente, escutou-se a voz cristalina de Hope a cantar a parte de Kirsty MacColl.

Não confiei nos meus ouvidos. Tinha de ver aquilo.

Quando eu e Tracy atravessámos o relvado, o meu pai e Hope estavam a fazer um dueto no terraço, com o resto da família a abanar-se ao som da música ou a dançar aos pares, Shaun em pose de valsa com Anne, Kevin com a

Pequena Maria nos seus pés.

Quando a canção acabou, Jessy, que tinha estado a gravá-los com a câmara do telemóvel, exclamou:

– Uau, Hope, tens uma voz incrível!

E Hope deu a volta ao grupo, perguntando individualmente a cada um: «Gostas de me ouvir cantar?»

Depois disso, tornou-se imparável. Era como se todas as canções que tinha acumulado dentro de si transbordassem. «La Traviata», sem qualquer espécie de aquecimento, seguida de «My Heart Will Go On», do *Titanic*, e «Spinning Around», the Kylie Minogue, com todos os movimentos exatamente iguais aos do videoclipe que aparecera primeiro em *Top of the Pops*, para os quais provavelmente deveria ter feito alguns aquecimentos, pois ficou um pouco tonta e teve de se sentar.

Isso deu ao meu pai a oportunidade de pôr The Fureys a tocar. Tinha estado a assistir à cantoria de Hope com uma impaciência crescente, dizendo-lhe que desse a vez a outros, referindo-se, claro está, a si mesmo.

A sua música preferida era uma balada chamada «I Will Love You».

Com as primeiras notas comoventes da introdução de banjo, fui transportada para o aniversário da minha mãe em todos os anos da minha infância, quando, à luz tremeluzente de uma única vela, o nosso pai lhe dava a mão e lhe cantava aquela lindíssima canção romântica irlandesa. E todos os anos, por mais irrazoável ou violento que ele tivesse sido nos dias anteriores, eu acreditava sempre que a amava e que doravante tudo seria melhor.

Ele tinha cantado aquela canção no velório dela e cantava-a agora com lágrimas nos olhos e uma mão ao peito.

Seria a sua maneira de dizer à nossa mãe, e a nós, que ainda a amava? Ou gostaria apenas do som da sua própria voz? Talvez fosse uma combinação das duas coisas. Seria possível ser tanto um rufia bruto como uma alma sentimental? E, se era possível, porque não escolheria ele ser sempre a versão boa de si mesmo?

Reparei que Anne tinha ido para dentro. Perguntei-me se seria doloroso ser o segundo amor da vida dele. Já era suficientemente difícil dominar ciúmes de um antigo companheiro ainda vivo; deveria ser bem pior rivalizar com uma alma irrepreensível falecida.

Quando a canção chegou ao fim, todos ficámos em silêncio por uns momentos e depois Hope tornou a levantar-se e cantou «Crazy».

Mais tarde, a minha irmã bateu-me à porta do quarto, o que era inédito. Normalmente, limitava-se a entrar de supetão.

– Quero ficar na Austrália – disse-me.

– Então porquê?
– A Tracy faz molho como deve ser. Gosto de estar com a minha família. A Jessy é melhor a pôr maquilhagem do que tu.
E tudo isso era inegavelmente verdade.

Shaun abraçou-me até eu parar de chorar. E quando, de repente, fiquei sem lágrimas, perguntou-me:

– Andas a comer, Tess? Estás tão magrinha.
– Nem por isso – funguei. – Não tenho lá muito jeito para a cozinha.
– Não podes continuar assim.
– Não, acho que não posso.
– Porque é que não vens passar uns tempos connosco em Nova Iorque? Acho que estás a precisar de mimos.

A perspetiva de passar tempo com Shaun em Nova Iorque parecia-me empoderadora e muito tentadora.

– Sinceramente, não haveria nada de que eu gostasse mais – respondi. – Mas tenho de aprender a estar por minha conta.

Ia para casa, mas já não sabia onde isso era. Não era no apartamento de Margate onde tinha vivido com Hope. Avisei o senhorio e trabalhei até ao final do contrato de arrendamento, fazendo o máximo de horas extras que podia e tentando resolver para onde iria em seguida.

Fora em Siracusa que eu me sentira o mais próximo de ser quem queria ser, mas, quando espreitei no site do *Airbnb*, vi que o apartamento de Patrizia estava reservado até à Páscoa. De certa forma, era um alívio, pois sabia que não seria o mesmo sem Gus. Provavelmente poderia ter arrendado outro apartamento, mas não me sentia forte o suficiente para recomeçar sozinha em Itália. Queria um sítio onde pudesse ir dar longas caminhadas e pensar calmamente, onde pudesse regressar à escrita.

Enquanto esvaziava o apartamento, dei por mim a folhear o álbum de fotografias de família, focando-me em todas as imagens das nossas férias na Irlanda. Lembrei-me do nosso pai a levar-nos de carro até Connemara para passarmos o dia lá e de a minha mãe comentar:

– Vejam só este lindo céu ocidental. Não faz pensar que o mundo está cheio de possibilidade infinita?

Gus

Capítulo 40

Verão de 2018

Quando as minhas filhas me visitavam, adoravam assistir ao programa *First Dates*. Eu também retirava uma espécie culpada de prazer do comportamento dolorosamente confrangedor dos casais unidos por produtores televisivos para obterem o máximo efeito. Já não desfrutava tanto quando estava nos meus próprios primeiros encontros com pessoas que conhecera através de uma aplicação.

Parecia ser assim que toda a gente se conhecia agora, mas, de cada vez que tentava de novo, dava por mim a perguntar porque me dera sequer ao trabalho. Ainda que se partilhassem interesses e valores com uma mulher, ainda que se tivesse gostado da sua fotografia, se não houvesse faísca o tempo passava diabolicamente devagar, nem que fosse só para tomar um café.

Experimentei encontrar-me com alguém com interesses muito diferentes, pensando que poderia ser estimulante expandir os meus horizontes. Ela tinha definido as suas paixões como animais e o campo. O que queria dizer com isso era cavalos, em particular arte equestre.

Aprendi muito sobre contas de veterinário e de cuidados, quanto custava manter o cavalo numa cavalaria, a viagem de ida e volta todos os dias e os perigos de manobrar até aos certames a rebocar um veículo para transporte de cavalos. Quem diria que o acidente que as Autoridades Rodoviárias mais temem é o que deixa um cavalo à solta numa via rápida? Eu não. E, afinal, não estava interessado em aprender coisas novas.

– Como é que ele se chama? – Foi a única coisa que me ocorreu perguntar, quando ela finalmente parou de falar para comer um pouco de panqueca.

– *Anton*. O nome completo é *Anton Du Bit*, porque é muito bom a dançar o *foxtrot*¹⁰.

Claramente, esperava que eu me risse.

– É dose de cavalo! – exclamou Marcus.

Eu estava a contar-lhe a história enquanto jantávamos, como por vezes fazíamos quando ele ficava em Londres.

Esbocei um sorriso desanimado.

– E isso avançou mais? – perguntou-me.

Sendo um homem casado e feliz, acho que encontrava o seu próprio prazer culpado ao ouvir-me falar das minhas aventuras no mundo dos encontros amorosos.

– Era muito atraente – disse-lhe. – Cabelo comprido e preto...

– Apanhado num rabo de cavalo, imagino?

– Ah, ah. Não, até estava solto, *vum, vum*. – E virei a cabeça para um lado e para o outro.

– Então e beijaram-se?

Aquela conversa toda sobre controlar o movimento do cavalo com os músculos da parte interna das coxas surtira um certo efeito, por isso, quando ela disse que adoraria ver a vista do meu apartamento, eu não tinha hesitado em mostrar-lha. Houve um momento quando ela estava por cima de mim em que me senti um fraco substituto de *Anton*. Nenhum de nós sugerira voltarmos a encontrar-nos.

Para gáudio de Marcus, fiz a minha melhor imitação de um relincho.

– As alegrias de um homem solteiro – comentou ele, profundamente sarcástico.

– Eu não tinha planeado ser solteiro – repliquei.

– Não achas que valha a pena ligar à Tess?

– Depois do que aconteceu com a Charlotte, não. Mesmo que conseguíssemos superar tudo o resto, isso passou dos limites.

– A verdade é que a Charlotte é linda, caramba.

– Eu sei.

– Quase valeu a pena?

– Não. O sexo foi fantástico, mas... bem, tu sabes.

Já nos tínhamos alongado demasiado em questões pessoais com que nenhum de nós se sentia muito à vontade.

– Mais uma? – Marcus levantou a garrafa vazia de *Beaujolais*.

– Para mim não, obrigado. Tenho trabalhos de casa.

Tinha decidido fazer formação para me tornar terapeuta cognitivo comportamental. Estava farto de ouvir as mesmas histórias de pacientes que acabavam nas Urgências depois de tentativas falhadas de porem fim à própria vida, sabendo que, se tivessem recebido um pouco de apoio na altura certa, isso poderia ter impedido uma série de problemas. Os serviços de saúde mental estavam tristemente subfinanciados. O stresse afetava não apenas o

paciente, mas toda a família, os amigos e os colegas, já para não falar dos médicos que os tratavam, o que dava azo a ainda mais doença mental e física.

Foi Dorothy quem sugeriu que eu canalizasse a minha frustração para fazer algo útil. Inicialmente, eu tinha achado que seria a pior pessoa para dar conselhos sobre os problemas mentais e emocionais dos outros. Ela era da opinião oposta, recordando-me que a terapia cognitiva comportamental não tinha que ver com conselhos, mas antes com permitir que o indivíduo pensasse no seu comportamento de uma forma diferente. Eu próprio passara por esse processo, o que seria útil para a minha prática.

Comecei por fazer voluntariado uma vez por semana ao final do dia, num centro local de resposta à crise. Os indivíduos afetados por privação financeira e social eram desproporcionalmente atingidos pela doença mental. Quem vive numa caixa de cartão na rua ou em alojamentos húmidos e defeituosos, ou se pergunta como vai conseguir dar comida aos filhos, não está propriamente paranoico ao ter dificuldade em perceber como poderá continuar a aguentar. Grande parte do meu tempo era ocupado a tentar ajudá-los a aceder aos serviços sociais relevantes, o que não era fácil fora das horas de expediente e me deixava zangado, pois esse não deveria ser o meu papel. Governo após governo, todos falavam da ligação entre a assistência social e os serviços de saúde. Não era apenas uma questão de encontrarmos formas de cuidar dos nossos idosos; o problema abarcava toda a sociedade, mas ninguém falava disso. Contudo, esse também não era o meu papel. O que eu podia fazer era oferecer o meu tempo, e sentia-me energizado por estar ao menos a contribuir de alguma maneira.

Tinha decidido candidatar-me a uma formação intensiva para me tornar terapeuta, a qual, se me aceitassem, implicaria dois dias por semana de volta à universidade e três dias num ambiente clínico.

Antes, nunca tinha sido um estudante diligente. Talvez não tivesse a maturidade necessária para apreciar como podia ser satisfatório ler livros e estudos de caso quando o objetivo que se tinha em mente parecia realmente importante. Estudar exigia a minha concentração total. Ocupava parte do vazio da ausência de Tess. Por vezes desejava que houvesse uma forma de lhe dizer o que estava a fazer, pois sentia que, apesar de tudo, ela ficaria orgulhosa de mim.

– Podias só pegar no telefone – dizia Nash, de cada vez que me ligava.

– Ela não atenderia.

Adeus, Gus.

Aquelas palavras tinham sido finais. Nem sequer «Feliz Ano Novo». A ligação cortada.

– Então escreve-lhe.

– Já tentei compor mais de cem *e-mails*. Não sei o que dizer. Sentia-me tão mal por te ter magoado que acabei na cama com a Charlotte? Não estou a ver isso a funcionar, tu estás?

– Hum. Olha uma ideia. E se fosses até Kent e entrasses casualmente na loja onde ela trabalha?

– Já fiz isso.

Tinha ido passar um fim de semana com Marcus e Keiko. Jogámos *rounders* na praia. Os miúdos já tinham crescido o suficiente para segurarem nos tacos, mas Milo ainda se lembrava da lendária Tess e de todos os *home runs* que ela marcara. Qualquer que fosse a combinação que escolhêssemos, as equipas ficavam desequilibradas.

Deitei-me sozinho no quarto de hóspedes do sótão, a ouvir o ritmo das ondas que arrastavam seixos para um lado e para o outro na praia.

Ela não estava no supermercado, e Hope também não. Depois de percorrer os corredores várias vezes, por fim consegui convencer a senhora do balcão de atendimento ao cliente a revelar-me que tanto Tess como a irmã se tinham ido embora, se bem que não pudesse revelar-me para onde, por causa da proteção de dados. Acrescentando, ao ver a minha expressão consternada, que, mesmo que não existissem essas regras, ela não sabia.

Fiquei na Esplanade em frente ao apartamento onde todos tínhamos vivido. Havia um carrinho de bebé na varanda e o casal que foi à porta era português e não percebeu o que eu estava a perguntar.

Até tinha arranjado coragem para ir tocar à campinha de Anne. Infelizmente, foi Jim quem foi à porta.

– Ela pôs-se na alheta e você pode fazer o mesmo.

Sabia que nem valeria a pena tentar com Doll.

– Às vezes pergunto-me se os nossos caminhos continuarão a cruzar-se sem que nós dêmos por isso, tal como acontecia antes – disse a Nash. – E se, um dia, no momento certo, voltaremos a ir um contra o outro...

– Oh, meu Deus, agora pareces saído de uma comédia romântica – exasperou-se. – Acho que estás a precisar de umas férias.

Por isso, não lhe contei que, sempre que apanhava o metro, ia na última carruagem, para poder ver as pessoas que entravam e saíam do comboio, não fosse dar-se o caso de Tess estar entre elas. Em todas as escadas rolantes em que me metia, fitava todos os passageiros que subissem ou descessem na direção contrária, em vez de me manter numa bolha de anonimato como todos os outros londrinos.

Tão-pouco referi que, recentemente, quando caminhava por Covent Garden, ouvi uma soprano e dei por mim a abrir caminho entre o público. Mas não era Hope.

Nem que, no último fim de semana livre que tivera, atravessara a Ponte do

Milénio uma dúzia de vezes, porque acordara nessa manhã a lembrar-me de Tess a dizer: «Diz-se que, se ficares aqui tempo suficiente, vais ver toda a gente que conheces. Ou será que isso era algures no Lake District?»

Quando o quinto aniversário do nosso encontro se aproximava, até comecei a considerar apanhar um voo para Florença e ficar junto ao coro de San Miniato al Monte, à espera de que ela aparecesse. Mesmo que não aparecesse, calculei, eu teria a possibilidade de experienciar a luz do sol ao sair para o terraço no exterior da igreja e a intensidade da alegria que sentira quando estivera com ela naquele dia.

Sentia a falta do seu sorriso estonteante que fazia com que o mundo parecesse prenhe de possibilidades fascinantes. Sentia a falta do campo de forças energéticas à volta dela que me animava sempre que a via. Sentia a falta do seu corpo esguio e incrível e da forma como ela se acabrunhava quando eu lhe dizia o quanto a adorava.

Julgava que o anseio diminuiria com o passar do tempo, mas, quando fechava os olhos à noite, via o seu rosto entusiasmado do outro lado da mesa da pizaria naquela primeira noite, dizendo-me: *«Acho que o acaso fortuito é tão romântico quanto o destino, pois quer dizer que há esperança para todos.»*

Viajar até Florença não seria nem destino, nem um acaso fortuito.

Tínhamos andado desencontrados durante toda a vida. A simples verdade era que, ao conhecermo-nos na casa dos trinta anos, tínhamos avançado demasiado nos nossos percursos individuais para termos uma possibilidade realista de continuarmos juntos.

Por isso, mantinha-me ocupado para sobreviver.

¹⁰ Anton du Beke é um dançarino e apresentador televisivo britânico. O jogo de palavras brinca com o tipo de dança «foxtrot» e um dos tipos de andamento equestre, o «trote». (N. da T.)

Capítulo 41

Quando fazia o turno noturno, aproveitava sempre a oportunidade para sair para uma corrida rápida no ar fresco durante as pausas, mas naquela noite a chuva era tão torrencial que o sistema de escoamento vitoriano de Londres não lhe fazia frente. As estradas à volta do hospital tinham-se transformado em rios. Os noticiários, que costumávamos ter em silêncio na sala de espera, mostravam água a descer a jorros pelos degraus das estações de metro.

Debaixo do telheiro da entrada das ambulâncias, o ar estava carregado de chuva e do choro das sirenes dos carros dos bombeiros. Eram três da manhã e as Urgências estavam bastante tranquilas, mas não passava da calma antes do rescaldo da tempestade nos atingir. Inevitavelmente, haveria vítimas, e ficaríamos mais atarefados justamente na altura em que a minha concentração começaria a dispersar-se. Eu sabia que tinha de fazer exercício se queria ter alguma hipótese de conseguir suportar a carga de trabalho.

Comecei por correr escada acima, escada abaixo, ao lado dos elevadores; mas depois, ciente do eco que faziam os meus passos, decidi antes fazer caminhadas energéticas pelos corredores de cada piso.

Longe do brilho constante das Urgências, os hospitais à noite podem parecer lugares sinistros. As luzes estavam no mínimo e o silêncio parecia profundo, ainda que, parando à escuta, se ouvisse o rumor de alguém a ressonar. Não me cruzei com viva alma, à exceção de um porteiro do hospital a empurrar a maca de uma mulher de meia-idade que eu tinha internado um pouco antes para ser operada depois de um raio-x.

Acho que julgou que eu tinha ido ver como ela estava, pelo que escutei o que lhe tinham dito até então, assentindo ocasionalmente com a cabeça e abrindo a porta para que passassem e, dado que não estava ninguém no balcão da receção, ajudei-o a empurrar a maca para o lugar que lhe fora atribuído, ao fundo de uma ala escura.

Despedi-me, fechei a cortina e ia sair atrás do porteiro quando o murmúrio de vozes femininas atrás da cortina da cama ao lado me fez estacar.

O sotaque era similar, mas não era ela, dei-me conta ao fim de uns momentos. Claro que não era.

Sem poder vê-las, calculei que a mais nova, que falava de uma forma tão parecida com Tess, fosse uma enfermeira a dar algum analgésico à ocupante da cama, que seria idosa e frágil.

– E agora que valor daria à dor? Se dez fosse o pior que alguma vez sentiu e zero a ausência de dor?

– Já não está assim tão mau – disse a mulher. – Diria um cinco, mais ou menos. Tive três filhos, sabe.

Muitas vezes, perguntava-me se haveria diferenças vastas na forma como as pessoas experienciavam a dor. A personalidade tinha influência. Alguns pacientes tendiam a minimizar os números, pois queriam parecer corajosos. Outros exageravam, se achassem que assim os atenderiam mais depressa. Mas quem sabia realmente o que sentia outra pessoa? Será que avaliar a dor de um a dez dava mesmo uma indicação útil, a menos que se soubesse um pouco mais acerca dos pacientes?

– Vou só medir-lhe a tensão arterial. Algum deles vive em Londres?

– Todos... A minha filha deve vir visitar-me amanhã. Tenho onze netos.

– Onze! E todos rapazes? Agora respire fundo, isso.

– Tive muita sorte, não tive? – perguntou a velhota.

A sua voz soava vazia, como se soubesse que não teria sorte durante muito mais tempo.

– Eu acho – respondeu a enfermeira.

– Onde é que está o meu telefone?

– Aí mesmo ao seu lado.

– Esse é o mais velho, quando se casou no ano passado.

– Que bem-parecido!

– O que está ao lado é o irmão. Ainda está disponível!

Riram as duas baixinho.

– Acha que já vai conseguir dormir?

– Sim, acho que fico bem.

Apercebendo-me de que a cortina estava prestes a ser puxada, o que talvez me obrigasse a dar algumas explicações, saí para o corredor em bicos de pés.

Era uma de cem pequenas conversas que a enfermeira teria tido naquele dia quando alguém idoso, ou mais jovem, precisava de uma arrastadeira, de que lhe mudassem um penso, ou simplesmente chamava por ter medo. Nas suas rondas, os médicos não assistiam com frequência àqueles encontros. O trabalho dos enfermeiros era repetitivo, cansativo e sujo, mas a sua capacidade de criarem relações imediatas permitia que os pacientes se sentissem humanos

num lugar onde eram privados de autonomia. Por vezes, os médicos até ficavam irritados por os enfermeiros perderem tempo a tagarelar. Eu próprio já caíra no erro de ter essa impaciência, mas agora parecia-me ofuscantemente claro que aquelas pequenas dádivas de amabilidade eram tão importantes como qualquer medicação para o processo de cura.

Tess sabia isso e talvez esse fosse o motivo pelo qual, por uma fração de segundo, eu julgara que era a sua voz que reconfortava uma pessoa carente do outro lado da cortina.

Olhei para o relógio que ela me tinha dado e vi que tinha de voltar para as Urgências. Enquanto me apressava a percorrer os corredores tranquilos e sombrios, dei por mim a pensar que o que importava na vida eram só os pequenos momentos de ligação que estabelecíamos com outro ser humano.

O prazer era a alegria efémera de se estar de braço dado a assistir a um pôr do sol, um sorriso culpado e cúmplice antes da primeira lambidela de um *gelato*, um beijo na Ponte Vecchio. A dor era um clarão da memória: a minha mãe no espelho retrovisor, a acenar com um avental com um pudim de Natal estampado; o rosto de Tess a contrair-se, incrédulo, da última vez que eu a vira.

Eu e Tess, mais do que quaisquer outras pessoas, deveríamos saber que o que contava eram os momentos, depois da nossa história de estarmos sempre a perder a oportunidade de nos conhecermos. Ela parecia aperceber-se disso instintivamente, mas eu tentara insistir numa continuidade que nunca seria alcançável por duas pessoas a aproximar-se dos quarenta anos, com vidas e obrigações estabelecidas. Eu tinha julgado que ela era a mais insegura, mas sempre fora eu.

O elevador desceu silenciosamente até ao piso térreo e depois as portas abriram-se para as luzes fortes e a atividade frenética.

A chuva tinha finalmente parado quando saí do trabalho de manhã. O parque por que eu passava, normalmente cheio de crianças aos gritos e a correr, transformara-se num lago silencioso. As ruas que costumavam estar apinhadas de mãos e dos seus carrinhos estavam desertas para as férias de verão.

Atalhei pelo mato ao lado da propriedade do concelho. Junto a uma fila de caixotes do lixo, um feixe de luz solar incidia numa única rosa cor-de-rosa que florescia em jeito de desafio num pobre arbusto, no meio de uma poça de pétalas. Era um detalhe de beleza em que eu nunca teria reparado antes de conhecer Tess.

O céu continuava carregado de nuvens ameaçadoramente cinzento-arroxeadas. Mas, quando olhei para as torres da City, vi um arco-íris refletido nas superfícies espelhadas.

De repente, soube que tinha de a encontrar, mais não fosse para que ela

soubesse que eu estava a tentar ser melhor pessoa por causa dela. Imaginei-me a contar-lhe, o seu rosto a iluminar-se com aquele lindo sorriso inocente. Precisava de ter esse momento, independentemente do que acontecesse depois.

Tess

Capítulo 42

Depois do voo para Dublin, apanhei um comboio na direção do oeste, até Galway, onde arrendei um apartamento minúsculo no pequeno subúrbio costeiro de Salthill. Na minha primeira noite, sentei-me num banco a comer batatas fritas num cartucho de jornal, a ver o pôr do sol espetacular e a ouvir um músico de rua ali perto a tocar músicas que o nosso pai nos cantava quando éramos pequenos.

Quando acordei no dia seguinte, tinha dormido tão profundamente que demorei um pouco a perceber onde estava. Ouvia gaivotas e via o sol a passar pela trama lassa das cortinas baratas.

Caminhei até à vila ao lado da foz do rio, parando para ver as casinhas pitorescas do outro lado.

Um par de cisnes deslizou a meu lado.

Dizia-se sempre que os cisnes acasalavam para a vida. Perguntei-me se haveria alguma escolha envolvida nisso. Para os seres humanos, os cisnes eram todos basicamente iguais, mas seriam mesmo uns para os outros? Haveria grupos de cisnes com tipos diferentes de classe, beleza e inteligência? Será que alguns cisnes eram mais divertidos do que outros? Haveria um momento de amor à primeira vista entre dois cisnes em particular quando se apercebiam de que tinham encontrado «o tal»?

A brisa ensolarada revolvía-me o cabelo. Dei por mim a sorrir. Atravessei a ponte, fui até à rua principal e comprei leite, saquetas de chá e uma sanduíche de supermercado.

O músico de rua que eu tinha visto na noite anterior estava ali fora. Tocava aquela canção dos The Script acerca de um homem que espera na esquina de uma rua a ver se a amante que conheceu ali voltará a passar. Sentei-me num banco a comer a minha sanduíche e, quando ele acabou, deixei-lhe um euro na caixa da guitarra. Sorrimos um ao outro. Ele tinha cabelo escuro e

encaracolado e uns olhos azuis que dançavam com provocação. Senti-me a corar, apesar de achar que devia ter cerca do dobro da idade dele.

Voltei a pé para casa e abri o portátil no Primeiro Capítulo.

Apaguei as palavras: *Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida.*

Depois escrevi: *Na cozinha lá de casa, havia um prato que a minha mãe tinha comprado numas férias em Tenerife, com o seguinte lema pintado à mão: «Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida.»*

Levantei-me e preparei uma chávena de chá. Depois voltei para o computador e continuei a escrever: *Nunca me tinha impressionado mais do que o troféu que o meu pai ganhara a cantar, ou o globo de neve que o meu irmão enviara de Nova Iorque, mas, naquele último dia de férias em Florença, parecia que não conseguia deixar de pensar naquilo...*

No início do curso que tinha feito na City Lit, a professora pedira-nos que visualizássemos a palavra inspiração e depois desenhássemos o que tínhamos visto. Eu esboçara rostos e objetos a flutuar à volta de um cérebro com mãos que tentavam agarrá-los.

Provavelmente mandavam-nos voltar a desenhar a mesma noção no final, para mostrar o quanto as nossas ideias tinham mudado. Eu não sabia, porque nunca terminara o curso.

Quanto mais escrevia, mais claro se tornava que a inspiração não provinha de alguma força externa. Em vez disso, parecia haver um processo de criação narrativa no meu cérebro, que sempre tinha estado a formar silenciosamente a história. Quase como se o meu romance sempre tivesse estado ali e escrever apenas o revelasse.

Sentia-me feliz todos os dias ao acordar e ir diretamente para o computador, sentada em camisa de dormir a digitar até me dar conta de que tinha os pés descalços e gelados. Tomava duche, preparava uma chávena de chá e recomeçava a escrever. A dada altura, normalmente por volta do meio-dia, já não conseguia escrever mais.

Decidi alugar uma bicicleta. A orla costeira de Connemara era composta por um padrão intrincado de enseadas, onde os limites do brejo e do mar eram praticamente indistinguíveis. Para o interior, uma cordilheira de montanhas cobertas de tojo impunha-se; para oeste, havia apenas a vastidão do oceano e do céu.

Parecia um lugar mágico, nem bem terra nem bem mar, um sítio onde eu ficava suspensa entre o passado e o futuro.

Lembrava-me de a minha mãe dizer: *Agora não há nada entre nós e a América!*

Não era bem assim, pois, nos dias límpidos, dava para ver os vultos escuros das ilhas de Aran, como uma família de baleias no horizonte.

A meio do caminho, ocorreu-me que um romance que eu concebera como uma história de amor acerca de duas pessoas, cujos caminhos estavam sempre a desencontrar-se, era igualmente uma carta de amor à minha mãe. Como se eu tivesse descoberto uma maneira de voltar a estar com ela, apesar de provavelmente estar a tentar descobrir uma forma de estar com Gus.

No dia em que acabei a primeira versão do romance, o tempo mudou. O nevoeiro era tão intenso que não conseguia ver nada pela janela. Decidi ir dar uma volta a pé e deixar a bicicleta.

Era aquilo a que minha tia Catriona teria chamado um «chuviscar», o que dava a impressão de se tratar de uma bênção e não de uma nuvem. Ocorreu-me que seria de bom tom visitá-la, já que me instalara no condado adjacente, mas mal tínhamos mantido o contacto desde que a minha mãe morrera. Não sabia sobre o que conversaríamos, e de maneira alguma iria falar-lhe da minha escrita. Ela sempre achara que o gosto da minha mãe pela leitura era frívolo.

Atravessei a ponte para Galway.

Nem sequer sei por que razão me deixei ir até à joalheria da rua principal, já que não era costume interessar-me por essas coisas, mas era um dia especial e eu queria assinalar a ocasião comprando um presente para mim mesma que me recordasse que, independentemente de como as coisas corressem, tinha conseguido aquilo que sempre quisera fazer: escrever um romance.

Na montra, o meu olhar recaiu num pequeno pendente de prata em forma de borboleta, num fio delicado. A empregada da loja ajudou-me a pô-lo ao pescoço. Continuei rua acima, passando pelo músico que, de tantas vezes ver, me parecia ser a única pessoa conhecida ali, ainda que nunca tivéssemos trocado uma palavra.

Ele estava a usar um daqueles chapéus de chuva que se prendem à cabeça e tocava uma jiga tradicional num banjo. Parei a ouvi-lo e depois pus-lhe um euro no estojo aberto.

– Tem pedidos?

– Conhece «I Will Love You», dos The Fureys? – perguntei.

– Ah, The Fureys!

Ele sorriu, sem que eu percebesse se por gosto ou diversão, ao dedilhar as primeiras notas evocativas, e fiquei a ouvi-lo, a tocar no pequeno pendente em forma de borboleta, com as lágrimas e a chuva a deixarem-me o rosto molhado.

– Posso convidá-la para tomar um café?

A canção tinha acabado, mas eu continuava perdida algures no passado.

– Porquê? – perguntei.

O músico encolheu os ombros e olhou para o céu. Chovia a potes. Éramos as únicas pessoas que continuavam na rua.

– Devia ser eu a convidar – apressei-me a dizer, não fosse parecer um pouco louca.

O café no cimo da rua estava a abarrotar. Pedi as bebidas quentes enquanto ele arrebatava uma mesa ao lado da janela embaciada.

– Niall – apresentou-se, estendendo uma mão depois de eu ter pousado a caneca à frente dele. Tinha tirado o chapéu com guarda-chuva. Era mesmo bem-parecido, com um ar muito celta.

Era de Dublin, contou-me, mas estava a tirar um mestrado em Estudos Gaélicos na universidade dali, e tocava para ganhar dinheiro para a cerveja. Quando me perguntou o que me levava até Galway, contei-lhe das férias em família quando era pequena e depois dei por mim a dizer:

– Na verdade, escrevi um romance.

Era esquisito dizê-lo a um desconhecido, como se dizê-lo o tornasse real.

Ele sorriu.

– Por acaso pensei que tinha pinta de escritora.

– Vá lá! Não sou mesmo escritora.

Era a primeira conversa presencial que eu tinha em semanas. Parecia que me tinha esquecido de como se fazia. Tentei explicar-lhe que ainda ninguém tinha lido o meu livro, pelo que podia ser uma porcaria. Ele disse que entendia.

Arqueei as sobrancelhas.

– Só porque quando componho canções me sinto nervoso quanto a cantá-las em público pela primeira vez.

– Bem, não devia – disse-lhe. – Porque tem uma linda voz.

– Obrigado – disse ele. – E você tem um lindo rosto.

Ele fitava-me do outro lado da mesa de uma forma que eu não esperava. Não me passara pela cabeça que o nosso encontro pudesse ser mais do que uma conversa. Ele era divertido e inteligente, e devia ser dez anos mais novo do que eu, pelo menos.

Desviei o olhar, dando-me conta de que éramos as últimas pessoas no café. A dona do café estava apoiada na esfregona, à espera que acabássemos.

Lá fora, a chuva tinha parado e as lojas já estavam fechadas. Estava a escurecer.

– Há um *pub* mesmo por ali, com música ao vivo – disse Niall, apontando para lá.

– É melhor eu ir voltando.

– Porquê a pressa? – Os seus olhos provocantes fitaram os meus.

Fiquei nervosa, com as faces subitamente muito quentes contra o ar frio.

Acordei na manhã seguinte com um braço dormiente por Niall estar a dormir em cima dele e o outro frio, porque ele me tinha roubado o cobertor.

Fiquei a vê-lo dormir, sentindo-me culpada sem saber bem porquê, já que éramos os dois adultos, não éramos? Ainda que eu talvez fosse um pouco... como dizia Doll? Uma velha devassa. Senti-me tentada a tirar uma foto àquele rosto bonito com o cabelo encaracolado espalhado sobre a almofada, para lhe enviar. Mas isso provavelmente iria contra a proteção de dados e a etiqueta do sexo casual, se era que tal coisa existia.

Quase ouvia Doll a exclamar: «Ó pra ela!»

Saí da cama e pus a chaleira ao lume, impaciente por que ele acordasse e se fosse embora.

Ele sentou-se quando lhe levei uma chávena de chá e puxou-me para si quando me sentei na cama, beijando-me com um hálito a cerveja e deixando bem claro que queria repetir a dose, o que era lisonjeador, mas eu tinha trabalho que fazer.

– Vejo-te logo à noite? – perguntou-me.

Eu nunca tinha ido para a cama com alguém por quem não estivesse apaixonada. Tudo aquilo me parecera um pouco tolo, na verdade. Tinha havido momentos em que dera por mim a esforçar-me por não me rir perante a seriedade da sua expressão, como quando ele estava a pôr um preservativo e no momento imediatamente antes de ele ter atingido o orgasmo. Mas era bom ser desejada.

– O problema é que já estou comprometida.

Pareceu-me a maneira mais fácil de me livrar dele. Ainda que não fosse realmente verdade, de certa forma era, porque eu tinha tentado desfrutar do momento fechando os olhos e imaginando Gus. Se bem que nem isso funcionara, porque Niall era muito mais peludo. Mas não podia dizer-lhe isso.

Demorei uma semana a reler o que escrevera, cortando partes à medida que ia avançando. Quando fiquei com uma versão com que estava satisfeita, não fazia ideia do que fazer a seguir. Queria alguém em cuja opinião eu confiasse, mas não me ocorria quem pudesse ser. Por nada deste mundo me poria novamente em contacto com Leo. Poderia enviá-lo à tutora de escrita criativa da City Lit, que se mostrara encorajadora, mas ela era capaz de achar que era preciso ter lata, depois de ter desistido da aula dela. Confiava na opinião de Shaun, mas não queria Kevin a ler excertos por cima do ombro dele e a fazer comentários mordazes. Ele gostava de se ver como o génio criativo da família.

Sabia que era suposto arranjar um agente literário, mas não fazia a mais pálida ideia de onde encontrar um. No Google, vi alguns que diziam para enviar três capítulos e um resumo. Não tinha a certeza de que os meus primeiros três capítulos fossem os melhores. Tentei escrever um resumo, mas era enfadonho descrever simplesmente o que acontecia em cada capítulo. Com

a confiança a desaparecer, perguntava-me se todos os escritores passariam por aqueles altos e baixos tão fortes.

Fui de bicicleta até uma pequena enseada na costa e apanhei um barco até à maior das ilhas de Aran, chamada Inishmore. Havia bicicletas para alugar quando se chegava. Eu estava mais forte, por pedalar todos os dias, e consegui ir pela estrada estreita que seguia entre campos do tamanho de cobertores cercados por muros de pedra solta até ao forte da Idade do Ferro, no extremo da ilha. Sozinha, no cimo dos penhascos negros e com o cabelo a ser soprado pelo vento, senti a mesma exaltação que me acometia em Siracusa, a de ser uma parte ínfima do vasto arco da história humana, o que, de certa forma, me fazia sentir simultaneamente humilde e livre.

Quando regressei à minha casinha, abri o portátil e vi que tinha recebido um *e-mail* de Sandy, que fora a primeira pessoa a instigar-me a escrever o romance.

Nada entre nós e a América, pensei.

Era quase como se eu a tivesse chamado do outro lado do oceano.

O *e-mail* trazia em anexo o seu artigo sobre santas do século iv. Demasiado cansada para ler um texto académico denso, fui diretamente para os créditos, como ela me indicava.

Havia citações e agradecimentos a muitas outras pessoas e, no fim da lista, dizia: *Estou em dívida para com a minha amiga Tess Costello, por ter feito incidir a sua luz particular sobre Santa Lúcia.*

Não se esqueça de me enviar o seu romance quando o acabar, dissera ela. *Santa Lúcia é a patrona dos escritores.*

O que tinha eu a perder?

Capítulo 43

Voltei a Londres na véspera dos meus exames e instalei-me no Premier Inn, ao lado do hospital. O quarto anónimo era um lugar transitório entre uma parte da minha vida e a seguinte, qualquer que viesse a ser.

Eu sabia que, se lhe telefonasse, Doll iria comigo à consulta, mas não queria dar-me a opção de colapsar, caso as notícias não fossem boas, o que é mais fácil de fazer com outra pessoa presente.

Tentei controlar as vezes que verificava a caixa de correio eletrónico. Nada.

Fiz análises de manhã e abri o *e-mail* assim que saí do departamento de flebotomia.

Nada.

Sentei-me no pátio do hospital, à espera de que as análises fossem processadas.

É costume haver um período de bom tempo no início de setembro, logo a seguir ao regresso às aulas, quando o ar está cheio de sol e se sente apenas um friozinho de inverno. Umas quantas rosas amarelas agarravam-se a arbustos descarnados, e uma única borboleta branca ia esvoaçando e pousando em cada uma delas.

Olhei para o céu. O reflexo do Sol nas torres de vidro da City fazia-o parecer ainda mais ofuscante.

Dei por mim a regatear com Deus.

«Se a Sandy gostar do meu romance, não me importarei se o cancro estiver de volta.»

Depois tornei a entrar para enfrentar o meu futuro.

Inspirei profundamente antes de empurrar a porta. Era o médico que tinha visto cinco anos antes, mas entretanto passara na especialidade. Além de uns quantos cabelos grisalhos, estava mais ou menos idêntico.

– Como está? – perguntou-me.

– Não é suposto ser o doutor a dizer-me isso?

Ele sorriu como se estivesse a pensar: «Oh, é ela outra vez.»

Fitou intensamente o computador, como se quisesse ter a certeza absoluta de que se encontrava no ecrã correto, e depois afirmou:

– No que me diz respeito, tem alta.

E depois levantou-se e estendeu-me a mão.

– Tem a certeza? – perguntei, agarrando-lha com firmeza até ele responder.

– Estou oficialmente livre de cancro?

– Tenho toda a certeza que é possível ter-se.

– Aceito isso.

O que era um pouco estranho, porque era o que as celebridades diziam sempre nos concursos, como se isso tivesse algum significado, quando na verdade não tinham escolha.

Por uma vez na vida, não tinha perguntas a fazer-lhe.

– Obrigada!

– Não tem de quê – respondeu. – Parabéns!

O que também era estranho, pois não se tratava de algo que eu tivesse feito. Na verdade, conforme pensei depois, provavelmente deveria ter agradecido à equipa por ter acertado no tratamento, mas acabei por concluir que isso poderia parecer impertinente.

Assim que saí do hospital, lamentei não ter pedido uma confirmação por escrito, ou não ter levado Doll para me servir de testemunha e repetir o que ele dissera.

Não fazia absolutamente ideia nenhuma do que se seguiria.

Então ouvi alguém a chamar-me e passos a aproximarem-se.

– Tess...

– O que estás aqui a fazer?

– Tinha de te ver.

– Como soubeste que era hoje?

– Sou médico. Telefonei para a secretaria e perguntei quando era a tua consulta.

– Lá se vai a confidencialidade clínica.

Aquilo não se parecia com nenhuma das conversas que eu imaginara que teríamos se alguma vez tornássemos a encontrar-nos.

– Como correu? – perguntou-me em voz baixa, com o rosto carregado de preocupação.

– Deram-me alta!

Os seus olhos azuis e dourados passaram de receio a encanto e depois encheram-se de lágrimas. Dei por mim a passar os braços à volta dele, a cheirar o seu maravilhoso odor fresco, a sentir o seu corpo a colapsar contra o meu, a esquecer por um momento que já não estávamos juntos.

– Está tudo bem, está tudo bem – disse-lhe, quando nos sentámos num dos bancos de madeira, ele com a cabeça encostada ao meu peito, eu a afagar-lhe o cabelo, o que parecia ser uma inversão de papéis.

Depois ele endireitou-se e agarrou-me na mão.

– Tess, eu tinha de arranjar maneira de te dizer, frente a frente, que lamento imenso toda a merda que fiz. O que disse foi mesmo errado. Amo-te e quero que saibas isso. Mesmo que nunca mais queiras ver-me, e vou respeitar isso em absoluto, se não quiseres...

Era como se ele só tivesse uma oportunidade e tudo o que queria dizer lhe saísse ao mesmo tempo.

Eu nem era capaz de processar o que estava a acontecer.

– Então e filhos? – perguntei-lhe.

– Isso não foi sincero. Nunca quis ter mais filhos.

– Então porque é que o disseste?

– Porque sou um idiota?

Não consegui evitar que as comissuras dos meus lábios se erguessem num pequeno sorriso.

Depois lembrei-me de que deveria estar muito mais zangada.

– Então e a Charlotte?

– Estou tão arrependido disso... eu e tu tínhamos acabado... – disse ele. – Foi só sexo. Mas não vai voltar a acontecer. Odeio... não, não a odeio, e tão pouco consigo ser-lhe realmente indiferente... Mas não a amo, Tess. Nem sequer sabia o que era amor antes de te ter conhecido.

Perguntei-me se deveria contar-lhe do que acontecera com Niall, mas decidi não o fazer. Não tinha qualquer importância. Antes, nunca tinha realmente percebido como era possível que o sexo não significasse nada.

Entreolhávamo-nos, espantados. Poderia ser mesmo assim tão simples?

– Fizeste-me tanta falta – disse Gus.

– E tu a mim.

Caminhar sob o arco para a rua azafamada de Londres pareceu-me tão surreal como aquela primeira vez que tínhamos saído juntos de San Miniato al Monte, cinco anos antes, mantendo um espaço cuidadoso entre nós, como que cientes de uma atração magnética que podia tornar-nos inseparáveis se nos aproximássemos um milímetro mais. Nenhum de nós sabia ao certo o que fazer a seguir.

– Como havemos de celebrar a boa notícia? – perguntou-me.

– Não me atrevi a pensar tão para a frente.

– E se almoçássemos no Savoy onde Monet costumava tomar o pequeno-almoço?

Eu nem acreditava que ele ainda se lembrasse disso, tantos anos passados.

– Acho que é preciso fazer reserva...

– Ainda bem que eu fiz, então – disse ele. – Não fosse dar-se o caso...

Tinha-me esquecido de como ele tinha jeito para fazer surpresas.

O primeiro toque passageiro e suave dos seus lábios fez com que correntes elétricas me percorressem o corpo. Ele recuou, inclinando a cabeça como que a pedir autorização, e depois desatámos a beijar-nos arrebatadamente no meio da rua, com gente a passar de um lado e do outro, até que um miúdo num *skate* nos gritou ao deslizar por nós:

– Arranjem um quarto!

A nossa mesa à janela tinha a vista que Monet pintara, mas não estava nevoenta como quando ele ali estivera. O Tamisa estava escuro como tinta; de vez em quando, um rasto de vapor riscava o azul do céu.

Gus pediu ostras e champanhe, mas eu sabia que o meu estômago não aguentaria tanta efervescência, pelo que pedi um empadão de carne e uma chávena de chá.

Depois vagueámos pela Ponte de Waterloo e pelo Southbank, conversando, ouvindo e por vezes parando para nos beijarmos. Atravessámos o rio na Ponte do Milénio, detendo-nos a meio para ver a vista até à Ponte da Torre de Londres.

Estava um par de cisnes na água plana junto à margem.

– Diz-se que acasalam para a vida – comentei.

Gus deu-me a mão e apertou-a.

– Parece-te que às vezes os cisnes acham certos aspetos do seu companheiro difíceis, depois do período inicial da lua de mel, e se perguntam se serão mesmo compatíveis? – perguntei. – Será que às vezes atiram coisas imperdoáveis uns aos outros no calor do momento, quando se sentem encurralados ou assustados? Ou será que nem sequer pensam nisso, porque estarem juntos é muito melhor do que estarem separados?

Gus

Capítulo 44

O momento exato da chegada do *e-mail* da sua amiga Sandy foi muito importante para Tess. Devia ter chegado enquanto estávamos a almoçar no Savoy, embora ela não o tivesse visto até à manhã seguinte, quando olhou para o telemóvel pela primeira vez desde que nos reencontrámos.

– Eu estava a tornar-me independente antes de termos ido viver juntos, apesar de na altura não o saber – disse ela depois.

Tess sempre tinha estado mais incomodada do que eu com a diferença entre as nossas finanças.

– Isso é porque és tu que tens dinheiro – dizia ela sempre que o assunto vinha à baila.

Sandy escreveu-lhe que tinha adorado o romance e perguntou-lhe se poderia partilhá-lo com uma amiga que era editora numa editorial de Nova Iorque.

Tess ficou extasiada com a reação de Sandy, mas, ao fim de uns dias, as dúvidas começaram a assolá-la, deixando-a receosa de que a editora nova-iorquina tivesse odiado o livro.

Eu sentia que estava constantemente a conter a respiração, pelo que não imagino como seria para ela. Depois, de súbito, as coisas começaram a avançar muito rapidamente. A editora de Nova Iorque leu o romance e disse que queria fazer uma proposta. Tess arranjou coragem para telefonar a uma agente britânica, que respondeu que o leria naquela noite e se encontraria com ela no dia seguinte. Foi assinado um contrato nos EUA antes de haver um leilão entre editoras no Reino Unido, uma das quais ofereceu um valor de seis dígitos para contratar dois livros.

– Mas tu só escreveste um, não foi? – perguntei.

– Sim, mas eles querem assegurar-se de que não vou para outra editora se este for um sucesso. Nem acredito que estou a dizer isto!

– Estou tão orgulhoso de ti! Não que tenha tido alguma coisa que ver com isso...

– Acho que se pode ficar orgulhoso de alguém sem se ter nada que ver com o assunto – disse Tess. – Mas devia mesmo haver uma palavra diferente para esse tipo de orgulho, porque é como ficar-se feliz por outra pessoa e é ainda melhor porque a conhecemos. A minha mãe é a única pessoa que poderia sentir-se mesmo orgulhosa, porque foi ela quem me ensinou o amor aos livros, mas, se ela ainda fosse viva, sabe-se lá se eu o teria escrito.

Ela estava nervosa quanto a deixar-me lê-lo, dizendo que provavelmente não faria o meu género, mas, quando finalmente tive autorização para o ler, percebi que não era essa a verdadeira razão.

– É como voltar a conhecer-te de novo – disse-lhe eu. – Havia tantas destas coisas que eu não sabia acerca de ti.

– Não sou eu, é uma personagem fictícia...

– Bem, tenho de dizer que o tipo se parece muito comigo.

– Achas mesmo? – perguntou Tess.

– Porque é que isso te surpreende?

– Nunca se sabe o que vai na cabeça de outra pessoa.

Ela espreitou pela janela, sem conseguir olhar para mim enquanto perguntava:

– Gostaste?

Havia uma inocência infantil na pergunta que me trouxe à memória a pergunta: *Gostas de me ouvir cantar*, de Hope.

– Adorei!

– Mas o que é que adoraste?

– Bem, dás vida às personagens. Não é demasiado sentimental...

Estava a ver que me arriscava a ter um Satisfaz em crítica literária. Aqueles eram comentários genéricos que podiam aplicar-se a muitos livros. Tentei definir ao certo o que tinha a sua escrita que me agradava, e ocorreu-me que era exatamente o mesmo que gostava nela:

– Adoro a forma como tornas milagrosas coisas corriqueiras.

O sorriso.

– Algum reparo?

– Bem, a única coisa é...

O sobrolho franzido dela indicava-me que talvez a minha opinião não fosse tão bem-recebida quanto o sugerira.

– A única coisa é o título.

– O que é que tem de mal?

– *És o Tal* parece-me só um bocado parolo.

– Como achas que devia chamar-se, então?

– Talvez *Sinto a Tua Falta*?

Capítulo 45

O divórcio de Charlotte e Robert estava a ser um processo agreste. Não obstante ele ter acedido a dar-lhe a casa de Genebra, ela parecia determinada a fazê-lo ceder mais.

– Eu desenraizei tudo por ele, a educação das nossas filhas, tudo – disse-me, quando estávamos a falar de como dividiríamos o Natal, como se eu fosse parte desinteressada que devesse comungar do seu ultraje.

– Bem, as meninas parecem ter-se adaptado bem – comentei.

– Não dirias isso se visses a Bella estes dias – replicou, rejeitando qualquer tentativa de conciliação, como sempre fazia e como eu sempre me esquecia que ela fazia.

– A Bella recusa-se a apanhar um avião e proíbe-me de aumentar a minha pegada de carbono, voando para a ver só por uns dias – protestei. – O que me torna bastante difícil ir aí, pois não posso propriamente meter umas férias prolongadas no Natal.

– Suponho que tenhas planos com a Tess?

– Sim.

Seguiu-se um longo silêncio, como se ela esperasse que eu pedisse desculpa, me explicasse ou lhe dissesse que isso não era da sua conta. Para variar, não lhe fiz a vontade.

– Bem, por amor da santa, não compres à Bella nada que não seja sustentável. Parece que vivo com a Gestapo do plástico. Agora até sapatos veganos exige! – exclamou, antes de desligar a chamada.

Na verdade, eu e Tess não tínhamos planos. Ela viajara tanto naquele ano que dizia que nunca mais queria voltar a entrar num avião. Aproveitámos para descobrir novos recantos de Londres, como o caminho à beira de Regent's Canal, onde este emerge de um túnel em Islington e de repente nos deixa

numa paisagem aguacenta e industrial que parece ser um mundo diferente do das elegantes ruas residenciais lá em cima.

Tate Modern ficava a apenas quinze minutos a pé do apartamento, pelo que por vezes íamos ver um ou outro quadro e depois nos sentávamos na esplanada da Sala dos Membros a contemplar o Tamisa.

Em Bermondsey, com as suas docas e ruas vitorianas degradadas entretanto ocupadas por butiques de artesanato, Salvatore e Stefania tinham aberto um segundo espaço do seu restaurante, Piattini.

– Estás a ver, eu gosto de comida de restaurante, quando é deliciosa! – disse-me Tess.

Uma das poucas desvantagens de viver com ela era o seu desinteresse pela comida. Durante os meses em que tínhamos estado separados, ela parecia ter-se tornado ainda menos aventureira, enquanto eu passara a depender de *takeaway* de comida indiana e tailandesa depois de longos turnos no trabalho.

– Não gostar de comida picante não é um defeito de carácter, Gus! – informou-me, quando me queixei de que a sua dieta era demasiado bege, toda feita de puré de batata e tostas de queijo.

Esse era o único desentendimento numa relação que me deixava mais satisfeito do que alguma vez estivera. Passar as noites longas e frias no nosso apartamento quente e vazio, fazer amor sempre que nos apetecia, trazia-me reminiscências daquela altura especial em que a neve chegara à Sicília.

Estávamos mais felizes quando éramos só os dois em casa, sem nada que fazer. Desde que ela tinha regressado que eu reparara que usava sempre um fio com uma pequena borboleta de prata. O pendente brilhava como um diamante quando a luz lhe incidia. A sua curiosidade animada natural por vezes fazia-me lembrar uma borboleta a esvoaçar num prado, poisando por um segundo numa flor antes de voar até outra fonte de néctar. A última coisa que eu queria fazer era aprisioná-la, mas por vezes era maravilhoso vê-la assentar, o que me oferecia um momento para observar a sua beleza iridescente.

Pensar noutro romance assustava-a. Talvez ela se sentisse menos pressionada se não tivesse havido tanto sururu à volta de *És o Tal*, mesmo antes de ter sido publicado.

– É claro que não faz mal fazer uma pausa – tinha-lhe dito a agente. – Mas não deixe passar demasiado tempo. É mesmo importante aproveitar a onda.

– Tenho a sensação de que pus toda a minha vida naquele romance – admitiu Tess. – Se calhar aquilo era tudo do que sou capaz.

– Tenho a certeza que não – respondi, pensando que era peculiar que, ao concretizar a sua ambição, parecesse mais insegura do que nunca.

Assim que o adiantamento dos primeiros editores lhe chegou à conta

bancária, permitiu-se pequenas extravagâncias pela primeira vez na vida. A primeira coisa de que se lembrou foi de transferir dinheiro suficiente para que Brendan comprasse o pequeno piano de cauda que Hope sempre quisera para o Natal. A segunda foi levar Doll a passar um fim de semana num hotel com *spa*.

Enquanto ela estava fora, eu comprei uma árvore de Natal de dois metros e meio no Columbia Road Market e gastei uma pequena fortuna na Heals em luzes e bolas de vidro. Não enfeitava uma árvore desde que as minhas filhas eram pequenas. Nesses tempos, tinha tido de dar lugar de destaque a ornamentos de cartão e purpurinas, ainda pegajosos de cola, que elas traziam para casa da creche, resistindo ao meu impulso ligeiramente obsessivo-compulsivo de reorganizar a colocação assimétrica dos enfeites.

Desta feita, decorei a árvore com montes de luzinhas brancas, globos perfeitamente equilibrados em tons de dourado, prateado e bronze, sem fitas garridas e metalizadas a adornar os ramos mais baixos, apenas fios cintilantes de lâminas prateadas suspensas como pingentes de gelo frágeis dos ramos fragrantes de pinheiro.

Tess era a pessoa que mais gosto dava surpreender, porque nunca tinha desenvolvido o filtro para o entusiasmo que a maioria dos adultos tem.

– É tão mágica, Gus. Mal posso esperar por mostrá-la à Hope!

No dia de Natal, quando ligámos por *Skype* à família de Brendan, tínhamos a câmara do computador apontada à árvore.

– Árvore de Natal, Hope! – anunciou Tess. Hope mostrou um sorriso súbito. – Como foi o teu dia? – perguntou Tess, porque na Austrália já estava a anoitecer.

– Em vez de peru e salsichas pequenas, fizemos um churrasco com camarões e salsichas grandes, porque aqui é verão.

– Bem, isso parece bom. Diz Feliz Natal ao Gus!

Tess virou o ecrã para o meu rosto aparecer também.

– Feliz Natal ao Gus! – exclamou Hope. – Queres que te cante?

– O Natal não seria Natal sem uma canção da Hope.

– *O burrinho a galopar...*

Até Hope ter entrado na minha vida, eu nem conhecia aquele cântico em particular. Na escola preparatória, cantávamos «Once in Royal David's City» e «Adeste Fideles». No colégio interno, uma das minhas tentativas patéticas de rebeldia consistia em não cantar hinos de todo. Na casa dos meus pais, o Natal sempre me parecera um ritual desprovido de alegria que tinha de ser realizado.

Agora, envolvido pela pureza cristalina da voz de Hope, com a árvore de Natal reluzente atrás de nós, olhei para o rosto radiante de Tess no painel do nosso ecrã e, apenas por um instante, não reconheci a pessoa sorridente que estava a seu lado.

Tinha de trabalhar na véspera de Ano Novo. Acho que ambos estávamos determinados a não recordar o que acontecera no ano anterior. Quando voltei para casa pouco depois das oito da manhã, tentei fazer o mínimo barulho possível, partindo do princípio de que Tess estaria a dormir; mas fui recebido com uma chuva de confetes de festa, um copo de champanhe gelado e o cheiro de *bacon* a fritar.

– Tens de admitir que as minhas sanduíches de *bacon* são melhores do que as tuas – disse ela. – Sabes, tudo se resume à qualidade do pão. – Tinha-se posto a imitar a minha seriedade de *foodie*. – Para uma sanduíche de *bacon* realmente boa, o que é preciso é o pão mais pastoso e industrializado que se consiga encontrar, do género que se achata como uma folha de papel quando é pressionado para se cortar uma sanduíche ao meio. Em Londres, é praticamente impossível comprar outra coisa que não seja pão de massa velha orgânico e cozido em forno de pedra, mas, por sorte, consegui encontrar um raro pacote de pão de forma fatiado na loja da esquina.

Não pude deixar de reparar que ela só comeu um pedaço.

– O champanhe deixa-me sempre maldisposta – disse-me.

Como não estava habituada a ter um trabalho que a mantivesse em casa sozinha o dia inteiro, Tess decidiu fazer voluntariado no clube de atividades de tempos livres escolares Early Years, pelo qual eu passava todos os dias. Isso dava-lhe estrutura ao dia e a sua experiência como assistente de professor quando Hope era pequena era altamente valorizada. Tess tinha uma autoridade inata com crianças pequenas, mas era o seu riso e o seu interesse que as fazia reagir de uma forma tão encantada.

Certa tarde, passei por lá a caminho de casa e pus-me em bicos de pés para espreitar pela janela. Ela estava sentada numa roda com cinco crianças, a cantar «As Rodas do Autocarro». Na versão que as minhas filhas tinham aprendido no grupo de mães e bebés no qual eu era o único pai, tinha praticamente a certeza de que os bebés no autocarro gritavam e as mamãs tagarelavam. Mas, na versão de Tess, os bebés «dormiam, dormiam, dormiam» e as mamãs «liam, liam, liam».

Enquanto a espreitava ali, engoli a mágoa pelos filhos que nunca teríamos e, quando ela deu por mim a vê-la, o seu rosto passou de curiosidade a entendimento antes de tornar a concentrar-se no último coro.

– Se quiseres, podemos pensar em acolher crianças – disse ela, interrompendo o silêncio que se prolongava quando nos dirigíamos para casa, confirmando que me adivinhara os pensamentos. – Há tantos miúdos a precisar de um lar. Só que se calhar já somos um bocadinho velhos e...

Apertei-lhe a mão, pois não queria que ela completasse aquela frase.

– Sinto-me perfeitamente feliz sendo só nós os dois – garanti-lhe.

Capítulo 46

Primavera de 2019

Era o ano dos nossos quadragésimos aniversários e eu percebi que Tess estava a planear algo quando, como quem não quer a coisa, me pediu que não marcasse nada para o fim de semana do seu.

Quando lhe levei uma chávena de chá ao quarto de hóspedes que ela usava como escritório, entrevi no seu ecrã a cúpula icónica de Santa Maria dei Fiori, em Florença, antes de ela se apressar a fechar o portátil.

– Estou só a verificar uns pormenores para a revisão – disse, incapaz de olhar para mim quando mentia.

E ficou a ver-me até eu sair antes de regressar à secretária.

Era a quarta-feira antes do fim de semana prolongado e Tess ainda não tinha revelado o seu segredo.

Estávamos a assistir a um programa de televisão quando Charlotte me telefonou.

– A escola está a ameaçar expulsar a Bella – contou-me.

– O quê? – Levantei-me do sofá e fui até à área da cozinha, de costas para Tess.

– Sabias que ela andava a faltar às sextas, por causa dos protestos para exigir ações contra as alterações climáticas?

Bella tinha referido isso. De certa forma, eu sentia-me orgulhoso por ela, com doze anos apenas, ser tão dedicada aos seus ideais.

– Por favor, não contes à mãe – implorara-me.

Eu optara pela saída fácil.

Agora percebia que isso tinha sido estúpido e desleal. Charlotte tinha todo o direito de estar zangada.

– Suponho que não tenhas ficado preocupado com o que ela poderia andar a fazer às sextas, em vez de ir às aulas? – perguntou-me então.

– Imaginei-a sentada à porta da escola com um cartaz.
– Por acaso não a encorajaste a grafitar os portões e a deitar-se em frente ao carro da diretora, não?

– Não, claro que não!

– Foi suspensão. E agora está a fazer greve de fome.

– Duvido que isso vá durar muito, tendo em conta o quanto gosta de piza.

– Por amor de Deus, Gus! – berrou Charlotte do outro lado. – A diretora convocou-nos para uma reunião amanhã de manhã.

– Não é uma boa altura para mim – disse-lhe, olhando de relance para Tess, que me fitava de cenho carregado.

– Por estranho que pareça, também não se encaixa propriamente nos meus planos – ripostou Charlotte. – Por isso, não vou. Pura e simplesmente, não estou preparada para enfrentar mais humilhação. Se queres que a Bella continue numa escola onde se dá bem, onde tem amigos e que custa uma fortuna para a qual tu nem sequer contribuis, sugiro-te que apanhes o primeiro voo que saia daí amanhã de manhã.

– Mas a escola nem sequer me conhece – protestei.

Ela já tinha desligado.

– Vai! – disse Tess, de imediato. – É melhor resolveres isso depressa, antes que se torne um finca-pé.

– Tens a certeza?

– O único problema é que temos um voo marcado para amanhã.

– A sério?

– Já sabias?

– Bem, disseste-me para tirar o fim de semana...

– Adivinha onde vamos! – exclamou, já desejosa de partilhar os pormenores.

– Paris? – atirei, pois não queria estragar outra revelação.

– Queres ir a Paris? – perguntou-me, com um ar preocupado.

– Nem por isso.

Ela sorriu.

– Não é Paris. É um sítio muito especial para nós...

Ainda pensei se deveria tentar outra cidade ou simplesmente decidir-me pela que estava certo de que seria, já que me parecia que a minha representação não era assim tão convincente.

– Não é Florença, pois não?

– Como é que soubeste? – Agora tinha ficado um pouco arrelviada.

– Florença será sempre o nosso lugar mais especial, não será?

– Vai ser Florença como nunca a viste – disse-me, cheia de entusiasmo. – Sabes quando lá fui pela primeira vez, com a Doll? Apanhámos um autocarro na estação até ao parque de campismo e fizemos uma rota panorâmica,

passando por uma data de *villas* incríveis. Lembro-me de ter ficado a pensar que tipo de pessoas viveria ali. Então, acontece que agora uma dessas *villas* é um hotel de cinco estrelas. O que quer dizer que podemos ser essas pessoas, pelo menos por um fim de semana. Parece tão lindo. É como estar num palácio no campo, mas com uma paragem de autocarro ali ao lado, pelo que podemos ir ao centro da cidade em cinco minutos, se quisermos!

Sorri, sem querer fazê-la ver que um hotel de cinco estrelas deveria ter o seu próprio serviço de *transfers* até ao *centro storico*.

– Florença não fica assim tão longe de Genebra, pois não? – perguntou. – Quero dizer, podes ir lá ter comigo depois de resolveres isso da Bella. Também não seria típico de nós chegarmos ao mesmo tempo a um determinado lugar.

Senti-me grato por ela tornar aquilo tão fácil.

Antes de termos voltado a ficar juntos, eu tinha pensado muito acerca do que isso implicaria, sabendo que não poderia eliminar as partes dela que não me agradavam tanto, como a sua devoção totalmente abnegada a Hope, ou os seus ciúmes de Charlotte. Teria de me comprometer com tudo o que Tess era durante todo o tempo em que ela me quisesse.

Acho que ela sentia o mesmo. Ainda lhe custava quando eu falava com Charlotte, mas ambos tínhamos tomado a decisão de aceitar e confiar um no outro.

Curiosamente, isso dava-me uma sensação de liberdade e não de obrigação.

Capítulo 47

Bella estava na fase dos quilos e borbulhas a mais do início da adolescência, pela qual Flora nunca passara. As roupas que usava pareciam ser uns tamanhos abaixo do seu e os botões da sua camisa estavam em esforço sobre o peito em crescimento. A mulher que seria ainda estava escondida na crisálida adolescente, mas a criança que continuava a ser não se coibiu de me saltar para os braços.

Quando nos aproximámos da escola, reparei que havia tinta branca fresca nas paredes, sem disfarçar por completo os sítios onde ela graficara o símbolo XR₁₁.

- Lamento que a mãe te tenha obrigado a vir.
- Não te preocupes.
- Preocupo, sim! Pensa na pegada de carbono! – exasperou-se ela.
- Como é que vão as coisas, além dos protestos? – perguntei-lhe, enquanto esperávamos nas cadeiras duras em frente ao gabinete da diretora.
- Esse é o problema da vossa geração! Açam que as alterações climáticas estão separadas do resto da vida.
- Bem visto.

Perguntei-me como raio iria fazer de intermediário com a diretora, dado que a minha filha parecia ter argumentos perfeitamente válidos.

- A mãe está sempre zangada – disse Bella, respondendo à minha pergunta. – A Flora está sempre com o namorado.
- A Flora tem namorado?
- Nenhuma delas quer saber do planeta. Açam que sou uma chata. Fitava o chão, tristíssima.
- Eu não te acho chata. Estou orgulhoso de ti, na verdade.
- Estás mesmo, papá?
- Estou. Mas não me parece que entrases em greve de fome vá ser muito

útil pela causa.

– Eu só disse isso porque achei que não me expulsariam se eu estivesse a morrer de fome do outro lado do portão.

A diretora da escola era uma mulher impressionante mais ou menos da minha idade e que teria obviamente enfrentado problemas muito mais sérios do que uma ecoguerreira de doze anos.

– Esta escola está comprometida a promover a consciência ambiental dos jovens. Porém, fá-lo através da via mais ortodoxa de ensinar os cientistas do futuro. Não podemos apoiar faltas, vandalismo ou que os estudantes se ponham em perigo, bem como a outras pessoas.

– Claro que não – concordei.

Bella parecia horrorizada por eu me limitar a concordar com a sua expulsão. Imaginei que aquela fosse exatamente a reação que a diretora procurava.

– Dado tratar-se de uma primeira infração, e sabendo eu que as tuas intenções são admiráveis, Bella, estou disposta a permitir que protestes pacificamente junto ao portão da escola à sexta-feira durante a hora de almoço, mas apenas, e tenho de enfatizar o seguinte, apenas quando vir uma melhoria considerável nas tuas notas de ciências. Parece-te razoável?

Bella, apanhada de surpresa ao ser levada a sério, desfez-se em lágrimas.

– Agora podes juntar-te à tua turma.

– Não posso passar o dia com o meu paizinho, que teve de vir de Londres?

– E se eu viesse buscar-te depois das aulas? – apressei-me a propor, pois não queria abusar da sorte.

A diretora levantou-se, apertou-me a mão e agradeceu-me a presença. Disse-lhe que faria os possíveis por participar nas futuras reuniões de pais.

Ao sair do gabinete dela depois de uma reunião que durara menos de dez minutos, não pude deixar de sentir que tinha sido arrastado até Genebra sob falsos pretextos. O stresse do divórcio de Robert estava obviamente a afetar Charlotte. Precisávamos de discutir formas de partilhar mais equitativamente as responsabilidades pelas nossas filhas.

Telefonei a Tess, que tinha aterrado sã e salva em Florença, e expliquei-lhe a situação. O meu voo partia na manhã seguinte. Eu chegaria por volta da hora do almoço.

– Vais adorar isto – disse ela. – Tem os maiores lustres que alguma vez vi e o nosso quarto tem tetos pintados e um jarrão enorme de lírios cor-de-rosa muito perfumados. Nem tenho de sair, porque sinceramente parece que estou num conto de fadas.

A casa que era o lar das minhas filhas tinha árvores à volta de três lados,

com o quarto a dar para uma piscina na direção do lago. Nas paredes da vasta sala de estar, reconheci um par de telas grandes de Peter Doig, um artista cujas obras eu sabia terem sido recentemente vendidas por mais de dez milhões em leilão. Perguntei-me se fariam parte das negociações do divórcio.

Blessing, a governanta, partilhava um anexo na propriedade com o marido, que cuidava do jardim. Ela ocupava-se de todas as necessidades práticas, incluindo cozinhar-nos um bufete a que Charlotte chamava «ceia na cozinha». Servimo-nos de travessas dispostas ao longo da ilha que separava a cozinha de uma área de refeição. Eu e Charlotte sentámo-nos cada um a uma cabeceira de uma mesa de madeira, com Bella de um lado e Flora e o namorado, François, do outro.

Eu estava fascinado a observar o primeiro homem que cativara o coração da minha filha mais velha, em cuja presença ela perdia o sangue-frio e se tornava alternadamente risonha ou veneradora. Esperava um *playboy* de fato italiano feito à medida e sapatos sem meias, pelo que fiquei surpreendido ao deparar-me com um rapazinho francês de dezassete anos que usava óculos, tinha a testa ainda marcada por acne e claramente se considerava um intelectual.

François era o líder da equipa de debate da escola e tinha em vista um curso de Ciência Política e uma carreira na União Europeia. O seu inglês não era tão bom quanto ele julgava, pelo que todos falávamos em francês, com Charlotte a protestar quando ele usava o tratamento formal «vous» depois de já lhe ter pedido para ele a «tutoyer».

– Por favor, isso faz-me sentir que tenho cem anos! – exclamou com uma pequena risada que esmoreceu quando François encolheu os ombros, como que a dar a entender que ela era tão velha que até podia ter essa idade.

Quando Bella explicou o que a diretora dissera, François decidiu explicar que a mudança só seria alcançada através de acordos internacionais e não pelo ativismo. O veganismo de Bella era ingénuo, declarou, porque havia mais desflorestação da floresta brasileira para produção de soja do que para a criação de gado.

– Por favor, não lhe dêis mais motivos para não comer proteína – disse Charlotte, com um bocejo histriónico.

– Por isso, mais vale que comas um *Big Mac* – atazanou-a Flora.

– Parem! – gritou Bella. – Era disto que eu estava a falar, papá. A Flora e o François criaram um comité *anti-bullying* na escola, mas estão sempre a virar-se contra mim!

– Sinceramente, não aguentas uma piada? – insurgiu-se Flora.

– Os veganos não são conhecidos pelo seu sentido de humor – comentou Charlotte, piscando o olho a François, que franziu o sobrolho, claramente pouco habituado a ser namoriscado por progenitores.

Bella levantou-se e atirou o guardanapo para cima da mesa, com os olhos a arder de indignação moral.

De repente, eu estava de volta a casa dos meus pais. Ross a dar-me pontapés sem parar debaixo da mesa, a menosprezar tudo o que eu dizia, enquanto a minha mãe o mirava com um ar de adoração e o meu pai a avisar-me que teria de fazer melhor do que gritar *Para!*, se queria sobreviver no mundo.

– Na verdade, eu concordo com a Bella – dei por mim a dizer. – Isto é *bullying*.

Todos se viraram para mim, especados.

– Falar é fácil. A Bella age em conformidade com o que diz. Além disso, parece-me que teremos de concordar que a maior parte da produção de soja se destina ao consumo pelo gado bovino e não por humanos, por isso, quem é que está a ser ingénuo?

Eu tinha lido alguns artigos sobre alterações climáticas para ter algo de que falar com Bella. Tanto quanto me era dado a ver, aquilo em que ela acreditava era incontroverso. Quem não tentasse pelo menos ajustar o seu consumo ou era preguiçoso, ou estava em negação.

– Quem me dera que vivesses aqui, papá – disse Bella num tom triste.

Flora ficou calada.

O namorado, tentando recuperar o orgulho, avançou:

– O senhor apresenta uma perspetiva interessante.

– O François não é um chato de primeira? – comentou Charlotte em voz alta quando o rapaz se foi embora, levando Flora a correr de novo até à porta da rua para se assegurar de que ele já se tinha afastado na sua bicicleta sem ouvir, antes de desembestar para o seu quarto.

– Melhor do que um ricalhaço do *jet-set* com um *Porsche* e o bolso cheio de coca.

– Achas? – replicou Charlotte, sem estar completamente a brincar.

– Não é quem eu teria imaginado como primeiro amor da Flora, mas parece-me bastante inócuo.

Charlotte acendeu um cigarro.

– A casa é minha – disse em resposta à minha sobrancelha arqueada, e depois atirou-me o maço.

Eu não fumava desde a última vez que a tinha visto. Ia tirar um quando me lembrei onde tinha levado essa pequena transgressão.

– Quem foi o teu primeiro amor? – perguntou Charlotte, exalando um anel de fumo perfeito.

Passou-me pela cabeça uma imagem de Tess com dezoito anos, a contemplar o mosaico dourado na abside de San Miniato al Monte, mas nessa

altura eu não sabia que ela seria o meu primeiro amor.

Com a idade de Flora, a única experiência que eu tinha com o sexo oposto era uma fila de raparigas a usar sombra de olhos azul-clara todas juntas do outro lado do átrio da escola-irmã da nossa, no baile a celebrar o fim dos exames da secundária, enquanto eu e Marcus nos perguntávamos como será que se fazia as coisas avançar depois de se dançar sensualmente ao ritmo de «África», dos Toto.

– Não tenho a certeza – respondi.

– Pensava que tinha sido *eu!* – disse ela.

Não percebi bem se o seu tom era de gozo ou de ofensa.

Da primeira vez que lhe pusera a vista em cima, ela estava de biquíni branco numa espreguiçadeira ao lado da piscina aquecida que o meu pai acabara de instalar no jardim. A namorada incrivelmente *sexy* de Ross.

– Desejei-te. Mas nunca te amei e tu nunca me amaste.

– Não? – perguntou ela, ligeiramente melancólica.

Ela conseguia sempre criar um tremor de terra debaixo dos meus pés quando eu julgava que estava em terreno seguro. De súbito, o ambiente ganhou vida com perguntas que eu decerto não iria fazer.

– Lembras-te da nossa primeira vez? – perguntou-me.

– Lembro.

– Não suponho que...

– Não! – atalhei de imediato.

No silêncio que se seguiu, quase esperei que ela me acusasse de inferir algo que de facto não tinha sido proposto, mas, em vez disso, ela limitou-se a ficar a fitar o chão.

Naquele espaço vasto, parecia pequena e frágil.

– Não é que não continues muito atraente – disse-lhe, atabalhado como um adolescente.

– Continue? – repetiu. – Meu Deus! Agora é que me sinto mesmo com cem anos!

Atirou a cabeça para trás como que para fazer as lágrimas voltarem para dentro dos olhos.

– Sê honesta, Charlotte, a única razão para me queres agora é por não poderes ter-me.

– É?

Eu não podia responder àquilo e não ia cometer o erro de tentar.

– Uma vez disseste que farias qualquer coisa para estar comigo.

Isso era verdade. Estava desesperado a pensar que ia perder a minha família. Mas tinham-se passado quase dez anos e eu conhecera Tess.

– As meninas já estão quase crescidas – disse-lhe.

– As meninas! Então e eu?

– Charlotte, tu deixaste-me – repliquei, a sentir necessidade de uma confrontação com a realidade.

– E tu agora estás a vingar-te?

– Não estou, nada disso. Só amo outra pessoa.

O tremor de terra abrandou e o solo voltou a ficar mais estável sob os meus pés.

– Tenho a certeza de que encontrarás alguém – disse-lhe.

– Não tão bonzinho como tu. – Fungou.

– Mas tu não queres alguém bonzinho.

– Acho que deves ter razão.

Olhou diretamente para mim e sorriu.

– És muito bem-vindo, se quiseres passar o fim de semana na suíte de hóspedes. As meninas iam adorar.

– Obrigado, mas já devia estar em Florença. A Tess faz quarenta anos.

– Oh, por amor da santa, Gus. Já devias ter dito! Agora é que estou mesmo a sentir que fui uma cabra.

¹¹ Do movimento Extinction Rebellion ou, em português, «Rebelião da Extinção». (*N. da T.*)

Capítulo 48

– *La signora* foi dar um passeio – disse o rececionista no átrio opulento do Villa Cora. – Disse que saberia onde encontrá-la.

Perguntei-me com que idade uma *signorina* passaria a ser uma *signora* em Itália, ou estaria ele apenas a partir do princípio de que éramos casados?

A Basílica de San Miniato ficava a trinta minutos a pé por uma estrada que subia sinuosamente pela ladeira da floresta, oferecendo ocasionalmente vislumbres da cúpula icónica de Florença por entre os pinheiros verdes. À medida que eu me aproximava do nosso ponto de encontro, o meu coração batia mais depressa e todo eu tremia, como sempre que tinha de falar em público. Subi a correr os três lanços íngremes de degraus que eu e Tess tínhamos descido juntos quase seis anos antes e depois parei por um momento, a tentar recompor-me.

Havia um grupo de turistas a deixar a igreja, um estardalhaço enquanto o guia os encurralava para uma fotografia em frente à fachada de mármore verde e branco antes de os levar de volta ao autocarro. Depois, quando o som das conversas deles esmoreceu, silêncio.

Empurrei a porta pesada de madeira e o cheiro a pó e incenso invocou uma torrente de memória ao entrar naquele templo solene vasto e escuro.

Mais uma vez, senti o apelo dos degraus até ao coro elevado, para observar de perto o enorme mosaico bizantino de Cristo, na abside.

Quando cheguei ao cimo, a luz pela qual se pagava um euro acendeu-se e ali estava o meu amor, com o seu vestido fino amarelo-limão a parecer branco sob aquela iluminação, o seu sorriso tão espontaneamente encantado como da primeira vez que eu a vira ali quando ela tinha dezoito anos e de novo dezasseis anos depois, quando nos conhecêramos e apaixonáramos.

– Casa comigo! – exclamei, esticando os braços.

– Sim! – respondeu ela, e agarrou nas minhas mãos.

E depois a luz apagou-se.

No terraço lá fora, estávamos de mãos dadas, a observar o panorama glorioso de Florença e as colinas verdejantes em redor.

– Tem graça – disse Tess. – Da primeira vez que aqui estive, lembro-me de pensar que seria o cenário perfeito para um casamento, o que não era nada típico de mim, porque eu nunca fui uma dessas raparigas que se imaginam de vestido comprido e branco. Mas agora mesmo, isso pareceu-me o casamento perfeito, estar à vista de Deus mas sem precisar de um padre, que é aquilo de que não gosto na religião.

Ela tinha um jeito de falar como se as palavras lhe escapassem. Quando estávamos longe um do outro, mesmo que por pouco tempo, eu esquecia-me sempre de como a sua vivacidade parecia projetar-se no meu rosto, fazendo-me sorrir também.

De volta ao hotel, ela fez questão de me levar a ver todas as salas e jardins, para poder mostrar-me todas as suas características luxuosas. Quando finalmente abrimos a porta do quarto, eu estava tão desesperado por fazer amor que caímos completamente vestidos em cima da cama de dossel, envolvidos pelo cheiro estonteante e celestial dos lírios cor-de-rosa.

Éramos os únicos hóspedes junto à piscina nessa tarde, dado que ainda fazia demasiado frio para que qualquer italiano se atrevesse a entrar. Um empregado levou-me uma garrafa de água com gás e a Tess um bule com um pratinho de bolachas de amêndoa.

Tess serviu a água na chávena e praguejou.

– Mas porque é que os italianos nunca põem a saqueta no bule? – perguntou, levantando-se da espreguiçadeira. – E a água vem sempre morna!

Às vezes vemos as pessoas de uma maneira diferente quando estamos noutro ambiente. Ao observá-la marchar em direção ao bar da piscina, de bule na mão, tão determinada como uma aristocrata dos anos 1930 a queixar-se acerca da forma adequada de se preparar chá, reparei como estava dolorosamente magra no seu fato de banho. Um sussurro de desconforto percorreu-me, como uma brisa quase impercetível sobre a superfície azul da água.

Eu sabia o quanto ela detestava ir ao médico, e não podia julgá-la, depois de tudo aquilo por que tinha passado, mas, quando voltássemos a Inglaterra, insistiria em que voltasse a falar com o médico de família acerca da sua indigestão. Talvez até fosse com ela.

Mas agora não, disse a mim mesmo, engolindo o impulso de dizer algo quando ela regressou com um ar triunfal e um empregado fardado a segui-la com um bule fumegante numa travessa. Não podia estragar aquele momento.

O carro deixou-nos ao lado da Ponte Vecchio, que ainda estava a abarrotar de gente a ver montras e a tirar *selfies* ao pôr do sol. Algumas das montras das pequenas ourivesarias reluziam com ouro, outras cintilavam com prata.

– Vês alguma coisa de que gostes? – perguntei a Tess, apontando para um cartão perfurado de anéis de diamante.

– A sério? – disse ela, com os olhos a iluminarem-se por um segundo, antes de a razão se impor. – Provavelmente paga-se o dobro pelas coisas aqui. Quero dizer, olha, nada tem o preço exposto. Isso significa que é mesmo caro, Gus.

– Provavelmente significa que calculam quanto vão cobrar pelo aspeto dos clientes – contrapus.

– Mas nós devemos parecer bastante endinheirados.

Eu estava a usar um fato de linho cinzento com uma camisa branca e ela um vestido que costumava assentar-lhe na perfeição mas que agora lhe dava um ar emaciado, enfatizando o comprimento dos membros finos e a palidez da sua pele.

– Seria apropriado comprar-te alguma coisa aqui – disse eu.

– Para completar o círculo?

Estávamos a poucos metros do lugar onde nos tínhamos beijado pela primeira vez.

– Que tal aquele? – Apontei para um simples anel de ouro com um solitário de diamante.

– É o tipo de coisa que se arranjará em Bond Street ou em qualquer outro lugar.

– E aquele, então? – Apontei para um com cinco pedras.

– É lindo – reconheceu ela. – Mas não diz propriamente Itália, pois não?

Deixei-me ficar ali, ligeiramente desapontado, enquanto Tess avançava.

– Olha, vem cá ver isto!

Ela tinha encontrado a única montra cheia de cor, exibindo joias feitas de vidro veneziano e camafeus de Nápoles. Ela estava a apontar para um anel de prata com um mosaico plano e oval de uma flor de lis, embutido a mármore de vários tons.

– Parece um lindo piso italiano – comentou.

Eu duvidava de que alguma outra pessoa na história do mundo tivesse escolhido o anel de noivado por aquele motivo.

A loja era tão minúscula que tivemos de nos apertar para entrar.

– A *signora* quererá levá-lo já posto? – perguntou o lojista.

A caminho do restaurante, de vez em quando ela agitava a mão esquerda para um lado e para o outro e depois olhava para mim com um sorriso cúmplice.

Eu já devia imaginar que um bife gigante, com o exterior tismado e o interior ainda em sangue, não seria para Tess a iguaria que era para mim. Sentados no restaurante formal com toalhas brancas pesadas e um empregado que decidia quando o meu copo devia receber mais *Chianti*, dei por mim realmente a desejar que tivéssemos seguido a sugestão dela e comido *pizza al fresco* na Piazza Santo Spirito, no lado menos pretensioso do rio.

Tess atacou valentemente uns pedacinhos das pontas mais bem-passadas do bife e declarou que as *patatini* com rosmaninho eram as melhores batatas que alguma vez tinha provado, mas, quando levei os talheres à carne mais malpassada da travessa, de repente ela levantou-se e disse:

– Peço imensa desculpa, não me sinto muito bem.

– Então?

Ela engoliu em seco.

– Vou só dar um pulinho à casa de banho.

O tempo ia passando. Pousei a faca e o garfo, também já sem apetite. O empregado tentou encher-me o copo de novo, mas eu mandei-o embora. Estava a preparar-me para me levantar e ir à procura dela quando tornou a aparecer, muito pálida.

– Estou bem – disse ela. – Deve ter sido do café. Piora-me sempre a indigestão, mas tinha um cheiro tão delicioso ao pequeno-almoço que não consegui resistir.

– Porque é que achas que foi do café?

Tinham-se passado pelo menos doze horas desde o pequeno-almoço, pelo que me parecia uma reação muito demorada.

Tess baixou a voz e olhou em redor, assegurando-se de que ninguém nos ouvia a conversa.

– O vômito parecia café, se precisas de saber.

– O teu vomitado parecia borras de café?

– O que se passa? – perguntou ela, quando me levantei e chamei o empregado para que trouxesse a conta.

– Lamento imenso, Tess. Acho que temos de ir já para o hospital.

Vômito semelhante a borras de café é um dos sintomas que alarmam os médicos. Isso indica sangue digerido no estômago, o que pode ter várias causas, algumas das quais requerem atenção urgente.

O médico das Urgências internou-a para que ficasse sob observação durante a noite, para esperar os resultados das análises e fazer uma endoscopia logo pela manhã.

Eu queria ficar com ela, mas isso não era permitido.

– Por favor, vai e aproveita aquele quarto lindíssimo – disse Tess, soltando-me a mão e tentando mandar-me embora. – A sério, a cama é tão confortável

que acho que nem que fosses uma princesa sentirias uma ervilha debaixo do colchão!

Tess esforçava-se tanto por melhorar as coisas por mim que eu fiquei zangado comigo mesmo por não ser capaz de me mostrar mais animado e de a alegrar numa noite que, para ela, não seria confortável de todo.

– Volto amanhã de manhã cedo – disse-lhe.

– A sério, não tenhas pressa. O pequeno-almoço do Villa Cora é de morrer! Não literalmente, espero!

Até conseguia fazer uma piada macabra.

Apertei-lhe de novo a mão, mas ela soltou-se e acenou-me com um sorriso corajoso enquanto eu me ia embora.

Lembrei-me de que, quando as minhas filhas estavam doentes ou magoadas, eu desejava poder tirar-lhes a dor e sofrê-la eu. Ao avançar sozinho pelo imaculado corredor daquele hospital, sentia a mesma intensidade peculiar e avassaladora de amor por Tess. Ela era a luz da minha vida, estava-me no sangue, fazia parte de mim.

Tess

Capítulo 49

Primavera de 2020

Percebo que horas são quando acordo, pela luz que passa pelas persianas. São tiras de madeira que, à semelhança do resto do apartamento, têm um aspeto muito simples e utilitário, mas custam uma fortuna. Em geral, acho que prefiro o calor que as cortinas proporcionam, mas não dá para pôr cortinas em janelas de armazém.

Os feixes de madrugada que entram são frios e incolores, têm uma qualidade diferente de luz do brilho amarelo dos candeeiros de rua durante a noite. Calculo que sejam umas sete.

Do outro lado do quarto, distingo a custo o esboço emoldurado que Gus fez de mim em Siracusa. Às vezes pergunto-me se serei realmente a mesma pessoa que teve a sorte de ser desenhada com tanto amor.

A nossa cama é vasta e superconfortável, e eu gosto tanto do casulo do nosso edredão que espero sempre até estar aflitíssima antes de me levantar. Mas hoje a campainha toca tão insistentemente que deve ser alguma entrega, provavelmente para algum dos outros residentes. Hoje em dia, tudo é entregue em casa.

Espero que o elevador chegue ao segundo andar e depois abro a porta com a pequena corrente ainda presa. É uma caixa grande e vem em meu nome.

O funcionário das entregas está a dois metros de distância. Tira-lhe uma fotografia.

– É o seu aniversário? – pergunta-me.

– Quem me dera – respondo, abrindo a porta um pouco mais, ansiando por conversa, mesmo que com um desconhecido, mas depois detenho-me. Lá por ser o primeiro ser humano com quem falo pessoalmente há já algum tempo, isso não quer dizer que ele precise de saber a história da minha vida. – Obrigada!

A caixa é tão grande que é difícil pegar-lhe, mas como é leve empurro-a

suavemente com o pé pelas tábuas de madeira do soalho.

Quando comecei a viver aqui, achei que parecia o cenário de um filme. Todas as paredes de vidro e tijolo exposto. A sala de estar tão grande que tem uma área de refeição com uma mesa de madeira num extremo e uma área com dois sofás no outro e, mesmo assim, parece vazia. No meio, a parte da cozinha tem tudo de aço inoxidável e uma bancada que parece saída de um restaurante de luxo do *MasterChef*, onde os concorrentes trabalham para um *chef* exigente na última semana. Ao início, mesmo se fosse só uma tosta com queijo, eu anunciava: «Está a sair!», quando punha os pratos.

Quando Gus estava aqui, era a nossa casa, mas, sozinha, por vezes ainda me sinto uma intrusa que entrou no estúdio errado.

Dentro da grande caixa de cartão está um ramo de lírios cor-de-rosa, aqueles com um cheiro estonteante, com os caules num saco com água, do género que se usa para levar um peixinho dourado que se ganhe numa feira. Por isso, não é preciso uma jarra, mas, quando o pouso na bancada, o saco transborda um pouco e as flores espalham-se, com os centros de pólen cor de laranja a pender perigosamente perto da superfície.

O mármore absorve as manchas. Lembro-me de Doll me ter dito isso quando comprou a sua primeira casa ainda apenas projetada e teve de escolher o piso e outros materiais. Essa advertência tornou-me cautelosa em relação ao *ketchup* durante todo o tempo em que tenho vivido aqui. Agora há cor de laranja a polvilhar a bancada e eu contenho-me e não lhe passo um pano por cima, não vá piorar as coisas. Agarro no aspirador de mão e aspiro o pó. Desastre evitado. É uma vitória mínima, mas parece um bom augúrio.

Os lírios trazem um cartão com as instruções dos cuidados necessários, mas não há nenhuma mensagem a dizer de quem são.

Só pode ter sido Gus. Quando faz turnos noturnos, por vezes deixa-me um saco de papel com um *croissant* à porta, para o meu pequeno-almoço. Mas hoje deve ter calculado que eu precisava de ser mais animada.

Tiro uma foto e envio-a pelo WhatsApp com a mensagem:

Não trazia cartão, mas presumo que sejam teus. Obrigada! Até logo.

Depois penso: e se não tiver sido ele a enviá-los? Irá pensar que estou a tentar fazê-lo sentir-se mal?

Duvido, porque, se há coisa que aprendi nos meus quarenta anos, é que os homens não inventam histórias como as mulheres. Como eu, seja como for.

Vejo que estive *online* por volta da meia-noite. Que foi quando me enviou a mensagem a dizer:

Boa noite bjs.

O hospital está a rebentar e é tão difícil pôr e tirar todo o equipamento de proteção que não tenho notícias dele durante os turnos.

A City passou a ter um ritmo diferente. Como se fosse Natal todos os dias, mas não no bom sentido. As ruas estão invulgarmente silenciosas, o que é esquisito, pois vivem aqui montes de pessoas, só que tão ricas que foram para as suas segundas casas.

Há dragões nos plintos a guardar a entrada para a Square Mile, embora tão pequenos que eu demorei meses a reparar no que está ao fundo da nossa rua. Agora toco-lhe para que me dê sorte, e depois tenho de pegar no meu frasquinho de desinfetante de mãos.

Tornou-se menos arriscado olhar para cima e maravilharmo-nos com a paisagem celeste única de torres de vidro e torreões de igrejas, porque não há apitos, camiões a fazer marcha-atrás, trabalhadores stressados ao telemóvel e a mandar-nos sair da estrada. As ruelas dickensianas estão desertas e o único sinal de que não estamos no século XIX são as linhas amarelas duplas que ocupam a maior parte das estradas estreitas.

Sente-se o cheiro do mercado de carne de Smithfield antes de se ver o edifício, ainda que eu não tenha a certeza de que continue a funcionar. Pelo menos, não em pleno, com todos os restaurantes que fecharam. Hoje em dia, não se sente o aroma a *bacon* a fritar nos cafés próximos, para os pequenos-almoços dos talhantes que passaram a noite a pé. Isso costumava disfarçar o fedor a sangue e serradura que paira no ar.

O meu destino é um edifício típico da City, uma mescla de antigo e novo. Entra-se por um arco, pisando pedras de calçada, com uma pequena igreja à esquerda. Depois há outro arco com um pátio atrás que tem canteiros cheios de rosas amarelas. Passando por outra porta, encontramos-nos num átrio grande e moderno, todo vidro e ar, que parece um hotel de luxo. Um elevador faz-nos chegar ao sétimo andar.

Fico surpreendida por sermos tão poucos desta vez, provavelmente por agora termos de manter a distância e não podermos levar companhia. É mais assustador não ter com quem falar enquanto se espera.

Para ser sincera, a pessoa que mais gostaria de ter aqui comigo seria a minha mãe.

Ainda lhe sinto a falta, vinte anos passados, embora não esteja sempre a pensar nela, como antes. É sobretudo em situações extremas. Quando algo encantador acontece, ainda tenho aquela emoção momentânea da expectativa de lhe contar e depois, quando me lembro de que não posso, a experiência parece-me algo incompleta.

Como a festa que os meus editores organizaram na Waterstones de Piccadilly para celebrar a publicação do meu romance, que dediquei: À

minha mãe inspiradora, Mary Lucy Costello.

Passei o tempo a correr para a casa de banho para chorar um pouco, só de pensar no tanto que ela teria adorado aquilo.

Se estivesse aqui agora, ela dar-me-ia a mão e seria uma presença tranquilizadora, sem tentar animar-me, como fazem as pessoas que nunca passaram por quimioterapia.

Nos dias antes de ela morrer, quando eu me sentava ao lado da sua cama a conversar em voz baixa, uma vez pedi-lhe se, caso a vida após a morte existisse, ela poderia por favor enviar-me um pequeno sinal.

Ela rira-se e respondera:

– Não posso dar-te fé, Tess. Isso é um passo que só tu podes dar. E tudo o resto vem por acréscimo.

Porém, no dia do seu funeral, surgiu uma borboleta branca na nossa casa de banho, apesar de o ano já ir um pouco avançado para borboletas. Depois disso, sempre que eu precisava dela, uma borboleta branca aparecia, e agora, mais de vinte anos passados, estou a olhar pela janela, a tocar no pendente do meu fio e à espera de ver uma.

A vista é incrível. Realmente, isto poderia ser um bar de terraço muito exclusivo aqui na City. Suponho que, de certa forma, o seja. Tem uma atmosfera agradável e calma e pessoal muito profissional que atende todos os nossos pedidos e prepara os nossos *cocktails* personalizados com o maior dos cuidados.

Penso no meu pai atrás do bar a imitar mármore na sala de estar de Anne.

– Escolha lá o seu veneno!

Aqui tomamos um veneno intravenoso tão letal que os enfermeiros têm de usar equipamento de proteção quando o manuseiam.

Talvez o sétimo andar seja demasiado alto para borboletas? Normalmente, parecem esvoaçar à altura de arbustos, embora uma vez tenha ouvido um programa de rádio acerca da migração que fazem do Norte de África até ao Reino Unido. Acho que devem apanhar uma corrente de ar bem elevada, porque nunca ninguém fala de ter visto um enxame de borboletas na costa de Kent, o que seria um acontecimento bastante especial, não seria?

Uma pesquisa rápida no Google diz-me que as borboletas conseguem voar tão alto quanto o Empire State Building. Quem diria?

Será que o nome coletivo para as borboletas é enxame? No Google diz que pode ser um bando, mas também diz que um grupo de flamingos é uma miríade, pelo que parece que se pode inventar um nome qualquer.

Uma gaivota solitária passa a esvoaçar pela janela umas quantas vezes, quase como se fingisse ser uma borboleta branca, mas a minha mãe nunca me enviaria uma gaivota. Não confiava nessas aves, depois de ter aparecido uma notícia no jornal a dizer que uma delas arrancara uma batata da mão de uma

criança pequena na marginal.

Na aula de *mindfulness* que eu tinha começado a frequentar antes de tudo isto ter acontecido, aprendíamos técnicas de relaxamento.

Imagina o teu lugar preferido.

Por vezes, consigo pôr-me novamente no Villa Cora, mesmo às portas de Florença, naquela tarde celestial e hedonista na nossa suíte com os tetos pintados. As janelas estão abertas e uma brisa acaricia-nos os corpos nus com o calor de Itália enquanto fazemos amor na cama de dossel que parece saída de um conto de fadas, e tudo tem um ar ainda mais milagroso do que antes porque acabamos de nos comprometer um com o outro para o resto da vida.

Pelo menos tivemos uma tarde perfeita.

Muitos dos meus pensamentos começam com «pelo menos...», hoje em dia.

A endoscopia revelou que não corria risco de vida imediato, pelo que me deram alta do hospital no dia seguinte. Prometeram que enviariam os resultados das biópsias à minha médica de família, em Londres.

Desfizemo-nos em sorrisos enquanto agradecíamos ao pessoal do hospital e tentámos fingir que, depois de um desvio inconveniente, o nosso fim de semana especial continuaria. Mas não era o mesmo com Gus constantemente a perguntar-me como me sentia e, quando lhe disse que parasse, o silêncio encheu-se com tantos pensamentos que de repente não sabia se teria passado um minuto ou uma hora sem falarmos.

Nessa tarde, vagueámos por ruas tranquilas ladeadas por olivais e *villas* com catadupas de glícínias. É incrível como o verdadeiro campo toscano começa a meros metros dos muros da cidade.

No *centro storico*, fomos até à Gelateria dei Neri comprar cones, ambos recordados da regra dos dois sabores, porque, por mais tentador que seja pedir um terceiro, as papilas gustativas ficam sempre demasiado frias para os distinguir. Gus escolheu *nocciola* e *limone*, eu optei por *fior di latte* e pera, mas acho que ambos nos desiludimos. Talvez Sicília nos tivesse tratado bem de mais, talvez fosse demasiado cedo para se comer gelado, ou talvez fosse por ver a preocupação no rosto de Gus de cada vez que eu engolia.

– O que queres fazer agora? – perguntou-me, quando nos sentámos num banco de pedra na Piazza Santa Croce.

– Chega de igrejas e museus! – Lembrava-me de Doll ter dito isso exatamente naquele sítio, mais de vinte anos antes. Nessa altura, não imaginava que chegasse uma altura em que sentiria o mesmo.

A sentir-me sufocada pela humidade e cansada de caminhar pelas ruas empedradas, de repente não aguentei que todas as memórias especiais que

tinha da cidade fossem arruinadas, pelo que apanhámos um autocarro até à vila na colina de Fiesole, onde Gus nunca tinha ido. O ar ali em cima estava mais fresco e havia um anfiteatro romano. Lembrava-me de ter subido para o palco quando tinha dezoito anos e de gritar: «Amanhã e amanhã e amanhã»¹², com Doll a aplaudir de uma das filas de pedra. Desta feita, limitámo-nos a ficar ali no alto, concordando que seria um sítio excelente para assistir a uma peça.

No pequeno museu local, a coleção de jarrões gregos deu-nos algo em que nos concentrarmos. Lemos todas as legendas atentamente, informando-nos sobre uma forma artística que nenhum de nós estudara antes, e pela qual não tínhamos especial interesse.

Quando o museu finalmente fechou, sentámo-nos num bar com vista para Florença lá ao longe, como o pano de fundo de um retrato renascentista. Depois, à medida que a escuridão começava a instalar-se, apanhámos o autocarro de volta para o centro da cidade, para percorrermos a Ponte Vecchio uma última vez, ambos tão preocupados que não nos ocorreu tirar uma *selfie* no nosso lugar até estarmos já a centenas de metros da ponte, e nenhum de nós teve vontade de voltar para trás.

– Onde gostarias de casar? – perguntou-me Gus, dando-me o braço enquanto estugávamos o passo em direção ao hotel.

– Logo se vê – respondi-lhe.

Sorri-lhe para lhe mostrar que percebia o que ele estava a tentar fazer e me sentia grata, mas não era simplesmente capaz de simplesmente fingir que não estava mais preocupada do que nunca.

Podia não ser médica, mas sabia que não se faziam biópsias se não houvesse ali nada, pois não?

O amigo de Gus, Jonathan, que é um dos melhores da sua área, atendeu-me assim que os resultados chegaram. Disse que era uma sorte eu ter a mutação BRCA porque isso me daria acesso a mais ensaios clínicos.

É curioso que se diga tantas vezes aos pacientes oncológicos que têm sorte. Da primeira vez, com apenas trinta e três anos, diziam-me que era uma sorte ter sentido o alto no peito quando ainda era pequeno, uma sorte que só se tivesse disseminado para uns quantos nódulos linfáticos, uma sorte que eu fosse jovem e estivesse suficientemente em forma para recuperar relativamente depressa da operação.

Agora, aos quarenta anos, tinha um cancro do estômago inoperável, mas continuava a ter a sorte de fazer parte de um grupo de pessoas que herdara uns fascinantes genes assassinos.

– Então o que está a dizer é que é terminal? – perguntei, porque não queria que Gus tivesse de o fazer depois numa conversa informal entre médicos amigos e de decidir então se me contava ou não.

– Pergunta-me isso para efeitos de seguro de vida? – inquiriu Jonathan.

– Não.

– Bem, nesse caso, o que estou a dizer é que atualmente é muito pouco provável que consigamos livrar-nos dele. Mas é jovem e, fora isso, está em forma. Por isso, se conseguirmos mantê-la viva durante o tempo suficiente, nunca se sabe.

O que me fez ficar a pensar no que teria ele dito se a minha pergunta fosse realmente para efeitos de seguro de vida.

Por vezes, dou por mim a pensar nos «e se».

E se eu tivesse falado da minha perda de peso quando o médico especialista me perguntou como eu estava na minha última consulta de seguimento? Mas se ele tinha todos os meus registos e desvalorizou isso, porque haveria eu de o achar importante?

E se eu tivesse perguntado à médica de família se ela tinha a certeza, tendo em conta o meu historial, de que a minha indigestão não passava de gastrite? Não perguntamos essas coisas, pois não, porque ficamos muitíssimo aliviados por um profissional médico não parecer preocupado e também não queremos que nos ache neuróticos.

Jonathan disse que se tratava de um cancro que de qualquer forma poderia não ter sido detetado numa endoscopia anterior, pois formara-se debaixo de uma úlcera e teria sido esse o diagnóstico. Talvez até a uma tomografia tivesse escapado, porque o estômago já tem imensa atividade.

Acho que isso ajudou um pouco Gus a gerir a culpa quanto a não ter sido mais insistente.

A minha própria teoria acerca da mutação BRCA é que o sacana ia apanhar-me, fosse como fosse. Apanhou a minha mãe e provavelmente muitas gerações de mulheres na minha família antes dela. Por isso, de certa maneira, era melhor viver sem saber, porque há outros «e se».

Tais como: e se eu soubesse que era cancro quando comecei a ter sintomas na Austrália? Teria acabado o meu romance, ou voltado a estar com Gus, ou passado uma tarde perfeita numa cama de dossel num quarto com tetos pintados na minha cidade preferida?

Pelo menos tínhamos tido um tempo fantástico antes de me terem feito um buraco no peito, mesmo por cima do coração, para que fosse mais fácil inserirem-me o *cocktail* de quimioterapia nas veias.

Os primeiros ciclos pareceram estabilizar as coisas e eu estava a fazer uma pausa entre tratamentos quando o meu livro foi publicado. Decidi optar por um lenço em vez de uma peruca, que certamente acabaria por ficar toda torta nas fotografias. Doll maquilhou-me.

– Sempre te imaginei uma autora *bestseller* – disse-me, quando me punha pestanas falsas e agarrava num espelho para eu ver como pareciam naturais.

– Leste-o? – Arqueei uma sobrelanceira que ela tinha acabado de pintar.

– Claro que li! – disse ela. – É mesmo bom, Tess. Deu-me vontade de voltar a Itália.

Fiquei provavelmente mais contente com aquele comentário do que com qualquer uma das críticas favoráveis que leria nos jornais. Doll só tinha lido outro romance até ao fim e apenas porque eu a obrigara.

– Isso não prova que, se visualizares uma coisa, ela acontece? – perguntou.

– Não se pode visualizar coisas pelos outros, certamente?

– Mas tu sabes o que eu quero dizer, não sabes?

O que queria dizer era que sempre acreditara em mim, ainda que tivesse uma forma diferente de o dizer. Porque, se fosse tudo uma questão de visualizações, se calhar tinha sido melhor que ela me tivesse imaginado uma vida sem cancro. Não que a culpa seja dela. Doll tem sido fantástica.

Na noite antes do meu casamento, ficámos num quarto com duas camas de casal no Ritz, a tagarelar de uma cama para a outra. De manhã, ela ajudou-me a vestir. Eu nunca me tinha imaginado de vestido branco e comprido, mas ao ver um vestido dos anos 1920, de seda cor de marfim e uma camada de renda delicada por cima, numa das lojas *vintage* chiques do Norte de Londres, mudara de ideias. Servia-me na perfeição e resolvia o problema de que usar na cabeça calva, porque trazia um véu de renda preso com uma fita de seda à volta da testa, como uma *flapper*.

– Muito *Downtown Abbey* – disse Doll, que era basicamente o maior elogio que ela poderia fazer. Mas quase me deu vontade de voltar a vestir as calças de ganga.

Ela foi minha testemunha, claro, usando o seu mais recente fato rosa-choque da *Chanel*.

Nash apanhou um avião para ser testemunha de Gus, aparecendo num vestido cheio de folhos, digno da passadeira vermelha.

– É capaz de ser excessivo – reconheceu. – Mas fui eu que vos fiz ficar juntos e sempre quis fazer de fada madrinha.

– Fada madrinha do Gus – corrigiu-a Doll. – Eu sou a da Tess. Mas como é a doutora Sue, não fico ofendida.

Casámos na câmara municipal de Islington.

Não era para ser um grande evento, mas Doll tinha telefonado a Brendan para lhe contar, por isso, quando saímos para a Upper Street, Hope estava na rua a usar um vestido de dama de honor de cetim cor de damasco, uma camisola com capuz e ténis, e a cantar «I Do, I Do, I Do», dos Abba, perante uma multidão espantadíssima de gente que fora apanhada de surpresa enquanto fazia as suas compras de sábado de manhã.

Gus disse que organizaria um almoço num *pub* com uns quantos amigos. Contudo, quando chegámos lá, o espaço estava vazio.

– Vamos só ver se estão na esplanada – disse Gus, levando o dedo aos lábios para Hope saber que era preciso estar em silêncio, antes de me levar para um jardim coberto de videiras cheio de laços e cachos de balões, onde estava toda a gente que alguma vez fora importante nas nossas vidas.

Gus sempre tinha sido bom a fazer surpresas.

Hope sentou-se ao piano vertical e tocou a *Marcha Nupcial* enquanto os nossos amigos e familiares formavam uma guarda de honra, atirando confetes de pétalas de rosa e aplaudindo. Gus abraçou-me e beijou-me à sombra sarapintada das videiras, com balões em forma de coração cheios de hélio a cintilar sobre nós à luz do sol.

Estavam ali praticamente todas as pessoas que conhecíamos, e algumas tinham viajado de longe. Brendan viera da Austrália com toda a família; Kevin de Nova Iorque com Shaun; Flora de Genebra com o seu namorado francês muito sério, François. Bella estava a ter uma conversa muito animada com Milo, o filho de Marcus e Keiko, com quem brincara em criança.

Havia um bufete de comida italiana deliciosa preparada por Stefania e Salvatore, mas o tema principal era irlandês, com muita cantoria do meu lado da família. Ao fim de uns quantos copos, o meu pai cantou «I Will Love You» dos The Fureys, com Hope a fazer o coro, e tudo o que me ocorria era o quanto a minha mãe teria adorado aquilo.

– Muito obrigada – disse eu a Gus, quando fizemos uma pausa na dança para nos sentarmos a ver as nossas famílias e amigos unidos pela primeira vez e, de alguma forma, a entenderem-se todos.

– Oh, e chegou isto – disse Gus, tirando um envelope do bolso interior do casaco.

Era um daqueles postais que se pode gerar na Internet a partir de uma foto do telemóvel. A mensagem dizia «Parabéns!» e a imagem era de Sandy em frente à linda fachada barroca do Duomo em Ortigia, com um exemplar da edição italiana do meu romance na mão. A seu lado estava Alessia, com uma travessa de bolos a que as gentes de Siracusa chamam «os olhos de Santa Lúcia». Por isso, também tinham tido um final feliz. Santa Lúcia não, obviamente, ainda que o martírio talvez não seja uma forma má de morrer, quando se é crente.

Eu e Gus adoramos a vida de casados. Ou talvez adoremos apenas a vida com mais intensidade. No último verão, as tardes pareciam mais compridas e amenas, as rosas mais fragrantes nos parques de Londres; no outono, o ar cheirava mais a fumo, as folhas pareciam mais douradas; no inverno, o Sol refletido nas torres de vidro da City iluminava os dias mais curtos. Nestas

últimas belas manhãs primaveris, o céu parece mais azul, o canto dos pássaros mais sonoro e as flores mais viçosas do que nunca.

A dádiva que o cancro traz é um sentido apurado da beleza do presente, um pouco como viver na videoinstalação de David Hockney das quatro estações.

É incrível aquilo a que o corpo humano se acostuma. Por vezes, a quimioterapia deixa-nos tão mal que nem nos lembramos de como era estar bem ou imaginamos que alguma vez possamos sentir-nos melhor. Depois fazemos uma pausa e de repente é um dia de primavera e passeamos por Highbury Fields entre a verdura dos relvados e o amarelo dos narcisos a dançar com a brisa, e sentimo-nos mais felizes do que nunca.

Entra-se numa rotina: quimioterapia, tomografia, pausa, quimioterapia, tomografia, pausa, quimioterapia, tomografia, confinamento.

Nunca tinha pensado que chegasse um momento em que estivesse impaciente pelo recomeço da minha quimioterapia.

Uma das coisas esquisitas que o coronavírus trouxe é que o cancro já não é especial, o que é capaz de não ser mau de todo, porque o cancro é terrível, mas há muitas outras doenças que matam e das quais não se fala com a mesma reverência. Agora somos apenas alguém com «comorbidades».

Pelo menos já ninguém insiste que temos de pensar positivo, porque toda a gente sabe que, quando as camas de hospital ficam todas ocupadas, não há positividade que faça com que nos ponham à frente na fila para um ventilador.

Pelo menos o meu tratamento recomeçou, porque muitos tratamentos oncológicos foram adiados.

Pelo menos Gus pode viver no apartamento que Marcus tem na cidade, porque Marcus e Keiko estão a trabalhar a partir da casa no campo e não seria sensato nem seguro que Gus passasse o dia com pacientes covídicos e depois chegasse a casa onde me encontro com o meu sistema imunitário comprometido.

Ele ofereceu-se para deixar de trabalhar para ficar confinado comigo, mas o que mais se quer quando se tem cancro é ser tratado com normalidade. Podemos não ficar por cá durante tanto tempo quanto desejaríamos, mas não queremos perder a identidade enquanto cá estamos. E a última coisa que eu faria seria tirar um médico do sistema nacional de saúde no meio de uma crise pandémica. Não seria capaz de viver com isso.

Doll fez questão de ficar comigo nas primeiras semanas. Acho que todos julgávamos que o confinamento duraria muito menos do que acabou por durar.

– Não podes ficar por tua conta, à espera de que a quimio recomece – disse

ela.

- Então e os miúdos?
- Ficam bem com o Dave.

Passávamos o tempo a assistir a séries e a conversar. De certa forma, não havia ninguém que eu preferisse ter ali comigo, porque partilhamos imenso passado e ela deixa-me falar do futuro sem o terror nos olhos que Gus nunca consegue disfarçar bem.

– Quero que fiquemos velhinhas juntas – disse-me ela uma vez. – E que vamos num cruzeiro e sejamos as velhas malucas lá do sítio.

– Isto é um bocado como estar num cruzeiro, não é? – perguntei. – Aqui encafuadas num camarote sem podermos sair do navio?

Quando se tornou evidente que aquilo não seria temporário, obriguei-a a regressar para a família.

– O que vais fazer todo o dia? – perguntou-me.

– Decidi tentar escrever o meu segundo romance – disse-lhe. – Vai dar-me algo que fazer e agora não há desculpa para não me sentar ao computador.

Quando eu era pequena, achava que o objetivo das histórias era transportar-nos a mundos diferentes, mas todos os professores de escrita criativa que alguma vez tive têm dito para escrever acerca do que sei.

Foi Nash quem plantou a semente do meu primeiro romance quando disse que a minha história com Gus era um conto de fadas moderno. Depois, Sandy deu-me a confiança necessária para o escrever.

Terminava com duas pessoas cujos caminhos se tinham cruzado durante muitos anos a conhecerem-se pela primeira vez. Quando escrevi *Fim*, achava sinceramente que era mesmo.

Depois, passados uns meses, lembrei-me da minha tia Catriona a dizer à minha mãe que apaixonarmo-nos é apenas o início da história. E, de repente, quis descobrir se, sendo tão diferentes, e tendo passado todos os seus anos de formação separados, seria possível que as minhas personagens vivessem felizes para sempre.

Por favor, não cometa o erro de pensar que isto é uma mera autobiografia com alguns dos nomes alterados, como é costume dizer-se nos agradecimentos. Mas, se partes desta história parecerem um pouco rebuscadas, isso poderá ser simplesmente porque a verdade é mais estranha do que a ficção.

Por exemplo, se na última passagem de ano tivesse sido anunciado que não valia a pena fazermos resoluções de ano novo porque fora lançada uma maldição ao planeta que o iria alterar por completo dali a três meses, quem teria acreditado?

Por exemplo, quem teria adivinhado que Hope se tornaria uma sensação do *TikTok* depois de Jessy a gravar a cantar «Pie Jesu» e de o publicar?

Eu sempre tinha achado que havia algo de similar entre Hope e Santa Lúcia. Há dois milénios, foram precisos duzentos anos para que a notícia da história misteriosa da santa desse a volta ao mundo. A *performance* bizarra de Hope disseminou-se pelas redes sociais e, ao fim de duas semanas, ela tinha meio milhão de seguidores devotos.

Em parte, acho que isso se deveu ao seu nome. Toda a gente precisa de um pouco de esperança. A sua voz angelical deu conforto às pessoas numa altura de carência. Mas ela não é santa. Nenhum de nós o é. É uma pessoa que tem dificuldade em comunicar, mas que toca o mundo com o seu canto.

O que é um milagre por si só, pensando bem nisso.

Aquilo de que me apercebi ao escrever sobre mim e Gus é que, mesmo quando estávamos juntos, muitas vezes estávamos em posições diferentes. Não apenas literalmente. Por isso, íamo-nos desencontrando mesmo depois de nos conhecermos e apaixonarmos.

A campanha está a tocar. Os vizinhos debaixo já receberam a piza da noite. É um pouco tarde para outra entrega. Agarro no intercomunicador.

– Sim?

– Sou eu!

– OK, só um instante!

Atravesso o apartamento a correr e saio para o terraço.

Gus está seis andares mais abaixo, a olhar para cima. Vai a caminho do trabalho. Percebo pela forma dos seus ombros que descansou e está pronto para recomeçar. O seu rosto anima-se ao ver-me, mas depois contrai-se quando me pergunta:

– Como foi hoje?

– Bem. Mas estou cansada.

– Espero que tenhas uma boa noite.

– Eu também! – respondo num tom alegre, embora ambos saibamos que isso será impossível porque os esteroides provocam uma energia que deixa o corpo nervoso com uma exaustão alerta ao longo das horas solitárias e silentes de escuridão, até a cacofonia dos pássaros ao romper do dia acabar com qualquer possibilidade de dormir.

– Amo-te, Tess – diz ele.

– E eu a ti, Gus.

Debruço-me, estendendo a mão na sua direção, como Rapunzel sem o cabelo. Em bicos de pés, ele estende o braço ao máximo. Apesar de ser alto, não passa das janelas do piso térreo, mas o nosso anseio é tão poderoso que

sinto que nos liga invisivelmente, como uma corrente elétrica.

Sopra-me um beijo e eu fico a vê-lo a caminhar às arrecuas, ainda a olhar para mim, até ao fundo da rua, até que, na esquina, fica muito tempo a acenar-me. Nenhum de nós quer ser aquele que vira as costas primeiro, mas eu também não quero que chegue tarde ao trabalho, pelo que lhe dirijo um último aceno enérgico com os dois braços e depois volto para dentro, imbuída pela sensação onírica de saber que sou amada, que me deixa a sorrir apesar das lágrimas que me turvam a visão.

Quando a minha mãe me lia contos de fadas, acho que me focava muito no «para sempre» e não no «felizes».

A história que tenho com Gus nunca foi simples, mas com ele conheci uma felicidade mais pura do que alguma vez poderia ter imaginado.

Acho que ele diria o mesmo.

E ninguém vive para sempre, pois não?

¹² De *Macbeth*. (N. da T.)



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2023, Kate Eberlen
© 2018, Planeta de Livros Portugal

Título original: *Ever After*

Design da capa: Rafael Brum

Imagem da capa: © Isabelle Lafrance/Trevillion Images

Edição em epub: Agosto de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-777-6 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

10/10/2023

10/10/2023

10/10/2023

10/10/2023

10/10/2023